



12 milhões de livros vendidos

KRISTIN C
HANNAH

As cores da vida



"Uma história bela e cativante
sobre amor e rivalidade,
família e comunidade."

Booklist





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



As cores da vida



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a

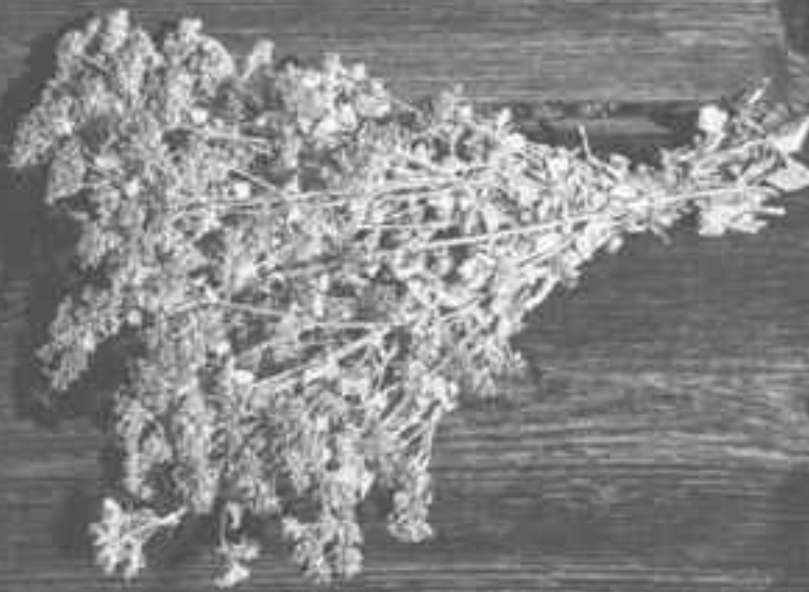
esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



KRISTIN
HANNAH



As cores da vida



Título original: *True Colors*

Copyright © 2009 por Kristin Hannah
Copyright da tradução © 2016 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida
sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Flávia Souto Maior

preparo de originais: Natalia Klusmann

revisão: Sheila Til e Taís Monteiro

projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira

capa: Rafael Nobre e Paula Cruz/ Babilonia Cultura Editorial

imagem de capa: alisbalb2/ Deposit Photos/ Glow Images

adaptação para e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H219c

Hannah, Kristin

As cores da vida [recurso eletrônico]/ Kristin Hannah; tradução de Flávia Souto Maior. São Paulo: Arqueiro, 2016.
recurso digital

Tradução de: *True Colors*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-596-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Maior, Flávia Souto. II. Título.

16-34280

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para as mulheres que entraram para nossa família e nos iluminaram com sua presença: Debra Edwards John e Julie Gorset John.

Para duas amigas, Julie Williams e Andrea Schmidt. Vocês me fizeram rir nos momentos mais enlouquecedores e eu agradeço por isso.

E, como sempre, para Benjamin e Tucker, sem os quais eu saberia muito menos sobre a vida, o amor e a alegria.

PARTE I



Antes

O que é paixão? Certamente é a formação de uma pessoa... Na paixão, o corpo e o espírito procuram expressão... Quanto mais extrema e mais demonstrada é uma paixão, mais insuportável a vida parece sem ela. Isso nos lembra que, se a paixão morre ou nos é negada, estamos parcialmente mortos e que, não importa o que aconteça, logo estaremos mortos por completo.

– JOHN BOORMAN, DIRETOR DE CINEMA

PRÓLOGO



1979

O rancho de frente para o canal pertencia à família havia quatro gerações. Winona Grey agora o observava procurando algo que tivesse mudado. Uma perda como a deles deveria deixar uma marca – a grama do verão ficando marrom de repente, nuvens escuras que se recusassem a ir embora, uma árvore rachada por um raio. Alguma coisa.

Da janela de seu quarto, podia ver grande parte dos hectares. No limite aos fundos da propriedade, cedros gigantes se apinhavam, com ramos que pareciam feitos de renda pendendo de seus galhos; nos pastos ondulantes e verdejantes, cavalos perambulavam ao longo das cercas, seus cascos castigando a grama alta até torná-la lamacenta. Colina acima, no meio do bosque fechado, ficava a pequena cabana que seu bisavô construía ao se estabelecer naquela terra.

Tudo parecia normal, mas, mesmo aos 15 anos, Winona sabia que não era bem assim. Alguns anos antes, uma criança havia morrido nas águas frias da costa de Washington, não muito longe dali, e durante meses só se falara na tragédia. A mãe de Winona a puxara de lado e alertara sobre os perigos invisíveis, correntes submarinas que podiam fazer alguém se afogar mesmo em águas rasas, mas agora ela sabia que havia outras ameaças escondidas sob a superfície da vida cotidiana.

Dando as costas para a vista de sua janela, desceu as escadas e se descobriu em uma casa que parecia excessivamente grande e silenciosa desde o dia anterior. Sua irmã Aurora estava sentada, encolhida, lendo no sofá xadrez azul e amarelo. Magra como um graveto, aos 14 anos, Aurora estava naquele estágio esquisito que não era nem infância nem fase adulta. Seu queixo era pequeno e saliente e os cabelos castanhos, repartidos ao meio, desciam longos e lisos.

– Acordou cedo, Broto – disse Winona.

Aurora ergueu o olhar.

– Não consegui dormir.

– É. Nem eu.

– Vivi Ann está na cozinha. Estava chorando uns minutos atrás. Eu ouvi, mas... – Ela deu de ombros. – Não sei o que dizer.

Winona sabia quanto Aurora precisava que a vida fosse estável; ela era a pacificadora da família, a que tentava amenizar as coisas e deixar tudo bem. Não era de estranhar que parecesse tão frágil. Nenhuma palavra bonita poderia consolá-las no momento.

– Eu vou lá – afirmou Winona.

Ela encontrou a irmã de 12 anos debruçada sobre a mesa de fórmica amarela, fazendo um desenho.

– Olá, Feijãozinho – falou, bagunçando os cabelos da irmã.

– Olá, Ervilha.

– O que você está fazendo?

– Um desenho da gente. – Ela parou de desenhar e inclinou a cabeça para olhar para cima. Seus cabelos louros cor de trigo estavam embaraçados e os olhos verdes, vermelhos de tanto chorar. Ainda assim, ela era linda: uma perfeita boneca de porcelana. – A mamãe vai conseguir ver do céu, não vai?

Winona não sabia o que responder. A fé sempre havia chegado a ela com facilidade antes, algo natural e que não demandava esforço, como respirar, mas não era mais assim. O câncer havia entrado em sua família e estilhaçado sua fé em tantos pedaços que parecia impossível que voltassem a ser um todo novamente.

– É claro – disse ela com tristeza. – Vamos colocar na porta da geladeira.

Ela se afastou da irmã, mas se arrependeu na mesma hora. Nessa cozinha, as lembranças de sua mãe estavam em todos os lugares – no canário feito à mão e nas cortinas azuis de algodão, no ímã que dizia *Mamãe da Montanha* colado à porta do refrigerador, na tigela de conchas no parapeito da janela. *Vamos, Winnie, vamos até a praia procurar por tesouros...*

Quantas vezes Winona havia deixado sua mãe de lado no verão? Estava ocupada demais para ficar com ela, era descolada demais para vasculhar a praia à procura de pedaços de vidro quebrado em meio a conchas de ostras estilhaçadas e algas secas.

Aquele pensamento a levou até a geladeira. Abrindo a porta do congelador, encontrou um pote de 2 litros de sorvete napolitano. Era a última coisa de que precisava, mas não conseguiu se conter.

Pegou uma colher, se debruçou no balcão e começou a comer. Pela janela da cozinha, podia ver a estrada de terra na frente da fazenda e o curral vermelho e desgastado na clareira. Lá em cima, a velha picape azul do pai estava de costas para o trailer enferrujado da família, com capacidade para seis cavalos. Ele saiu do banco do motorista e foi para a traseira do carro, verificar o engate com o trailer.

– Não me diga que vai para o rodeio – resmungou Winona, dando um passo à frente.

– É claro que vai – respondeu Vivi Ann, tornando a desenhar. – Levantou bem cedinho para preparar tudo.

– Rodeio? Está brincando. – Aurora entrou na cozinha e ficou ao lado de Winona na janela. – Mas... como ele pode?

Winona sabia que deveria assumir o papel de mãe e explicar por que não havia problema em seu pai retomar a vida cotidiana no dia seguinte ao enterro da esposa, mas não conseguia se imaginar criando uma mentira dessa magnitude, nem mesmo para aliviar a dor de suas irmãs. Ou talvez não fosse mentira – talvez fosse o que os adultos fizessem, talvez apenas seguissem em frente – e de algum modo aquilo era ainda mais assustador, ainda mais impossível de ser expressado em palavras. O silêncio prolongado deixou Winona desconfortável; ela não sabia o que dizer, como tornar aquilo suportável, no entanto, ao mesmo tempo, sabia que era sua obrigação fazer exatamente aquilo. Uma irmã mais velha tinha que cuidar das mais novas.

– Por que ele está tirando a Clem do pasto? – perguntou Aurora, pegando a colher de Winona e enterrando no sorvete.

Vivi Ann fez um som que era parte choro, parte grito e correu para a porta, empurrando-a com tanta força que ela bateu na parede.

– Ele vai vender a égua da mamãe – deduziu Winona, bruscamente.

Ficou irritada por não ter sido a primeira a perceber.

– Ele não faria isso – falou Aurora, e então olhou para Winona em busca de confirmação. – Faria?

Winona não podia confirmar nada. Em vez disso, fez como Vivi Ann e correu. Quando chegou ao estacionamento ao lado do galpão, estava sem fôlego. Parou, dando uma derrapada, ao lado de Vivi Ann.

Seu pai estava lá, segurando as rédeas de Clem. A luz do sol atingia a parte de cima, manchada de suor, de seu chapéu de caubói e se refletia na fivela de prata do tamanho de um pires que o homem usava no cinto. Seu rosto de traços marcantes fazia Winona lembrar da montanha que havia ali perto: superfícies de granito plano e sulcos sombreados. Não havia a menor suavidade ali.

– Não pode vender a égua da mamãe – disse ela, bastante ofegante.

– Vai me dizer o que fazer, Winona? – respondeu ele, deixando o olhar se demorar por apenas um instante no sorvete.

Ela sentiu as bochechas corarem. Seria preciso toda a sua coragem para falar, mas ela não tinha escolha. Não havia mais ninguém para fazer isso por ela.

– Ela ama... amava essa égua.

– A gente não tem condições de alimentar uma égua que não é montada.

– Eu vou montar – prometeu Winona.

– Você?

– Vou me esforçar mais do que antes. Não vou ficar com medo.

– E por acaso a gente tem alguma sela para o seu tamanho?

No silêncio excruciante que se seguiu, Winona avançou e pegou as rédeas da mão do pai. Mas o movimento foi muito rápido, ou ela falou muito alto – alguma coisa assim – e Clementine recuou, afastando-se de lado. Winona sentiu a ardência de uma queimadura quando a corda correu pela palma de sua mão. Cambaleou para o lado, quase caindo.

E então Vivi Ann estava ao lado dela, controlando Clementine com uma palavra, um toque.

– Você está bem? – sussurrou ela para Winona quando a égua se acalmou novamente.

Winona estava constrangida demais para responder. Ela sentiu seu pai caminhando na direção delas, ouviu suas botas de caubói afundando na lama. Ela e Vivi Ann se viraram lentamente para olhar para ele.

– Você não tem jeito com cavalos, Winona – disse o homem.

Era uma coisa que ela havia escutado dele a vida toda. Vinda de um caubói, era uma observação extremamente incisiva.

– Eu sei, mas...

Ele não estava escutando o que ela dizia. Estava olhando para Vivi Ann. Algo parecia se passar entre eles, uma comunicação que Winona não conseguia captar.

– É uma égua destemida. E jovem também. Não é qualquer um que consegue lidar com ela – afirmou o pai.

– Eu consigo – disse Vivi Ann.

Era verdade e Winona sabia. Vivi Ann, aos 12 anos, era mais ousada e mais corajosa do que Winona jamais seria.

A inveja a atingiu como o golpe seco de um elástico de borracha. Ela sabia que era errado – até mesmo cruel –, mas quis que seu pai rejeitasse Vivi Ann, cortasse a filha mais linda que tinha com a

lâmina afiada de sua reprovação.

Em vez disso, ele disse:

– Sua mãe ficaria orgulhosa. – E entregou a áspera rédea azul a Vivi Ann.

Como se estivesse distante, Winona observou os dois saindo juntos. Disse a si mesma que não importava, que tudo o que queria era impedir que Clem fosse vendida, mas as mentiras eram um consolo frio.

Ouviu Aurora chegar a seu lado, subindo a colina agora que o drama havia terminado.

– Você está bem?

– Estou.

– O que importa é que ele não vendeu a Clem.

– É – disse Winona, desejando que a irmã visse a situação do jeito como a descrevia. – O que me importa quem vai montar a égua?

– Exatamente.

Mas anos depois, quando se lembrava daquela semana da morte da mãe, Winona via como aquela única ação – a entrega das rédeas – havia mudado tudo. Daquele dia em diante, a inveja se tornara uma corrente submarina, movendo-se em espirais sob a vida delas. Mas ninguém percebera. Não naquele momento, pelo menos.

UM



1992

O dia pelo qual Vivi Ann esperava – 25 de janeiro – pareceu demorar uma eternidade para chegar. Quando finalmente chegou, ela acordou ainda mais cedo do que de costume. Bem antes de o raiar do dia iluminar o céu, ela saiu de debaixo das cobertas e levantou da cama. Na escuridão fria de seu quarto, vestiu um macacão térmico e um gorro de lã. Pegou um par de velhas luvas de couro, calçou as botas de borracha e saiu.

Tecnicamente, não precisava alimentar os cavalos. O novo peão da fazenda faria isso. Mas já que estava empolgada demais para dormir, imaginou que podia fazer alguma coisa útil.

Sem a lua para guiá-la, não conseguia enxergar nada além da imagem fantasmagórica e prateada da própria respiração, mas se havia alguma coisa que Vivi Ann conhecia neste mundo, era o contorno das terras de seu pai.

Water's Edge.

Mais de cem anos antes, seu bisavô havia se estabelecido na propriedade e fundado a cidade de Oyster Shores, ali perto. Outros homens tinham escolhido áreas mais fáceis e mais populosas, com mais facilidade de acesso, mas não Abelard Grey. Ele havia cruzado as perigosas planícies para chegar ali, tinha perdido um filho em um ataque de índios e outro para a gripe, mas continuara seguindo para oeste, atraído por um sonho até esse canto selvagem e isolado do estado de Washington. As terras que escolhera, 50 hectares entre as águas azuis e mornas do canal Hood e uma encosta arborizada, eram espetacularmente lindas.

Ela seguiu pelo pequeno aclave na direção do celeiro que tinham construído havia dez anos. Sob um teto alto de madeira, uma grande arena de equitação era delimitada por uma cerca de quatro vigas; doze baias ocupavam os lados leste e oeste da estrutura. Depois que abriu a enorme porta de correr, o acendimento da parte de cima do lugar foi acompanhado de um som parecido com o de dedos estalando e os cavalos instantaneamente ficaram inquietos, relinchando para deixar claro que estavam com fome. Durante a hora seguinte, ela separou porções de feno dos fardos amontoados no telheiro, empilhou-as no carrinho de mão enferrujado e seguiu pelos corredores de cimento irregular. Na última baia, uma placa de madeira feita sob medida identificava sua égua pelo nome de registro, raramente usado: Clementine's BlueRibbon.

– Olá, menina – disse ela, desferrolhando a porta de madeira e deslizando-a para o lado.

Clem relinchou baixinho e andou na direção dela, roubando um bocado de feno do carrinho de mão.

Vivi Ann jogou duas porções no comedouro de ferro e fechou a porta ao sair. Enquanto Clem comia, a

jovem ficou ao lado dela, passando a mão no pescoço sedoso da grande égua.

– Está pronta para o rodeio, menina?

Clem bateu com o focinho no corpo de Vivi Ann em resposta, quase derrubando-a.

Desde a morte de sua mãe, Vivi Ann e Clementine haviam se tornado inseparáveis. Durante um bom período, quando o pai parara de falar e começara a beber e Winona e Aurora estavam ocupadas com o ensino médio, Vivi Ann tinha passado a maior parte do tempo com a égua. Às vezes, quando o sofrimento e o vazio eram demais para ela aguentar, a menina escapava do quarto e corria para o celeiro, onde pegava no sono sobre a serragem perto dos cascos de Clem. Mesmo depois que Vivi Ann ficou mais velha e se tornou popular, ainda considerava a égua sua melhor amiga. Seus segredos mais profundos só haviam sido partilhados ali, nos confins de cheiro adocicado da última baía do corredor leste.

Ela acariciou o pescoço de Clem pela última vez e saiu do celeiro. Quando chegou em casa, o sol era um borrão de luz amarela no céu cinza-carvão do inverno. Daquele ponto privilegiado, podia ver as águas cor de aço do canal e os picos recortados, cobertos de neve, das montanhas distantes.

Quando entrou na casa escura, ouviu o estalo revelador das tábuas de madeira e soube que seu pai havia acordado. Entrou na cozinha, pôs a mesa para três pessoas e começou a preparar o café da manhã. Assim que colocou um prato de panquecas no forno para aquecer, escutou-o entrar na sala de jantar. Ela serviu uma xícara de café, colocou uma colher de açúcar e levou para ele.

Ele pegou a xícara da mão da filha sem tirar os olhos de sua revista preferida sobre montarias.

Ela ficou ali parada por um instante, pensando no que poderia dizer para dar início a uma conversa.

Vestido com as roupas de trabalho de sempre – calça jeans surrada e camisa de flanela xadrez, com uma enorme fivela prateada no cinto e luvas de couro enfiadas no cós da calça –, ele estava igual a todas as manhãs. E, ainda assim, havia algo diferente: uma sutil coleção de linhas de expressão ou rugas que envelheciam seu rosto.

Os anos que sucederam a morte da esposa não foram gentis com ele, acentuando seus traços e acrescentando sombras onde não havia, tanto nos olhos quanto nas bolsas inchadas sob eles. Sua coluna estava curvada; era a marca de um ferrador de cavalos, ele dizia, o resultado natural de uma vida toda martelando pregos em cascos de cavalos, mas a perda também havia desempenhado um papel na curvatura de sua coluna. Vivi Ann estava certa disso. O peso de uma solidão inesperada havia mudado sua forma da mesma maneira que as horas que passava curvado no trabalho o tinham feito. Ele só ficava ereto quando estava em público, e ela sabia quanto era doloroso para ele aparentar que não havia se deixado abater pela vida.

Ele se sentou à mesa e ficou lendo a revista enquanto Vivi Ann preparava e servia o café da manhã.

– Clem fez umas corridas incríveis nos treinos deste mês – disse ela, ocupando seu lugar na frente dele. – Acho que temos mesmo chance de ganhar o rodeio no Texas.

– Cadê a torrada?

– Eu fiz panquecas.

– Ovos fritos precisam de torradas. Você sabe disso.

– Misture com as batatas. Estamos sem pão.

O pai suspirou alto, obviamente irritado. Olhou de forma incisiva para o lugar vazio na mesa.

– Viu Travis hoje de manhã?

Vivi Ann olhou pela janela na direção do celeiro. Não havia sinal do ajudante da fazenda em lugar

nenhum. Nenhum trator em funcionamento, nenhum carrinho de mão perto da porta do celeiro.

– Eu já dei comida aos cavalos. Ele deve ter saído para consertar aquela cerca.

– Mais um belo empregado que você escolhe! Se parasse de resgatar todos os cavalos feridos que encontra daqui até a cidade de Yelm, não precisaríamos de nenhuma ajuda aqui na fazenda. E a verdade é que não temos condições de pagar.

– Falando em dinheiro, pai... preciso de 300 paus para o rodeio esta semana e a lata de café está vazia.

Ele não respondeu.

– Pai?

– Precisei usar o dinheiro para pagar a conta do feno.

– Já acabou?

– Os impostos chegaram também.

– Então estamos com problemas – disse Vivi Ann, franzindo a testa.

Ela já tinha ouvido isso antes, é claro, sempre soube que não havia muito dinheiro, mas pela primeira vez aquilo a atingiu de verdade. De repente entendeu por que Winona estava sempre falando em economizar para os impostos. Ela encarou o pai. Ele estava inclinado para a frente, com os cotovelos sobre a mesa. Suas irmãs considerariam a postura uma grosseria; Vivi Ann tinha certeza de que não era bem isso.

– Suas costas estão doendo de novo?

Ele não respondeu, nem ao menos tomou conhecimento da pergunta.

Ela se levantou, foi à cozinha e pegou o anti-inflamatório para ele. Colocou os comprimidos cuidadosamente sobre a mesa, entre eles dois.

As mãos largas de ferrador se fecharam sobre o remédio.

– Vou dar um jeito de conseguir o dinheiro, pai. E vou ganhar esta semana. Talvez 2 mil. Não se preocupe.

Eles acabaram a refeição em silêncio, ele lendo a revista. Quando ele terminou, afastou-se da mesa e se levantou. Pegando o chapéu de caubói de feltro marrom manchado de suor que ficava pendurado em um gancho perto da porta, ele disse:

– Me deixe orgulhoso.

– Vou deixar. Tchau, pai.

Depois que ele saiu, Vivi Ann ficou ali sentada, sentindo-se inquieta.

Durante a maior parte de seus 24 anos, ela tinha sido como uma folha sobre a água, apenas boiando, seguindo a corrente. Tentara mudar de direção algumas vezes, mas todas as tentativas (como a faculdade local) haviam chegado ao fim rapidamente e ela sempre voltava para aquelas terras.

Amava aquele lugar descomplicado e simples. Adorava ficar com os cavalos, treiná-los e passar sua experiência para as meninas de olhos brilhantes que idolatravam suas habilidades de equitação. Amava o fato de todos na cidade saberem quem ela era e respeitarem a ela e a sua família. Amava até o clima. Muita gente reclamava dos dias cinzentos que se sucediam, um após o outro, de novembro a abril, mas ela não se importava nem um pouco. Sem chuva não há arco-íris. Esse era seu lema desde os 12 anos, quando era uma menina ao lado de um túmulo recém-aberto, tentando dar sentido a uma perda incompreensível. Desde então, dizia a si mesma que a vida era curta e que o que importava era se

divertir.

Agora, no entanto, era hora de crescer. Water's Edge precisava dela daquela vez, e não o contrário. Ela não tinha muita certeza de como mudar. Negócios e planejamento não eram seu forte, mas ela era mais esperta do que as pessoas acreditavam que fosse. Tudo o que ela precisava era pensar a respeito.

No entanto, primeiro precisava pedir 300 dólares emprestados para uma de suas irmãs.

Ela diria que seria um bom investimento.



Winona adorava comandar o show. Qualquer show; todos os shows. E não dos bastidores. Na faculdade, só foi preciso uma aula de direito constitucional e ela vislumbrou seu futuro. Agora, aos 27 anos, sua vida era praticamente como havia desejado. Não completamente, é claro (não era casada, não estava namorando, não tinha filhos e lutava contra o peso), mas quase. Ela era, de longe, a advogada mais bem-sucedida de Oyster Shores. Era de conhecimento geral que ela era justa, obstinada e inteligente. Todos diziam que era uma boa pessoa para se ter ao lado. Winona valorizava sua reputação quase tanto quanto sua educação. Seu pai e Vivi Ann podiam idolatrar as próprias terras, mas Winona tinha uma religião mais abrangente. Para ela, o que importava era a comunidade e as pessoas que viviam ali. Tudo bem que Vivi Ann fosse o belo coração da cidade; Winona se esforçava para ser sua consciência.

Ela pegou o interfone sobre a mesa e apertou o botão.

– O conselho estará aqui em dez minutos, Lisa. Certifique-se de que temos café suficiente.

A recepcionista respondeu prontamente:

– Já fiz isso.

– Ótimo.

Winona voltou sua atenção para a pilha fina de documentos à sua frente. Havia alguns relatórios ambientais, uma proposta de loteamento e um contrato de venda de propriedade que ela havia redigido.

Aquilo podia salvar Water's Edge.

Bem, talvez fosse um pouco de exagero; o rancho não estava à beira de um colapso financeiro nem nada do tipo. Estava mais como um daqueles cavalos famintos e patéticos que Vivi Ann continuava a resgatar: mancando. Todo mês, seu pai e Vivi Ann mal ganhavam o suficiente para manter o lugar funcionando e os impostos continuavam a aumentar. Aquele canto secreto do estado de Washington ainda não havia sido “descoberto” pelos riquinhos, que transformavam terrenos acidentados de frente para a praia em ouro, mas era apenas uma questão de tempo. Em breve, alguma construtora perceberia que sua cidade adormecida ficava em uma faixa de praia espetacular com vista para as montanhas Olympic, que tinha um visual parecido com os Alpes suíços. E quando isso acontecesse, seu pai se veria sobre 50 desejáveis hectares. O aumento dos impostos o obrigaria a vender as terras ou faria com que ele as perdesse e ninguém parecia se dar conta da inevitabilidade desse futuro além dela. Coisas assim já tinham acontecido por todo o estado.

Ela rabiscou umas anotações em seu bloco amarelo, palavras para usar ao conversar com ele. Era fundamental que ele entendesse a importância daquilo, como ela havia encontrado uma forma de salvá-lo e protegê-lo. Igualmente fundamental era que ela resolvesse o problema. Talvez então, enfim, seu pai tivesse orgulho dela.

O interfone tocou.

– Eles chegaram, Winona.

– Leve-os à sala de reunião.

Winona colocou os documentos em uma pasta e pegou seu blazer azul. Ao vesti-lo, notou que estava mais apertado no busto. Suspirando, seguiu para a sala de reunião.

Seu escritório ficava em uma grande mansão vitoriana em um terreno de esquina no centro de Oyster Shores. Ela havia comprado o imóvel fazia quatro anos e vinha reformando cômodo por cômodo. Todo o andar de baixo estava pronto. Não conseguiria receber pessoas sabendo que elas estariam avaliando suas salas e considerando-as incompletas. No ano seguinte, começaria a residência no andar de cima. Já tinha economizado quase toda a quantia necessária.

No corredor, parou diante de um espelho durante um tempo longo o bastante apenas para avaliar seu reflexo: um rosto bonito e rechonchudo, olhos castanho-escuros sob sobancelhas pretas arqueadas, lábios cheios, os ombros de um jogador de futebol americano e busto suficiente para três mulheres. Os longos cabelos negros, sua única característica marcante, estavam puxados para trás e presos com um prendedor branco e azul.

Forçando um sorriso, ela seguiu em frente e entrou no que antes havia sido um solário. Janelas de vidro do chão ao teto e um par de portas de sacada antigas cobriam a parede dos fundos. Através dos painéis retangulares dava para ver o jardim escurecido pelo inverno, e atrás dele ficavam os prédios de tijolo e madeira ao longo da Front Street. No centro da sala havia uma mesa de carvalho comprida. Os membros do conselho municipal de Oyster Shores estavam sentados em volta dela, inclusive seu pai, que tecnicamente não pertencia ao conselho, mas ainda assim era convidado para todas as reuniões.

Winona sentou-se em seu lugar de costume, à cabeceira da mesa.

– Como posso ajudá-los?

Ao lado dela, Ken Otter, o dentista da cidade, dava um grande sorriso. Ele sempre sorria; dizia que era propaganda grátis.

– Queremos falar sobre o que está acontecendo na reserva.

A reserva de novo.

– Eu já falei para vocês, não dá para impedi-los. Eu acho...

– Mas é um *cassino* – exclamou Myrtle Michaelian. Seu rosto redondo ficava vermelho só de pensar no assunto. – Com certeza virá a prostituição depois. Os índios estão...

– Pare – disse Winona com firmeza. Ela olhou em volta da mesa, observando cada pessoa por um longo instante antes de passar para a próxima. – Em primeiro lugar, são nativos americanos e ninguém tem direito de impedi-los de construir um cassino. Podem gastar dinheiro lutando contra eles, mas vão perder.

Eles discutiram durante alguns minutos, depois a menção ao dinheiro que seria gasto acabou por desmotivá-los. No final, a discórdia morreu como um motor afogado e eles se levantaram para sair, agradecendo-lhe por poupar seu dinheiro e ajudá-los.

– Pai – chamou ela. – Pode ficar mais um pouco?

– Preciso estar em Shelton em 45 minutos.

– Não vai demorar.

Ele acenou de leve com a cabeça em sinal de concordância, apenas um movimento do queixo, na

verdade, e ficou lá, de braços cruzados, enquanto os membros do conselho saíam. Quando todos se foram, Winona voltou para o seu lugar à cabeceira e se sentou, abrindo a pasta. Ao olhar para a papelada, não conseguiu deixar de sentir uma onda de orgulho. Era um bom plano.

– É sobre Water's Edge – anunciou ela, finalmente olhando para a frente.

Não se preocupou em pedir que ele se sentasse. Já havia aprendido esta lição: Henry Grey se movia quando e para onde queria. Ponto final. Tentar influenciar isso só fazia a pessoa parecer uma boba.

Ele resmungou alguma coisa. Ela não achou que fosse uma palavra.

– Sei como suas finanças estão apertadas no momento, mas muita coisa em Water's Edge precisa ser consertada. As cercas estão ruins, o telheiro está começando a cair e qualquer dia alguém vai se perder dentro da lama do estacionamento se não arrumarmos uma motoniveladora e espalharmos um pouco de cascalho. E nem vou começar a falar sobre os impostos. – Ela empurrou o mapa de loteamento na direção dele. – A gente pode vender os 4 hectares ao longo da estrada. Bill Deacon está disposto a pagar 55 mil dólares por eles imediatamente, ou podemos lotear em partes de 1 hectare e dobrar o preço. De um jeito ou de outro, a gente consegue ganhar dinheiro suficiente para sustentá-lo durante anos. Só Deus sabe quanto você deve estar cansado de colocar ferraduras em sete cavalos por dia, todos os dias. – Ela sorriu para ele. – É perfeito, não é? Quero dizer, você mal consegue cuidar daqueles hectares. Nem vai sentir falta deles e...

Seu pai saiu da sala, batendo a porta com força.

Winona se encolheu com o barulho. Por que havia se permitido ter esperanças? *Mais uma vez.* Ela ficou olhando para a porta fechada, balançando a cabeça, imaginando por que uma mulher inteligente como ela continuava a meter o pé na mesma poça de lama e a esperar que estivesse seca. Ela era uma idiota por ainda querer a aprovação do pai.

– Você é uma débil mental – resmungou para si mesma. – E patética.

O interfone sobre a mesa tocou alto, arrancando-a de seus pensamentos.

– Luke Connelly na linha um, Winona.

Ela apertou o botão vermelho.

– Você disse Luke Connelly?

– Sim. Linha um.

Winona respirou bem fundo para se acalmar, pegou o fone e atendeu.

– Winona Grey.

– Ei, Win, aqui é o Luke Connelly. Lembra de mim?

– É claro que me lembro de você. Como está Montana?

– Fria e branca no momento, mas eu não estou lá. Estou aqui, em Oyster Shores. Quero me encontrar com você.

Ela retomou o fôlego.

– É mesmo?

– Todo mundo diz que você é a melhor advogada da cidade... não que eu esteja surpreso. Estou pensando em comprar metade da clínica veterinária do Dr. Moorman e queria conversar com você sobre os termos. Pode ser?

– Ah. Você precisa de um advogado. – Ela se recusou a ficar decepcionada. – Claro.

– Pode vir aqui em casa amanhã? Estou até o pescoço de trabalho por aqui. Os últimos inquilinos

deixaram uma tremenda bagunça. Então, o que me diz? A gente pode tomar uma cerveja. Será como nos velhos tempos.

– Que tal às quatro da tarde? Ouvi dizer que essa é a boa hora da cerveja.

– Perfeito. E, Win, mal posso esperar para ver você.

Ela desligou o telefone devagar; era como se o ar tivesse ficado com a mesma resistência da água, dificultando seu movimento. *Mal posso esperar para ver você.* Ela se levantou e saiu da sala de reunião, indo em direção à sala de espera, onde Lisa estava sentada atrás de uma antiga mesa de jantar, datilografando uma carta em sua enorme máquina de escrever IBM Selectric.

– Vou sair – disse Winona. – É uma emergência. Volto em uma hora.

– Vou reagendar a Ursula.

– Ótimo.

Winona deixou seu escritório silencioso e caminhou pela calçada, seguindo a faixa de cimento por duas quadras até a casa de tijolos aparentes impecavelmente conservada de sua irmã.

Chegando lá, abriu o imaculado portão de madeira do jardim dos fundos de Aurora e foi bater à porta.

Aurora demorou uma eternidade para atender e, quando finalmente abriu a porta, parecia atormentada. Uma criança de 4 anos em cada braço; um menino e uma menina.

– Por pouco não encontrou com Vivi Ann. Ela pediu 300 pratas emprestadas para o rodeio. Disse que era um investimento.

– Na maior cara de pau?

Aurora sorriu.

– Você conhece a Vivi. Coisas boas sempre acontecem com ela.

Winona revirou os olhos, mesmo que ambas soubessem que era verdade. A irmã mais nova parecia viver em um raio de sol que excluía todos os outros.

– Ela foi para o Texas?

– Acabou de sair. Espero que a velha caminhonete aguento.

– Se enguiçar, ela vai encontrar o Tom Cruise na oficina.

Winona passou pela irmã e entrou na área de serviço pequena e bagunçada, onde pilhas de roupas dobradas ocupavam todas as superfícies.

– Podemos falar de mim, para variar?

– Vamos, crianças – disse Aurora atrás dela. – A tia Winona está louca hoje. Deem bastante espaço para ela. Nunca se sabe quando ela vai explodir.

– Muito engraçado.

Aurora levou Ricky e Janie para o andar de cima e colocou os dois para tirar uma soneca ou ver televisão ou o que quer que mães fizessem com gêmeos de 4 anos no fim da tarde. Quinze minutos depois, desceu novamente.

– Certo, o que está acontecendo? – perguntou, parada no meio da sala.

Estava vestindo jeans pretos justos, mocassins e uma jaqueta de corte reto com ombreiras gigantes. Seus cabelos castanhos e lisos estavam presos em uma trança embutida. A franja se avolumava sobre sua testa como um pequeno toldo.

Agora que Aurora havia perguntado diretamente, Winona estava relutante em revelar o verdadeiro

motivo de ter corrido até ali. Esquivando-se, disse:

– Eu falei para o papai que a gente devia vender os 4 hectares dos fundos ou loteá-los e depois vendê-los.

– É, bem, você não aprende.

– Water’s Edge está indo para o buraco. Por que outro motivo Vivi Ann teria que pedir dinheiro emprestado? E já notou como aquele lugar está decadente?

Aurora se sentou em seu novo sofá cinza e malva.

– Você não pode dizer para ele vender as terras, Win. O homem preferiria vender um rim.

– São poucos hectares que não dá nem para ver e que poderiam garantir segurança financeira a ele.

Aurora se recostou, tamborilando com as longas unhas vermelhas sobre a mesinha de mogno envernizado a seu lado.

– Você sabe que tinha que falar comigo ou com Vivi antes de fazer uma coisa dessas.

– Não tinha...

– Já sei: você se acha mais esperta do que nós e pensa que é sua responsabilidade cuidar de todos por ser a mais velha, mas para ser sincera, Win, quando você coloca uma coisa na cabeça, não enxerga a situação como um todo.

– Eu só estava tentando ajudar.

Winona se sentou sobre a lareira de tijolos cor de salmão. Um instante depois, levantou-se e foi até a janela. Dali, podia ver o quintal de Aurora, todo adaptado para crianças, e as casas atrás dele.

Aurora franziu a testa.

– Não vejo você tão agitada desde que foi convidada por Tony Gibson para viajar no fim de semana.

– Prometemos nunca falar sobre isso.

– Você prometeu. Como posso esquecer da imagem dele tirando a roupa até ficar de calcinha?

Winona não aguentava mais. Ela soltou:

– Luke Connelly me ligou hoje.

– Uau. Essa foi direto do túnel do tempo. A última vez que ouvi falar dele foi quando saiu da faculdade de veterinária.

– Ele está de volta à cidade e pensando em comprar parte da clínica do Dr. Moorman. Quer que eu dê uma olhada nos documentos.

– Ele ligou para você como advogada?

– Foi o que ele disse. – Winona respirou fundo e finalmente se virou de frente para a irmã. – E também disse que estava ansioso para me ver.

– Ele sabe que você tinha uma queda por ele?

Queda. Era uma palavra bonita e pequena para o que ela sentia, mas certamente não contaria isso a Aurora. Em vez disso, falou:

– Vou me encontrar com ele às quatro da tarde amanhã. Acha que pode me ajudar a ficar bonita? Sei que é uma tarefa hercúlea, mas...

– É claro – respondeu Aurora, sem sorrir.

– O que foi? – perguntou Winona. – Está me olhando com aquela cara de quem acha que tem algo errado.

– Eu não vou dizer nada. Certo, vou apenas fazer uma pergunta. Sobre Luke, está bem? Só Luke.

– O que você quer dizer?

– O papai sempre quis a terra da família Connelly. Não finja que não sabe disso. E ele gostava deles.

– Você acha que eu sairia com alguém para conseguir a aprovação do papai?

– Às vezes eu acho que você faria praticamente qualquer coisa por isso.

Winona forçou uma risada, mas ela não fluiu. Algumas vezes ela também se preocupava com isso. Até onde iria para conseguir a aprovação do pai?

– Toda esta conversa não vai dar em nada, porque eu sou gorda. Luke não vai querer sair comigo.

Nunca quis.

Aurora lançou à irmã um olhar triste, familiar.

– Sabe o que mais me impressiona em você, Win?

– Meu intelecto apurado?

– Como você é injusta quando se olha no espelho.

– Quem diz isso é a ex-líder de torcida que ainda usa tamanho 36. – Winona se levantou. – Passe lá em casa às três amanhã, está bem?

– Estarei lá.

– E, Aurora, não conte a ninguém sobre isso. Principalmente Vivi Ann. Aquela atração estúpida foi há muito tempo. Não quero que ninguém pense que eu ainda me importo. Que droga, ele deve estar casado, com três filhos.

– Seus segredos sempre estiveram seguros comigo, Win.



Na tarde seguinte, Winona ficou olhando para si mesma no espelho de corpo inteiro de seu quarto. A moda da época não era favorável para pessoas de seu tamanho: ombreiras, jeans de cintura alta e justo nas pernas e botas de caubói dificilmente ajudavam sua causa.

Aurora havia feito o seu melhor e Winona apreciava o esforço, mas algumas tarefas estavam simplesmente destinadas a fracassar, e tentar deixá-la mais magra era uma delas. Ela chutou as botas e chegou a de fato sentir alguma satisfação quando elas bateram na parede. No lugar delas, calçou um par de sapatilhas já desgastadas.

– Ele vai achar que eu não parei de comer desde que ele foi embora da cidade.

Durante todo o caminho até o carro e depois ao longo da cidade, ela ficou lembrando a si mesma que aquilo era um encontro profissional com um homem que agora mal conhecia. Sua queda por ele havia sido uma coisa de criança, não era substancial o bastante para durar.

Ela dirigiu pela praia, passou pelas lojas turísticas ao longo do canal e virou à esquerda no final da cidade. Ali ficava a fronteira da propriedade Water's Edge. Não pôde deixar de notar mais uma vez como as cercas estavam irregulares. Aquilo a fez lembrar da reunião do dia anterior com seu pai. Na autoestrada, dirigiu para o sul por 500 metros, depois virou na direção das terras de Luke. Embora os terrenos dos Greys e dos Connellys fossem adjacentes, as terras de Luke estavam vagas havia anos; a grama, mesmo no inverno, estava alta e abundante. Amieiros haviam brotado como ervas daninhas nos últimos anos, dando ao terreno uma aparência comprida, estreita e malcuidada. A antiga casa em forma de L, construída no início da década de 1970, precisava desesperadamente de uma demão de tinta e os

arbustos ao redor haviam crescido de forma desordenada. Zimbros se entrelaçavam com rododendros, que, por sua vez, espreitavam em meio a azaleias.

Ela estacionou ao lado da grande picape de cabine dupla de Luke e desligou o motor.

– Ele só vai querer entregar os documentos e dizer “como é bom ver você depois de todo esse tempo”. Depois vai apresentar você à esposa e aos filhos.

Ela respirou fundo e saiu do carro.

A grama entre ela e a porta da frente estava empapada e marrom. Ela deixou pegadas que imediatamente se encheram com água lamacenta.

Na porta, passou a mão pelos cabelos que Aurora havia meticulosamente enrolado e fixado com spray. Então bateu.

Ele atendeu quase imediatamente – e foi o tempo que demorou para ela saber que estava em apuros.

Ele já era alto na escola, mas esguio e meio desajeitado. Aquele tempo já era. Ele agora tinha ombros largos e cintura estreita – o tipo de cara que frequentava a academia. Os cabelos ainda eram abundantes e castanhos, o complemento perfeito para seus olhos verdes.

– Win – disse ele.

E lá estava: o sorriso que sempre fizera seu coração disparar.

– Lu-Luke – gaguejou ela. – Eu passei para olhar aqueles documentos...

Ele a puxou e lhe deu um daqueles abraços de corpo inteiro que ela quase havia esquecido que existiam.

– Você acha que vou deixar minha melhor amiga da escola simplesmente pegar uns papéis e ir embora?

Ele a pegou pela mão e a conduziu pela casa. Estar naquele cômodo que havia mudado tão pouco nos últimos anos foi como entrar em uma máquina do tempo. O mesmo carpete com relevos e cor de laranja queimada estava sob seus pés, o mesmo sofá xadrez marrom, dourado e abóbora tomava conta da parede, as mesmas luminárias de vidro âmbar com interruptores cobertos de contas estavam sobre as mesas laterais.

– A única coisa que falta é uma luz negra – comentou Luke, rindo ao abrir a geladeira verde-abacate e pegar duas cervejas. – A casa está com cheiro de mofo. Acho que os inquilinos eram fumantes. Você se importa de a gente sentar lá fora?

– Não seria a primeira vez.

Ela o seguiu até o grande pátio acimentado que acompanhava todo o comprimento da casa. À esquerda, uma churrasqueira enferrujava lentamente e dezenas de gerânios mortos sucumbiam em vasos ao longo da cerca, mas nada era capaz de depreciar a vista. Como Water’s Edge, o terreno dava para o canal – calmo e prateado naquele fim de tarde – e para as montanhas Olympic recortada e coberta de neve na outra margem. Um bosque cerrado garantia total privacidade entre as propriedades. Eles se sentaram na namoradeira de balanço que já tinha sido o lugar preferido de Winona no mundo.

– Acho que devemos começar com o básico – disse ele, abrindo sua cerveja e inclinando-se para a frente para dar um gole. – Depois que nos mudamos para Montana, acabei indo para a Universidade do Estado de Washington estudar veterinária. Animais de grande porte. Você estudou onde?

– Na Universidade de Washington. Me formei em direito.

– Achei que você fosse fugir para conhecer o mundo. Fiquei surpreso quando soube que havia

voltado.

– Precisavam de mim em casa. E você? Chegou a ir para a Austrália?

– Que nada. Muitos empréstimos estudantis para pagar.

– Sei do que está falando. – Ela riu, mas quando parou, o dia pareceu quieto demais. – Você se casou? – perguntou ela calmamente.

– Não. E você?

– Não.

– Nunca se apaixonou?

Ela não conseguiu deixar de olhar para ele.

– Não. E você?

Ele negou com a cabeça.

– Nunca encontrei a garota certa, eu acho.

Winona se recostou, olhou para a vista.

– Sua mãe deve ter detestado quando você saiu de casa.

– Que nada. Caroline tem quatro filhos e não tem marido. Isso mantém minha mãe ocupada a maior parte do tempo. E ela sabia que eu estava ficando impaciente.

– Impaciente?

– Às vezes é preciso sair à procura da vida. – Ele tomou um gole de cerveja. – Como estão suas irmãs?

– Bem. Aurora conheceu um cara chamado Richard há alguns anos, um médico, e eles têm gêmeos de 4 anos. Ricky e Janie. Acho que estão todos bem, mas é difícil saber quando se trata de Aurora. Ela sempre quer ver todo mundo feliz, então não fala muito sobre o que a incomoda. E Vivi Ann continua a mesma. Espontânea. Cabeça-dura. Mergulha primeiro e pensa depois.

– Comparado a você, ninguém pensa o bastante.

Winona não pôde conter o riso.

– O que posso dizer? Sou sempre a pessoa mais inteligente do recinto.

Eles caíram em um silêncio amigável, olhando para o campo malcuidado, tomando suas cervejas, então, lentamente, Luke disse:

– Acho que vi Vivi Ann saindo do posto de gasolina ontem.

Winona notou algo em sua voz, uma pequena mudança de tom que a deixou em alerta.

– Ela estava indo para o Texas. Ganha muito dinheiro em rodeios de fim de semana. E conhece muitos caubóis bonitos também.

– Não estou surpreso. Ela é linda – afirmou ele.

Winona havia escutado essa frase de homens a vida toda. Normalmente eram seguidas por: *Acha que ela sairia comigo?* Sentiu seu corpo ficar tenso, recolhendo qualquer ponta de esperança que ela houvesse se permitido nutrir.

– Entre na fila – murmurou baixinho.

O que estava pensando, afinal? Ele era bonito demais para ela; era perigoso se permitir esperar alguma coisa. Principalmente agora que ele tinha visto a linda Vivi Ann.

– É bom estar de volta – falou Luke, batendo o ombro no dela como costumavam fazer quando eram crianças, quando eram melhores amigos, e de repente seus próprios alertas ficaram fora de seu alcance,

engolidos pelo silêncio.

– É – respondeu ela, não ousando olhar para ele. – É bom ter você por perto.

DOIS



Durante todo o dia seguinte, Winona disse a si mesma que ele não ligaria, mas ainda assim ficou olhando de maneira ansiosa para o telefone, pulando toda vez que tocava.

Um dia.

Era o tempo que havia se passado desde que se sentara com seu antigo melhor amigo em um balanço na varanda, à noite. Um dia. É claro que ele ainda não havia ligado. Ou nunca ligaria. Afinal, ela estava enorme. Por que um homem tão bonito como Luke Connelly desejaria sair com ela?

– Foco, Winona – disse ela, olhando para os documentos que ele lhe entregara na noite anterior.

Havia feito muitas anotações: coisas que precisava discutir com ele, precauções que ele deveria tomar para proteger seus interesses. Além de sua opinião jurídica, ela tinha algumas ideias sobre a viabilidade de se tornar sócio de Woody Moorman; o homem era conhecido por ser um beerrão e havia perdido muitos clientes no decorrer dos anos.

Quando terminou de fazer todas as anotações, ela fechou o arquivo Connelly e abriu os interrogatórios do caso Smithson. Pelas horas seguintes, se concentrou no trabalho, até que, enfim, às cinco da tarde, fechou o escritório e subiu.

Normalmente ela amava o noticiário noturno, mas nesta noite estava inquieta, concentrada em esperar o telefone tocar, e não aguentava mais aquilo, então vestiu uma calça jeans, um suéter branco de gola alta e um colete preto que ia até a coxa.

Uma rápida olhada no clima lhe disse que era uma daquelas raras noites de janeiro em que o céu ficava cor de ameixa e sem nuvens. Bem agasalhada, ela decidiu andar até Water's Edge. O ar frio poderia limpar sua cabeça e só Deus sabia como ela precisava de exercício. Eram menos de 2 quilômetros de uma porta até a outra.

Satisfeita com sua decisão (era tão melhor do que ver TV sozinha), ela seguiu para a Main Street.

A estrutura de Oyster Shores era a mesma de muitas comunidades do oeste de Washington que ficavam à beira de um canal, em uma disposição que lembrava o formato de uma bisteca. O fim da cidade era uma faixa de quatro quadras que se estendia ao longo da margem cinzenta do canal. Era onde as lojas turísticas ficavam localizadas – o ponto de aluguel de caiaques, a sorveteria, o bar especializado em peixes e várias lojas de presentes. No espaço de quatro quadras de largura por sete de comprimento, entre o canal e a autoestrada, ficava a maior parte da infância de Winona. Ela passara muito tempo de sua juventude na biblioteca, lendo Nancy Drew e Laura Ingalls Wilder; no Grey Park, aprendera a jogar futebol e *softball*; em dias quentes de verão, ela e as irmãs quase sempre iam ao mercado King comprar

doces e refrigerantes.

Mesmo já tendo visto aquilo um milhão de vezes, não conseguia deixar de parar na Shore Drive, absorvendo a vista espetacular. Em outras partes do mundo, lugares mais populosos e menos selvagens, um canal era uma faixa de água fina, letárgica e lenta, uma coisa para ser navegada por lazer em um barco de fundo reto. Ali, não; era um braço de água azul largo e selvagem do estuário de Puget que corria para o interior por quase 90 quilômetros, o único fiorde verdadeiro da parte continental dos Estados Unidos.

Ela virou à esquerda e saiu da cidade. Ao passar pelo restaurante Waves, os postes de luz se acenderam, formando lindas manchas douradas sobre as calçadas cinzentas e o asfalto preto. Nessa estação fria, quando os barcos eram escassos e os turistas, mais escassos ainda, a rua ficava silenciosa, talvez até um pouco abandonada. Uma biruta em forma de sereia pendia frouxa no mastro em frente à pousada Canal House. Em junho, as pessoas que gostam do verão encheriam aquelas ruas, ocupando vagas de estacionamento e furando a fila no cais da praia, mas no momento estava tudo tranquilo. A cidade pertencia às mil e trezentas pessoas que a chamavam de lar.

A entrada do rancho era indicada por uma placa de madeira grosseiramente esculpida pelo bisavô de Winona em 1881. Passando por ela, virou na longa entrada coberta da cascalho. Dos dois lados havia pastos verdes delimitados por cercas. Valas de água marrom delineavam o caminho. Folhas mortas estavam presas no cascalho e havia buracos em todos os lugares, abrigando água cinzenta da chuva. O local precisava de reparos.

Por que seu pai não via que ela podia ajudá-lo? Ela rumava para um encontro humilhante com ele – mais uma vez – quando viu a picape de Luke.

Parou e olhou em volta.

Lá estavam eles, na varanda, Luke e seu pai, conversando como velhos amigos. Ela seguiu o caminho úmido e lamacento, passando pelo celeiro, na direção deles.

Quando se aproximou, Luke riu de alguma coisa que seu pai tinha dito.

Winona viu o pai sorrir e isso realmente a faz parar. Era como ver o oceano de repente ficar vermelho ou a lua se tornar verde.

– Oi, pessoal – disse ela, pisando no último degrau da varanda.

A madeira antiga entortou sob seu peso, lembrando-a simultaneamente de que era gorda e de que os degraus precisavam de reparo.

Luke esticou o braço e o colocou em volta dela, abraçando-a de lado. Ela escapou do enlace um minuto depois, sentindo-se confusa.

– Se não fosse pela Winona aqui – disse ele ao pai dela –, eu nunca teria me tornado veterinário. Ela fez quase todas as minhas lições de inglês na escola.

– É, ela é bem esperta, certo. Sua última grande ideia foi que eu vendesse as terras que minha família estabeleceu.

Winona não podia acreditar que ele estava tocando nesse assunto na frente de Luke.

– Eu só estava tentando proteger o seu futuro.

O pai a ignorou e olhou para Luke.

– Quando Abelard saiu do País de Gales, tinha 14 dólares no bolso.

– Qual é, pai. Ninguém quer ouvir essas histórias antigas...

– E Elijah perdeu a perna na guerra e, quando voltou, a esposa estava morta, um filho estava

moribundo e terras, úmidas demais para cultivar qualquer coisa, mas ainda assim conseguiu manter todos os hectares durante a Depressão. Ele deixou para o filho todos os malditos hectares que herdou.

– Eram outros tempos, pai. Sabemos disso. A gente não liga se você vai nos deixar o mesmo tanto de terra que herdou.

– Como é que eu sabia que você diria isso?

– Eu não quis dizer isso. Só quis dizer que queremos que você fique confortável. É o que importa.

– Você não consegue entender o que é amar estas terras como eu e Vivi. Não está em você.

Como era fácil para ele separá-la do rebanho e colocá-la de lado.

– O rancho está ótimo, Henry – comentou Luke para romper o silêncio constrangedor que se seguiu. – Exatamente como eu me lembrava. E eu gostaria de agradecer-lhe pela manutenção da cerca. Gostaria de pagar por isso, aliás. Eu e minha mãe acabamos nos esquecendo de cuidar desse detalhe.

O pai balançou a cabeça.

– Eu não aceitaria um centavo seu, filho. É isso que os vizinhos fazem.

Filho.

Era uma fatia fina de dor o modo como seu pai acolhia Luke com tanta facilidade, como enfiar a mão em água cheia de sabão e encontrar uma lâmina afiada. Você não se dá conta de que houve um corte até tirar a mão e ver o rastro de sangue na pele.

– É a Vivi Ann que faz a maior parte do trabalho; ela e os peões que encontra para ajudar por aqui. Esta terra é a alma dela.

O pai olhou para Winona ao dizer isso.

– Ouvi dizer que ela é boa na prova de três tambores.

– A melhor do estado – confirmou o pai.

– Não estou nem um pouco surpreso. Acho que nunca a vi sem aquela égua da Donna, correndo na velocidade do som.

– É – disse o pai. – Ela e Clem formam uma boa dupla.

Winona segurou a língua enquanto o pai ficava falando sobre Vivi Ann. Como ela era uma ótima amazona, como todo mundo vinha pedir ajuda a ela, como os homens faziam fila para namorá-la, embora ela ainda não tivesse encontrado o cara certo.

Enfim, Winona não aguentou mais. Ela, na verdade, interrompeu a conversa para dizer:

– É melhor eu ir. Só passei aqui para...

– Ah, não, você não vai – disse Luke, pegando no braço dela. – Quero levar você e Henry para jantar na cidade.

– Eu não posso – recusou Henry. – Vou encontrar os rapazes lá no Eagles. Mas obrigado.

Luke se virou.

– Winona?

Não pense nada sobre isso. Ele convidou seu pai também. O conselho parecia claro em sua cabeça, mas quando ela olhou para ele, as palavras desapareceram rapidamente e a pior das emoções chegou para substituí-las: esperança.

– Claro.

– Onde podemos ir? – perguntou ele.

– O Waves é bom. Na esquina da First com a Shore Drive.

– Vamos lá. – Luke estendeu o braço e apertou a mão do pai de Winona. – Obrigado por tudo mais uma vez, Henry. E não se esqueça da minha oferta: se algum dia precisar usar meu pasto, é só dizer.

Henry assentiu e voltou para dentro de casa, fechando bem a porta.

– Cretino – resmungou Winona.

Luke sorriu para ela.

– Você costumava chamá-lo de babaca.

– Aprimorei meu vocabulário. E posso pensar em mais algumas opções de palavras, se quiser.

Sorrindo, ela caminhou pelo pátio da frente e entrou na grande picape do amigo, do lado do passageiro. Assim que o motor foi ligado, o som começou a tocar bem alto. A música era “Stairway to Heaven”.

Ela olhou para ele e soube que estavam se lembrando da mesma coisa: os dois naquele baile no ensino médio, dançando – ou tentando – sob uma bola de espelhos prateada.

– Nós realmente mostramos àqueles garotos populares como dançar, não foi? – comentou ele.

Ela sentiu um sorriso começando a surgir. De algum modo, na agitação de sua volta, havia se esquecido de como se aproximaram naquele primeiro ano após a morte de sua mãe – uma garota de 15 anos, gorda e quieta, que vivia em sua própria mente, e um garoto desajeitado com a pele ruim que havia perdido o pai em um acidente de barco uma década antes. *Vai ficando mais fácil*. Foi a primeira coisa que ele lhe disse e na qual ela realmente prestou atenção. Antes disso, ele não passava do filho da melhor amiga de sua mãe.

Depois, durante dois anos, quase tudo o que ele dizia estava certo. Daí, ele se mudou sem nunca tê-la beijado e nunca telefonou. Eles trocaram cartas durante um tempo, mas depois aquilo também se perdeu.

Ele parou na frente do restaurante Waves e estacionou próximo ao meio-fio. Um refletor perto da porta da frente iluminava um pátio cheio de gnomos de cerâmica que ficava bonitinho ao sol do verão e estava estranhamente macabro nessa noite de inverno. Ela o guiou até o interior da casa vitoriana transformada em restaurante. Essa noite, eram as únicas pessoas com menos de 60 anos no local e a recepcionista os conduziu até uma mesa de canto com vista para o canal. Lá embaixo, uma antepara descolorida continha a água, revelando uma faixa de areia cinzenta coberta com conchas brancas quebradas e fitas de algas cor de bronze. Um grupo de focas estava sobre a plataforma de madeira do restaurante.

Em instantes, chegaram as bebidas – para ele uma cerveja e para ela uma margarita.

– Aos velhos amigos – disse ele.

– Aos velhos amigos.

Então ele continuou:

– Você conseguiu dar uma olhada nos documentos?

– Sim. Como sua advogada, digo que tudo parece estar em ordem. Farei algumas modificações, mas nada muito importante. – Ela olhou para ele do outro lado da mesa e abaixou o tom de voz: – Mas, como sua amiga, diria que Moorman não tem uma reputação muito boa. Ele lutou com um sério problema de alcoolismo durante anos; bem, na verdade não lutou. Praticamente cedeu a ele. Há alguns anos, trouxe um jovem veterinário para ser seu sócio e há rumores de que ferrou com o rapaz para valer.

– Sério?

– Sinceramente, Luke, acho que seria melhor você abrir sua própria clínica. As pessoas daqui o

receberiam de braços abertos. Você poderia montar um consultório na sua casa e consertar aquele celeiro com quatro baias na propriedade. Depois, em alguns anos, talvez esteja pronto pra construir novas instalações.

Luke encostou na cadeira.

– Isso é decepcionante.

– Sinto muito. Você pediu minha opinião.

– Sente muito? Está brincando? Eu sempre amei seu raciocínio. E sei que posso confiar em você.

Obrigado.

Ela não ouviu nada depois da palavra *amei*.



Vivi Ann estava na área de preparação, esperando sua vez no circuito curto. Havia apenas catorze garotas e mulheres à sua volta, todas montadas, que também tinham conquistado um lugar entre as melhores. O tempo das corridas estava retumbando nas caixas de som; as tabulações estavam sendo feitas, começando com o maior tempo e indo para o menor. Ela estava no Texas havia quase uma semana e tinha sido um dos melhores rodeios de sua vida.

Ela se inclinou para baixo e passou a mão no pescoço suado da égua.

– Ei, menina – falou. – Está pronta para ganhar?

O coração da égua batia como uma britadeira. Clem estava pronta.

Momentos mais tarde, Vivi Ann ouviu seu nome pelos enormes alto-falantes e uma onda de adrenalina correu por seu corpo, apagando tudo o que havia em sua mente além daquele momento.

Vivi Ann afundou o chapéu na testa. Clem saltou para a frente, na direção do portão. Vivi Ann puxou as rédeas, contendo a égua até estarem corretamente posicionadas para o primeiro tambor.

Depois, se abaixou e soltou Clem e elas saíram, cabeças baixas, correndo pela arena, tão rápido que tudo em volta era um borrão de som e cor. Tudo o que Vivi Ann via eram os três tambores esperando-as na lama, colocados em um triângulo amarelo-vivo. Durante todo o tempo do circuito em volta dos tambores, ela foi batendo com os pés nas laterais de Clem e pedindo que a égua fosse mais rápido. Os segundos se passaram a uma velocidade assustadora, mas Vivi Ann vivenciava um tipo de câmera lenta – o modo como Clem contornou o primeiro tambor, depois o segundo e então as duas voaram para o último, escorregando sinuosamente ao seu redor e correndo de volta para a arena. Quando passaram pelo relógio, Vivi Ann puxou as rédeas devagar, levando Clem a um trote.

Ela ouviu seu tempo anunciado nos alto-falantes e sorriu, depois gargalhou.

14:09

Seria um tempo difícil de superar. Ela tentou fazer a conta de cabeça para ver se ganharia pela média, mas era difícil demais. Já havia ganhado uma das duas rodadas anteriores. Apenas algumas mulheres ainda tinham chance de superá-la, no entanto, mesmo assim era improvável. Ela havia passado muito perto de um novo recorde da arena.

– Bom trabalho, Clem – falou, inclinando-se para a frente a fim de acariciar o pescoço da égua.

Ela escorregou da sela e conduziu o animal de volta ao trailer. Dando a Clem um balde de água e um pouco de aveia com melado, tirou a sela da égua e amarrou-a na lateral do velho trailer enferrujado.

Sorrindo, praticamente correndo, ela foi para as plataformas. Algumas outras concorrentes já estavam lá, especialmente aquelas que não haviam ficado entre as quinze melhores dessa vez. Pam. Red. Amy.

– Bela corrida, Vivi – disse Holly Bruhn, andando de lado para abrir espaço.

Vivi Ann sorriu.

– Clem foi um arraso para uma velha garota, não foi?

– Com certeza. – Holly colocou a mão no isopor ao seu lado e tirou uma cerveja gelada. – Para você.

Mas só pode beber se ninguém bater o seu tempo.

– Rá! – Vivi Ann pegou a cerveja e virou-a na boca.

Holly entregou um pedaço de papel a ela.

– Isto é para você também.

Vivi Ann olhou para o folheto em sua mão. Era o tipo de coisa que já havia visto centenas de vezes na vida, talvez mais. Uma lista de eventos com prova de três tambores. A única novidade era o fato de ser uma série de fins de semana, com muito dinheiro para o ganhador no final.

– Estamos tentando uma série de inverno – disse Holly. – Agora que o celeiro está funcionando, precisamos começar a gerar alguma renda. Eu adoraria que você fosse. Chame as meninas do clube.

E lá estava: a ideia. Chegou a ela totalmente formada, uma solução tão óbvia que não conseguia imaginar por que não a enxergara antes.

– Quantas pessoas se inscreveram?

– Umas noventa até agora. Pode ver as diferentes tabelas de valor. E há divisões para crianças também. É preciso participar de quatro das oito categorias para poder ganhar prêmios, então terá que ir a todos os próximos eventos para se classificar, já que estaria começando mais tarde.

– Vocês estão dando dinheiro e prêmios?

Holly assentiu.

– Prêmios no final, dinheiro durante o processo.

– E ainda estão fazendo *team penning* e *jackpots* de laço?

– Todas as sextas-feiras. Está começando devagar... as pessoas ainda estão descobrindo a arena... mas cada semana é melhor do que a anterior.

Daquele momento em diante, Vivi Ann mal pôde pensar em outra coisa. Mesmo naquela tarde, quando pegou a sela e o dinheiro do prêmio que ganhou, estava distraída demais. Em vez de sair com as amigas e talvez dançar na estalagem local, carregou Clem no trailer e seguiu para casa. Na longa viagem de volta do Texas, enquanto Garth Brooks cantava para ela, Vivi Ann considerou a ideia sob todos os ângulos, tentando encontrar uma falha em seu raciocínio. Mas não havia nenhuma. Ela finalmente tinha conseguido a resposta de que seu pai precisava.

Ela havia tido a ideia. Aquilo a fazia sorrir quase sempre que pensava no assunto.

Ah, ela sabia o que as pessoas pensavam dela. Até mesmo suas irmãs, que a amavam, viam-na como uma decoração bonita, capaz de montar um cavalo como o vento, mas não tão boa nas questões difíceis da vida.

Agora, enfim, podia mostrar a todo mundo que era mais do que um rosto bonito. Aquele pensamento, aquela esperança a acompanharam pela solitária viagem até sua casa. Quando finalmente chegou a Water's Edge, à meia-noite de sábado, havia organizado todas as ideias e pensado em como apresentá-las à família.

Mal podia esperar. Todos ficariam tão orgulhosos dela...

Parando na área de estacionamento, desligou o motor da picape e saiu do banco do motorista, depois deu a volta e abriu a porta do trailer.

– Ei, Clemmie – disse ela, acariciando a enorme anca da égua. – Está tão cansada quanto eu, menina? Clem se virou e esfregou o focinho na lateral do corpo dela, relinchando baixinho.

Vivi Ann bateu as rédeas sobre o cabresto de náilon de Clem e tirou-a do trailer.

– Nada mais de baia para você – disse ela, conduzindo sua égua para o pasto e soltando o cabresto.

Depois de dar um tapa no traseiro dela, observou Clem sair correndo. Em segundos, o animal estava rolando na grama.

Deixando para varrer o trailer no dia seguinte, ela fechou a porta e caminhou na direção da casa, até que notou que alguém havia deixado a porta do celeiro aberta.

Ela entrou só para garantir que estava tudo bem e encontrou uma bagunça. As baias estavam imundas e vários cavalos estavam sem água.

Vivi Ann xingou baixinho e seguiu pelo caminho de terra e grama na direção do velho chalé de seus avós, que vinha sendo usado fazia anos como alojamento para os homens que eles contratavam para ajudar na fazenda. Ela bateu várias vezes e não obteve resposta, então abriu a porta.

Lá dentro, encontrou um desastre maior ainda do que a bagunça no celeiro. A pequena cozinha estava cheia de louças e panelas sujas cobertas com comida ressecada. Caixas de pizza vazias e latas de cerveja tomavam conta das mesas e havia roupas sobre o sofá e a cadeira.

Dava para ouvir um homem roncando no quarto. Ela disparou: passando pela pequena sala, empurrou a porta do quarto e acendeu a luz.

Travis estava esparramado sobre a cama de latão, dormindo de roupa. Não havia nem se dado o trabalho de tirar as botas de caubói, de modo que havia terra sujando a colcha de chenile de sua avó.

– Travis – berrou ela. – Acorde.

Ela teve que dizer o nome dele várias vezes até ele se virar e olhar para ela com olhos turvos e vermelhos.

– Ei, Vivi.

Ele passou a mão pelos cabelos bem curtos, fazendo com que ficassem espetados. Seu rosto estava muito pálido e sombras escuras circulavam seus olhos. Ela não teve dúvida de que o estava pegando no flagra depois de dois dias de bebedeira.

– As baias estão uma bagunça, Travis, e os cavalos estão sem água. Você chegou a dar comida para eles hoje?

Ele se esforçou para se sentar.

– Sinto muito. É que... Sally arrumou outro namorado.

Parecia que ele ia começar a chorar e Vivi Ann se sentou na cama ao lado dele, incapaz de ficar brava. Travis e Sally eram apaixonados desde a época da escola.

– Talvez você dê um jeito – disse ela.

– Acho que não. Ela simplesmente... não me ama mais.

Vivi Ann não sabia o que dizer. Ela não conhecia o tipo de amor que deixava a pessoa daquele jeito, mas acreditava nele.

– Nós somos jovens, Travis. Você vai encontrar alguém.

– Ter 25 não é ser jovem, Vivi. E eu não quero outra pessoa. O que vou fazer?

O coração de Vivi Ann ficou apertado por ele. Sabia o que deveria fazer naquele momento, o que seu pai ou Winona fariam, mas ela não era daquele jeito. Não conseguia simplesmente dizer para ele engolir aquilo tudo e voltar ao trabalho. Havia aprendido desde cedo na vida que um coração partido precisava ser tratado com cuidado. Era uma lição que toda menina sem mãe sabia.

– Eu vou dar comida e água hoje, mas quero que limpe todas as baias amanhã, está bem? Tem serragem nova no telheiro. Posso contar com você?

– Claro, Vivi – respondeu o homem, já escorregando para baixo para voltar a dormir. – Obrigado.

Ela sabia que não poderia contar com ele, mas o que mais poderia fazer? Com um suspiro, saiu do chalé, apagando as luzes. Quando voltava para o celeiro, combatendo a onda de exaustão que estava tentando derrubá-la, começou a chover.

– Perfeito.

Levantando a gola da jaqueta, ela abaixou a cabeça e correu o resto do caminho.



No primeiro domingo de cada mês, a família Grey caminhava até a igreja. Era uma tradição iniciada havia muitas gerações. Na época era uma necessidade, uma resposta às estradas invernais transformadas em pântanos lamacentos pela chuva. Agora, era por opção. Fizesse chuva ou sol, eles se reuniam na casa da fazenda no meio da manhã e partiam para a cidade. Era importante para seu pai, até mesmo crucial, que os Greys fossem respeitados na cidade, que sua contribuição para a criação de Oyster Shores fosse lembrada. Então, iam andando para a igreja uma vez por mês para lembrar às pessoas que a família havia estado lá quando carroças não conseguiam passar por estradas cobertas de serragem.

No primeiro domingo de fevereiro, Vivi Ann acordou uma hora mais cedo para alimentar os cavalos, de modo que o pai não notasse o recente colapso de Travis. Naquele dia, em especial, não o queria reclamando de suas habilidades de contratação de empregados – ou da falta delas.

Não quando ela o surpreenderia com seu plano perfeito.

Ao terminar as tarefas, voltou para casa, tomou banho e se arrumou para a igreja. Quando desceu, vestindo saia branca de *laise*, blusa com um cinto largo e suas botas de caubói boas, a família toda já estava na varanda.

Aurora e Richard estavam lá também, tentando impedir que os gêmeos quebrassem alguma coisa enquanto Winona se apoiava na grade da varanda, olhando para os lindos sinos de vento de madeira e vidro que sua mãe havia feito.

O pai saiu no pátio e verificou o clima, como sempre.

– Vamos.

Eles entraram em formação, com o pai pelo menos três metros na frente. Richard e as crianças tentavam acompanhá-lo. As meninas vinham juntas atrás, andando lado a lado, como fizeram a vida toda.

– Vejo que o papai está ditando o ritmo da marcha, como de costume – comentou Winona.

– Nunca vou entender por que tenho que dirigir até a fazenda para ir andando até a igreja – disse Aurora. Era uma variação da reclamação que fazia todo mês. – Como foi o rodeio?

– Ótimo. Ganhei uma sela e 1,5 mil dólares.

– Que bom – afirmou Winona. – Só Deus sabe como este lugar poderia se beneficiar de algum dinheiro.

Vivi Ann sorriu novamente, imaginando mais uma vez seu triunfo quando revelasse seu plano para ganhar dinheiro. Pela primeira vez, Winona veria como sua irmã mais nova era inteligente.

– Alguma coisa interessante aconteceu enquanto eu estava fora?

Houve uma pausa quase imperceptível. Então Aurora contou:

– Luke Connelly voltou para a cidade.

– O menino da fazenda vizinha? Ele não estudou com vocês? O que está fazendo aqui?

– Ele é veterinário – respondeu Aurora. – Winona...

– Está ajudando ele – interrompeu Winona.

Vivi Ann franziu a testa; algo parecia estranho. Era como se suas irmãs soubessem de algo que ela não sabia. Ela alternou o olhar de uma para a outra e deu de ombros. Tinha muita coisa na cabeça para atentar-se às nuances em busca da verdade.

– Eu não me lembro muito bem dele. É bonito?

– Eu sabia que você ia perguntar isso – comentou Winona com rispidez.

Pelo resto do caminho, mantiveram um fluxo constante de conversa. Mais de uma vez, Vivi Ann quis simplesmente contar sua ideia, mas em uma rara demonstração de autocontrole, esperou.

Depois da cerimônia, circularam entre amigos e vizinhos, reunindo-se no porão para tomar café e comer bolinhos, como sempre. O retorno de Luke Connelly era o assunto da conversa. Seu reaparecimento inesperado trouxe à tona histórias dos velhos tempos, quando a mãe de Vivi Ann e a mãe de Luke eram as garotas mais bonitas da cidade. Normalmente, Vivi Ann teria escutado as histórias com avidez – qualquer menção a sua mãe era especial –, mas hoje ela tinha muita coisa na cabeça para relaxar e desfrutar das conversas, e como Luke não estava na igreja, ela perdeu o interesse por ele rapidamente.

Um pouco mais cedo do que o normal, ela reuniu a família e encorajou o grupo a voltar para casa.

– Antes que chova – explicou ela, o que foi suficiente.

Eles já haviam voltado para casa na chuva muitas vezes e sabiam que não era divertido.

De volta à formação, caminharam pela cidade e viraram na entrada da fazenda. Dos dois lados havia pastos bem verdes, delimitados por cercas. No fim da estrada, ficava sua linda casa amarela, com a varanda branca que rodeava a construção. Atrás dela, o canal, o céu e as montanhas distantes se encontravam obscurecidos pela névoa cinzenta.

Clementine relinchou quando se aproximaram e galopou na direção deles.

Vivi Ann levantou a saia de *laise* e passou pelo meio da cerca.

– De novo não – resmungou Winona atrás dela.

Rindo, Vivi Ann subiu nas costas largas de Clem. Sem rédeas ou cabeçada, ela tecnicamente não tinha nenhum controle sobre a égua, mas sua fé em Clem era absoluta. Ela bateu com as pernas nas laterais do animal e a égua disparou, correndo pelo pasto na direção da casa. Vivi Ann se inclinou para a frente, segurando na crina dela. Seus olhos se encheram de água devido à velocidade; seus cabelos batiam no rosto.

Ela amava isso. A qualquer segundo, Clem poderia derrubá-la, parar de repente ou mudar de direção com tanta rapidez que ela não conseguiria se segurar.

Quando chegaram perto da casa, ela sussurrou:

– Eia, menina. Eia. – E acariciou o pescoço macio de Clem.

Vivi Ann já estava na varanda para receber a família quando todos finalmente chegaram.

– Está bem longe de ser um modelo de comportamento – comentou Aurora. – Espero que pare com isso quando Janie começar a fazer aulas.

– Ela já deveria estar fazendo aulas – afirmou Vivi Ann. – Tínhamos 3 anos quando a mamãe começou a nos ensinar, lembra?

– Você tinha 3 anos – corrigiu Aurora. – Eu tinha 5 e Winona...

– Não vamos falar de Winona e cavalos – disse Winona.

Rindo, as três entraram na casa e seguiram diretamente para suas posições: Vivi Ann no comando, Winona cuidando da preparação que lhe pediam – normalmente picando legumes e fazendo a salada –, enquanto Aurora arrumava a mesa. As crianças subiram para ver vídeos e o pai delas e Richard estavam em silêncio na sala, tomando cerveja e assistindo ao esporte que estivesse passando.

Durante as duas horas seguintes, as meninas conversaram, brincaram e riram enquanto preparavam a refeição. Quando o cozido ficou pronto, já tinham acabado com uma garrafa de chardonnay e aberto outra.

A refeição de domingo teve início como de costume, com o pai conduzindo a oração. Imediatamente depois, a conversação livre começou. Vivi Ann tentou esperar uma brecha natural na conversa para lançar sua ideia, mas agora que estava sentada, não conseguia esperar mais. Seu entusiasmo era muito grande.

Ela simplesmente disparou:

– Estive pensando em uma coisa. Um modo de o rancho ganhar dinheiro.

Todos ergueram o olhar.

Winona franziu a testa. Estava no meio de uma história, mas aparentemente Vivi Ann nem havia reparado.

– No Texas, passei bastante tempo com Holly e Gerald Bruhn. Eles acabaram de construir aquela grande arena perto do rio Hood, lembram? Bem, Holly está organizando uma série de provas de três tambores de inverno. Oito semanas, todos os sábados. Estão dando dinheiro e prêmios.

– Você sempre ganha essas coisas – disse Aurora.

– Não – interrompeu Vivi Ann. – Você não entendeu. Quero organizar uma série aqui em Water's Edge.

O pai deu de ombros.

– Pode dar certo.

Vivi Ann sorriu com o apoio.

– Se funcionar, podemos expandir para *team pennings* e provas de laço. Holly disse que na semana passada eles receberam mais de quatrocentas equipes no *jackpot* de laço.

Ela agora tinha a atenção do pai.

– Isso custa dinheiro.

– Eu dei uma olhada. Provavelmente daria para fazer com 100 mil dólares.

Winona riu.

– Só isso?

Vivi Ann ficou surpresa e um pouco magoada com aquilo.

– Podíamos pedir um empréstimo. Hipotecar a propriedade.

Aquilo calou a todos.

– Nunca tivemos uma hipoteca – afirmou o pai.

– Os tempos estão mudando, pai – disse Vivi Ann. – Eu realmente acho que poderíamos ter bons resultados. Só precisamos de alguns novinhos, um tratador, um trator novo e...

Winona não estava sorrindo.

– Você está brincando, não está?

– Só Deus sabe como estou cansado de colocar ferraduras em cavalos o dia todo e me preocupar com impostos – disse o pai. – E agora que Luke Connelly voltou, a gente poderia usar o terreno dele.

Poderíamos manter os novinhos lá, assim não precisaríamos de um trailer maior.

Winona fez questão de revirar os olhos de maneira bem enfática.

– Mas se não conseguir fazer um pagamento da hipoteca, perde sua propriedade. Sabe disso, não sabe?

– Eu não sou burro.

– Não sugeri que fosse – explicou Winona. – Mas é loucura. Você não pode...

– Vai me dizer o que fazer de novo, Winona? – perguntou ele.

Com isso, levantou-se da mesa, foi para o escritório e fechou a porta.

Vivi Ann se virou para Winona.

– Sua megera. Só está brava porque a ideia não foi *sua*. A senhorita espertalhona não conseguiu pensar em merda nenhuma.

– E o que acontece se você não fizer isso direito, Vivi? O que acontece se ninguém vier e o papai tiver que arranjar mil dólares por mês para cobrir a tal hipoteca? Vai ficar ao lado dele e vê-lo perder este lugar? É tudo o que ele tem.

– E se ele já estiver perdendo? – indagou Vivi Ann, determinada a manter sua posição.

– É exatamente como aconteceu com a Clem – resmungou Winona, e Vivi Ann não tinha ideia do que a irmã quis dizer com aquilo.

– Você está com ciúme porque eu tive a ideia – disse Vivi Ann.

– É, estou com ciúme do seu intelecto – rebateu Winona.

– Parem com isso, vocês duas – disse Aurora. Brigar não vai ajudar em nada. – Ela olhou de uma para a outra. – É uma boa ideia. A gente pode pensar em como fazer funcionar?

TRÊS



Nas últimas 24 horas, Vivi Ann havia preenchido um caderno de espiral com ideias. Não importava que seu pai ainda não tivesse concordado. Ela não tinha dúvida de que ele aprovaria seu modo de pensar. E Winona também, assim que parasse de fazer cara feia e de implicar com o fato de a ideia não ter sido dela.

– Vivi Ann? Está prestando atenção?

Ela tirou os olhos das anotações.

Dez rostos ávidos olhavam para ela. As meninas do clube equestre estavam sentadas na sala – no sofá xadrez azul e amarelo, ao lado da mesa de centro feita de roda de carroça, em grupos no velho piso de carvalho. As idades variavam de 9 a 16 anos e elas tinham uma paixão singular em comum: cavalos.

Durante a hora seguinte, as meninas falaram de seus cavalos, da feira e do treinamento para a prova de três tambores que Vivi Ann daria na semana seguinte. Ainda estavam falando, rindo e bombardeando-a com perguntas quando Vivi Ann escutou o primeiro carro chegar. Faróis iluminaram a janela da cozinha e se apagaram.

– Ah, não – choramingou alguém quando soou a campainha. – Nossas mães já chegaram para nos pegar. Diga a elas que ainda estamos trabalhando, Vivi Ann.

Ela foi até a porta e a abriu, surpreendendo-se ao deparar com um estranho na varanda da frente. Ele era alto e magro, com cabelos bonitos e precisamente penteados. Era lindo de uma maneira engomadinha; ou talvez ela tenha tido essa impressão por causa de sua camisa polo amarela e sua calça cáqui com pregas.

– Posso ajudar? – perguntou ela, esforçando-se para se sobrepor ao barulho das garotas na sala.

Ele a puxou para seus braços e deu um abraço de urso tão apertado quanto surpreendente em Vivi Ann. Tudo fez sentido quando ele disse:

– Você não se lembra de mim, lembra?

– Luke Connelly – respondeu ela quando ele a soltou. – De volta dos confins de Montana.

Ele sorriu.

– Sabia que descobriria se eu abraçasse você.

Ela não sabia muito bem o que dizer. Tinha alguma coisa a respeito dos dois da qual ele se lembrava e ela havia esquecido?

– É bom ver você de novo.

– Igualmente. – Ele olhou atrás dela e viu a casa cheia de meninas rindo. – Por que eu acho que seu

pai não está em casa?

– Infelizmente para você, ele saiu, mas as meninas do clube equestre *adorariam* que um veterinário de verdade conversasse com elas. – Ela se virou. – Não é, meninas?

Um coro de aprovação respondeu à pergunta dela.

Luke se entrosou facilmente com o grupo, encantando a todas enquanto falava com elas sobre compleição e sua importância ao escolher um cavalo. Ele respondeu pacientemente às perguntas até que as mães das meninas começaram a chegar.

Às nove da noite, quando a casa estava em silêncio novamente, Vivi Ann pegou duas cervejas na geladeira e entregou uma a ele, dizendo:

– Você levou tudo numa boa.

– Elas tratam você como uma estrela do rock.

– Eu sei. Não é ótimo?

Eles se sentaram no sofá e colocaram os pés sobre a mesa de centro. Um pedaço de lenha estalou na lareira e bateu na grade, fazendo voar uma chuva de faíscas.

– Você não se lembra de mim de verdade, não é? – perguntou ele. – Eu acenei para você no posto de gasolina na semana passada e você não acenou de volta.

– Eu me lembro de você, é claro, mas não me *lembro* de você. Você era o garoto que morava na casa do lado, o filho da melhor amiga da minha mãe. Eu estava ocupada demais com os cavalos para passar algum tempo com você. Você se mudou quando eu tinha o quê, 14 anos?

– Mais ou menos isso. Só o que me lembro a seu respeito é que, sempre que a via, estava montada naquele seu pequeno pônei galês, correndo como o vento. E mais tarde... era na égua quarto de milha da sua mãe.

– Ainda passo a maior parte do meu tempo montada na Clem, tentando atingir a velocidade do som.

– Nunca saiu para estudar como suas irmãs?

Ela riu.

– Ah, eu saí. Só que voltei logo. Muita cerveja e muitos garotos para poucos livros. Além disso, meu pai precisava de mim.

Ele tomou um gole de cerveja.

– Minha mãe imaginou que você estaria aqui; ela até adivinhou que seria a líder do clube equestre.

– Como ela poderia saber disso?

– Ela disse que você era igualzinha a Donna. Toda coração.

– É bom ouvir isso. Não me lembro tanto da minha mãe quanto gostaria. O que você quer falar com meu pai?

– Henry deixou uma mensagem dizendo que queria conversar comigo sobre usar meu pasto. Sabe do que se trata?

Vivi Ann explicou sua ideia sobre o futuro de Water's Edge, da primeira série de provas de três tambores até suas esperanças de promover *jackpots* de laço em dupla, depois esperou a resposta dele.

– O que é exatamente um *jackpot*?

– É como se fosse um rodeio só com um evento, e as equipes têm mais chances de competir. São várias rodadas, e os competidores podem se agrupar em diferentes combinações. Cinquenta caras podem formar umas duzentas equipes ou mais. Isso dá a todo mundo mais chances de ganhar.

– Parece uma boa ideia.

– Acho que é, se a gente conseguir organizar tudo. Vamos precisar de algum dinheiro, que na verdade meu pai não tem. Terei uma chance de testar com a série de provas de três tambores.

– Bem, eu sou um veterinário novo na cidade. Poderia me beneficiar com um pouco de publicidade, então que tal se eu doasse serviços de veterinária grátis para o vencedor? No valor de 150 paus.

Vivi Ann não havia pensado em patrocínio, mas agora que ele dissera aquilo, achou que a ideia era boa. Ela poderia arrumar vale-presentes de todos os tipos de vendedores locais para complementar seus prêmios. A mercearia, a loja de arreios, o sapateiro.

– Eu diria que é uma ideia que vale um sorvete. Venha.

Ela pegou na mão dele e conduziu Luke até a cozinha.

– Sorvete com cerveja? Isso combina?

– Sorvete combina com tudo. E graças a Winona, temos todos os sabores.

Ela abriu o congelador, revelando pelo menos sete potes.

Ele avaliou todos.

– Chocolate com cereja.

– Perfeito.

Ela pegou o sabor dele e o dela e serviu em duas tigelas. Então voltaram para a sala.

– Eu estava certo. A cerveja ficou horrível agora.

Ela sorriu para ele.

– Não se preocupe. O sorvete não vai durar muito.

– Toma outra cerveja comigo?

– Não tenha nem dúvida, doutor.



Durante a semana toda, enquanto atendia clientes e lia contratos, Winona ficou pensando no futuro de Water's Edge. Por mais que quisesse descartar a ideia de Vivi Ann, não podia. No entanto, tampouco podia aceitá-la, e além de toda essa indecisão havia o irritante fato de que *ela* não havia tido aquela ideia. Em muitos aspectos, deveria ter sido óbvio. Finalmente, às oito da noite, ela desistiu e dirigiu até o rancho.

Após bater uma vez, ela entrou na casa silenciosa. Havia uma luz acesa na cozinha; outra, na sala, iluminava o sofá xadrez e a mesa de centro de roda de carroça. Ela seguiu em frente, cruzou o piso de carvalho cor de mel e pisou no velho tapete oval azul que sempre estivera naquele cômodo.

– Pai?

Ouviu um tilintar de gelo e o viu em seu escritório, olhando fixamente através do quintal para o canal ao fundo. Esperava encontrá-lo ali; era onde sempre ficava quando estava infeliz. Durante todo o primeiro ano após a morte de sua mãe, ele praticamente criara raízes naquele lugar. Somente Vivi Ann, que nunca teve medo de pegar em sua mão e puxá-lo, conseguia fazê-lo se mexer.

– Pai?

Ele tomou um gole de seu uísque e, sem se virar, perguntou:

– Veio aqui para me dizer o que fazer com minhas terras?

Naquele instante, ela soube como seria a conversa. Ele já estava convencido e escolhera a ideia de Vivi Ann – mais uma vez. Grande surpresa. Agora Winona ou fazia parte daquilo ou seria deixada de lado. Era uma decisão fácil.

– Eu tenho dinheiro no banco. Deve bastar para os novilhos e um trator maior. Os bretes não custam muito caro. É praticamente só o material. Temos muitos amigos que ficariam felizes em nos ajudar a construí-los.

Ele se virou lentamente para ela.

– Quer que eu aceite seu dinheiro?

Ela não sabia dizer se o havia tocado ou ofendido. Talvez os dois.

– Water’s Edge é de todos nós, pai.

Ela esperou que ele respondesse, dissesse alguma coisa, qualquer coisa, mas ele só ficou ali parado. Era uma das milhares de vezes em sua vida em que gostaria de conhecê-lo melhor.

– Em último caso, eu posso ajudar. Posso cuidar das finanças, pagar as contas. E eu faço as contratações. Vivi Ann faz as piores escolhas que eu já vi. Aquele Travis Kitt é uma piada... e as pessoas na cidade estão comentando como foi estúpido contratá-lo.

– É o que estão falando?

Winona confirmou com a cabeça.

– Sobre o dinheiro...

Ele olhou feio para ela; havia algo por trás de seus olhos, uma escuridão que podia significar qualquer coisa – arrependimento, tristeza, raiva. Ela não sabia, nunca soube, como interpretar as expressões em seu rosto. Era algo que sua mãe teria feito: definido seu pai para elas, colocando-o em algum contexto. Sem essa lição, todas elas foram deixadas às cegas, principalmente Winona. Não conseguiu evitar: a preocupação fez seu estômago se contrair. Ela não conseguia deixar de pensar que oferecer seu dinheiro a ele não havia sido uma decisão acertada.

– Eu não vou pegar dinheiro da minha filha.

– Mas...

– Vá falar com Luke. Ele vai nos deixar manter os novilhos em suas terras. Veja quanto ele quer nos cobrar. E contrate alguém que fique. Certifique-se que ele saiba como lidar com os cavalos.

Antes que ela conseguisse dar uma resposta, ele a estava deixando, simplesmente indo embora.

Ele nem havia agradecido a oferta.



Uma semana depois, em um dia frio e nublado, Winona assumiu seu lugar na cabeceira da mesa da sala de jantar, sentando-se na cadeira que pertencia à sua mãe. Aurora se sentou do lado esquerdo da mesa e Vivi Ann ficou do lado direito.

O pai se sentou na outra ponta, com o rosto ainda sujo do dia de trabalho, cabelos úmidos e achatados na testa pelo chapéu que agora estava pendurado em um gancho perto da porta da frente. Somente alguém como Winona, que havia criado o hábito de analisar seu rosto em busca da menor alteração de emoção, teria notado a intensidade de seu olhar. Ela não tinha certeza de que ele queria mesmo seguir em frente com o plano de Vivi Ann, mas já havia tornado públicas as novidades e era turrão, então não tinha mais

volta. Winona agora só podia usar o máximo de sua habilidade para proteger a ele e às terras.

– Certo – disse ela. – Já analisei todos os documentos do empréstimo e as finanças. A boa notícia é que não vai custar tanto para começar quanto pensamos no início. De modo geral, deve bastar pedirmos 50 mil dólares emprestados. – Ela passou os documentos para o pai. – A garantia do empréstimo é esta propriedade. Se os pagamentos mensais não forem feitos na data certa, o banco tem o direito de protestar a nota promissória, exigir o pagamento total e, se o pagamento não for feito, dar início aos procedimentos de execução da hipoteca.

Ninguém falou, então Winona empurrou outro pedaço de papel na direção dele.

– Isso é o que você e Vivi Ann terão que gerar de receita para fechar as contas todo mês. Se quiserem, posso atuar como gerente financeiro durante mais ou menos o primeiro ano. Pagar as contas, analisar as despesas. Essas coisas. E, é claro, vou contratar um peão em tempo integral para ajudar por aqui. – Ela olhou incisivamente para Vivi Ann, depois para o pai. – Vou dar um jeito de garantir que ele fique bastante tempo.

– Graças a Deus – disse Vivi Ann, rindo. – Todos sabemos que eu sou péssima para contratar.

O pai resmungou algo ininteligível e se levantou da mesa. Sem olhar para trás, foi para o escritório e fechou a porta.

Winona ficou lá sentada, irritada por mais uma vez ter se permitido esperar alguma coisa dele. Gratidão, no mínimo.

– Não se preocupe com o papai – comentou Aurora. – Você fez um ótimo trabalho. Nós estamos vendo, não estamos, Vivi?

– Um trabalho excelente. Sério – concordou Vivi Ann. – Ele só está com medo. Eu diria que devemos comemorar com um pouco de sorvete.

Ela se levantou e correu para a cozinha. Pegando seu sabor preferido, foi para a varanda.

Winona e Aurora seguiram a irmã. Aurora pegou seu sabor predileto – creme com amêndoas – e duas colheres.

O sabor preferido de Winona não estava lá, então ela levou um pote de chocolate com marshmallow para a varanda e ficou com as irmãs. Elas já haviam feito isso dezenas de vezes no decorrer dos anos, reunir-se na varanda para tomar sorvete e conversar.

– Ei, quem comeu meu sorvete de chocolate com cereja? – perguntou ela.

– Luke Connelly passou por aqui – respondeu Vivi Ann. – Eu nem o reconheci. Ele está tão diferente... Muito mais bonitinho do que eu me lembrava.

Aurora lançou um olhar penetrante a Winona.

– O que ele queria? – perguntou Winona, esperando parecer casual.

– Falar com o papai. O pobrezinho chegou durante minha reunião do clube equestre, então o obriguei a conversar com as meninas. Mas ele levou numa boa. – Vivi Ann tomou mais um pouco de sorvete e disse: – Ele me convidou para sair.

Winona sabia que deveria ficar quieta e fingir que não estava magoada. Era o que sempre fazia perto de Vivi Ann, mas dessa vez não conseguiu lidar com o fingimento.

– Eu preciso ir. Tenho um dia cheio no trabalho amanhã... muita papelada para ouvir. Ler. Eu quis dizer ler.

– Eu também – disse Aurora.

Ela passou o braço em volta de Winona e conduziu-a pelos degraus da varanda na direção dos carros. Se Vivi Ann notou algo estranho no comportamento delas, não falou nada; em vez disso, berrou um adeus e levou os potes de sorvete de volta para casa.

Assim que a porta se fechou, Aurora se virou para Winona.

– Você vai contar para ela ou eu conto?

– Contar o quê?

– Não insulte minha inteligência. Você precisa dizer a Vivi Ann que está interessada no Luke.

– E parecer ainda mais patética? Não, obrigada. Eu *sabia* que ele não iria me querer. Por que me deixei pensar o contrário? Quem vai querer a garota gorda quando tem uma Michelle Pfeiffer bem ali?

– Conte a Vivi Ann. Ela vai cancelar o encontro e nunca mais vai marcar outro.

Winona quase podia sentir o gosto da humilhação daquela conversa; seria amargo e azedo ao mesmo tempo, como um limão passado.

– De jeito nenhum. Além disso, Vivi Ann descarta homens como eu descarto anotações em Post-its. Luke é quieto demais para ela; você sabe que ela gosta de homens mais selvagens. Não vai durar muito.

– Você não pode contar com isso. Precisa falar para ela.

– Não. E você tem que prometer que não vai falar nada. Eu ficaria muito humilhada se Luke soubesse o que eu sinto. Obviamente ele não sente o mesmo. – Ao ver o olhar nada convencido de Aurora, Winona disse: – Prometa.

Ela sabia que Aurora levava promessas a sério e que quando prometia alguma coisa, cumpria.

– Eu não vou falar nada. A vida é sua e você é adulta... mas está cometendo um erro enorme. Você sempre teve implicância com a Vivi. Isso pode se transformar em algo muito maior. E não é justo, porque ela nem desconfia. Ela nunca a magoaria se soubesse.

– Prometa.

– Estou com um mau pressentimento sobre isso, Win.

– Prometa.

– Ai, que droga. Eu prometo. E não vou dizer mais nada sobre esse assunto. Exceto que tenho um mau pressentimento. Você está cometendo um erro.

– Graças a Deus você não disse nada – afirmou Winona, de cara feia. – Agora vamos para casa.



No fim de fevereiro e em março, a chuva atacou Oyster Shores. A lama escorreu pelos pastos onde ficavam os cavalos e empoçou em pântanos marrons. Riachos prateados se formaram durante a noite, correndo em valas de ambos os lados da passagem. Os pobres açafrões roxos que ousaram brotar na lama logo foram levados pela chuva.

O clima combinava com o humor de Winona. Não perfeitamente, é claro. Um reflexo preciso de suas emoções teria sido um monte de nuvens cor de carvão carregadas, reunindo-se para formar uma tempestade, mas ainda assim aquilo espelhava seu sentimento. Tanto que em abril, quando o céu deu uma trégua por alguns momentos e o sol pálido e desbotado saiu de seu esconderijo, ela se pegou sentindo falta da chuva. O sol dourado a irritava.

As belas ameixeiras na Viewcrest estavam florescendo e por todo o jardim ela via sinais de vida

nova. O início verde-aveludado de tulipas, os primeiros brotos de limão nos galhos das árvores, uma fileira de narcisos amarelos. Era um lembrete diário de que as estações estavam mudando, de que o inverno cinzento abria espaço para uma primavera viva e brilhante. Normalmente Winona amava essa estação, quando botões cor-de-rosa flutuavam em seu jardim como pedaços de algodão-doce, cobrindo o chão, mas esse ano o tempo não era seu amigo. Esse ano era medido pelos dias que Vivi Ann passava com Luke.

Eles já estavam juntos havia quase três meses e às vezes, quando Winona estava em sua cama solitária à noite, ela se via contando os dias que Vivi Ann tinha lhe roubado. As noites de sábado na taverna Outlaw, dançando com Luke; domingos de manhã depois da igreja; noites em casa, enquanto seu pai estava lá. Winona não era burra, nem doente mental. Ela sabia que esses momentos imaginados nunca pertenceram a ela, que Vivi Ann na verdade não havia roubado nada, mas ainda assim ela se sentia traída. Todo dia acordava pensando: *é hoje que ela termina com ele*, e imaginava cenas do que aconteceria em seguida: como Winona o consolaria, seguraria sua mão e deixaria que ele falasse; como ele finalmente iria até ela, veria a verdade e seria salvo por ela.

E todas as noites ia para a cama sozinha, pensando: *amanhã, então*.

Uma certeza profunda mantinha Winona seguindo em frente: Vivi Ann não amava Luke. Para sua linda e impulsiva irmã, namorá-lo era um divertimento, uma forma de passar o tempo.

Tudo o que Winona precisava fazer era continuar escondendo seus sentimentos e esperar pelo inevitável rompimento.

No sábado à noite, ela se vestiu para o último evento da série de provas de três tambores: jeans pretos, uma túnica longa branca, camadas de colares de pedras coloridas e botas de caubói pretas. Enrolando o cabelo e passando spray fixador, ela colocou bastante maquiagem e dirigiu até o rancho.

O caminho estava cheio de picapes e trailers. Uma luz amarela escapava pela abertura do celeiro; ela podia ver sombras se mexendo através da luz, interrompendo o feixe. A última rodada das provas de três tambores de Vivi Ann parecia ser um sucesso.

Achando uma abertura, ela foi até o celeiro e olhou lá dentro. Os novos bretes de madeira e o corredor de retorno ocupavam uma parede da arena e a cabine suspensa dos anunciantes estava quase toda cheia. Na arena, havia pelo menos 22 garotas e mulheres montadas em cavalos. Uma estava correndo em volta dos primeiros três tambores amarelos, a amazona inclinada para a frente, chutando muito, gritando *Ra!* bem alto; as outras deviam estar esperando sua vez.

E Vivi Ann estava no meio disso tudo, a beldade loura a conduzir aquela insanidade. As mulheres e garotas prestavam atenção em todas as suas palavras, tratando-a como uma estrela de cinema porque ela sabia como fazer um cavalo correr em volta de três tambores em menos de catorze segundos.

Vivi Ann viu Winona e acenou.

Winona acenou de volta, mas estava mesmo procurando Luke. Certa de que ele não estava na arena, ela caminhou até a casa e entrou gritando:

– Ei, pai!

– Estou no escritório – respondeu Luke.

Sorrindo, ela foi até ele.

– Olá – disse ele, levantando-se automaticamente. – Seu pai acabou de sair.

Ela deu um grande sorriso. *Ainda bem*.

– Tudo bem. Eu passei para pegar as contas.

– É muito tarde para estar trabalhando – comentou Luke. – E é sábado à noite. O que acha de tomarmos uma cerveja?

– Quer ir até a Outlaw?

– Eu falei para Vivi Ann que estaria aqui quando ela terminasse. Que tal irmos para a varanda dos fundos da família Grey?

– É claro – respondeu ela, forçando o sorriso para que continuasse firme.

Ela pegou as cervejas e um casaco mais quente e seguiu Luke até lá fora. Nesta noite de fim de abril, o ar era frio, mas não gelado, e revigorante como uma folha nova de papel que aguarda para ser escrita. Lá embaixo, na antepara, a maré alta batia contra o cimento e espirrava, molhando a grama. Ao longo das desgastadas cercas brancas, uma coleção de conchas em fileira fez com que ela se lembrasse das buscas que promoviam na praia quando crianças.

Eles se sentaram lado a lado com a descontração de amigos de infância, falando sobre como seu dia tinha sido. Luke contou a ela a respeito do potro que ajudara a nascer e do ferimento que suturara; ela relatou uma história engraçada de um cliente que queria comprar um filhote de lobo para o filho e não entendia por que um animal que vivia nas redondezas podia ser considerado exótico e, por isso, proibido na cidade.

Quanto mais eles conversavam, mais Winona sentia o aperto em seu estômago se afrouxar. Quando ela estava com ele, era mais fácil acreditar que poderia haver um futuro para os dois. Até sua amargura em relação a Vivi Ann se suavizava até chegar a proporções controláveis. Na presença dele, ela era como uma barra de manteiga no calor, lentamente perdendo a forma.

– Você disse que voltou para casa porque estava impaciente – disse Winona, um pouco hesitante. Ela não queria investigar tão a fundo, mas estava atormentada pelo desejo de saber tudo sobre ele. – O que está procurando?

Ele deu de ombros.

– Minha irmã diz que eu sou muito romântico. Que isso ainda vai me matar. Eu não sei. Só queria algo mais. E durante a minha vida inteira ouvi histórias sobre meu pai, sobre como ele limpou estas terras com as próprias mãos e fundou este lugar. Gostaria de fazer algo assim.

– Eu quase não me lembro do seu pai – disse Winona. – Exceto que era enorme e tinha a voz de um urso-pardo. Ele costumava me assustar quando gritava.

Luke apoiou as costas.

– Eu já contei que parei de falar quando ele morreu?

– Não.

– Durante um ano. Na terceira série. Eu sabia que todos estavam assustados, minha mãe ficava me levando a médicos para fazer exames e chorava o tempo todo, mas eu simplesmente não conseguia encontrar minha voz.

– O que aconteceu?

– Superei, eu acho. Um dia, simplesmente olhei para minha mãe do outro lado da mesa de jantar e disse: “Passe as batatas, por favor.”

Ela olhou para ele, lembrando-se de como era perder um dos pais. Aquilo a fez sofrer pelo garotinho que ele foi e ela quis estender o braço e tocar nele, talvez dizer como eram parecidos. Em vez disso,

olhou para o outro lado antes que ele reconhecesse o desejo em seu olhar.

– O que Vivi Ann disse quando você contou a ela sobre seu pai?

– Ah, Vivi e eu não falamos sobre essas coisas – falou Luke.

– Por que não?

– Você conhece a Vivi Ann. Ela só quer se divertir. É o que eu amo nela. Já tem muita gente séria no mundo.

Winona sentiu como se ele a derrubasse, mesmo que aquela não tivesse sido a intenção. Ali estava ela, bem a seu lado, ouvindo seus segredos, e ele ainda não a enxergava.

Os homens só se importam com a beleza física. Seu erro havia sido esperar mais dele.

– Posso contar um segredo? – perguntou ele.

Ela não conseguia sorrir. A ironia daquilo tudo a incomodava.

– É claro. Segredos sempre estão seguros com uma advogada.

Ele enfiou a mão no bolso do casaco e tirou uma caixinha azul.

Winona não soube ao certo como se movimentou, como esticou o braço e pegou o objeto da mão dele. Seu coração estava batendo tão alto que ela não conseguia mais ouvir o barulho da maré. Lentamente, abriu a tampa e viu um anel de diamantes lá dentro. A luz da lua refletiu nele, fazendo-o brilhar como uma pequena estrela contra o veludo azul. Por um terrível instante, ela achou que fosse passar mal.

– Eu vou pedir a mão dela em casamento – explicou ele.

– Mas... faz apenas três meses...

– Estou com 28 anos, Win. Tenho idade suficiente para saber o que eu quero.

Algo dentro dela estava morrendo e transformando-se lentamente em cinzas.

– E você quer Vivi Ann.

Será que ele ouviu a fragilidade em sua voz? Ela não sabia, não se importava.

– Como poderia não querer?

Winona não tinha resposta para isso. Tudo acontecia com muita facilidade para Vivi Ann; principalmente o amor.

– Diga que está feliz por mim, Win – pediu ele.

Ela olhou fixamente para ele e mentiu.

QUATRO



Na noite do banquete para entrega dos prêmios da prova de três tambores, Vivi Ann analisou seu trabalho com olhar crítico.

O salão principal do Eagles Hall havia sido decorado de cima a baixo. Ela pendurara fitas no teto e cobrira todas as mesas com toalhas de um xadrez vermelho e branco alugadas. Uma mesa tinha sido colocada na parte da frente do salão, com um púlpito e um microfone no centro. Lindos arranjos de flores de primavera – doados por um florista local – davam um visual festivo a cada uma das mesas. Nas paredes, dezenas de pôsteres com fotografias dos participantes da série de provas de três tambores. No fundo do salão, grandes alto-falantes haviam sido montados. O lugar estava silencioso, mas logo seria tomado por músicas dançantes.

– O que acha? – perguntou Vivi Ann a Aurora, que tinha passado a maior parte do dia trabalhando com ela para organizar o evento.

Do lado de fora, o clima havia cooperado: um dia claro e ensolarado de fim de abril, sem chuva ou nuvens à vista.

– É o melhor que dá para fazer com este lugar velho – respondeu ela.

Vivi Ann também achava.

– A Mae vai trazer a comida do jantar em uma hora.

Aurora largou o martelo e foi até Vivi Ann, passando um braço em volta dela.

– Você fez um ótimo trabalho, Vivi. A série foi um sucesso e esse banquete vai mesmo dar o que falar.

– Espero que as meninas tragam os pais. A primeira prova de laço em dupla será em duas semanas.

Quero que a maioria dos caras se inscreva o quanto antes.

– Não dá pra ir a nenhum lugar da cidade sem encontrar um panfleto. Os laçadores virão.

– É bom mesmo. A prova de três tambores foi um bom começo, não custou muito caro, mas se a de laço não funcionar, vou me dar mal.

– Falando em *dar*, como está Luke?

Vivi Ann riu.

– Eu nunca disse que estava dando para ele.

– E também nunca negou. Mas, falando sério, Vivi, eu vi vocês dois na Outlaw ontem à noite.

Pareciam dois pombinhos apaixonados.

– Todo mundo parece um pombinho apaixonado na Outlaw. É a tequila.

Aurora se sentou à mesa ao lado dela e olhou para cima.

– Você está apaixonada por ele?

Vivi Ann sabia que ela e Luke eram um assunto constante nas conversas da cidade. Todos sabiam que ele estava apaixonado por ela. Nas noites de fim de semana que costumavam passar na taverna Outlaw, ele dizia para quem quisesse ouvir que ela havia roubado seu coração com uma tigela de sorvete. “Bastou um olhar e eu já soube”, dizia ele sempre.

Ela não tinha ideia do que responder, como deveria se sentir diante daquilo. Gostava muito de Luke. Eles se divertiam bastante e tinham muita coisa em comum.

Mas amor?

Como ela saberia? A única coisa de que tinha certeza era que depois de três meses juntos, ele ainda ficava nervoso perto dela, ainda a tocava com cuidado, como se tivesse medo de que a paixão a quebrasse. Na noite anterior, quando ele dera um beijo de boa-noite nela, ela se vira querendo mais, precisando de mais. Mas como se diz a um bom homem que ele precisa ser um pouco mais audacioso?

– Você não está respondendo minha pergunta – disse Aurora.

– Não sei como responder.

Aurora olhou para ela.

– Você acabou de responder.

Vivi Ann mudou de assunto antes que mergulhasse em águas mais escuras.

– Cadê a Winona? Ela andou meio distante nas últimas semanas. Você reparou?

Aurora se levantou e começou a reorganizar os arranjos de flores.

– Como assim?

– Tem algo errado no trabalho dela? Ela me disse que tinha coisa melhor para fazer do que decorar o Eagles Hall.

– Acho que tem um caso grande chegando.

– Luke disse que ela o está tratando com indiferença também.

– Você conhece a Win. Quando ela está muito envolvida com alguma coisa...

– É. Mas eu sinto falta dela em casa.

– Você terá que se acostumar com isso. Está com o Luke agora.

– O que uma coisa tem a ver com a outra? Você é casada e nos vemos o tempo todo. A gente ainda vai na Outlaw às sextas-feiras. Irmãs são mais importantes que homens, lembra? Fizemos esse pacto há muito tempo. Só porque estou namorando alguém, isso não significa que vou ignorar você e a Win. Eu nunca deixaria um homem fazer isso com a gente.

Ela ouviu Aurora suspirar.

– Eu sei. Eu disse isso a ela.

– Vocês conversaram sobre isso? O que ela disse? Qual é o problema?

Aurora finalmente parou de mexer com as flores e olhou para a frente.

– Eu falei que ela precisava parar de trabalhar o tempo todo.

– Ótimo. Quando ela chegar hoje à noite eu vou falar a mesma coisa.

– Hum, ela não vem.

– O quê?

– Esta é sua noite. – Aurora fez uma pausa. – E você já teve várias delas. Dê um tempo para ela, está bem? Deixe ela pensar nas coisas. Ela está um pouco fragilizada no momento.

– A Winnie? Ela é frágil como uma britadeira.

– Vamos – disse Aurora finalmente. – Chega de falar da Win. Está tudo pronto aqui. Vamos nos vestir.

Vivi Ann acompanhou a irmã até o banheiro do Eagles, onde haviam deixado suas roupas de festa penduradas nas portas das cabines. Na correria para se aprontar, ela esqueceu tudo sobre o chique de Winona e se concentrou em ficar bonita. Enrolou os longos cabelos loiros com grandes bobes elétricos e passou spray em tudo para segurar o penteado. Só foi preciso um pouco de maquiagem – rímel, blush e brilho labial – para acentuar seus traços. Colocou um vestido solto de bolinhas, sem mangas, com um cinto largo encrustado de cristais e suas botas boas.

Durante as duas horas seguintes, sentiu-se no topo do mundo. O banquete foi um sucesso total. O dobro do número de pessoas que ela estava esperando apareceu e todos se divertiram. Quando distribuiu todos os prêmios e agradeceu a participação das pessoas, já estava recebendo pedidos para realizar uma série de outono.

– Da próxima vez vou dar uma sela – disse ela a Luke enquanto ele a conduzia pela pista de dança. – Precisamos de prêmios realmente bons. E muito dinheiro. Isso fará com que todos voltem. Podíamos fazer dois *jackpots* por mês em vez de um só.

Ela riu do próprio entusiasmo. O que estava sentindo no momento era como beber muita champanhe e ela não queria que acabasse.

Quando o banquete finalmente acabou, o lugar foi limpo e todos foram embora, ela ainda não estava pronta para ir.

– Vamos dar uma volta – disse Luke, pegando seu pesado casaco de lã.

– É uma ótima ideia.

Ela pegou uma garrafa de champanhe pela metade e levou junto. De mãos dadas, caminharam pela cidade. Vivi Ann manteve um fluxo estável de conversa. Absorta na magia de seu sucesso, ficou um pouco surpresa ao descobrir que estavam no restaurante Waves. Estava fechado, mas Luke a conduziu para a plataforma, onde encontraram uma mesa de ferro vazia com duas cadeiras. Ali sentados, iluminados por uma única luz de fora, com as ondas do canal movendo-se incessantemente na praia abaixo, ela disse:

– Você viu meu pai sorrindo hoje à noite? – Ela estava pensando nisso havia horas, repassando na cabeça para nunca mais esquecer. – Sei que significou muito para ele. Ele nunca diria nada, mas eu sei que sente que não chegou aos pés da lenda que foi pai dele. Se transformarmos Water's Edge em um negócio viável, será um modo de meu pai deixar sua marca nessas terras, de ser outro Grey na memória das pessoas.

– Acho que sei outro motivo que fez seu pai sorrir.

– É mesmo?

– Eu falei com ele ontem à noite.

– E isso é digno de um sorriso? – provocou ela, servindo champanhe nas taças que havia levado.

Ele enfiou a mão no bolso do casaco e tirou uma caixinha.

– Case comigo, Vivi Ann – pediu ele, abrindo a caixa e revelando um anel de diamantes.

Foi como ser atingida na cabeça por uma bola rápida; soube na mesma hora que deveria ter visto aquilo chegando e se esquivado. Ela tentou pensar em como responder, o que dizer, sabendo que apenas um sim e lágrimas o fariam feliz.

– Isso fez seu pai sorrir – explicou ele.

Vivi Ann sentiu lágrimas se formando em seus olhos, mas eram as lágrimas erradas, não do tipo que ele merecia.

– É tão cedo, Luke... Nós acabamos de começar a namorar. Nós nem...

– O sexo será ótimo. Nós dois sabemos disso e eu respeito você por querer esperar até se sentir preparada.

– Ficar preparada para o sexo é fácil. Isso é... – Ela mal conseguiu concluir o raciocínio. Era impossível para ela fazer o que ele queria, colocar aquele anel e selar seu futuro. Ela olhou para ele, sentindo tristeza. Tinha achado, estupidamente, que não dormir com ele desaceleraria o relacionamento, mas não havia funcionado. Ele se apaixonara por ela do mesmo jeito. – Nós mal nos conhecemos.

– É claro que a gente se conhece.

– Qual é meu sabor de sorvete favorito?

Ele se afastou, franzindo a testa. Ela podia ver que as palavras calavam fundo, que ele sabia que aquilo não estava indo bem.

– Chocolate com cereja. Amargo e doce.

Era uma pergunta que ela fazia a todos os homens que alegavam amá-la, como uma forma de testar quanto a conheciam. Sempre escolhiam algum sabor exótico porque era como a viam, mas na verdade ela não era assim. A maioria dos homens que ela namorara – incluindo Luke – ficava olhando infinitamente para seu rosto, declarava seu amor nos primeiros meses e nunca achava precisar de mais.

– Baunilha – respondeu ela. – Por dentro, sou a velha e simples baunilha.

– Não tem nada de simples em você – rebateu ele, tocando suavemente o rosto dela com uma ternura que só serviu para que Vivi Ann se sentisse ainda pior.

– Eu não estou pronta, Luke – disse ela finalmente.

Ele olhou para ela por um longo instante, analisando seu rosto como se fosse um mapa que houvesse acabado de receber, um terreno estranho. Então se inclinou para a frente e a beijou.

– Eu vou esperar – prometeu ele.

– Mas e se...

– Eu vou esperar – repetiu ele, interrompendo-a. – Eu confio em você. A hora vai chegar.

Ela queria dizer: *Não. Acho que a hora nunca vai chegar.* Mas as palavras não vinham.

Muito mais tarde, quando entrou no silêncio reconfortante de sua casa, olhou ansiosamente para a porta fechada do quarto do pai, desejando ter uma mãe com quem conversar sobre isso. Sentindo-se muito cansada, ela subiu e se preparou para dormir, mas antes de se cobrir com o edredom, foi até a janela. O rancho estava todo escuro diante dela, iluminado aqui e ali por uma lua que parecia tão pálida quanto ela. Sabia que atrás de apenas uma fileira de árvores estavam as terras de Luke e ficou se perguntando se isso importava. Não do modo como importava para seu pai, é claro, mas como uma forma de conexão mais profunda e significativa, que surgia quando duas pessoas cresciam no mesmo lugar, conhecendo as mesmas pessoas, querendo as mesmas coisas. É claro que o limite de uma propriedade poderia ser uma fronteira, mas não era também uma linha de pontos em comum?

Ela se afastou da janela e subiu na cama, incapaz de impedir que seus pensamentos rodopiassem de volta para o pedido dele.

Se pelo menos ela pudesse falar com alguém sobre como se sentia... Suas irmãs eram a escolha mais

óbvia, mas ela estava com medo do que diriam. Será que ouviriam pacientemente e balançariam a cabeça, dizendo “Cresça, Vivi. Ele é um bom homem”?

Isso deveria ser suficiente para ela? Ela estava errada em querer paixão? Em sonhar com algo – com alguém – além disso? Ela sempre havia imaginado que o amor fosse algo turbulento e volátil, uma emoção que a tirasse do sério, a fragmentasse em pedaços e a transformasse em uma pessoa que ela não poderia ter se tornado por outro meio.

Será que ela era boba em acreditar em todas essas coisas?



Parecia que algo estava se desfazendo lentamente dentro de Winona, como um tomate deixado no pé por muito tempo. Nos últimos dias, havia sido grossa com Lisa, perdera um cliente e engordara mais de 2 quilos. Não conseguia evitar, não era capaz de controlar suas emoções. Continuava esperando Vivi Ann ligar para contar as boas-novas de que estava noiva.

Ela queria acreditar que Vivi Ann riria dele e colocaria um ponto final naquele pedido ridículo. Dava para ver que sua irmã mais nova não estava pronta para casar, mas Luke Connelly era um ótimo partido na cidade e Vivi Ann sempre conseguia o melhor de tudo.

Na terça-feira à tarde, ela estava um caco. A inveja que sentia estava se expandindo, ocupando muito espaço em seu peito. Às vezes, quando pensava no que Vivi Ann havia roubado dela, mal conseguia respirar.

Justo quando achou que sua vida não pudesse piorar, Lisa a chamou no interfone e avisou:

– Winona, seu pai está na linha um.

Papai?

Ela tentou se lembrar da última vez em que ele ligara para ela no trabalho e não conseguiu.

– Obrigada, Lisa.

Pegou o fone e atendeu.

– Aquele idiota do Travis foi embora – disse ele enquanto ela tentava cumprimentá-lo. – Saiu sem dizer nada, parece que explodiu uma bomba na cabana.

– Isso não é problema da Vivi Ann? Eu não faço limpeza de casas.

– Não banque a espertinha comigo. Você não falou que contrataria alguém?

– Estou trabalhando nisso. Entrevistei...

– Entrevistou? O que nós somos, a Boeing? A gente só precisa de alguém que conheça cavalos e não tenha medo de trabalho pesado.

– Não, vocês precisam de tudo isso e de alguém que prometa ficar até o verão. Não é fácil encontrar.

Ela descobrira da forma mais difícil. O verão era a temporada de rodeios e todos os homens que responderam aos anúncios se recusaram a se comprometer com um emprego de longo prazo. A maioria estava sem trabalho, mas caubóis eram românticos a seu modo, seduzidos por seu estilo de vida, e simplesmente tinham que seguir o circuito. Todos achavam que ganhariam um bom dinheiro na próxima cidade.

– Está me dizendo que não pode fazer isso? Porque, por Deus, devia ter falado antes...

– Eu vou dar um jeito.

– Ótimo.

Ele desligou tão rápido que ela ficou escutando o vazio.

– Foi muito bom falar com você também, pai – resmungou ela, desligando. – Lisa – chamou pelo interfone. – Quero que tire folga pelo resto do dia de hoje e também amanhã. Preciso colocar aqueles anúncios em busca de ajudante em todas as lojas de alimentos de Shelton, Belfair, Port Orchard, Fife e Tacoma. E vamos dobrar o número de anúncios nos classificados. De Olympia a Longview. Você pode fazer isso?

– Essa não é exatamente minha ideia de folga – respondeu Lisa, rindo. – Mas, sim, posso fazer isso. Tom está fazendo hora extra esta semana.

Winona se deu conta de como havia se expressado.

– Desculpe se fui rude.

Ela cruzou os braços sobre a mesa e deitou a cabeça sobre eles. Já podia sentir uma enxaqueca começando.

Não teve muita noção da passagem do tempo enquanto ficou ali sentada, com o rosto enterrado no vão entre os braços, imaginando sua vida mudando de curso.

Ela me largou, Win...

É claro que largou, Luke, venha aqui. Eu vou cuidar de você...

Afundada na fantasia que lhe era tão familiar, demorou um pouco para se dar conta de que alguém estava falando com ela. Levantou a cabeça e lentamente abriu os olhos.

Aurora estava lá, olhando para ela.

– Pare de sonhar com Luke. Você vem comigo.

– Ele vai pedir a Vivi em casamento – respondeu ela, incapaz de aumentar o tom de sua voz.

O rosto de Aurora se encheu de pena.

– Ah.

– Não tem nenhum conselho para me dar?

– Eu não vou dizer nada. Exceto que você precisa contar a Vivi Ann *agora*. Antes que algo ruim aconteça.

– Para quê? Ela sempre consegue o que quer.

Winona sentiu a amargura tomá-la mais uma vez.

– É um veneno pensar assim. Nós somos *irmãs*.

Winona tentou se imaginar seguindo o bom conselho de Aurora, até escolheu as palavras que poderia usar e as revirou na cabeça. Tudo o que conseguiu ver foi uma imagem perfeita de si mesma fazendo papel de idiota.

– Não, obrigada.

Aurora suspirou.

– Bem. Ela obviamente ainda não disse sim, ou já estaríamos sabendo. Talvez Vivi Ann tinha consciência de que não está pronta. Você sabe como ela é romântica. Ela quer alguém que mexa com ela. Quando se trata de amor, ou ela mergulha de cabeça desde o início ou dá o fora. E Luke não abalou o mundo dela.

Winona se permitiu ter esperança. Era uma pequena chama de luz, aquela esperança, mas era melhor do que a escuridão que a precedera.

– Vou rezar para você estar certa.

– Eu estou sempre certa. Agora levante-se. Travis deu no pé no meio da noite. Nós vamos ajudar Vivi Ann a limpar a cabana.

– E se ela ficar exibindo o anel?

– Você fez essa cama de mentiras; agora ou entra debaixo dos lençóis ou sai fora de uma vez.

– Vou mudar de roupa.

– Eu mudaria mais do que as roupas, Win.

Ignorando a zombaria – ou seria um conselho? –, Winona subiu para seu quarto e vestiu jeans velhos e um moletom cinza largo da universidade em que se formara.

Em pouco tempo estavam no carro, dirigindo até o rancho.

Dentro da cabana, encontraram uma desordem absoluta, com semanas de louça suja sobre todas as mesas e bancadas e mais uma pilha na pia. Vivi Ann estava de joelhos, esfregando uma mancha no piso de madeira maciça. Mesmo com roupas velhas, os longos cabelos presos de qualquer jeito em um rabo de cavalo e sem maquiagem, ela conseguia ficar linda.

– Vocês vieram – disse ela, recebendo as duas com aquele seu sorriso reluzente.

– É claro que viemos. Somos uma família – afirmou Aurora, colocando uma leve ênfase na última palavra.

Ela cutucou Winona com o cotovelo e ela cambaleou para a frente.

– Sinto muito ter perdido o banquete, Vivi Ann. Ouvi dizer que a noite foi ótima.

Vivi Ann se levantou, tirando as luvas amarelas de borracha e jogando-as ao lado do balde.

– Senti muito a sua falta. Foi divertido.

Winona pôde ver a vulnerabilidade nos olhos da irmã e entendeu que havia magoado Vivi Ann. Às vezes a beleza ficava no caminho e Winona se esquecia que Vivi Ann se feria com facilidade.

– Sinto muito – disse ela com sinceridade.

Vivi Ann aceitou as desculpas com outro grande sorriso.

– Aconteceu alguma coisa depois que eu saí? – perguntou Aurora.

O sorriso de Vivi Ann esmoreceu.

– Engraçado você perguntar. Estava pensando em um jeito de contar para vocês. Luke me pediu em casamento.

– Ele me disse que faria isso – falou Winona.

Sua frase pareceu cair de algum tipo de peitoril, aterrissando em um silêncio estranho.

– Ah. – Vivi Ann franziu a testa. – Um aviso teria sido legal.

– Não é o tipo de coisa sobre a qual uma mulher precise ser avisada – comentou Aurora com delicadeza.

Vivi Ann deu uma olhada ao redor, na cabana.

– Ele é tão perfeito para mim... – falou, finalmente. – Eu deveria estar nas nuvens.

– Deveria? – perguntou Winona.

Vivi Ann sorriu. Mas foi um sorriso forçado.

– Acho que ainda não estou pronta para me casar. Mas o Luke disse que me ama o bastante para esperar.

– Se você acha que não está pronta, é porque não está – afirmou Aurora.

O estranho silêncio se fez novamente.

– Certo – concordou Vivi Ann. – Foi o que pensei. Então vamos começar a limpar este lugar.

Winona sentiu sua respiração se libertar em um leve suspiro. Talvez ainda houvesse esperança, afinal.

E ela agradeceu a Deus por isso. Ultimamente, havia começado a imaginar que coisa terrível poderia fazer se Vivi Ann se casasse com Luke.



Uma semana e meia depois, Winona se sentou no escritório do pai, à grande e marcada escrivaninha de madeira virada para as águas calmas e azuis do canal. Nesse dia cristalino, as árvores da margem oposta pareciam perto o bastante para serem tocadas; parecia impossível acreditar que estivessem a quase 2 quilômetros de distância. Ela acabara de pegar a conta mais próxima do vencimento – da loja de madeira – quando ouviu um carro chegar. Alguns instantes depois, escutou passos nos degraus da varanda e alguém bateu à porta.

Ela colocou as contas de lado e foi atender.

Um homem estava na varanda, olhando fixamente para ela. Pelo menos ela *achou* que ele estivesse olhando; era difícil dizer. Um chapéu de caubói branco e empoeirado cobria a parte superior de seu rosto. Ele era alto e tinha ombros largos, usava jeans rasgados e sujos e uma camiseta surrada do Bruce Springsteen.

– Estou aqui por causa do trabalho.

Ela notou um certo sotaque – Texas ou Oklahoma, talvez. Ele tirou o chapéu e imediatamente colocou para trás os cabelos longos, lisos e pretos, que batiam na altura dos ombros. A pele da cor de couro curtido fazia os olhos acinzentados parecerem estranhamente claros em contraste. Seu rosto era distinto, de traços bem marcados, não exatamente bonito, com um nariz fino que o fazia parecer vagamente mau, um pouco selvagem. Ele era esguio também, magro porém forte, como um chicote. Tatuagens em preto de símbolos indígenas circundavam seu bíceps esquerdo, mas não eram de tribos locais. Ela não conhecia as imagens.

– O trabalho? – repetiu ele, lembrando a ela que havia demorado muito para responder. – Ainda estão procurando um peão?

– Você sabe lidar com cavalos? Não queremos ter que treinar ninguém.

– Eu trabalhei no rancho Poe, no Texas. É o maior da região. E participei de provas de laço em dupla por uns dez anos.

– É bom com o martelo?

– Posso consertar o que está quebrado por aqui, se é isso que quer saber. Também sou metade branco. Se isso ajudar na decisão.

– Isso pouco me importa.

– Então você está acima da média, não é?

Ela teve a impressão de que ele estava rindo dela, mas nada mudou em sua expressão.

– Você acompanha o circuito de rodeios?

– Não acompanho mais.

Ela sabia que seu pai não contrataria aquele homem – um indígena. Não o aprovaria de jeito nenhum, mas os anúncios estavam sendo postados havia mais de um mês e o primeiro *jackpot* de laço seria no sábado. Eles precisavam contratar alguém, e logo.

Tirando seus caros escarpins azuis, ela caçou as enormes galochas de Vivi Ann, que sempre ficavam perto da porta.

– Venha comigo.

Winona o escutou caminhando, movendo-se lentamente, pisando com as botas desgastadas de caubói sobre o cascalho. Ela se recusou a dar atenção ao nervosismo. Era uma consequência infeliz do ambiente em que fora criada e ela não sucumbiria. Não queria julgar as pessoas pela aparência.

– Aqui é o celeiro – disse ela, sentindo-se meio idiota, uma vez que já estavam dentro dele.

Ele chegou ao lado dela, sem dizer nada.

A baia à esquerda deles tinha um grande pôster branco decorado com desenhos, fotografias e fitas. Em letra desenhada e cheia de rococós, dizia: *Oi! Sou o cavalo de Lizzie Michaelian, Magic. Formamos uma bela dupla. Competimos no circuito infantil do ano passado e ganhamos um prêmio por Conformação e Performance e uma menção especial pela baia mais limpa. Mal podemos esperar para ir à feira municipal deste ano.*

– Bem – disse o homem –, o lugar é uma pocilga aconchegante.

Winona não conseguiu conter o sorriso. Seguindo em frente, mostrou a ele o quarto de selas, o lavador para cavalos e o depósito de feno. Quando viram tudo o que o celeiro e a arena tinham a oferecer, ela o conduziu de volta para a luz do sol.

Ali, ela olhou para ele e perguntou:

– Qual é o seu nome?

– Dallas. Como a cidade. Dallas Raintree.

– Está preparado para ficar por pelo menos um ano?

– Claro. Por que não?

Winona tomou sua decisão. Era isso que precisava fazer, afinal. Essa decisão era dela. Se seu pai não gostasse dele devido à cor da pele, bem, já estava na hora de mudar. Quanto mais pensava nisso, mais parecia seu dever cívico contratá-lo. E, além disso, não havia exatamente uma fila de homens disputando a vaga. Se ele estava disposto a ficar um tempo, por que não?

– Espere aqui. – Ela se virou e voltou com passos pesados até a casa, tirou as botas, foi ao escritório pegar uma cópia do contrato de trabalho que havia redigido e voltou até onde ele estava. – O trabalho inclui acomodações, refeição e 500 dólares por mês. Tem interesse?

Ele confirmou com a cabeça.

Winona esperou por mais – algo além daquele olhar fixo, aquela postura –, então começou a subir a colina na direção da velha cabana.

– Por aqui.

Lá em cima, ela cortou caminho pela grama na altura do tornozelo e chegou até a porta da frente.

– Tem trabalho aqui na varanda, como você pode ver. Mas minhas irmãs e eu limpamos o interior.

Ela acendeu a luz e viu o antigo lugar, não como sempre via, pelo prisma sentimental da história de sua família, mas, em vez disso, enxergou o local do jeito que pareceria aos olhos do homem.

Piso com tábuas largas de cedro, desgastadas e arranhadas por décadas de uso; uma pequena sala

com paredes de pinho recém-lavadas e móveis que não combinavam – um sofá vermelho e desbotado, um par de velhas poltronas, a antiga mesa de centro da vovó – reunidos em volta de uma lareira feita com pedras de rio, manchada de preto pelo uso; uma cozinha recuada com eletrodomésticos de 1940, balcões de madeira e uma mesa pintada de azul com cadeiras de carvalho. Pela porta da sala dava para ver o quarto, com sua cama de ferro branco cheia de colchas. O único cômodo que ela não conseguia ver de onde estava era o banheiro, e o melhor que pôde dizer era que tudo estava funcionando. O cheiro adstringente de água sanitária recém-utilizada não conseguia camuflar muito bem o odor mais profundo da madeira úmida, deteriorada.

– É o suficiente? – perguntou ela.

– Vai dar.

Ela não conseguia deixar de olhar para o perfil rude do homem. Seu rosto era como vidro quebrado, cheio de ângulos agudos.

– Aqui está nosso contrato de trabalho. Pode pedir para seu advogado ler, se quiser.

– Ah, meu advogado? – Ele olhou para o papel, depois para ela. – Aqui diz que você promete me contratar e que eu prometo ficar, não é?

– Exatamente. O contrato tem duração de um ano.

Ela entregou a ele o papel e uma caneta.

Ele andou até a mesa e se debruçou para escrever seu nome.

– O que quer que eu faça primeiro?

– Bem, na verdade eu não trabalho aqui. Minha irmã e meu pai gerenciam este lugar, e os dois saíram. Apenas se acomode e apareça na casa amanhã às seis, para o café da manhã. Eles vão dizer o que você precisa fazer.

Ele devolveu a ela o contrato assinado.

Ela esperou mais alguma coisa, talvez um agradecimento ou uma promessa de fazer um bom trabalho, mas quando ficou claro que ele não tinha mais nada a dizer, ela deixou a cabana. Enquanto descia os degraus e andava pela grama alta na direção do caminho de cascalho, ouviu-o sair na varanda.

Ela não viraria para olhar, mas teve certeza de que ele a observava.



As irmãs Greys sempre passaram as noites de sexta-feira juntas e aquele dia não seria diferente. Como de costume, encontraram-se na lanchonete Blue Plate para uma refeição rápida, depois desceram a Shore Drive até a taverna Outlaw. Homens podiam entrar e sair da vida delas – e encontrá-las no bar –, mas o jantar das três era sagrado.

Naquela noite, estavam cercadas pela usual multidão do fim da primavera. Havia alguns turistas ali, reconhecíveis pelas roupas coloridas de marca e utilitários reluzentes estacionados na rua. Os locais, por sua vez, tomavam limonada, falavam baixo enquanto liam o jornal e nem precisavam olhar para os cardápios plastificados. A maioria pedia o famoso bolo de carne de Gracie, que na verdade não estava no cardápio desde o início da década de 1980.

Winona pegou uma batata frita do prato de Vivi Ann.

– Contratei um peão hoje – anunciou ela, imaginando o que Vivi Ann acharia de Dallas Raintree.

Vivi Ann olhou para ela.

– Está brincando. Quem é ele?

– Um cara do Texas. Disse que sabe lidar com cavalos.

– Como ele é?

Winona considerou qual seria a melhor forma de responder àquilo, então disse apenas:

– Não sei. Ele não falou muito.

– Caubóis – murmurou Aurora.

Vivi Ann pareceu decepcionada.

– Como se as refeições com o papai já não fossem silenciosas o bastante. Acho que ele e Travis não trocaram mais de vinte palavras em todas as refeições que fizemos juntos.

– Acredite, você tem sorte – afirmou Winona. – Para mim, o papai é...

– Não vamos falar disso hoje – cortou Aurora com firmeza. – Esta é nossa noite, para lembrar que somos irmãs.

Ela lançou um olhar penetrante a Winona.

Elas pagaram a conta e saíram do restaurante. Na noite quente, com perfume de lavanda, caminharam pela Main Street.

– Que pena que Luke não pôde vir conosco – disse Winona, tentando parecer casual.

Nos últimos tempos, passava muito tempo fazendo exatamente isso: tentando agir com normalidade perto de Vivi Ann.

– Ele precisou atender a uma emergência em Gorst. Égua com cólica.

Elas viraram na Shore Drive e andaram ao longo da orla. Os postes de luz se acenderam todos de uma vez, criando uma atmosfera amarelada e festiva na rua.

Gradualmente, o asfalto terminou, transformando-se em cascalho. Ali não havia nenhuma calçada limpa, nenhum vaso de flores pendurado nos postes, nenhum vendedor de lembrancinhas. Era apenas um pedaço de estrada pedregoso que levava a um enorme estacionamento. Beirando a água viam-se o estaleiro do Ted e a viela que levava à casa de Cat Morgan, que estava caindo aos pedaços e ficava de frente para o canal. À direita, recuada em um terreno cheio de mato, era a taverna Outlaw. Placas multicoloridas de néon decoravam as janelas. O musgo cobria o teto e crescia aos montes nos parapeitos. Picapes velhas enchiam o estacionamento.

Dentro da taverna, elas desviaram da multidão familiar e passaram pelo urso-pardo empalhado que havia se tornado o mascote do estabelecimento. Alguém pendurara um sutiã em sua pata estendida. A fumaça embaçava tudo, suavizava a cafonice gritante. Atrás delas, a banda tocava uma versão quase irreconhecível de “Desperado”.

Assim que chegaram ao bar, o atendente serviu três doses e as colocou diante de três banquetas vazias.

– Que tal isto para começar, meninas? – perguntou Bud.

Aurora riu e sentou-se primeiro.

– É por isso que nunca perdemos uma noite de sexta-feira.

CINCO



A taverna Outlaw estava ocupada com a multidão que sempre frequentava o local às sextas-feiras. Enquanto a banda tocava uma versão enfadonha e lenta de “Mamas, Don’t Let Your Babies Grow Up to Be Cowboys”, casais dançavam no piso de parkê. Vivi Ann estava em sua banqueta de sempre, balançando-se ao som da música. Estava um tanto alta por causa da bebida. Rodando sobre o banco, procurou alguém com quem dançar, mas não encontrou ninguém que já não tivesse par. Aurora e Richard estavam de volta às mesas de sinuca, jogando com alguns amigos, e Winona estava envolvida em uma conversa com o prefeito Trumbull.

Vivi Ann estava prestes a ir para trás do bar quando notou o índio parado perto da caixa registradora. Qualquer desconhecido teria se destacado nessa multidão de moradores locais, mas ela teve certeza de que notaria aquele cara em *qualquer* multidão. Com cabelos longos, pele escura e traços aquilinos, ele parecia Daniel Day-Lewis naquele filme que estava para sair, *O último dos moicanos*.

Ele notou que ela olhava para ele e sorriu.

Antes que ela pudesse se virar e fingir que não o vira, ele já estava indo em sua direção. Ela quis desviar o olhar, mas não conseguia se mexer.

– Quer dançar?

– Acho que não.

Ele sorriu. Isso, no entanto, não mudou muito a severidade em seu rosto.

– Está com medo. Eu entendo. Garotas brancas e bonitas como você estão sempre assustadas.

– Eu não estou assustada.

– Ótimo.

Ele estendeu a mão e pegou a dela. Vivi Ann notou a aspereza de sua pele – tão diferente da pele de Luke – e a possessividade de sua pegada quando a puxou para a pista de dança e para seus braços. O modo como fez isso a surpreendeu ainda mais do que o pequeno tremor que sentiu.

– Meu nome é Dallas – disse ele no embalo da música.

– Vivi Ann.

– Você tem namorado? É por isso que fica olhando em volta? Ou tem medo que os vizinhos não gostem de ver você dançando com um índio?

– Sim. Não. Quero dizer...

– Onde ele está?

– Não está aqui.

– Aposto que ele trata você como algum tipo de tesouro. Como se pudesse quebrar se ele for muito brusco.

Vivi Ann respirou fundo e olhou para ele.

– Como você sabe?

Ele não respondeu. Em vez disso, puxou-a para mais perto e a beijou.

Por uma fração de segundo – ela tinha certeza de que não havia passado disso –, Vivi Ann sentiu que estava cedendo.

Então alguém a separou de Dallas. Um grupo de homens tomou a frente dela, tirando-a do caminho. Estavam resmungando nervosamente entre si, mas foi Dallas quem chamou sua atenção. Ele parecia extremamente calmo e, quando sorriu, ela pensou: *alguém vai sair ferido*.

– Dê o fora daqui. Vivi Ann não precisa de um lixo como você – disse Erik Engstrom, seu namorado da terceira série.

– Parem – gritou Vivi Ann. – Qual o *problema* de vocês?

– Só estamos defendendo você, Vivi – disse Butchie com os punhos cerrados.

– Vocês são uns idiotas, todos vocês. Voltem para suas mesas.

Relutante, a multidão se dispersou e foi embora. Ela se viu sozinha com Dallas.

– Sinto muito por isso – disse ela, olhando para ele. – Não recebemos muitos estranhos aqui.

– Dá para ver o porquê. – Sorrindo como se tudo aquilo não tivesse significado nada, ele se aproximou dela e sussurrou em seu ouvido: – Belo beijo.

Depois saiu andando, deixando-a sozinha sob as luzes quentes, sentindo-se deslocada.

– O que aconteceu? – perguntou Winona um minuto mais tarde, chegando tão rápido que ficou sem fôlego. – Eu voltei do banheiro e alguém disse que...

– Eu dancei com um cara. Grande coisa.

Aurora se aproximou.

– Bela escolha, Vivi. Bem refinada.

Vivi Ann não sabia o que dizer. Todo o seu corpo estava estranho, como um motor desacelerando rápido demais.

– Não seja cretina, Aurora.

– Eu? Jamais. Sei quanto você gosta de um cara tatuado. – Ela riu. – E de índios também.

– Ela dançou com um índio? – perguntou Winona de maneira brusca. – Com tatuagens? Como ele era?

– Gostoso – respondeu Aurora imediatamente.

Vivi Ann desviou o rosto, não querendo ver o julgamento no olhar de Winona, e disse:

– Dallas alguma coisa.

– Como se o nome importasse – comentou Aurora. – Como foi o beijo?

– Ela beijou o cara? – perguntou Winona. – Na frente de todo mundo?

Vivi Ann poderia jurar que sua irmã estava rindo ao dizer aquilo.

– Vamos – desconversou ela. – Preciso de uma bebida.

Aurora riu.

– Aposto que precisa.



Quando Vivi Ann acordou na manhã seguinte, estava tensa, inquieta e, pior de tudo, excitada. Vestiu o robe, foi até o banheiro e escovou os dentes, depois seguiu pelo corredor.

Seu pai estava na sala, perto da lareira, observando-a descer as escadas.

Winona estava ao lado dele, já pronta para o trabalho com um vestido azul bem esticado na região dos seios.

– Bom dia – disse Vivi Ann, apertando a faixa do robe em volta da cintura.

– Daqui não parece muito bom – respondeu o pai. – Minha filha beijando um índio na frente de Deus e o mundo.

Ela pisou em falso em um dos degraus. Sabia que ele ficaria sabendo, é claro. Em uma cidade como a deles, o que ela havia feito certamente era digno de fofoca. Ela só achou que poderia contar sua versão primeiro a ele. Não importava qual fosse.

– Não foi nada, pai. De verdade. Diga a ele, Win. A fofoca logo vai morrer.

– Eles estavam bebendo e dançando – disse Winona. – Sabe como ela flerta quando bebe.

– Win! – exclamou Vivi Ann, chocada pela deslealdade da irmã. – Não é verdade...

– Mande-o embora – disse o pai.

– Como assim? Mandar embora? – perguntou Vivi Ann.

– Não podemos. Ele assinou um contrato. – Winona ficou olhando para ela. – Você estava de agarramento com o novo peão do rancho ontem à noite.

Tudo aquilo estava indo rápido demais. Vivi Ann sentiu como se de repente estivesse em um barco se enchendo de água.

– Estou com vergonha de você – disse o pai.

Vivi Ann ficou abalada por aquelas palavras duras. Nunca havia escutado algo assim de seu pai antes, nem nunca imaginara que fosse capaz de envergonhá-lo. Os anos de conexão entre eles pareceram frágeis; pela primeira vez, ela se perguntou se o amor dele era tão condicional como suas irmãs sempre diziam e aquilo a assustou. Ele era seu porto seguro, o solo firme da família. Uma rachadura naquilo era inconcebível.

Enquanto ela tentava pensar no que dizer, alguém bateu à porta. Ela sabia quem seria.

– Você contou a ele? – perguntou ela para a irmã.

– Metade da cidade estava lá, Vivi – respondeu Winona. Sua irmã mais velha deveria estar com raiva, mas naquele momento estranho e surreal, enquanto Vivi Ann entrava em pânico, achou que ela parecia satisfeita. E não havia respondido sua pergunta. Não exatamente.

A porta se abriu e lá estava Luke, vestindo calça cáqui e uma camisa de flanela xadrez, como se aquela fosse uma visita matutina normal. Mas seus cabelos estavam úmidos e despenteados.

Ela foi na direção dele, de repente desesperada para desfazer tudo aquilo.

– Diga a eles que nada disso importa, Luke. Você sabe que nós nos amamos.

Quando ele não disse nada, seu pânico aumentou.

– Nós vamos nos casar. Diga ao meu pai que ele não tem nada com que se preocupar.

– Vocês estão noivos? – perguntou o pai.

Vivi Ann se virou para o pai.

– Estávamos esperando a hora certa para contar a todos.

O pai finalmente sorriu.

– Ótimo. Então o assunto está encerrado. Nosso primeiro *jackpot* começa em duas horas e ainda tem muita coisa para fazer. Vou falar com o novo homem, explicar para ele como são as coisas por aqui. É bom ele entrar nos eixos de agora em diante ou vai para a rua. Que se dane esse contrato.

Assim que ele saiu, Vivi Ann começou a se afastar de Luke, mas ele agarrou sua mão e não a deixou sair.

– Você retribuiu o beijo? – perguntou.

– É claro que não.

Ela sentiu Winona observá-los do outro lado da sala.

Ele ergueu o queixo dela. Vivi Ann soube um segundo antes de ver seu rosto que ele estaria marcado pela preocupação, que aqueles olhos nítidos e sinceros estariam coloridos pela dúvida. Também sabia que ele acreditaria nela, porque era assim que queria.

– Está tudo bem com a gente? – perguntou ele.

– Está tudo ótimo.

– Você fez de mim o homem mais feliz de Oyster Shores.

Aquele deveria ter sido um momento romântico.

Ela, porém, já sabia que havia cometido um erro.



Você fez de mim o homem mais feliz de Oyster Shores.

A frase ficava voltando à cabeça de Winona, repetindo-se várias vezes. Ela via toda a cena trágica em câmera lenta: Vivi Ann descendo a escada, seu belo rosto registrando a surpresa ao se dar conta do que estava acontecendo... o pai se voltando contra Vivi Ann pela primeira vez na vida, dizendo a ela que estava envergonhado... depois Luke entrando, olhos obscurecidos pela dúvida e pela dor de um coração partido.

Winona desejara ir até ele e dizer *ela sempre parte corações*, para depois consolá-lo. Havia até ousado imaginar aquilo, esperar aquilo. Então...

Nós vamos nos casar.

Quatro palavras que mudaram tudo, quatro palavras que devolveram o brilho à reputação de Vivi Ann, quatro palavras que fizeram o velho sorrir.

Winona ficou sentada na sala, imóvel como uma pedra, escutando a conversa dos dois, mas não ouvindo de verdade. Ela podia ter uma ideia geral mesmo sem ouvir. Certamente estavam trocando as palavras açucaradas de todos os noivos. Coisas sobre amor, cerimônias e sonhos.

Pareciam ter se esquecido de que ela estava ali, ou não se importavam. Ela era apenas mais uma peça volumosa de mobília na sala.

Winona se levantou lentamente, assumiu uma expressão impassível e foi até eles. Estava a ponto de desejar parabéns inexpressivos aos dois, mas quando foi se aproximando, Luke puxou Vivi Ann para seus braços e a beijou.

Era a primeira vez que Winona via os dois se beijando de verdade, então parou, incapaz de desviar o olhar.

No instante seguinte, estava em movimento novamente, atravessando a sala, saindo para a varanda e

em direção a seu carro. Ela saiu rápido demais, surpreendendo-se ao notar que chorava quando chegou à Orca Way. Secou os olhos com impaciência e virou à direita.

Uma quadra depois, pisou no freio e parou de repente, bem ali, no meio da rua.

Nós vamos nos casar.

Como Luke e seu pai podiam ser tão burros? Não conseguiam ver que Vivi Ann estava agindo por desespero, roendo o próprio pé para se livrar da armadilha de decepcioná-los?

– Não pense nisso – murmurou para si.

Precisava encontrar um jeito de não se importar. Aurora estava certa. Winona sempre soubera disso. Irmãs vêm antes de homens. Ela *tinha* que parar de desejar Luke ou destruiria a todos. Mas como se fazia uma coisa dessas? Toda a racionalização do mundo não havia funcionado. Uma semente de descontentamento havia sido plantada dentro dela e, mesmo agora, ela era capaz de sentir suas raízes se aprofundando.



Horas depois que as provas de laço terminaram, Vivi Ann ficou sentada sobre a grade da arena, olhando para a terra marrom e argilosa. As últimas 24 horas tinham sido as piores de sua vida. As fofocas sobre seu comportamento na noite anterior percorreram a cidade como um incêndio no bosque. Notícias sobre seu noivado com Luke tinham apagado as chamas, mas as pessoas a observavam com atenção, sussurrando quando ela passava.

– Ei.

Ela olhou para a esquerda.

Dallas estava parado na porta aberta do celeiro, uma sombra alta contra a luz alaranjada do anoitecer atrás dele. No atoleiro turvo de seu dia, ela quase havia se esquecido dele. Quase.

– Há quanto tempo está aí parado?

– Algum tempo.

Vivi Ann desceu da grade e foi na direção dele.

– Alguém já falou que você não sabe organizar um *jackpot*? – disse o homem.

Ela suspirou. A essa altura já deveria ser óbvio para todos.

– Você comeu alguma coisa?

– Comi. – Ele levantou o chapéu apenas o suficiente para que ela pudesse ver seus olhos. Eram acinzentados como a água do canal no inverno. Ilegíveis. – E então, quem vai me demitir? Você ou seu papai?

Havia se passado apenas um dia e ela já não aguentava mais ouvir sobre aquele beijo.

– Estamos em 1992, Dallas, não 1892. Eu que me meti em confusão por aquilo, não você.

– Manchei sua imaculada reputação?

– Mais ou menos isso. Eu achei que você fosse pedir as contas depois daquele fiasco no bar.

– Eu pareço o tipo de cara que desiste de alguma coisa? – Ele andou na direção dela. – Ou talvez você imagine que todos os índios são preguiçosos. Foi por isso que seus amigos vieram para cima de mim depois do beijo?

– Ninguém liga de você ser ín... nativo americano. Foi por minha causa. Por Deus, eu fui a Princesa

Pérola... Quatro vezes. E todo mundo gosta do meu namorado. Você poderia ser tão branco quando o Drácula e eles ainda iam fazer o mesmo.

– Princesa Pérola, é? – Ele chegou mais perto, sorrindo. – Então deve ter talentos especiais, como lançar bastões em chamas ou cantar alguma música daquelas que não saem da cabeça?

– O que eu tenho é um namorado. Um noivo – corrigiu ela, erguendo o queixo. – Entendeu essa parte?

– Esse noivo... – disse Dallas, agora sussurrando, aproximando-se ainda mais. – Ele sabe que você também me beijou?

Vivi Ann o empurrou e saiu andando, olhando para trás e dizendo:

– Amanhã é domingo. Eu acho que você não vai à igreja, mas nós vamos, então não faço o café da manhã e é o único dia em que eu alimento os cavalos. Apareça na casa às quatro da tarde em ponto ou eu jogo sua comida para as gaivotas.

Quando chegou em casa, encontrou o pai esperando por ela.

– Perfeito – murmurou, tirando as botas e colocando-as ao lado da porta.

Ela definitivamente não queria falar com ele. Qual seria um bom assunto? A fofoca sobre a noite anterior? Seu noivado? O fiasco do evento de laços? Dallas?

– Vou deitar, pai. Amanhã a gente conversa.

De cabeça baixa, seguiu para a escada. Estava na metade quando o ouviu dizer:

– Fique longe daquele índio.

Ela não disse nada, apenas continuou subindo. No banheiro, enquanto escovava os dentes e trocava de roupa, lembrou-se da advertência.

Aquele índio.

Ela havia notado a mudança na voz de seu pai ao dizer isso, o desgosto e o preconceito e, pela primeira vez, teve vergonha dele.

Ainda assim, sabia que se tratava de um bom conselho.

SEIS



Maio chegou ao canal em uma explosão de luz do sol. Em toda a orla, preparativos para o verão estavam sendo feitos. Toldos eram desenrolados, lavados e ficavam prontos para o uso, churrasqueiras eram reparadas e idas ao viveiro de plantas eram constantes. Durante a noite, as floreiras em varandas e deques explodiam em cores diversas. Todos sabiam que era ilusória, essa prova palpável do calor iminente, mas ninguém ligava. Alguns dias ensolarados em maio podiam ajudar as pessoas a passarem por um junho chuvoso.

Nos primeiros dias, Vivi Ann fez o possível para ignorar Dallas Raintree. Ela acordava mais cedo do que de costume e fazia café da manhã para os três, mas dava um jeito de não estar lá às seis, quando Dallas aparecia. Todas as manhãs, deixava para ele uma lista de tarefas sobre a mesa da cozinha, uma lista à qual sabia que seu pai acrescentava coisas, e na hora do jantar (que ela também evitava), as tarefas estavam sempre cumpridas. Até mesmo seu pai, que era duro ao julgar as pessoas, precisou admitir que Dallas “domina o trabalho de um rancho”. No fim da semana, surpreendentemente, ninguém mais ligava para a transgressão de Vivi Ann na taverna. E seus planos de casamento foram como ondas que levaram tudo aquilo embora.

Ah, as pessoas ainda falavam sobre o assunto, apontavam para Dallas quando ele entrava na taverna Outlaw ou na mercearia; no entanto, nada disso importava mais. Henry Grey o havia aceitado como novo peão da fazenda e isso colocava um fim à discussão. Quando lhe perguntavam na cidade, o pai respondia: *foi uma surpresa, mas o índio sabe como trabalhar em um rancho*, e a história acabava aí.

Vivi Ann desejava poder esquecer tudo facilmente.

Ele estava no celeiro agora, na tarde clara, parado na entrada com a porta aberta, varrendo pó, terra e fiapos de palha para fora, onde o sol brilhava.

Era tarde demais para fingir que ela não havia olhado para ele, então sorriu – mais um cerrar de dentes, na verdade – e caminhou em sua direção.

– Pode ir até a mercearia comprar um pouco de *psyllium*? O nosso acabou. Chuck vai saber qual e vai colocar na nossa conta. Precisa de minha picate?

– Eu tenho a minha.

– Ótimo – respondeu ela, com a intenção de ir embora.

Ele sorriu.

Ela hesitou mais alguns segundos e depois se obrigou a ir. Achou que o havia escutado rindo baixo atrás dela, mas se recusou a virar.

No mesmo instante, um grande utilitário preto entrou e estacionou. Seis pré-adolescentes pularam para fora, rindo e falando todas ao mesmo tempo. Mackenzie John correu na direção dela.

– Estamos atrasadas?

– Não. Selem os cavalos. Encontro vocês na arena.

As meninas saíram correndo.

Vivi Ann ouviu a porta do carro se abrir e depois fechar atrás dela e soube o que aquilo significava.

Julie John se aproximou, batendo com seu quadril no dela. Era uma mulher alta e bonita, com cabelos loiros repicados e um sorriso a postos.

– Cadê ele?

– Quem?

– Christian Slater. Quem você acha? *Ele*.

Vivi Ann sabia que não adiantava fingir que não estava entendendo, então apontou com o queixo na direção de Dallas.

Ele estava perto do telheiro, colocando serragem com um forcado em um carrinho de mão enferrujado.

– Uau. – Julie ficou quieta, talvez tenha até mesmo suspirado, depois disse: – Tome cuidado, Vivi.

– Estou ouvindo muito isso ultimamente.

– Bem, eu daria ouvidos se fosse você. Seu noivado é o assunto da cidade. As pessoas achavam que você nunca ia sossegar e Luke é um cara ótimo.

– Não preciso que você me diga isso.

– Mesmo? Porque eu conheço essa sua tendência. Lembra quando ficou toda apaixonada por aquele aluno que foi transferido pro nosso colégio? O cara que se meteu em confusão por beber no jogo de volta às aulas? Como era o nome dele?

Vivi Ann se afastou.

– Apenas tome cuidado. É só o que estou dizendo.

– Tomarei. Obrigada.

Vivi Ann deixou Julie sozinha no estacionamento. Enquanto ia até o celeiro, podia sentir Julie e Dallas olhando para ela, mas continuou seguindo firme até a arena e começou a aula.

– Sua postura está linda, Mackenzie – disse ela. – Mantenha os calcanhares abaixados, lembra? E, Emily, hoje vamos trabalhar as mudanças de andadura com os cavalos para a feira. Então quero que recolha sua égua. Lembra como se faz? Primeiro tem que sentar bem no meio da sela... Ótimo. Agora traga a cabeça dela puxando as rédeas para trás...

Uma aula foi sucedida pela outra durante todo o dia e a atividade constante manteve Vivi Ann focada. Quando a última aula terminou, ela massageou o pescoço com torcicolo e voltou para casa, onde cortou os ingredientes para o molho de macarrão, colocou tudo em uma panela elétrica em cozimento lento e subiu para tomar banho.

Já estava no andar de baixo, servindo-se de uma taça de vinho, quando alguém bateu à porta.

Ele havia chegado pontualmente.

Criando coragem, ela abriu a porta.

– Olá, Dallas.

Esperou ele dizer alguma coisa, mas o homem só ficou lá parado, encarando-a. Era a primeira vez

que ela se permitia realmente olhar para ele e notou uma cicatriz irregular, quase invisível, que corria pela linha de seu cabelo, da têmpora até a orelha. Era dentada e disforme, como se uma costureira bêbada tivesse dado os pontos com linha e agulha comuns; ela não conseguiu deixar de imaginar como ele havia sido ferido. Sem pensar, passou a ponta do dedo nas linhas irregulares. Estava prestes a perguntar como ele tinha conseguido a cicatriz, porém, antes de dizer qualquer coisa, ele falou baixinho:

– Cuidado, Vivi Ann. Eu posso tocar em você também.

Ela puxou a mão para longe dele.

– Tem certeza que quer parar? – provocou ele.

Havia uma ponta de riso em sua voz e mais alguma coisa, uma intenção que a irritava.

Ela se virou e andou até a cozinha, dizendo:

– Tem molho no fogão e macarrão no escorredor, dentro da pia. Pode se servir.

Ela sabia que ele ainda estava lá, observando-a, então foi até o telefone e ligou para Luke, que atendeu quase imediatamente.

– Graças a Deus, Vivi – disse ele. – Eu estava enlouquecendo esperando você ligar. Eu pensei... talvez...

– Você não tem nada com que se preocupar – respondeu ela, de maneira bastante brusca. – Que tal se a gente sair para beber? Preciso dar o fora deste rancho.

– Ótimo – disse ele. – Pego você às oito. E, Vivi: eu te amo.

Ela sabia o que precisava dizer, o que ele queria ouvir, mas não conseguia. Em vez disso, sussurrou:

– Venha logo, Luke. – E desligou.

Lentamente, ela se virou para Dallas mais uma vez e viu que ele estava sorrindo.

– Boa ideia, Vivi Ann. Corra para aquele seu lindo namorado. Ele parece um daqueles cachorrinhos que gostam de coleira. Veja se ele consegue acabar com sua comichão.

– Eu não tenho nenhuma comichão.

No entanto, mesmo dizendo aquilo, ela de repente soube que era mentira.

E Dallas também sabia.



A Outlaw estava tranquila naquela noite de meio de semana. Alguns clientes regulares com olhares cansados sentavam-se sobre as banquetas, cuidando de suas bebidas. A maioria estava fumando. Nos fundos, algumas mulheres mais velhas, cabelos longos com permanente, jogavam sinuca. Dois indígenas estavam parados perto da porta do banheiro, tomando cerveja. O jukebox tocava uma antiga canção do Elvis.

Vivi Ann deixou que Luke a conduzisse até uma das pequenas mesas de madeira envernizada à esquerda do bar.

– Margarita? – ofereceu.

Ela fez que sim com a cabeça, sem pensar, e disse:

– Com gelo. Sem sal.

Quando ele se afastou, ela suspirou, tentando ouvir a música, mas não conseguia se livrar da voz de Dallas. Suas palavras não lhe saíam da cabeça.

Cuidado, Vivi Ann. Eu posso tocar em você também.

Como se invocado pelo curso de seus pensamentos, ele entrou na Outlaw. No interior esfumaçado, seus olhares se encontraram e ela respirou fundo.

Então Luke voltou, entrando em sua frente e bloqueando a visão de Dallas.

– Aqui está – disse ele, colocando uma margarita verde-clara sobre a mesa bamba. – Veja quem eu encontrei jogando sinuca.

Winona apareceu ao lado dele.

– Oi, Vivi Ann.

Havia algo no tom de voz de Winona, uma acidez que penetrava fundo, mas Vivi Ann não ligou. Sinceramente, Winona vinha agindo como uma cretina nos últimos tempos e Vivi Ann estava cansada de tentar imaginar o que havia feito de errado para a irmã. E, de qualquer forma, ela só conseguia pensar em Dallas.

Ela se inclinou de lado para olhar para a porta, mas ele não estava mais lá.

Uma rápida análise da taverna revelou que ele não havia ficado.

Ela se levantou.

– Preciso pegar uma coisa na minha bolsa. Eu deixei no seu carro. Já volto.

– Posso pegar para você...

– Não. Fique conversando com Winona. Eu sei como vocês se gostam. – Ela deu um tapinha no ombro de Luke como se ele fosse um... *cachorrinho*. – É rapidinho.

Ela se recusou a olhar para Winona, cuja testa estava ainda mais franzida.

– Está bem – disse Luke. – Volte logo.

Sentindo-se culpada, embora incapaz de deter a si mesma, Vivi Ann correu para fora da taverna. O estacionamento estava vazio.

Ele não havia esperado por ela.

Ela correu para a rua e o viu. Dallas estava na esquina, perto da sorveteria da Myrtle. Ele levantou um pouco a cabeça, como se estivesse escutando alguma coisa, depois entrou na viela escura atrás da loja.

– Fique aqui, Vivi – disse ela para si mesma em voz alta. – Isso vai dar problema.

Mas quando ele se moveu, ela o seguiu, dando uma distância suficiente para que ele não a ouvisse. A viela era um dos poucos lugares da cidade onde Vivi Ann nunca havia estado, nem mesmo quando criança. Era estreita e escura, cheia de lixo: latas de cerveja, garrafas de bebida vazias, guimbas de cigarro. No final da viela, ela parou e olhou em volta.

O casebre decrepito de Cat Morgan parecia se manter unido à orla por pura força de vontade. O pátio estava uma bagunça, assim como a casa. Havia fita adesiva cruzada sobre várias janelas quebradas e a porta da frente estava torta. O musgo cobria o telhado e transformava a chaminé em algo verde-nuclear. No decorrer dos anos, Vivi Ann havia ouvido dezenas de histórias chocantes a respeito do que acontecia naquela casa.

Música pulsava pela noite, um *heavy metal* que Vivi Ann não reconhecia. Pelos vidros sujos, era possível ver pessoas dançando.

Dallas foi até a porta da frente e bateu.

A porta se abriu e Cat Morgan saiu. Ela usava uma frente única de veludo que exibia seus grandes

seios e jeans pretos justos para dentro de botas de caubói prateadas. Cabelos cor de cobre caíam em cachos selvagens de cada lado de seu rosto cheio de maquiagem e uma dúzia ou mais de pulseiras de prata envolviam seu pulso.

– Olá – disse Dallas.

Cat disse algo que Vivi Ann não conseguiu ouvir, depois fez um gesto para ele entrar. A porta de tela bateu atrás deles.

Vivi Ann ficou mais um pouco ali, esperando. Quando ficou claro que Dallas não ia sair, ela voltou para a parte boa da cidade. Em menos de três minutos, estava novamente na Outlaw, sentada diante de Luke e Winona.

Em segurança. Como sempre.

– Eu ando querendo falar sobre nosso casamento – começou Luke. – E agora estamos todos juntos. É uma boa hora.

Ela forçou um sorriso.

– Claro, Luke. Vamos falar sobre isso.



– Estou dizendo, Aurora, tem alguma coisa errada.

– Uau, grande surpresa. Vou dizer o que está errado, Win: você é uma idiota. Mesmo com um cérebro do tamanho de um continente, você não entendeu o que estava acontecendo bem diante do seu nariz e agora está ferrada. Sua irmã caçula está noiva do homem que você ama.

– Eu nunca disse que amava.

– E eu nunca disse que meu marido era um tédio, mas você sabe, assim como eu sei sobre Luke.

Winona se encostou e deu impulso. Elas estavam no balanço da varanda da casa de Aurora. As correntes velhas rangeram com o movimento.

– Ela não ama o Luke, Aurora.

– E o que você vai fazer?

– O que é que eu posso fazer? Acabou.

– Não está acabado até chegar ao fim. Você só precisa contar a verdade a Vivi Ann. Ela vai dar um jeito. Não vai se casar com ele. Eu garanto.

Winona ficou olhando para o quintal escuro de sua irmã. Eram dez horas de uma noite de meio de semana e a maioria das casas dos vizinhos estava apagada. Oyster Shores fechava cedo na primavera.

– Então eu só preciso admitir que amo um homem que me considera uma boa advogada e ótima amiga e dizer à minha bela irmã mais nova que minha felicidade é mais importante do que a dela e, só para acrescentar uma cereja ao sundae da humilhação, dizer ao papai que ele não vai ficar com as terras de Luke por casamento, afinal, porque a idiota da Winona se meteu no caminho.

– Minha nossa, vendo por esse ângulo...

– O ângulo é esse. Talvez eu pudesse ter feito alguma coisa no começo. Eu admito, fiz besteira, mas agora é tarde demais. Só tenho que engolir tudo isso.

– Acha que consegue deixar de ser tão cretina? Enquanto estiver engolindo tudo isso?

– Eu não estou sendo cretina.

– Sério? Trayna disse que você foi um poço de grosseria com ela outro dia. E domingo passado, depois da igreja, você nem olhou para Luke e Vivi. E teve também o banquete da série de provas de três tambores que você perdeu. As pessoas vão perceber.

Winona suspirou.

– Eu sei... eu quero...

Ela nem conseguia expressar essa sua nova necessidade. A perversidade a constrangia. Ela não queria apenas que Luke de repente passasse a amá-la. Isso não bastava mais. Ela queria machucar Vivi Ann, queria fazer com que ela entendesse – de uma vez por todas – como era perder.

– Somos nós, Win – disse Aurora, pegando na mão dela. – As irmãs Greys. Não pode deixar Luke significar mais do que nós.

– Eu sei – respondeu ela, e era verdade.

Ela *sabia* o que estava bem ali, o que precisava fazer. Só que simplesmente não conseguia, e perceber isso era tão ruim quanto o resto. O autocontrole nunca tinha sido seu forte. Antes, significava apenas que ela comia demais e se exercitava muito pouco. Ultimamente, no entanto, suas emoções estavam tão incontroláveis quanto seus ímpetos. Às vezes, no meio da noite, quando se via esperando que alguma tragédia terrível recaísse sobre Vivi Ann (não uma morte nem nada do tipo, mas algo ruim o bastante para Luke deixá-la), Winona se perguntava do que era capaz.

– Só preste atenção em Vivi Ann, está bem? Você vai ver que ela não ama o Luke.

– Ah, Win – disse Aurora. – Você não entende. A questão é que ele a ama.

– Ele não amaria se soubesse a verdade.

Aurora estava olhando fixamente para ela; mesmo à pouca luz da varanda, sua preocupação era óbvia.

– Você não faria nada estúpido, faria?

Winona riu. Foi necessário pouco esforço para dizer:

– Eu? Eu sou a pessoa mais inteligente que você conhece. Eu nunca faria algo estúpido.

Aurora relaxou imediatamente.

– Graças a Deus. Você estava começando a parecer um pouco *Mulher solteira procura*.

– Você me conhece muito bem – disse ela.

Mas muito depois, quando estava em casa, pensando no que acontecera na Outlaw, lembrando-se de como Luke havia olhado para Vivi Ann, Winona se preocupou consigo mesma também, com o que poderia fazer algum dia.



Da sala de jantar, Vivi Ann podia ver o pátio, o celeiro e o padoque. À luz rosada do início da manhã, tudo parecia suave e um pouco surreal.

Ela disse a si mesma que estava arrumando a mesa, como sempre fazia, que não estava esperando na janela, mas quando Dallas apareceu, ela reconheceu a própria mentira. Adotando uma expressão neutra, abriu a porta.

– Oi – disse, secando as mãos em um pano cor-de-rosa.

Era a primeira vez que ela estava em casa para tomar café da manhã com ele e, ao fazer isso, ao ficar,

sabia que estava cometendo um erro.

Cuidado, Vivi Ann.

– Vai deixar a maldita porta aberta a manhã inteira? – perguntou o pai, chegando por trás dela.

– Entre, Dallas. Sente-se – disse ela, conduzindo-o na direção da mesa.

Vivi Ann serviu a refeição e sentou-se entre eles. Quando o pai terminou a oração, todos começaram a comer.

Vivi Ann tomara a maioria dos cafés da manhã de sua vida em silêncio. Seu pai e os caubóis em geral não são um grupo muito falante, mas naquela manhã isso lhe deu nos nervos. Ela sabia que Dallas a estava observando quando disse:

– O próximo evento de laço está chegando. Preciso que alguns folhetos sejam colocados.

– Posso fazer isso – retrucou Dallas. – É só me dizer onde quer que eu coloque.

Ela concordou com a cabeça.

– E aquele vazamento no telheiro...

– Consertei ontem.

Ela olhou para ele, surpresa.

– Eu não coloquei na lista.

– O que faz você pensar que eu sei ler?

O pai fez um ruído ao ouvir aquilo, um tipo de risada contida, e continuou a ler sua revista.

Ela se obrigou a tirar os olhos de Dallas e olhou para o pai.

– Pode ir comigo a Sequim hoje?

– Meu dia está cheio, Vivi – respondeu o pai, cortando seu filé de carne de porco. – Seis cavalos para colocar ferradura. O último é lá em Quilcene. Precisa resgatar algum cavalo?

Ela assentiu.

– Eu posso ajudar – ofereceu Dallas.

– Não, obrigada. Meu noivo pode me ajudar – rebateu ela.

– Como quiser.

Ela se afastou da mesa e foi começar a lavar louça. Quando terminou, os dois já tinham saído e a casa estava vazia de novo.

Nas cinco horas seguintes, trabalhou incessantemente: dando aulas, treinando a égua de Jurika e preparando os folhetos. Às onze e meia, voltou para casa para fazer o almoço, metade do qual embalou e colocou em uma cesta de piquenique; a outra metade ela deixou sobre a mesa, embrulhada para Dallas. Depois, foi até o telefone amarelo na cozinha e ligou para Luke, que atendeu quase imediatamente.

– Ei, eu quero sequestrar você hoje – disse ela. – Tenho um cavalo maltratado para resgatar em Sequim. A gente podia fazer um piquenique na praia.

– Droga. Queria que você tivesse ligado antes. Acabei de prometer que ia passar na casa dos Winslows. A potra deles está mancando.

– Tem certeza?

– Sinto muito. Ainda vamos sair para jantar, não vamos?

– É claro.

– Vejo você às sete.

Ela desligou o telefone e saiu. Na varanda, viu Dallas virar o trator na sua direção. Quando ele a viu,

abriu um sorriso e ela soube que o peão esperava que ela fosse atrás dele.

– Não tenho escolha – disse para si mesma em voz alta. – É apenas trabalho.

Ela cruzou o estacionamento e parou ao lado do trator.

– No fim das contas eu vou precisar da sua ajuda para buscar aquele cavalo – falou.

Sem esperar a resposta, foi para a picate e entrou. Dez minutos mais tarde, quando já havia engatado o trailer para seis cavalos, buzinou com impaciência.

Assim que ele subiu no banco do carona, ela engatou a primeira marcha. A picate saiu andando e eles partiram.

– Sabe como carregar um cavalo arredio? – perguntou ela depois de um bom tempo.

– Sei.

Quilômetros se passaram em silêncio.

Eles estavam entrando em Sequim quando ele falou novamente:

– Seu primeiro *jackpot* foi uma piada. Você sabe disso, não sabe?

Vivi Ann não sabia o que tinha esperado dele: talvez alguma insinuação sexual simplória ou um *vamos lá* suave. Talvez até mesmo um comentário sobre Luke. Mas isso... Ela franziu a testa.

– Foi o que eu ouvi dizer. Várias vezes. Não que alguém tenha tentado me ajudar.

– Eu vou ajudar: seus prêmios eram muito caros, foram muitas rodadas e o preço das entradas foi muito baixo. Acima de tudo, você não está conseguindo formar um público cativo. Precisa de mais frequentadores regulares. Eu posso ensinar a laçar. Você não precisaria cobrar muito. O importante é acostumar os caras a virem para cá. A notícia vai se espalhar rápido.

Ela pôde ver na mesma hora que tudo aquilo funcionaria; ela mesma deveria ter tido as ideias.

– Como sabe disso?

– Nós fazíamos isso no rancho Poe. Tínhamos seiscentas equipes, ou mais, em cada *jackpot*.

– E você poderia fazer isso? Ensinar a laçar?

– Eu precisaria de um cavalo.

– Isso não é problema.

Vivi Ann olhou para o campo ao longo da rodovia, observando a brisa bater como se brincasse de dar saltos na grama alta, e pensou em como as coisas podiam mudar rapidamente. Um pouco de vento, um pouco de informação...

– Obrigada – disse ela depois de um tempo.

Provavelmente havia mais a dizer, mas ela não sabia o que era e ele não parecia se importar.

– Estou surpreso por ninguém ter dito isso antes.

Ela entrou na Deer Valley Road e diminuiu a velocidade, esperando sua chance de virar à esquerda.

– As pessoas não me levam a sério. Acham que sou uma boneca Barbie. Cabelos loiros e plástico, cabeça vazia.

– Isso explica aquele Ken.

Ela não conseguiu conter o sorriso, mas ele só durou até Dallas dizer:

– Eu não acho que você tenha a cabeça vazia.

Ela olhou para ele, surpresa, depois se obrigou a desviar o olhar.

– Obrigada – falou, virando na colina e mudando de marcha.

A velha picate e o trailer estremeceram e rangeram antes de ganharem velocidade novamente.

- Quantos cavalos já resgatou? – perguntou Dallas.
- Dez ou onze, eu acho. Peguei o primeiro quando tinha 12 anos.
- Por quê?

Novamente, Vivi Ann ficou surpresa. Ninguém nunca havia perguntado suas razões.

- Foi o ano em que minha mãe morreu.
- Isso ajudou?
- Um pouco.

Ela entrou com cuidado em uma estrada cheia de buracos que serpenteava em meio a um bosque de árvores gigantes. Diminuindo a velocidade, desviou dos buracos maiores até chegarem a uma clareira com uma linda casinha de madeira, um celeiro com quatro baias e um pequeno pasto cercado. Lá, ela estacionou.

– A Sociedade Protetora dos Animais encontrou esse capão em péssimas condições e trouxe ele para cá. Felizmente, as pessoas que fizeram isso com ele estão na cadeia. Whitney Williams, a dona deste lugar, está trabalhando, mas sabia que a gente vinha.

Ela pegou a guia na traseira da picafe e seguiu para o celeiro.

- Espere aqui.

Por dentro, o celeiro estava escuro e empoeirado. Na porta da última baia, ela parou. O cavalo preto se misturava com as sombras; tudo o que ela podia distinguir eram os dentes amarelos expostos e o branco dos olhos. As orelhas estavam para trás e ele bufou, soltando muco e ar.

- Eia, menino.

Vivi Ann abriu a porta da baia e deu um passo para trás por precaução. O cavalo empinou e investiu contra ela com os cascos da frente.

Ela desviou facilmente e prendeu a guia em seu cabresto enquanto os cascos batiam na porta de madeira.

Mais quinze minutos se passaram para tirar o cavalo aterrorizado da baia úmida e fedida e levá-lo para fora; então, enfim, ela viu as cicatrizes.

Onde ele havia sido chicoteado ou cortado com profundidade, os pelos nasceram brancos.

- Filho da puta – resmungou Dallas ao lado dela.

Vivi Ann sentiu as lágrimas começarem a se formar e as secou rapidamente antes que Dallas pudesse ver sua fraqueza. Mesmo já tendo feito aquilo muitas vezes, nunca havia se acostumado a ver cavalos feridos. Ela pensou em Clementine, em como a égua a havia salvado quando ela precisou de salvação e ficou de coração partido ao pensar em como as pessoas podiam ser cruéis. Ela tentou passar a mão no focinho aveludado do cavalo, mas ele desviou de seu toque, revirando os olhos com selvageria.

- Vamos colocá-lo no trailer e tirá-lo daqui.

– Se fica tão abalada, por que faz isso? – perguntou Dallas mais tarde, quando já estavam de volta à estrada.

- Eu devia deixar os bichos sofrerem porque é doloroso ajudar?

- Você não seria a primeira a fazer isso.

– Este cavalo em particular, seu nome é Renegado, foi campeão estadual de equitação na modalidade Western Pleasure há apenas quatro anos. Eu o vi ganhar naquele dia. Ele era magnífico. E agora dizem que não pode ser montado. Iam sacrificá-lo antes que machucasse alguém. Como se fosse culpa dele ser

violento.

– Um animal maltratado pode se tornar cruel.

– Você parece saber do que está falando.

Ele diminuiu o tom da voz.

– Ele poderia machucar você.

– Eu sei me cuidar.

– Sabe?

De repente, estranhamente, Vivi Ann achou que eles não estavam mais falando de Renegado.

Ela se concentrou na estrada, sem dizer nada até estarem de volta em casa, estacionando sobre o cascalho e descarregando Renegado.

– O jantar vai demorar um pouco – avisou ela, deixando o cavalo solto no padoque gramado atrás do celeiro.

Sabia por experiência própria que cavalos como ele precisavam ficar sozinhos. Às vezes estavam tão machucados que nunca mais conseguiam correr com um bando.

Dallas se aproximou.

– Não se preocupe comigo. Vou levar Cat Morgan para jantar.

– Ah. Está bem. – Ela deu um passo para trás, dizendo a si mesma que não estava decepcionada. – Acho melhor eu entrar.

Mas ela não se mexeu. Não sabia o porquê até que ele diminuiu a distância entre eles.

Por um instante, achou que ele fosse beijá-la e, apesar de tudo, ela queria, mas então ele sussurrou em seu ouvido:

– Nós dois sabemos que não é a Cat que eu quero.

SETE



Depois do jantar no restaurante Waves, Vivi Ann e Luke voltaram para a fazenda. Os ruídos da noite de início de junho estavam ao redor deles, entrando pelas janelas abertas da picape – barcos a motor sendo enfiados dentro de trailers depois de um dia sobre as águas calmas do canal, crianças rindo no parque ao longo da orla, cães latindo. Havia tanta coisa acontecendo na cidade que seria fácil negligenciar o silêncio dentro do carro; Vivi Ann, porém, notou cada pausa, cada respiração. Nas semanas que se passaram desde que ela e Dallas resgataram Renegado, ela sentiu como se sua vida estivesse, de algum modo, suspensa, como se o perigo estivesse próximo e ela precisasse ter cuidado, estar sempre alerta em relação a ele. Havia uma pressão se formando dentro dela, aumentando cada vez mais.

Ela olhou para Luke e o sorriso que ele deu era tudo o que o sorriso de um homem deveria ser: claro, luminoso e sincero. Deveria ter despertado nela a vontade de retribuir com outro sorriso, de dizer algo romântico, mas quanto mais ela olhava nos olhos dele, mais aprisionada se sentia. O resto de sua vida com ele de repente estava ali com ela, sentado na picape, e era pequeno e despretensioso. Não era nada do que ela queria. Ela queria paixão, fogo e magia. Talvez seu erro tivesse sido não dormir com Luke. No início, havia se contido porque ele queria algo sério e ela não, então não queria que o sexo a aprisionasse a um falso amor, mas agora estava presa de qualquer maneira e a ironia era que ele acreditava que a falta de intimidade entre os dois era um tipo de prova de amor. Talvez se o sexo fosse ótimo com Luke, ela ficasse nas nuvens e se apaixonasse...

E parasse de pensar em Dallas.

Assim que eles estacionaram diante da casa e saíram do carro, ela foi até ele, esticando os braços.

– Eu quero querer você, Luke. Agora mesmo.

Pretendia dizer apenas *eu quero você*, mas já era tarde demais para voltar atrás.

Ela pressionou o corpo contra o dele, esfregando-se de forma promíscua, tirou a camisa e jogou-a para o lado.

– Luke... – pediu. – Venha me enlouquecer...

Ele a beijou profundamente e depois se afastou, olhando para ela.

– Não é assim que deveria ser nossa primeira vez. Vamos voltar para a minha casa.

Vivi Ann sentiu uma onda de decepção. Todos aqueles beijos e nada. Era como ela pensava: esse homem bom, bonito e amoroso nunca acenderia um fogo dentro dela. Ela se obrigou a sorrir.

– Você está certo. Nossa primeira vez deveria ser especial. Pétalas de rosa e luz de velas. – Ela se

abaixou para pegar a camisa e vestiu a roupa. – E não em uma noite em que eu tenha tomado tantas taças de vinho.

Ele colocou o braço em volta dela e conduziu Vivi Ann até a casa.

– Acho que terei que ficar de olho em você, lembrando-a de que duas taças é o seu limite.

Aposto que ele trata você como algum tipo de tesouro.

Ela não conseguiu responder, porém, quando eles chegaram à varanda, diante da porta, e Luke lhe deu um beijo de boa-noite, ela se esforçou para não chorar.

– O que há de errado, Vivi? – perguntou ele, afastando-se. – Sabe que pode falar comigo sobre qualquer coisa, não sabe?

– Eu só estou cansada. Tudo vai ficar melhor amanhã.

Ele aceitou e deu outro beijo de boa-noite. Com um suspiro, ela o viu voltar para seu carro e sair. Então entrou em casa e subiu as escadas rumo a seu quarto.

Lá, ficou olhando para o rancho escuro, viu a luz da lua sobre o telhado do celeiro. Estava prestes a se virar quando vislumbrou algo bem branco que lhe chamou a atenção. Um chapéu de caubói.

Dallas estava bem ali, ao lado do padoque de Renegado, observando-a. Ele a vira tirar a blusa...

Ela saiu de perto da janela e foi para a cama, mas demorou um bom tempo para conseguir dormir.



Em uma tarde ensolarada de meados de junho, Winona recebeu a ligação que estava esperando.

– Winona? – disse ele. – Preciso falar com você sobre Vivi Ann. Pode me encontrar em Water’s Edge hoje à noite? Estarei no celeiro depois das sete.

Ela deu um jeito de seguir com o resto de seu dia de trabalho, redigindo perguntas para depoimentos, lendo contratos de imóveis, visitando clientes, embora sua mente estivesse em outro lugar, pensando naquele telefonema.

Ele vai terminar tudo. Finalmente.

Depois recorreria a ela para se consolar.

Quando seu último cliente saiu e Lisa fechou o escritório, Winona subiu para a desordem do espaço em que morava. Lá em cima, longe dos olhos do público, o piso precisava ser trocado, o papel de parede estava descascado, revelando placas de reboco com infiltração, e a ferrugem cobria grande parte dos ornamentos. Ignorando tudo isso, ela escolheu as roupas com cuidado e vestiu uma longa túnica aveludada e calça jeans. Enrolou os cabelos, passou spray para tirá-los do rosto e deixou que caíssem sobre as costas. Quando se arrumou o melhor possível, saiu de casa e dirigiu até o rancho, surpresa ao encontrar o estacionamento cheio de trailers.

Encontrando um lugar para estacionar perto da cabana de seu avô – ao lado da velha caminhonete Ford de Dallas –, ela desceu pelo caminho gramado até o celeiro.

Lá dentro, encontrou uma multidão em atividade: homens sobre quartos de milha musculosos, galopando ao lado da grade, jogando laços bem apontados sobre novilhos em movimento; garotos praticando o lançamento sobre novilhos falsos; mulheres nas arquibancadas, agrupadas, conversando, fumando e tomando cerveja. E no centro de tudo, claramente comandando o show, estava Dallas Raintree. Ele estava ajudando um homem, dizendo a ele para elevar o cotovelo a fim de aplanar o laço, mostrando

como fazer.

Ela encontrou Luke sentado sobre a plataforma.

– O que é tudo isso?

Ele deu um gole em sua cerveja.

– Dallas está dando treinamento de laço. Já começou há horas. Trinta e cinco contos por pessoa.

Winona analisou a arena, contou os homens montados e os garotos praticando com o boneco e fez a soma.

– Uau.

– Todo mundo aqui já se inscreveu para o *jackpot* de amanhã – acrescentou. – E as mulheres querem provas de três tambores no sábado que vem.

Ela se sentou ao lado de Luke, chegando o mais próximo que sua ousadia permitia. Não era muito, só ficar sentada ao lado dele, mas era tudo o que conseguia naqueles dias.

– Fiquei surpresa quando você ligou. Você anda muito ocupado com Vivi Ann nos últimos tempos para conversar comigo.

Ela torceu para não ter parecido amarga.

– Sinto muito por isso. Na verdade, quero falar com você sobre Vivi Ann. Espero que não tenha problema. Vou entender se você disser não. Existe aquele código entre irmãs.

– Tudo bem. Vivi Ann sabe que éramos amigos antes de vocês dois se apaixonarem. – Ela tropeçou só um pouco na difícil frase. – Então, diga, qual é o problema?

– Vivi Ann anda estranha.

É claro que sim. Ela não te ama.

Winona se virou para Luke, viu a dor e a confusão em seus olhos e ficou com dor no coração por ele. Ele não combinava com Vivi Ann, que tratava o amor como se fosse feito de pedra e corações como se fossem de fibra de vidro. Ela estendeu o braço e pegou na mão dele. De repente, parecia que havia uma abertura, uma rachadura na ligação entre Luke e Vivi Ann.

– Eu amo minha irmã. É impossível não amar. Ela é como um raio de sol, mas... ela é egoísta também. Cabeça-dura. Sossegar o facho não é a dela. Talvez ela esteja com medo. Ou não esteja pronta.

– Às vezes não consigo acreditar que ela realmente me ama – disse ele.

– As emoções de Vivi Ann são transparentes. Se ela te ama, você sentirá até os ossos.

Ele não ouviu o alerta nas palavras dela.

– Eu devia ter dito “que se dane” aquela noite, jogado ela na grama e feito amor.

Winona não entendeu direito:

– Ela queria transar do lado de fora?

– Bem na frente da casa. Mas não olhava nos meus olhos. Ela parecia... frenética. Mas eu não devia ter me preocupado com isso, não é? Eu amo Vivi Ann e devia ter mostrado quanto.

Winona sentiu a morte da oportunidade, que murchou dentro dela, fazendo com que se sentisse pequena e seca. Ele não a estava procurando em busca de consolo. Nada havia mudado. Vivi Ann podia tratá-lo como lixo e ele ainda a amava.

– Sim. Claro.

– Quero dizer... e daí se alguém estivesse olhando? Estamos apaixonados.

– Claro – disse Winona com tristeza, desejando que, no fim das contas, ele não tivesse telefonado. –

E quem estaria olhando?

Ao dizer isso, seu olhar recaiu sobre Dallas.



No sábado, quando amanheceu, enquanto Dallas e o pai de Vivi Ann estavam recolhendo os novilhos do campo dos fundos, as pessoas começaram a chegar a Water's Edge. Quando o *jackpot* teve início oficialmente, às onze horas, quase trezentas equipes haviam entrado. Vivi Ann começou seu dia bem antes de o sol sair e não parou até o fim do evento.

Finalmente, quando terminou a última rodada e os prêmios foram distribuídos, ela pegou um copo de limonada na geladeira e se encostou na lateral morna do celeiro.

O estacionamento era um borrão de pessoas. Caubóis e suas famílias estavam ocupados carregando os cavalos, tirando os arreios, dobrando as cadeiras. A fila de trânsito havia começado; caminhões e trailers se moviam em fluxo constante pela estrada de cascalho, na direção da cidade.

O *jackpot* havia sido mais do que simplesmente um sucesso. Aquela palavra era muito pequena e comum. Ele havia sido uma maravilha. Um triunfo. Na última contagem, haviam ganhado bem mais de 2 mil dólares. E isso não incluía os lucros com a venda de comida no barracão de lanches.

Winona chegou ao lado dela, encostou-se no celeiro. Bebendo Coca-Cola diet em um copo de plástico, ela disse:

– Você está me evitando.

– Por que eu não evitaria? Você está agindo como uma cretina ultimamente. Vai morrer se simplesmente disser “Parabéns, Vivi”, “Muito bem”, “O *jackpot* arrasou hoje”?

– Eu teria disso tudo isso antes... se você não estivesse me evitando.

– Eu não estou evitando você. Só não quero ficar ouvindo.

– Ouvindo o quê?

– Você sabe.

– Ele te ama – disse Winona baixinho – e pode não ver que tem alguma coisa errada, mas eu vejo.

Exatamente as palavras que Vivi Ann estivera evitando.

– Eu vou me casar com ele, não vou?

– Vai, mas por quê?

– Está perguntando como amiga dele ou como minha irmã?

– Qual a diferença?

– Muita.

Winona pareceu refletir sobre isso e depois disse:

– Certo, me deixe ser sua irmã por um minuto. Sobre Dallas. Estou preocupada...

– Você está sempre preocupada. – Vivi Ann se afastou da parede do celeiro. – Eu preciso ir, Win. Toda essa loucura está deixando os animais irritados.

Ela praticamente correu para a porta do celeiro. Na baia de Clem, abriu a porta e entrou, depois apoiou a testa no pescoço macio da égua.

– Ela tem razão, Clem. Tem alguma coisa errada e eu não sei o que fazer.

A égua relinchou e esfregou suavemente o focinho na coxa de Vivi Ann. Ela coçou as orelhas do

animal e sussurrou:

– Eu sei, menina. Farei a coisa certa.

Então ela deixou a baia, fechou o trinco e saiu pela porta dos fundos do celeiro, entrando na luz do sol que morria.

Renegado estava na cerca, correndo indômito, galopando de um lado para outro no padoque, derrapando até parar em cada uma das laterais e dando a volta para começar de novo.

– Eia, menino – disse ela, indo até ele. – Está tudo bem. As provas de laço acabaram. Logo tudo vai voltar a ficar calmo. – Ela estendeu o braço para tocar em seu pescoço sedoso, mas ele empinou e disparou para longe. – Está tudo bem, menino – repetiu ela, tentando acalmá-lo com a voz.

– Não consigo tirar você da cabeça – falou Dallas suavemente por trás dela.

Ela se virou. Era isso que ela estivera procurando, era o motivo de estar ali, embora não tivesse admitido para si mesma até esse exato momento. Ela inclinou o queixo só um pouco, esperando...

O beijo foi diferente de tudo o que ela já havia experimentado. Ele a fez flutuar, girar no ar e se enterrar no chão. Ela se agarrou a ele como nunca havia se agarrado a outro ser humano durante a fase adulta, como se só ele pudesse salvá-la.

– Vivi Ann!

Ela ouviu seu nome sendo chamado a distância. Ouviu novamente antes de voltar a si e à realidade.

– Preciso ir – disse, afastando Dallas.

Ele a pegou pelo cotovelo, segurou-a junto ao corpo.

– Eu quero você – disse em voz baixa. – E você me quer.

Ela se soltou e correu pela lateral do celeiro. No estacionamento, encontrou as duas irmãs, além de Richard e Luke; todos esperavam por ela.

– Aí está você – disse Winona, analisando com o olhar aguçado a área atrás deles.

Será que estava procurando por Dallas? Será que suspeitava de alguma coisa?

– Pensamos em sair para comemorar o sucesso do *jackpot*.

– Ah! – exclamou Vivi Ann, tentando parecer casual. – Parece ótimo.



Mais tarde, pouco depois da uma da manhã, Vivi Ann se sentou no último degrau da varanda, com uma irmã de cada lado. Estava levemente embriagada, mas infelizmente não o bastante para desnortear sua mente.

– Quem quer virar doses de tequila?

– Não, obrigada – recusou Aurora. – Preciso ir para casa. Richard disse que me esperaria acordado.

– Win? – perguntou Vivi Ann. – Você topa?

– Está brincando? Estou exausta.

Vivi Ann apoiou as mãos atrás do corpo e se recostou, olhando para além do telhado da varanda, para o céu da noite. No monte atrás do celeiro, uma luz se acendeu, um pequeno vaga-lume amarelo no meio da escuridão.

Eu quero você... E você me quer.

Ela se virou para Aurora, que estava a seu lado, analisando os pequenos enfeites em formato de

bandeiras nas unhas vermelhas.

– Aurora, como soube que Richard era o homem certo?

Aurora inclinou a cabeça apenas o suficiente para fazer contato visual. Sob a luz alaranjada da varanda, seu rosto era uma máscara de luz e sombra.

– Porque ele perguntou.

– É isso? Porque ele perguntou se você queria casar com ele?

– Não. Porque ele me perguntou muita coisa. Se eu estava aquecida o bastante. Se tinha gostado do filme. Onde eu queria jantar. Richard é... gentil. Como Luke. – Aurora olhou para ela e levantou o queixo, fazendo sua própria pergunta. – Namorei muitos homens desagradáveis antes... vocês duas se lembram do Dylan e do Mike. Bem, estava cansada de ser magoada quando Richard apareceu.

– Por que você não admite, Vivi? – perguntou Winona. – Você não sabe se ama o Luke.

– Ela sabe se ama – rebateu Aurora. – E sabe se não ama. O que ela está perguntando é se deve se conformar.

– Conformar? – disse Winona bruscamente. – Isso é ridículo. Estamos falando de Luke Connelly.

Aurora olhou para Winona.

– Você é *irmã dela* – afirmou Aurora. – Não se esqueça disso, Win.

– Como poderia esquecer? – murmurou Winona. – Vocês duas ficam me lembrando disso o tempo todo.

– Somos só nós três desde que a mamãe morreu – disse Aurora, ainda olhando fixamente para Winona. – Ervilha, Feijãozinho e Broto. Podemos nos irritar umas com as outras, gritar, berrar e chorar, tudo bem, é isso que irmãs fazem. Mas ficamos juntas. E no momento Vivi Ann está fazendo algumas perguntas difíceis. Talvez existam coisas que deviam ter sido ditas meses atrás, mas não foram, e agora temos que conviver com elas. Está entendendo? Temos que conviver com elas. – Ela se virou e olhou para Vivi Ann. – A verdade é a seguinte, Vivi: há coisas piores do que se casar com um cara decente e esperar ser feliz.

– Mas e a paixão? – disse Vivi Ann baixinho.

– A paixão se acaba – respondeu Aurora.

Ela tentou sorrir, mas o sorriso saiu falso e contradizendo seus olhos.

Pela primeira vez, Vivi Ann se perguntou se Aurora usava toda aquela maquiagem como camuflagem, para esconder a tristeza de um casamento morno.

– Mas também há coisas melhores. É isso que está dizendo? – Ao falar isso, ela não conseguiu deixar de olhar para a colina, para aquele ponto amarelo.

– Tem certeza de que quer se casar com Luke? – perguntou Winona. – Se não quiser, tudo bem. Basta admitir.

Vivi Ann forçou um sorriso. Como ela podia admitir algo que não sabia? Era insano desejar Dallas do jeito que ela desejava. Não havia modo de aquilo durar. Tudo o que precisava fazer era parar de pensar nele.

– Eu só estou nervosa. Casamento é um passo tão importante...

Winona estava observando atentamente, como um cão de caça a postos. Ela não parecia convencida. Vira Vivi Ann olhar involuntariamente para a cabana?

Mas Aurora disse:

– É natural.

E a conversa terminou em segurança.

– Bem, estou um caco – comentou Vivi Ann. – Obrigada pela ajuda hoje.

Ela abraçou as duas irmãs, depois as acompanhou até o carro e observou enquanto iam embora.

Quando elas foram, entrou em casa. Pela janela do quarto, olhou para a pequena luz amarela ardendo entre as árvores. Ele estava lá. Esperando.

– Mas eu não vou – disse ela enquanto se preparava para dormir.

OITO



Durante todo o resto de junho, Vivi Ann acordou ao nascer do sol e preparou café da manhã para três, deixando a refeição sobre a mesa. Todos os dias, ela resmungava desculpas para seu pai sobre não poder ficar para a refeição. Em vez disso, concentrava todos os esforços na administração de Water's Edge e o rancho estava se tornando mais bem-sucedido do que ela poderia imaginar. Todas as baias estavam cheias e havia uma lista de espera. As aulas de Vivi Ann estavam lotadas, assim como as de Dallas. Pela primeira vez na vida, seu pai estava colocando ferraduras em cavalos apenas quando queria. O restante do tempo, ele passava trabalhando no rancho, fazendo coisas que vinham sendo negligenciadas havia anos – como pintar as cercas e reparar o deque.

Vivi Ann deveria estar radiante, e em muitos aspectos estava. Ela se sentia mais forte nos últimos dias, com mais confiança em si mesma. O único problema era Dallas.

Sempre que o via ou pensava nele, repetia mentalmente seu juramento: *não vou atrás dele*. Ela usava essas palavras como um talismã. Quando via Dallas do outro lado da cerca, usando uma camiseta molhada de suor, martelando um prego, de repente levantando o olhar, sorrindo para ela...

Não vou atrás dele.

Ou quando ele fazia uma pausa na limpeza do estábulo e apoiava o bíceps tatuado no cabo do forcado, olhando fixamente para ela...

Não vou.

Mas todo esse esforço para se controlar a afetava. Mais de uma vez no último mês, ela havia inventado desculpas para seu comportamento estranho. Várias vezes dissera a Luke e às irmãs que não se sentia bem e, no meio das mentiras, aquilo tinha se tornado verdade. Em meados de julho, uma dor havia estabelecido residência permanente em sua têmpora esquerda e o desejo apertara seu peito de tal modo que às vezes mal conseguia respirar. Não importava o que dissesse a si mesma ou a velocidade com que se movimentasse durante o dia, seu desejo por Dallas permanecia, crescendo junto com sua culpa.

Ela estava devastada. Esperava que as irmãs comentassem sobre seu silêncio atípico, mas elas não pareciam notar. Naquela noite de sábado, a família se encontrava reunida na sala, esperando Richard aparecer para que pudessem ir ao parque de diversões de Silverdale. Era a última noite do rodeio municipal e, pela primeira vez em anos, Vivi Ann não havia entrado. Simplesmente estava muito ocupada para participar de provas de três tambores.

– O que acha disso, Vivi Ann? Vivi?

Ela ergueu o olhar, percebendo tarde demais que não estava prestando atenção e todos a observam.

– Está se sentindo bem? – perguntou Aurora.

– Estou com dor de cabeça – respondeu Vivi Ann, passando a mão na têmpora.

– Quer uma aspirina?

– Não, obrigada.

– Talvez não devesse ir ao rodeio – sugeriu Winona, observando-a. Ultimamente, Winona *sempre* a observava. – Vai acabar tarde e você não vai querer perder a igreja amanhã de manhã.

– Mas ela combinou de encontrar o Luke lá – argumentou Aurora.

Isso bastou. Ela não conseguia ver seu noivo. Tornava-se cada vez mais difícil estar com ele. Cada beijo calmo e respeitoso a fazia querer algo mais. Outra pessoa. Não conseguia suportar a culpa que sentia toda vez que ele dizia que a amava.

– Winona está certa – disse Vivi Ann. – A última coisa que preciso hoje é ficar acordada até tarde. Talvez dormir um pouco ajude. É melhor vocês irem sem mim. Digam ao Luke que eu não estava me sentindo muito bem.

– Tem certeza? – Foi a contribuição do pai à conversa.

Não foi muito, apenas duas palavras que a fizeram se lembrar de que a família Grey sempre ia junta para o rodeio de Silverdale. Outra coisa com a qual não conseguia se importar ultimamente.

– Tenho certeza.

Com um aceno de cabeça do pai, a conversa foi encerrada.

Quando Richard finalmente chegou, Vivi Ann os acompanhou até seu enorme utilitário e se despediu. De volta à casa, ela se serviu de uma taça de vinho e preparou um banho quente e delicioso de banheira.

Ela se esticou na banheira vitoriana e se recostou na porcelana lisa. A água exalava o cheiro doce da lavanda. Um por um, os músculos de seu corpo relaxaram até que ela se sentiu completamente lânguida. Quando a noite caiu, já tinha tomado algumas taças de vinho e a dor de cabeça havia desaparecido. E o melhor de tudo, não havia deixado sua mente ser levada na direção de Dallas em nenhum momento.

Bem mais tarde, quando tudo estava silencioso e escuro e ela lia na cama, ouviu um barulho. A princípio, parecia a batida de um coração: *pa-dum, pa-dum, pa-dum*. Agradável, constante e lento.

Ela se sentou, escutou. Era um cavalo, correndo ao longo da cerca. Coiotes?

Levantou-se, vestiu um robe e correu para a janela do quarto. O rancho escuro se estendia diante de seus olhos. Mesmo com a luz da lua, ela demorou um tempo para localizar o cavalo que corria. Renegado.

De onde ela estava, o animal era apenas uma sombra se movendo ao longo da cerca em um galope leve. Ela o sentia mais do que via; tudo o que conseguia realmente vislumbrar era um chapéu, que, pintado pela lua, parecia um osso, sobre cabelos escuros demais para serem vistos.

Ela sabia que não deveria ir, assim como sabia que iria. Apertando a faixa do robe atoalhado, ela desceu as escadas e cruzou o pátio, tomando cuidado para permanecer nas sombras.

Dallas estava montando Renegado sem sela.

Só que montar parecia uma palavra muito simples. Vivi Ann mal podia acreditar como ele fazia parecer fácil, como ele conduzia, virava e guiava o capão com movimentos tão delicados que ela não conseguia enxergá-los.

– Ei, garoto – disse Dallas em voz baixa. – Você se lembra de tudo isso, não lembra? Um campeão nunca esquece.

Vivi Ann ficou escondida nas sombras por quase uma hora, incapaz de desviar o olhar, até que finalmente ouviu Dallas dizer:

– Eia, Renegado.

O cavalo parou abruptamente e Dallas desceu com um único e fluido movimento. Trocando a cabeçada por um cabresto, ele acariciou o cavalo durante um tempo, depois foi embora, colina acima.

Em sua cabana, uma luz se acendeu – como o farol de Dungeness Spit, que tanto mostrava o caminho de casa aos marinheiros quanto alertava sobre perigosos bancos de areia.

E logo ela estava se movendo, seguindo-o. A cada passo, dizia a si mesma que era um erro ir até lá, que ela estava vendo nele algo que não existia, mas nada daquilo importava no momento. Sucumbir era inevitável, como se a escolha tivesse sido feita havia muito tempo.

Sem se preocupar em bater, ela abriu a porta da cabana e viu Dallas sentado no sofá, tomando uma cerveja.

– Só desta vez – disse ela, ouvindo o apelo agudo em sua voz, o medo e a empolgação.

Tudo a respeito daquela noite parecia impossível, como se ela tivesse encontrado um lugar que existia num universo paralelo que continha todos os sabores, perfumes e desejos do mundo real, mas nenhuma de suas regras. Nesse novo mundo, ela podia ser insolente, sensual e ousada. Só por uma noite.

– Vamos fazer só desta vez e nos livrar disso. Ninguém nunca vai saber.

– Será nosso segredo obscuro, né?

Vivi Ann confirmou com a cabeça e caminhou na direção dele.

Ele a pegou nos braços e carregou até a cama, onde empurrou a pilha de colchas de sua avó de lado e a deitou. Abrindo o jeans Levi's com violência, ele puxou a calça e a chutou para o lado, tirando a camisa a seguir.

Cicatrizes cobriam seu peito; uma delas terminava em uma espiral de pele enrugada na costela. A luz da lua suavizava as marcas, fazendo-as parecerem prateadas e quase bonitas, mas ela já havia visto muitos cavalos maltratados para saber o que estava vendo.

– Meu Deus, Dallas... o que...

Ele a beijou até que ela não conseguisse mais respirar, não pudesse mais dizer que era dona de qualquer parte de seu corpo. Ele tomou tudo para si, forçou-a a desejá-lo com um desespero tão bruto que doía. Quando ele tirou as roupas dela e a rolou para baixo de si, Vivi Ann afastou as pernas sem vergonha, gritando seu nome e se agarrando a ele. Nada importava além dos corpos dos dois e de como ele a fazia se sentir viva.



Vivi Ann acordou no meio da noite desejando-o novamente. Ela se virou para beijar seu ombro e descobriu que estava sozinha na cama.

Empurrou a pilha de cobertas e pegou seu robe, caído todo amarfanhado no chão.

Encontrou Dallas na varanda, sentado no último degrau, tomando uma cerveja.

Ela se sentou ao lado dele.

– Eu acordei você? Chutei sua cabeça ou algo assim?

– Eu não durmo.

– Todo mundo dorme.

– É?

Era um lembrete não apenas de que ela não o conhecia, mas de que era uma garota de cidade pequena em um mundo bastante grande. Ela ficou olhando para o rancho, que de repente não lhe parecia familiar. Ela sabia que deveria se levantar, agradecer pelo ótimo sexo e voltar para sua vida. Mas só de se imaginar dizendo aquelas palavras duras e ásperas, lembrava-se da suavidade da língua dele sobre seu corpo, o modo como ele a fizera gritar de prazer.

– É melhor eu ir – disse ela finalmente.

Ele ficou lá sentado, olhando para os campos.

– Tire esse robe, Vivi.

Ela estremeceu com o modo como ele falou. Em alguma parte longínqua de si (uma parte que encolhera numa única noite); a antiga Vivi Ann queria recusar o pedido. Precisava voltar para casa. Ao amanhecer, sentiriam sua falta.

– Dissemos que seria só uma vez – sussurrou ela, ouvindo como sua fala parecia esvaziada, nada convincente.

– Você disse. Eu, não.

Ele se levantou em um instante, ficando de pé na frente dela, desamarrando seu robe.

– Isso é loucura – disse ela, sentindo o tecido felpudo escorregar por seu corpo.

– Loucura – murmurou ele, beijando seu pescoço, a ondulação de seus seios, o espaço entre eles.

– Só mais uma vez – disse ela, fechando os olhos.

A última coisa que ouviu antes de ser beijada foi a risada dele.



Na manhã seguinte, quando Vivi Ann acordou em sua própria cama, sentindo-se dolorida pela paixão da noite anterior, sabia que estava mudada. A vida toda ela fingira ser selvagem, quando, na verdade, sempre estivera segura e protegida. Montar um cavalo em altíssima velocidade não era nada, era fácil; só precisava puxar as rédeas e sua montaria diminuía a velocidade até parar.

Agora não havia rédeas para puxar, nenhum modo de diminuir a velocidade com Dallas. Ela podia não o conhecer direito – não saber nada sobre ele, na verdade –, mas tinha certeza de que só havia duas velocidades possíveis para eles. Parar ou correr.

E ela precisava parar.

Levantou-se da cama e se vestiu para ir à igreja. Com os cabelos puxados para trás, presos com um elástico branco, usando um vestido jeans na altura dos tornozelos com um cinto largo, ela parecia totalmente normal.

Desceu as escadas, deixou um prato de comida para Dallas na geladeira e foi procurar seu pai. Juntos, saíram de casa e foram até a caminhonete.

– Como foi o rodeio ontem à noite?

– Luke ficou preocupado com você. Ele disse que ia telefonar.

– Sério? Acho que não ouvi o telefone. Ainda vai até a casa do Jeff depois da igreja? – falou.

Foi só o que ela conseguiu pensar em perguntar. Queria mudar de assunto.

– Vou.

Eles seguiram até a igreja em silêncio. Do lado de fora, no estacionamento, encontraram Luke e o resto da família e foram para o banco de costume, onde Vivi Ann se sentiu encurralada, aprisionada entre Luke e o pai. Durante todo o sermão – “O caminho que Deus traçou para nós é o da integridade; o pecado é a curva nessa estrada que pode nos tirar do caminho se não estivermos sempre alertas às suas tentações sombrias – ela se sentiu exposta, culpada. Estava certa de que a qualquer minuto o padre MacKeady apontaria para ela e gritaria *Pecadora!*.

Quando o padre terminou, ela saiu apressada do banco e correu para a relativa paz do porão da igreja, onde refrescos e café estavam sendo servidos. Lá, se movimentou em meio a amigos e vizinhos, tentando deixar suas vozes abafarem o ruído feroz da própria culpa. O tempo todo, enquanto conversava com amigos, fazia piadas bobas e tomava café, estava pensando: *Dallas*.

Só isso, o nome dele. Repetidas vezes.

A cada minuto que se passava ela sentia uma pressão dentro de si, até que começou a achar que podia se partir ao meio. Só ele podia afrouxar essa pressão.

Quem sabe só mais uma vez.

– Aí está você – disse Luke de repente, passando o braço em volta dela e puxando-a para mais perto.

Então Winona e Aurora apareceram.

– Vamos – disse Aurora. – Estou morrendo de fome.

Vivi Ann se deixou ser levada por Luke e por suas irmãs enquanto saíam da igreja e caminhavam duas quadras até a casa de Winona.

Lá, reuniram-se na sala para tomar *mimosas* e comer pãezinhos de canela caseiros. A casa toda cheirava a especiarias e velas perfumadas. Para todo lado que Vivi Ann olhava havia uma decoraçãozinha bonita, um enfeite. Era isso que a vida deveria ser – uma busca por coisas para ter, a decoração de cômodos vazios? Ela foi até o solário e ficou olhando para o jardim, uma profusão de cores domadas e contidas. Cada planta tinha sido escolhida para combinar com a visão meticulosa de Winona.

Deveria ser bonito, e era, de uma maneira controlada que não tinha nada a ver com o que Vivi Ann queria. Era como a horta da mãe delas – cuidada com carinho e plantada com precisão, fileiras equilibradas, retas e exatas.

Ela olhou para o lado, desejando poder ver o rancho dali, imaginando o que ele estaria fazendo naquele instante. Atrás dela, podia ouvir as irmãs falando, mas não passava de um ruído. Ela se lembrava da noite anterior com detalhes nítidos, desejando-a – desejando-o – de novo.

– Vivi? Está ouvindo? – Era Winona e ela estava praticamente gritando.

– Estamos falando sobre o local da festa do seu casamento – disse Aurora com veemência.

Lentamente, Vivi Ann se virou e encontrou todos olhando para ela.

– Ah, desculpe. Eu estava admirando o jardim. Está tão bonito, Win.

Luke a puxou para seus braços.

– Estou preocupado com você, querida.

– Todos nós estamos – completou Aurora.

– O rancho está sendo demais para ela – disse Winona. – Talvez a gente precise contratar outro peão.

Eles a estavam cercando – Aurora, que era muito observadora, estava franzindo a testa, enquanto

Winona, que não era nada assim, parecia irritada. E lá estava Luke... a quem ela queria amar, deveria amar... mas não conseguia. Eles estavam reunindo forças, olhando uns para os outros com preocupação e ela sabia que deveria estar confortada pela preocupação deles, no entanto, em vez disso, ela se sentia claustrofóbica. Tudo o que queria era correr de volta para a cabana e ficar com Dallas; aquela necessidade a aterrorizava. Ela precisava acabar com essa loucura *agora*, antes que pegasse fogo e se reduzisse a cinzas.

– Talvez devêssemos ir para algum lugar, Luke. Só nós dois. Ver como convivemos 24 horas por dia.

– Isso se chama lua de mel – disse ele, sorrindo. – Eu estava pensando em Paris. Sei quanto você quer conhecer o mundo.

– Eu quero?

Ela conseguia visualizar a viagem nos mínimos detalhes: eles ficariam em um quarto de preço médio – talvez com vista para a torre Eiffel, se tivessem sorte – e escolheriam os restaurantes para jantar com base em recomendações de um guia de viagem. Veriam todos os pontos turísticos que a Cidade Luz tivesse para oferecer e conversariam tranquilamente enquanto caminhavam pela Champs-Élysées ou ao longo do Sena. Tudo seria romântico, mas um não arrancaria as roupas do outro com impaciência, eles não passariam dias nus na cama, fazendo amor.

– Eu não estou me sentindo nada bem – disse, sentindo o olhar fixo de Winona sobre ela.

Vivi Ann tomou cuidado para não olhar para as irmãs.

– Eu acompanho você até em casa – ofereceu Luke.

– Não – disse Vivi Ann bruscamente, depois suavizou o tom com um sorriso. – Por favor.

Ela ouviu o leve desespero em sua voz e não havia nada que pudesse fazer a respeito. Se ficasse mais um minuto ali, explodiria.

– Está um belo dia para uma caminhada.

– Deixe-a ir – disse Winona, surpreendendo a todos.

– Tem certeza? – perguntou Luke a Vivi Ann.

– Tenho. – Ela ficou na ponta dos pés e deu um beijo rápido no noivo, afastando-se antes que ele pudesse aprofundá-lo. – Vejo vocês depois.

Ela tomou o cuidado de andar devagar, como se realmente não estivesse se sentindo bem. Do lado de fora, continuou fingindo, caminhando pela First Street na direção da água. Foi só quando chegou à esquina e entrou na sombra de uma velha árvore que ela finalmente conseguiu respirar.

E lá estava ele, parado na frente do restaurante Waves, parecendo extremamente deslocado entre os gnomos do jardim. Usava o empoeirado chapéu branco de caubói afundado na cabeça, tão baixo que, mesmo com a luz do sol batendo sobre ele, ela não conseguia ver seus olhos. As pronunciadas tatuagens pretas se destacavam em seu bíceps bronzeado, contrastando com o algodão cinza desbotado de sua camiseta.

Ela fingiu que não o viu e continuou andando, mas quando ouviu os passos dele seguindo-a sobre a calçada do outro lado da rua, andou mais rápido.

Em Water's Edge, ela entrou e bateu a porta, ouvindo um clique; um mecanismo de metal que a separava de um mundo que antes nem sabia que existia.

– Pai? Está aí?

Ninguém respondeu.

Sozinha em casa, ela ficou lá, esperando.

Então ouviu passos na varanda...

A maçaneta da porta começou a virar.

Ele entrou na casa como um vento quente de verão. Ela cambaleou para o lado e bateu na mesa de jantar. Ele a prendeu contra a madeira maciça, pressionou o quadril contra o dela, dando-lhe um beijo tão demorado e tão forte que Vivi Ann não conseguiu respirar o bastante para pedir para ele parar. Ela sentiu a mão dele subir por sua perna, embolando o tecido de sua saia no punho. A mão dele escorregou para sua calcinha.

Ela segurou os botões da calça dele, abrindo-os, abaixando a peça até os joelhos dele. As mãos dela agiam de maneira desesperada sobre o corpo dele, empurrando, puxando; sua necessidade era tão intensa que não conseguia ficar quieta e, quando ele a empurrou de costas sobre a mesa e deu um impulso fundo dentro de seu corpo, ela gritou o nome dele.

Quando tudo terminou e ela voltou a si, sentia-se trêmula e desequilibrada. Estava lá deitada, com a saia enrolada em volta da cintura e a calcinha em volta dos tornozelos, sobre a mesa de jantar de sua mãe. E ela sabia que devia se envergonhar.

– Isso é loucura – comentou baixinho. – Não consigo conviver com isso. A mentira...

Ele tocou o rosto dela com uma suavidade que a surpreendeu.

– Não vai durar muito, Vivi. Nós dois sabemos disso. No final, você vai se casar com o Ken e ninguém nunca vai saber sobre nós. Então venha para minha cama.

– Está bem.

Foi tudo o que ela conseguiu dizer. Era a resposta errada, imoral, nociva e errada, e ela ainda assim deu a mão para ele.

NOVE



Naquele verão, Vivi Ann aprendeu a mentir. Durante o resto dos meses de julho e agosto, trabalhou muitas horas na arena, às vezes junto com o pai, mas com mais frequência sozinha, dando aulas, treinando cavalos ou fazendo o cronograma para os muitos usos do celeiro. Comemorou seu aniversário de 25 anos em um de seus próprios eventos de provas de três tambores e pela primeira vez na vida ouviu comentários sobre como era dedicada.

Dallas tinha lhe ensinado muita coisa a respeito do gerenciamento de um rancho. Water's Edge agora sediava alguns dos melhores *jackpots* e cursos da metade ocidental do estado. Equipes de laçadores, de competidoras de provas de três tambores e de apartação de gado vinham regularmente para competir por dinheiro e prêmios. Depois iam para casa, contavam aos amigos e mais gente vinha.

Durante os dias quentes e ensolarados, Vivi Ann tratava de ser como antes, a Princesa Pérola. Ainda preparava três refeições por dia e servia todas na mesa da sala de jantar, para dois homens que mal falavam. No início, tinha cuidado para não fazer contato visual com Dallas, com medo de que seu pai visse aquilo que ela tentava esconder com tanto afincio, todavia, na verdade, o pai mal prestava atenção nela.

E ela dava graças a Deus por isso, porque estava viciada em Dallas. Simples – e também complexo – assim. Pelo menos cinco vezes por semana, ia até a cabana dele no meio da noite. Eles caíam sobre a cama de ferro de sua avó como adolescentes excitados, fazendo amor até o amanhecer.

Ou talvez não fizessem amor. Talvez fosse apenas sexo. Ela não tinha certeza e, para ser sincera, não se importava. Ele era álcool, heroína e cigarros, tudo em uma coisa só: o mau hábito que não conseguia largar. Vivi Ann aprendeu a levar a própria existência momento a momento, sempre à procura de uma oportunidade de estar com ele.

Como agora.

Era uma linda noite de sexta-feira, fim de agosto: a abertura das festividades dos Dias da Ostra. Os preparativos para o desfile e as danças de rua e para o leilão de caridade estavam em andamento havia semanas. Em anos anteriores, Vivi Ann estaria totalmente envolvida nisso; dessa vez, no entanto, dera uma desculpa atrás da outra até a manhã em que Aurora foi até a fazenda, pegou sua mão e a levou até a picape, dizendo simplesmente:

– Chega.

Então Vivi Ann estava na Main Street com suas irmãs, resolvendo os detalhes finais. Havia gente em todos os lugares, pendurando faixas, colocando placas e montando quiosques e a polícia estava

começando a bloquear várias ruas para o desfile de domingo. No fim da rua, a banda estava se aquecendo. O som de “Testando, um, dois, três” veio da escuridão.

Vivi Ann já havia feito tudo aquilo centenas de vezes; ainda assim, naquela noite, estava incomodada, irritada. A banda estava muito alta, a lista de afazeres, muito longa e Winona observava cada movimento dela como uma leoa caçando na grama alta.

– O que foi? – explodiu Vivi Ann finalmente.

– Você está um pouco irritada hoje – respondeu Winona. – Luke falou que você nunca quer conversar sobre o casamento. Por que isso?

– Por que sempre temos que falar sobre o Luke? – perguntou Vivi Ann. – Estou cansada de fazer planos para o casamento e estou cheia de você me perturbando o tempo todo. Vá arrumar um namorado e deixe o meu em paz.

– Talvez você é que devesse deixar o Luke em paz.

Em um instante, Aurora estava entre elas, a árbitra.

– Ei, vocês duas, estamos em público.

– Mas ela adora ser o centro das atenções, não é, Vivi? – provocou Winona.

Vivi Ann não conseguia aguentar aquela bobagem no momento.

– Vou dizer uma coisa, Win...

– Não, *eu* vou dizer. Você só recebe, recebe, recebe e não pensa em mais ninguém, pensa? Você não se importa com ninguém, a não ser com você mesma.

– Winona, não faça isso – alertou Aurora.

– Não faça o quê? Não dizer à Srta. Princesa Pérola a dura verdade? – Winona olhou para ela. – Você é mimada e egoísta, vai partir o coração de Luke e nem liga. E então ele não vai ser capaz de amar mais ninguém, porque *você* sempre estará em primeiro lugar.

Depois disso, Winona deu meia-volta e abriu caminho no meio da multidão, desaparecendo.

A precisão do ataque de Winona deixou Vivi Ann trêmula.

– Ela tem razão.

Foi tudo o que conseguiu dizer quando a poeira baixou. Estava com o estômago embrulhado, envergonhada e com medo.

– Sei que ela não quis dizer nada disso. Vou falar com ela.

Vivi Ann sabia que deveria ir com Aurora, encontrar Winona e resolver tudo, mas, por Deus, foi em Dallas que ela pensou quando sua irmã disse:

– Encontramos você na dança de rua.

Ela sabia onde ele estaria. Ele passava as noites de sexta-feira e sábado na casa de Cat. Todos da cidade sabiam disso. Os rumores davam corda de que ele jogava pôquer como ninguém e bebia mais do que todos os outros homens.

– Você deveria ir para a dança de rua – disse ela em voz alta depois que Aurora saiu.

Mas não conseguia seguir o próprio conselho. A necessidade de estar com ele era como fogo em seu sangue. Ela começou a andar na direção do canal, tentando permanecer nas sombras. Felizmente, havia tanta coisa acontecendo na cidade que ninguém pareceu notá-la.

No fim da viela, a casa de Cat Morgan parecia um velho bêbado na beira do mar, inclinada e desgastada. A varanda estava torta, as janelas ainda traziam fita adesiva. Mas ela podia ver a festa que

acontecia lá dentro; pessoas indefinidas dançavam em frente a janelas abertas. A música – AC/DC, ou talvez Aerosmith, algo com uma batida forte – reverberava tanto que ela mal conseguia ouvir as ondas batendo na antepara.

Vivi Ann nunca tinha ido até a porta da frente daquela casa. Havia dois tipos de gente em Oyster Shores: as que iam à igreja aos domingos e as que festejavam com Cat Morgan. Aquela casa estava além dos limites para pessoas que se importavam com a reputação. Desde o momento em que Cat chegara à cidade, fazia mais ou menos dez anos, arrumara aquele lugar às margens da vida respeitável. Todo mundo sabia que ela dava festas com álcool, sexo e drogas, mas pagava seus impostos e permanecia no lugar ao qual pertencia: o escuro. Mães usavam o nome dela em histórias para impressionar as filhas. Cuidado com garotos e bebida ou pode acabar como Cat Morgan.

Enchendo-se coragem, Vivi Ann cruzou o gramado irregular e cheio de mato e foi até a porta.

– Não me digam que é Vivi Ann Grey subindo os degraus de minha casa.

As sombras na varanda eram tão densas que Vivi Ann levou um tempo para distinguir quem havia falado. Depois, teve um vislumbre de um cabelo arruivado.

Cat continuou no canto da varanda, fumando um cigarro. Vestindo jeans preto justo e um paletó de smoking apertado na cintura com um cinto prateado e brilhante, ela parecia ter saído de uma cena de *Cowboy do asfalto*. As sombras acentuavam as linhas de expressão em seu rosto. Vivi Ann não tinha ideia de quantos anos ela tinha – talvez 40?

– Eu... hum... estou procurando Dallas Raintree. Ele trabalha para mim. Estamos com um cavalo doente.

– Cavalo doente, é? – Cat deu uma longa tragada em seu cigarro e soprou a fumaça. – Acho que precisa de um veterinário para isso.

– Importa-se de chamá-lo para mim? Estou com um pouco de pressa.

Cat olhou para ela durante um longo instante, depois terminou o cigarro e o apagou.

– Vou dizer a Dallas sobre o cavalo doente. Tenho certeza de que ele irá correndo. Aquele homem tem um fraco por animais.

Vivi Ann agradeceu a Cat e voltou pela cidade até sua picape, depois foi para casa e estacionou no meio das árvores, perto da cabana dele.

No quarto de Dallas, ela tirou a roupa e subiu na cama, esperando impacientemente.

Apenas alguns minutos mais tarde, ouviu o chiado de uma picape parando do lado de fora, depois uma porta de metal sendo batida.

Dallas abriu a porta da cabana com tanta força que a madeira se chocou com a parede, fazendo a sala inteira tremer.

– Que *diabo* estava pensando?

– Eu disse a ela que estava procurando você. O que há de errado nisso?

– Saia daqui, Vivi. Está tudo acabado.

Ela não entendeu.

– Por que você está agindo assim?

– Apenas saia, Vivi. Já tenho arrependimentos o suficiente.

Ela saiu da cama, seguiu-o, agarrou seu braço.

– Dallas, por favor...

Ele agarrou o pulso dela com tanta força que doeu.

– Volte para o seu Ken, para o grupo da igreja e para todas aquelas pessoas com quem se importa.

– E se eu me importar com você?

A pergunta saiu antes mesmo que ela pudesse impedir.

– Não seja boba, Vivi Ann.

– Eu te amo, Dallas.

Pela primeira vez em sua vida, aquelas palavras foram ditas sem esforço.

– Ah, Vivi – disse ele, suavizando a pegada. – Você é tão ingênua...

Ela sorriu para ele, sabendo o que tinha que fazer agora. Aquelas palavras haviam mudado tudo, exatamente como deveria ser.

– Me beije, Dallas – sussurrou. – Você sabe que quer.



Nessa primeira noite dos Dias da Ostra, as ruas se encontravam repletas de gente, tanto turistas quanto moradores. Uma banda estava a postos no estacionamento do banco. O palco era elevado, permitindo que os músicos vissem a multidão dançando ao som de sua melodia, toda a fileira de vendedores de comida e artesanato, até as luzes ao longo da Shore Drive.

Winona se esforçava para ser agradável, mas estava tão brava que nem dançar com Luke a divertia.

– Você acha que eu deveria fazer aulas de valsa para o casamento?

Ela revirou os olhos.

– Você teve algum indício de que a Vivi Ann dá a mínima para esse casamento?

– Ela não é de cerimônias. Prefere eventos mais calmos.

– Está brincando? *Vivi*?

Antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa, alguém entrou entre os dois.

– Desculpe, gente – disse Julie John. – Nosso potro, Peanut, está com cólica, eu acho. Kent está andando com ele, mas estamos preocupados. Sinto muito, Luke. Sei que está se divertindo, mas...

– Não se preocupe com isso – retrucou ele. – Posso estar na sua casa em quinze minutos. Diga a Kent para continuar andando. Haja o que houver, não deixe Peanut se deitar. – Ele se virou para Winona. – Diga a Vivi que eu venho encontrar com ela quando terminar.

Depois que saíram, Winona ficou lá olhando para a multidão, sentindo-se mais sozinha do que seria possível na sua cidade.

– Aí está você – disse Aurora um momento depois, chegando ao lado dela. – Procurei você por toda parte.

– Tentando colocar panos quentes novamente, Aurora? Acho que está na família errada.

– Você não pode continuar assim, Win. Estamos desmoronando por sua causa.

– Acha que eu não sei disso? – respondeu Winona, sentindo que a confissão estava rasgando algo dentro dela, algo que sempre se mantivera intacto. – Ela é minha irmã e eu a amo, mas...

– Você o ama também. Eu sei. Acontece que vai precisar dar um jeito de conviver com isso. A escolha foi sua.

Winona negou com a cabeça.

– Isso não. Se ela o amasse, eu poderia aceitar. Poderia até superar.

– Poderia?

Ela se afastou.

– Vou embora daqui. Diga a Luke e Vivi Ann que eu desejo boa sorte e que se divirtam. – Ela estava correndo, sentindo lágrimas se formarem.

O que havia de errado com ela? Por que não conseguia deixar isso de lado? O ciúme a estava matando e machucando a coisa que mais tinha valor para ela: sua família.

Não fazia muito tempo que Aurora confessara seu medo de que Win fizesse alguma besteira. Agora ela mesma tinha esse medo.

– Winona? – chamou alguém.

Ela parou sem fôlego na calçada e secou os olhos, depois se virou – sorrindo – na direção da interlocutora.

Myrtle Michaelian estava lá.

– Seu pai está dando vexame lá no Eagles Hall. Acho que alguém deveria levá-lo para casa. – Myrtle franziu a testa para ela. – Você está bem, querida?

Winona engoliu em seco.

– Claro, Myrtle. Por que não estaria?

Ela se virou e andou com pressa na direção do Eagles. Antes mesmo de passar pela porta e adentrar o interior esfumaçado, ela ouviu seu pai contando uma de suas muitas histórias sobre como Vivi-Ann-é-perfeita com a voz incompreensível.

– Vamos, pai – disse ela, pegando no braço dele. – É hora de ir para casa.

Ele estava bêbado demais para brigar. Ela o conduziu até o carro.

– Você devia diminuir o uísque, pai.

– Diz aquela que come tudo o que vê pela frente.

Winona não disse mais nada a caminho do rancho. Lá, ela o ajudou a ir para o quarto e observou enquanto ele caía na cama e começava a roncar.

– De nada – falou, tirando suas botas e cobrindo o pai com uma manta.

Suspirando, saiu da casa e voltou para o carro. Ao passar pelo celeiro, notou a picape de Vivi Ann estacionada no meio das árvores, perto da cabana de seu avô. O carro de Dallas também estava lá.

Se a lua estivesse menor ou sua luz, obscurecida por nuvens, ela poderia não ter notado nada. Ninguém teria.

Winona pisou no freio e ficou lá, olhando para as picapes estacionadas lado a lado. Naquele momento, as memórias se juntaram umas às outras, como pinceladas coloridas formando uma imagem completa. Ela se lembrou das várias vezes em que Vivi Ann sumira ou não aparecera como havia prometido. E todo esse tempo Luke a esperara, confiando nela.

Seria possível que Vivi Ann estivesse mentindo para todos?

O beijo. Teria sido o início de alguma coisa?

Dirigindo pela estrada gramada, ela estacionou atrás das picapes e foi até a porta da frente, abrindo-a sem bater:

– Olá? – chamou.

Ela os viu em uma confusão de imagens: Dallas, nu na cama, deitado de lado... com o peito cheio de

cicatrizes horrorosas e disformes e um braço tatuado abraçando sua irmã de maneira possessiva. Mesmo de onde estava, podia ver como olhavam um para o outro; a cabana toda cheirava a sexo, luxúria e velas.

Ele se sentou quando Winona entrou, olhou diretamente para ela.

Vivi se debateu para cobrir a própria nudez.

– Eu posso explicar.

Winona sentiu vontade de rir. Ela se conteve por pura força de vontade. Era isso. O fim de Vivi e Luke.

– Sério? Eu duvido.

– Ela não vai entender – disse Dallas. – Dá para ver só de olhar para ela.

Vivi Ann se enrolou na colcha cor-de-rosa da avó – agora arruinada – e saiu aos tropeços da cama.

– Winona, por favor, me deixe explicar...

– Explique para o seu noivo.

– Vou explicar, Win. Eu juro. Eu vou acertar as coisas. Sei que está decepcionada comigo...

– Nem se preocupe em falar, Vivi. Ela está com muita inveja para ouvir você.

Dallas se levantou e ficou ao lado de Vivi Ann, nu, totalmente confiante.

Ela sentiu seu olhar como um feixe de luz, passando por dentro dela, vendo demais. Afastou-se dele, afastou-se deles.

– Inveja? Pode sonhar.

Ele pegou uma cueca boxer preta no chão e vestiu.

– Eu conheço o desejo, Winona, acredite. Você está doente de desejo.

Ela se virou e correu para o carro. Ouviu Vivi Ann indo atrás dela, pedindo que ela parasse, voltasse, mas ela continuou em frente, bateu a porta do carro. Ligou o motor e ficou olhando por um instante através da janela suja para a irmã, enrolada em uma colcha antiga, parada da varanda.

Winona pisou no acelerador e saiu dirigindo, achando, ao passar pelo celeiro, que aquilo finalmente havia terminado.

Após 25 anos perfeitos, Vivi Ann ruíra.



Dallas chegou ao lado de Vivi Ann na varanda.

Ela se virou para ele. Seus olhos estavam molhados de lágrimas e ela tremia, porém, mesmo com tudo isso, também se sentia aliviada.

– Não preciso mais me esconder. Vou contar a Luke e tudo isso vai acabar.

– Está louca? Winona deve estar indo para a casa dele agora.

– Não, ela não faria isso. Somos irmãs.

Ele tocou o rosto dela.

– Você está errada.

Ela o beijou suavemente.

– Não fique tão preocupado. Vai ficar tudo bem. Eu vou falar com Luke e volto logo. Você estará aqui, certo?

– Eu estarei aqui – disse ele, mas não parecia nada feliz.



Winona foi para casa e se serviu de uma dose de tequila pura. Virando o copo, serviu a segunda, depois a terceira.

Estava acabado.

Finalmente.

Vivi Ann perderia Luke agora, com certeza.

A menos que ela mentisse. Essa ideia pesou no peito de Winona, fez com que se sentisse levemente enjoada – era verdade. Sua linda e adorada irmã poderia fazer o de sempre: sorrir, dar de ombros e conseguir o que queria. Se Dallas fosse embora amanhã, Vivi Ann poderia se casar com Luke e tudo pareceria estar bem. O pai entraria na igreja com sua caçula querida, entregaria a moça a Luke, que tomaria sua mão e colocaria uma aliança em seu dedo, jurando amá-la para sempre. Ninguém nunca saberia a verdade.

Ela se levantou e ficou andando de um lado para outro no quarto, tentando refletir, mas a tequila que havia bebido não lhe permitia pensar direito. O que deveria fazer agora? Estava tão concentrada nisso tudo que mal ouviu a campainha e, a seguir, Luke entrou na sala.

Winona ficou paralisada. Vê-lo bem naquele momento, parado diante dela, com seu sorriso amplo e honesto, era mais do que ela podia suportar. Sentiu lágrimas queimarem seus olhos. Ela o desejava como desejava o ar e mesmo agora, depois do que Vivi Ann havia feito, não podia chegar até ele. Eram irmãs, afinal.

Ele a puxou para perto e a abraçou como se significasse alguma coisa.

– Você está bêbada – sussurrou ele, sorrindo. – Pensei que fosse esperar por mim.

Ela olhou para ele.

– Um pouco. – Sentindo-se um tanto imprudente, ela estendeu a mão e tocou o rosto dele. Ela queria tocá-lo assim havia tanto tempo. – Você voltou para me procurar.

Ele sorriu.

– Eu estava procurando a Vivi. Você a viu?

Sempre Vivi.

Ela se afastou, tentando não chorar. Doía tanto, e ela estava tão cansada de ser machucada.

– Você a viu? Ela ficou de me encontrar. Estou enlouquecendo, procurando...

– Quer encontrar Vivi Ann? Tente a cabana de Dallas.

– O quê?

Ele se afastou. Em seus olhos, ela viu a confusão se transformar em choque e depois em raiva.

Ela tentou alcançá-lo, desesperada para segurá-lo, fazê-lo entender. Era *ela* quem o amava; era nela que ele podia confiar.

– Eu *falei* que ela partiria seu coração.

Ele saiu correndo da casa, batendo a porta. Winona escutou o estrondo da porta do carro se fechando, depois a ignição de um motor, um rangido de pneus no asfalto.

Só então se deu conta do que havia feito.

DEZ



Enquanto Vivi Ann dirigia até a casa de Luke, tentava pensar no que iria dizer.

Sinto muito. Nunca tive a intenção de magoar você.

Nunca pensei que fosse fazer algo assim. Simplesmente aconteceu...

Tudo parecia tão prosaico, tão novelão, mas a realidade não era melhor que isso. Como ela poderia colocar em palavras a paixão que tinha por Dallas? Era muito mais do que sexo. Nos braços dele... na cama dele... ela se sentia inteira. Não fazia sentido, ela mesma sabia disso, mas era verdade de qualquer forma.

Na casa de Luke, ela estacionou o carro e correu para dentro, procurando-o em todos os cômodos, chamando seu nome.

Ele não estava em casa.

É claro que não estava. Estava na cidade, no meio da multidão, esperando por ela. No balcão da cozinha, ela parou e tirou a aliança de noivado, deixando-a sobre os ladrilhos verde-abacate. Então voltou para a picape e dirigiu até a cidade. Quando passava pelo posto de gasolina, uma ambulância a alcançou, sirenes ligadas, luzes piscando.

Ela deu passagem, depois voltou com cuidado para a estrada, dirigindo lentamente pela cidade, procurando o carro de Luke. Estava se aproximando da pista de boliche quando, por acaso, olhou para a esquerda. Ao longe, podia ver o início do terreno de Water's Edge, os pastos escuros. Luzes vermelhas e âmbar piscavam na escuridão. A ambulância estava em sua casa.

Vivi Ann pisou fundo no acelerador e correu para casa. Ao chegar, estacionou e pulou do carro. Estava correndo pela grama quando dois paramédicos saíram da cabana empurrando entre eles uma maca. Dallas estava amarrado na cama estreita.

Ela parou ao lado dele. Sua bochecha direita tinha um talho aberto. Um olho estava inchado, ficando roxo.

– Oi, princesa – disse ele, piscando, tentando sorrir.

– Ah, Dal... Sinto muito...

– Precisamos levá-lo para a ambulância – disse um dos paramédicos, e ela concordou e se afastou.

– Encontro você no hospital – prometeu ela.

– Não.

Ela se inclinou e beijou a bochecha que estava inteira.

– A coisa vai estar feia por lá, Vivi...

– É minha culpa. Eu não devia ter mentido.

Não havia tempo para dizer mais nada. Os paramédicos o levaram para a ambulância e foram embora.

Na escuridão repentina e silenciosa, Vivi Ann olhou para a cabana de seu avô, tentando reunir a força necessária para enfrentar Luke.

Quando se sentiu pronta, foi até a porta da frente e entrou.

Só que não era apenas Luke. Ele estava perto da pia da cozinha, acompanhado por Winona e seu pai.

Vivi Ann pisou em falso, mas continuou caminhando até eles.

– Sinto muito, Luke. Eu fui até sua casa para contar...

– Tarde demais, Vivi Ann – disse ele.

– Mas...

– Seu namorado de merda nem reagiu.

Ele passou por ela e saiu da cabana, batendo a porta.

Vivi Ann ficou lá, escutando ele ligar o motor da picape e partir. No silêncio que se seguiu, ela olhou para o pai e para Winona.

– Sinto muito, pai. Deve ter se sentido assim quando encontrou a mamãe...

Ele deu um tapa na cara dela com tanta força que Vivi Ann cambaleou para o lado.

– Você vai estar no desfile amanhã, com essa família. E, por Deus, não vai me desgraçar de novo.



Vivi Ann ficou sentada na poltrona de sua avó a noite toda. Se chegou a dormir, foi um cochilo aqui e outro ali. A maior parte do tempo, ficou olhando pela janela, para a extensão escura de Water's Edge.

Você vai estar no desfile. Não vai me desgraçar de novo.

Não havia dúvida do que aquilo significava. Seu pai a estava lembrando de que era uma Grey e que, como tal, esperava-se que se alinhasse com sua família. Ele sabia, assim como a filha, que ela poderia ser perdoada por esse romance, até mesmo por ter magoado Luke. Não seria bonito, nem viria sem sofrimento, mas o perdão seria concedido na hora certa. As coisas eram feitas de uma certa forma em Oyster Shores, e todos conheciam as regras. Ela só precisava se arrepender e voltar para casa reconhecendo seu pecado.

O ultimato dele havia sido um lembrete de que os laços de família eram fortes. Durante toda a sua vida, ela considerara esse fato uma verdade essencial, indiscutível. Na noite anterior, no entanto, havia vislumbrado uma fragilidade nova para ela, uma linha falha correndo sob a superfície de sua família. Ela nunca antes tinha considerado que tudo aquilo pudesse ser condicional, que se a escolha errada fosse feita, um passo errado fosse dado, o solo antes tão sólido poderia rachar ao meio e deixá-los cair.

Sua escolha agora era clara: Dallas ou a família. Era como ter que escolher entre um braço e uma perna, pulmões e um coração.

Finalmente o amanhecer chegou a Water's Edge, espalhando luz sobre o canal cinzento e iluminando as montanhas cobertas de neve na outra margem. Ela foi até o celeiro, alimentou os cavalos, depois voltou à cabana, onde se sentou na varanda, observando.

Estava lá quando o pai saiu de casa e caminhou até o carro.

Ele olhou aqui para cima? Ela não tinha certeza. Mas saiu sem diminuir a velocidade quando passou pela picape dela. Logo ele estaria estacionando perto da lanchonete, onde encontraria um amigo para tomar café da manhã; depois, ao meio-dia, iria ao parque Grey. A família sempre se encontrava no mesmo lugar antes de qualquer reunião na cidade. Lá, todas as peças se juntavam para formar o todo. Ele fazia muita questão de que todos aparecessem juntos nos eventos, um lembrete sutil de que eram uma família importante para a cidade. Seu pai encontraria Aurora primeiro (ela sempre chegava adiantada), depois Winona.

A dor que veio junto com esse pensamento a surpreendeu, então ela o deixou de lado. Sua irmã a havia traído na noite anterior; era um assunto que precisava resolver. Depois.

Agora era hora de tomar uma decisão. Ela podia voltar para sua família ou ir se encontrar com Dallas.

Ela queria que a decisão fosse difícil, mas a verdade era que queria ficar com Dallas Raintree.

Sempre terminava daquele jeito, desde a primeira vez que ele pegara na mão dela e a conduziu para aquela pista de dança.

Ela se vestiu e foi para sua picape. Ao se afastar da cidade, pôde ouvir o início do desfile, mas quando chegou ao posto de gasolina, tudo tinha parado e o mundo estava em silêncio novamente, dando-lhe tempo para pensar, para se preocupar.

Ele ainda estaria lá?

Ele ao menos a queria? Ele nunca lhe dissera a palavra *amor*.

No hospital, ela o encontrou em seu quarto, parado na janela, olhando para fora. Quando a porta se abriu, ele se virou para ela.

– Vá embora, Vivi. Acabou.

Ela atravessou o quarto, deu a volta na cama e se aproximou dele. Seu olhar se moveu ao longo do rosto de Dallas, de seus ferimentos, parando a cada ponto e escoriação. Ele ficaria com uma nova cicatriz no rosto por causa dela.

– Você devia ter se defendido.

– Devia?

– Você não fez nada de errado. Eu que estava noiva.

– Me deixe em paz, Vivi Ann.

– Diga que não me quer e eu vou embora.

– Eu não quero você.

Ela viu a mentira em seus olhos acinzentados.

– Qual é meu sabor de sorvete preferido?

– Baunilha. Por quê?

– Case comigo – disse ela, surpreendendo a si mesma.

– Você é louca.

– Fomos loucos desde o início.

O tempo passou em câmera lenta por um instante. Ela se deu conta de quanto queria que ele dissesse sim e de quanto estava com medo. Durante a vida toda, sempre conseguira o que quisera. E se isso significasse que ela perderia tudo agora, quando mais importava?

– Diga alguma coisa – pediu.



Winona ouviu a porta de sua casa bater e soube exatamente quem era. Ela ficou sentada na beirada da cama, esperando.

Aurora apareceu em uma nuvem de perfume Giorgio.

– Mas que merda você fez?

Winona estava vestida para o desfile e, mesmo com os cabelos enrolados e a maquiagem mais carregada do que o normal, sabia que não estava bem. Sempre que passava uma noite em claro, isso ficava patente em seus olhos.

– Você ficou sabendo.

– Está brincando? Todo mundo ficou. E obrigada por me deixar lá sozinha, por sinal. Quando Myrtle Michaelian começou a falar, eu a mandei parar de espalhar mentiras.

Winona suspirou.

– Foi feio ontem à noite.

– O que aconteceu?

– Vivi estava transando com Dallas Raintree.

Aurora se sentou na cadeira perto da janela, suspirando.

– Meu Deus. Acho que isso explica muita coisa. Como Luke descobriu?

Winona analisou suas unhas. Ela as havia roído até o sabugo na noite anterior.

– Quando cheguei à cabana, Luke estava dando uma surra em Dallas. Ele simplesmente ficou lá apanhando, sorrindo o tempo todo como se estivesse gostando. Eu saí correndo e fui chamar o papai para impedir. Mas quando Vivi Ann voltou, ele deu um tapa na cara dela e disse que ela era uma desgraça.

– Ele deu um tapa na cara dela? – Aurora franziu a testa.

Winona podia ver que sua irmã estava juntando as peças. Antes de chegar a um todo, Winona disse:

– Acho que foi melhor assim.

– O que você quer dizer?

– Melhor que Luke tenha descoberto agora que ela não o ama. E só Deus sabe que ela não pode ficar transando com um cara como Dallas. Ela tinha que saber que seria descoberta. Não dava pra evitar. É uma desgraça.

Aurora ficou imóvel.

– O que você fez, Winona?

– Como assim?

– Você contou ao Luke, não contou? Eu *sabia* que ia dar merda quando você não contou a verdade a Vivi Ann.

Winona se levantou.

– Não seja ridícula. Vamos ao desfile. Vivi Ann estará lá. Dallas terá ido embora e tudo vai ficar bem. Você vai ver.

– Você acha que Vivi Ann vai aparecer?

– Para onde mais ela iria?

– E se ela não perdoar você?

Winona não respondeu. Em vez disso, arrastou Aurora para fora da casa, na direção da calçada.

Enquanto caminhavam até o parque Grey, ela tentou não pensar na noite anterior, mas as palavras de Aurora haviam trazido as lembranças de volta. Agora ela não conseguia esquecer nada... sua inveja agonizante, seu desejo desesperado, a onda de amargura...

Ela havia corrido para a cabana atrás de Luke, desejando desfazer o próprio erro. Ao chegar lá, porém, vira que ele estava surrando Dallas e saíra para pedir ajuda, tirando o pai da cama.

Luke está dando uma surra em Dallas. O senhor precisa vir.

Luke... dando uma surra em Dallas? Por quê?

Porque a Vivi estava transando com ele.

Esse era o instante que ficava voltando à sua mente. Ela podia dizer a si mesma que havia sido uma decisão tomada no calor do momento, mas não conseguia acreditar. Ela *queria* que seu pai soubesse a verdade.

Quando elas viraram a esquina e chegaram ao parque que seu pai havia doado à cidade, ela o viu parado ao lado de Richard e das crianças. Eles estavam sob um lindo medronheiro. Havia mais de quinze anos que eles se encontravam no mesmo local no início de cada desfile ou festa da cidade. Era uma tradição iniciada pela mãe delas, quando ainda tinha três meninas pequenas e um cavalo no curral do clube equestre. Mas naquele momento, ali parados, só importava quem estava faltando.

Cada minuto que se passava era um abalo secundário que conturbava a base da família, rachava-a um pouco mais. Finalmente, faltando cinco para o meio-dia, o pai foi até a lata de lixo na rua, jogou seu copo de plástico vazio e se virou para eles. Seu rosto, sempre duro e um pouco frio, parecia mais velho.

– Acho que ela tomou sua decisão. Vamos.

Aurora olhou para Winona, confusa. Ela estava roendo sua unha postiça decorada com uma bandeira como se fosse um coelho comendo uma cenoura.

– Não podemos simplesmente ir embora. Ela vai chegar. Não vai?

Winona tinha que admitir: estava abalada. Não era o que esperava.

– Vamos – disse o pai com severidade.

Ele já estava na esquina, fazendo a curva.

Winona não sabia mais o que fazer, então o seguiu.

Ela ficou ao lado do pai pelas duas horas seguintes, esperando a cada minuto ver Vivi Ann passar por ela de carro ou montando Clem.

Mas a irmã não apareceu.

– Isso é um problema – comentou Aurora quando o último bloco do desfile passou por eles. – Um grande problema. Conte a história toda. Por que você...

Winona saiu andando.

– Falo com você depois, Aurora – disse ela, olhando para trás.

Quando chegou a seu carro, estava praticamente correndo para evitar a fofoca nas ruas. Ela entrou no automóvel e foi até a casa de Luke. Ele seria a única pessoa que entenderia e agradeceria o que ela havia feito. Ela o encontrou exatamente onde esperava: sentado na varanda, olhando para o horizonte. Cortes e sangue ressecado marcavam sua mão esquerda.

– Ei – disse ela.

Ele mal olhou para ela, apenas levantou um pouco o queixo.

Ela se sentou ao lado dele, com o coração doendo por quanto ele estava sofrendo no momento. Era a

mesma dor que ela sentia desde que ele tinha colocado os olhos em Vivi Ann.

– Vim ver como você está.

Ele não respondeu, nem olhou para ela, e algo nessa reação a deixou nervosa.

Ela começou a colocar o braço em volta dele.

– Foi melhor assim, sério. Se ela não amava você, foi melhor ficar sabendo. Agora pode seguir em frente.

Ele se desvencilhou do braço dela.

– Luke?

– Por que você me contou?

– O quê? Você precisava saber. O que ela estava fazendo com aquele homem era errado. Eu sabia como você ficaria magoado.

– Exatamente.

Ele se levantou e caminhou até a grade da varanda, abrindo o máximo de distância possível entre eles. De costas para ela, ele ficou olhando para suas terras.

– Não é culpa *minha*, Luke. Eu não estava dormindo com ele. Eu não traí você e nem parti seu coração. O que ela fez foi errado. É claro que foi descoberta. Eu estou tentando ajudar. Olhe para mim, Luke.

Ele não se virou.

– Apenas vá embora, Winona. Não consigo falar com você agora.

Ela não sabia como reagir. Nada daquilo fazia sentido para ela.

– Mas...

– Vá. Por favor.

Foi o *por favor* que a arrasou. Ela havia ido falar com ele cedo demais; era isso. Era claro que ele ainda não estava pronto para ser consolado. Mas logo estaria. O tempo curava todas as feridas. Ela só precisava ter paciência.

– Certo. Mas estou à disposição a qualquer hora. Pode me ligar se precisar de uma amiga.

– Uma amiga – repetiu ele, colocando uma ênfase estranha na palavra.

Ela estava de saída quando a voz dele a interrompeu.

– Ela estava no desfile?

– Não – respondeu ela com amargura, olhando para ele. – Ela não teve coragem.

– Não teve? Você acha? – Ele suspirou e ainda assim não se virou. – Você não devia ter me contado.

– Isso partiu meu coração – disse ela em voz baixa –, ver os dois juntos na cama. Eu sabia o que você ia pensar.

– Eu amo Vivi Ann.

– Amava – corrigiu ela. – E você nem a conhecia.



Vivi Ann e Dallas se casaram no fórum do condado de Mason, com um juiz de paz presidindo e um assistente como testemunha. Depois da cerimônia, entraram na picape e ligaram o rádio. A primeira música que saiu pelos alto-falantes foi “My Heroes Have Always Been Cowboys”, de Willie Nelson, e

Vivi Ann riu e pensou: *Essa vai ser nossa música.*

Ao longo de todo o caminho, desde que saíram da cidade até a floresta perto das montanhas Olympic, eles conversaram. Quando o céu escureceu e a estrada começou a ficar sinuosa, adentrando as áreas de árvores antigas, pararam na hospedaria em Sol Duc e alugaram uma cabana.

– Acho que somos um casal de cabana – comentou Dallas, carregando-a no colo para o quarto com cheiro de pinho.

Durante quatro dias, ficaram na cama, fazendo amor, trocando carícias, conversando. Vivi Ann contou a Dallas tudo o que havia para saber a seu respeito: quando perdeu a virgindade e com quem, como foi perder sua mãe, por que gostava tanto de Oyster Shores e até mesmo quais comidas detestava. Quanto mais ela falava com ele, com mais facilidade ele ria e isso se tornou um novo vício para ela, essa necessidade de fazê-lo sorrir.

No quinto dia, passearam pelas belas e acidentadas trilhas até as famosas cataratas de Sol Duc. Lá, completamente sozinhos na floresta selvagem, com o som da queda d'água retumbando ao redor deles e o ar cheio de respingos, fizeram amor em uma pequena clareira ao pé de um cedro de 200 anos.

– Estou de olho em você, sabia? – disse ela quando terminaram, descansando as costas sobre um galho cheio de musgos bem atrás deles.

Ele tirou o canivete e começou a esculpir preguiçosamente um coração no tronco áspero da árvore.

– Ah, é?

– Eu já contei tudo sobre mim e você não me disse nada. Sempre que faço uma pergunta, você me beija.

– É isso que importa.

Ele esculpiu suas iniciais, depois começou a esculpir as dela.

– Não. Estamos casados agora. Eu preciso saber responder perguntas sobre você.

– Estamos inscritos no *Jogo dos recém-casados* ou algo do tipo?

– Não faça piada. Estou falando sério.

Ele terminou de esculpir e guardou o canivete, finalmente olhando para ela.

– Se você visse uma pessoa parada na beirada de um penhasco e achasse que ela ia pular, o que diria?

– Diria para se afastar antes que se machucasse.

– Dê um passo para trás, Vivi.

– Como conhecê-lo melhor pode me ferir?

– Pode não gostar do que vai descobrir.

– Precisa confiar em mim, Dallas, ou não vamos conseguir fazer isto dar certo.

– Está bem – respondeu ele depois de um longo silêncio. – Faça suas perguntas.

– Onde você nasceu?

– Grande surpresa: Dallas, Texas. Meu pai e minha mãe se conheceram em uma lanchonete por lá. Ela estava morando na reserva com a irmã.

– Qual é o nome dela?

– Seu nome verdadeiro era *Laughs Like the Wind*. O marido a chamava de Mary. Ela já morreu.

– E seu pai?

– Vivo.

Ela tocou as cicatrizes no peito dele. Na pouca luz, pareciam prateadas, como fios de linha de pesca rompidos incrustados em sua pele.

– Como ganhou isso?

– Fios elétricos e cigarros. O velho usava o que estivesse perto.

Vivi Ann se contraiu ao ouvir isso.

– E sua mãe? Ela...

– Já chega por enquanto – anunciou ele em voz baixa. – Que tal falarmos sobre algo que realmente importe? – sugeriu ele quando ela se apoiou em seu corpo.

– Como o quê? – Ela ficou olhando para cima, por entre a folhagem verde, para pedaços do céu violeta.

– Winona.

Vivi Ann suspirou. Eles podiam não ter falado sobre isso nos últimos dias, mas ela havia pensado no assunto.

– Ela não suportou o que nós... o que *eu* estava fazendo com Luke e deu com a língua nos dentes. A Win sempre foi uma garota muito preto no branco, certo e errado. Sei que deveria estar com raiva dela, e estou, mas no fim das contas ela me ajudou. Como posso ficar com raiva de alguém quando estou casada com você?

– Então quer voltar – disse ele.

– É o meu lugar – respondeu ela em voz baixa. – E quero que seja o seu e o de nossos filhos.

– Não vai ser fácil. As pessoas vão comentar.

– Elas sempre fazem isso e eu finalmente dei um motivo.

– Eu te amo, Vivi – disse ele, e em sua voz havia uma intensidade surpreendente que a assustou e maravilhou ao mesmo tempo. – Não vou deixar ninguém machucar você, nem mesmo Winona.

Ela riu.

– Não se preocupe, Sr. Raintree. Nós, os Greys, somos rancheiros. Sabemos como consertar nossas cercas.



No primeiro sábado de setembro, Winona acordou bem antes do amanhecer e se arrastou para o rancho. No caminho, pegou Aurora, que conseguia estar totalmente arrumada a uma hora daquelas.

– Não acredito que ela ainda não está em casa – disse Aurora quando elas estacionaram na frente da casa.

– Ela quer nos deixar preocupadas. Está funcionando. O papai está se dando conta de quanto precisa dela por aqui.

– Ela não pensa assim.

– Você está supondo que ela pense.

Aurora revirou os olhos.

– Meu Deus, você consegue ser uma cretina quando quer. Então, depois de tudo isso, como está Luke? Ele já prometeu seu amor eterno?

Winona pisou no freio com força suficiente para calar sua irmã.

– A massa de biscoito está na geladeira. Faça o máximo que conseguir, depois leve toda a comida para a tenda-cozinha.

– Tá, tá bom. – Aurora saiu do carro e desapareceu dentro da casa.

Winona encontrou o pai na arena, arrumando a terra para o *jackpot* do dia. Ela acenou para ele e foi até a cabine de anunciantes, onde começou a ligar o sistema de som.

Nas horas seguintes, ela percorreu a lista de tarefas, certificando-se de que a barreira estava montada, os cronômetros se encontravam no lugar, os novinhos haviam sido levados, os chifres estavam enrolados e o microfone funcionava. Às dez horas, estava novamente na cabine dos anunciantes, cercada de formulários de entrada, tentando organizar as equipes para as primeiras rodadas. O pior de tudo era definir os *handicaps*. Cada laçador tinha um nível de habilidade designado pela associação de laço e todos esses números tinham que ser somados, ordenados e designados à equipe certa para que os resultados da prova fossem justos. Era preciso ser doutora em matemática para entender tudo.

A porta da cabine dos anunciantes foi aberta com uma pequena nuvem de poeira e o pai dela estava parado lá dentro, parecendo irritado.

– O que está demorando tanto, Win? Você fez sete anos de faculdade. Faça a maldita conta.

– Não consigo entender.

– Então essas faculdades não servem para nada.

Ele pegou a caixa de dinheiro da mesa de madeira compensada e saiu da cabine.

Winona o seguiu até o estacionamento, onde dezenas de homens montados em cavalos estavam reunidos.

– O que foi, Henry? – perguntou Deke, colocando o chapéu de caubói de volta na cabeça.

– Vamos fechar hoje – disse o pai. – Todo mundo vai receber o dinheiro de volta. Definir os *handicaps* é difícil demais para Winona.

Ela sentiu o rosto queimar.

Ele abriu a caixa de dinheiro e começou a contar as notas quando outra picape estacionou no terreno. Winona estava tão concentrada na própria humilhação que levou um segundo para se dar conta de que as pessoas estavam sussurrando o nome de Vivi.

Winona levantou a cabeça bruscamente, vasculhando a multidão com os olhos.

De fato, era a picape de Vivi Ann.

Os homens montados se viraram sobre as selas para olhar. O primeiro pensamento de Winona foi: *Graças a Deus*. Depois ela viu Vivi Ann e Dallas caminhando de mãos dadas como se fossem apenas mais um casal apaixonado que chegava para assistir às provas de laço em dupla, e Winona soube que daria problema. Usando jeans desgastados e uma camiseta amassada, Vivi Ann conseguia estar tão bonita que quase doía olhar para ela, e se ela era a luz do sol, reluzente e dourada, Dallas era a sombra, frio e escuro.

A multidão ficou num silêncio assustador, completamente ciente do que estava acontecendo. Não sabiam como reagir, principalmente os homens, que tendiam a deixar as mulheres tomarem a frente em assuntos desse tipo.

– Oi, pai – disse Vivi Ann como se nada tivesse acontecido. – Precisa da minha ajuda?

O pai fez uma pausa longa o bastante para provar que estava bravo, mas não para provocar um rompimento na família.

– Você está atrasada – respondeu ele, empurrando a caixa de dinheiro para ela.

E, de uma hora para a outra, Vivi Ann voltava para o seu lugar. Os caubóis sorriram para ela instantaneamente, deram-lhe as boas-vindas, enquanto Dallas transitava com facilidade entre eles, dando conselhos a alguns dos rapazes mais novos.

Winona não conseguia acreditar. Tudo aquilo – o sexo, a mentira, o tapa – e ainda assim Vivi Ann podia voltar para Water’s Edge e ser bem recebida.

Foi até a tenda-cozinha, onde Aurora estava ocupada virando hambúrgueres.

– Você não vai acreditar no que acabou de acontecer.

Aurora se virou para ela.

– O quê?

– Vivi Ann voltou para casa. E ela está com Dallas.

– Eles estiveram juntos esse tempo todo?

– Como eu vou saber? Por acaso sou adivinha? Não sei, mas parecem dois pombinhos apaixonados.

– Isso vai acabar mal. Você pediu desculpas a ela?

– Eu? Foi ela que começou tudo isso.

– Não – disse Aurora com severidade. – O problema é você.

– De onde tirou isso? Eu dei para Dallas Raintree enquanto estava noiva de Luke? Por favor, me esclareça com o poder de seu cérebro superior, Aurora.

– Luke é um amigo, Winona. Vivi é família. Na hora do vamos ver, você escolheu Luke. A cidade toda sabe disso. Quanto tempo esperou antes de contar a ele e ao papai?

– Não estou ouvindo isso – disse Winona, afastando-se da tenda-cozinha.

Na arena, sentiu-se de repente em evidência. Ao olhar à sua volta, ficou imaginando o que as pessoas estavam dizendo sobre sua participação nisso. Quando começou a se preocupar com sua reputação, não conseguiu mais parar. Subindo à fileira mais alta da arquibancada, sentou-se nas sombras até a competição de laço acabar, depois foi para a tenda-cozinha.

– Então é isso que a cidade inteira está falando? Que eu contei para o Luke?

Aurora desligou a fritadeira e limpou o aparelho.

– Não existem segredos em uma cidade como esta.

– Não é justo. Eu fiz a coisa certa. As pessoas vão ver no final.

Aurora suspirou.

– Vou procurar Vivi Ann. Vem comigo? Ou vai se esconder?

Winona conteve uma resposta cruel e seguiu sua irmã até o estacionamento. As picapes e os trailers estavam indo embora, subindo pela passagem e formando uma cobra multicolorida de trânsito. Quando todos desapareceram e o estacionamento estava totalmente vazio, Winona e Aurora se colocaram perto da cerca e o pai delas ficou parado ao lado do telheiro. Todos esperando.

Vivi Ann e Dallas caminharam na direção deles, de mãos dadas.

Os cinco ficaram lá, ao cair da noite violeta, cercados de campos negros, do som de cavalos movendo-se de um lado para outro ao longo da cerca e da maré baixando na direção do mar.

– Ele não é bem-vindo aqui – disse o pai.

Dallas chegou mais perto de Vivi Ann, colocou o braço em volta dela.

– Nós nos casamos.

Ninguém falou; por um instante, pareceu que o tempo havia parado. Vivi Ann olhou nos olhos do pai.

– Queremos fazer parte deste lugar, pai, continuar tocando o rancho, mas se não quer a gente aqui...

Winona sabia que Vivi Ann não era boba. Ela havia encurralado o pai para conseguir as coisas do seu jeito.

– Acho que não tenho muita escolha agora, tenho? – retorquiu ele.

Assim, virou-se e foi para casa, batendo a porta ao entrar.

Aurora se aproximou e abraçou Vivi Ann.

– Ele vai mudar de ideia. Não se preocupe.

Vivi Ann se agarrou em Aurora.

– Espero que sim.

Aurora deu um abraço desajeitado em Dallas e foi para o carro. Enquanto o motor do BMW ganhava vida, Winona ficou ali parada, abalada demais para falar.

Vivi Ann foi na direção dela, mas não soltou da mão de Dallas; era um lembrete de que eles agora eram um casal. Juntos.

– Como quer resolver isso, Win? – perguntou ela em voz baixa.

– Eu só contei ao papai porque Luke estava dando uma surra em Dallas. – Winona ouviu sua voz falhar e ficou irritada. Ela parecia fraca quando queria ser forte. – Eu estava tentando *salvar* Dallas.

Dallas deu um passo à frente, como se aquele fosse seu lugar, como se ele tivesse uma posição entre as irmãs.

– Você quis tudo o que era dela – afirmou ele.

– Não é verdade – disse Winona, mas ela sabia, todos sabiam, que era verdade.

– Você me fez um favor, Win – afirmou Vivi Ann. – Mesmo querendo me machucar. A verdade é que não ligo mais para essas bobagens. Encontrei o homem que amo e estamos no rancho. Nada mais me importa.

Ela tinha razão. De algum modo, Vivi Ann havia quebrado todas aquelas regras, partido o coração de um bom homem, dormido com um estranho e levado ele para casa e *ainda assim* não havia pagado o preço por isso. *A princesa*.

– Sei que perdoar e esquecer não são o seu forte – disse Vivi Ann –, mas é o único jeito que temos agora. Eu consigo fazer isso. E você?

Winona estava tão encurralada quanto seu pai tinha estado. Não havia nada que pudesse dizer exceto que sim. Qualquer outra coisa a faria parecer mesquinha e rancorosa.

– É claro – respondeu ela, dando um passo à frente para dar um abraço chocho na irmã. – Perdoar e esquecer.

ONZE



Algumas coisas não podiam ser esquecidas, mesmo com muito esforço. Humilhação. Perda. Inveja. Eram emoções que ficavam surgindo na superfície. No final, é muito cansativo mantê-las escondidas. Winona sabia: ela havia tentado. Continuava tentando, mas às vezes, como esta noite, o esforço parecia insuportável.

Quando ouviu a campainha tocar, seu primeiro pensamento foi: *e se eu simplesmente não atender?*

Tocaram novamente.

Não havia onde se esconder da própria família.

Afastando-se da pia, ela foi até a porta e a abriu.

Aurora estava lá, vestida e pronta para sair. Havia prendido os cabelos castanhos em um rabo de cavalo e pintado o rosto com camadas de cor. Ombreiras enfatizavam sua cintura fina, envolta em um cinto largo de couro enfeitado com pedrinhas brilhantes. O vestido jeans de Winona parecia simples em comparação.

– Não me olhe com essa cara de quem chupou limão. Vamos lá.

Sem dizer uma palavra, Winona seguiu a irmã até a rua, onde seu carro estava estacionado. Entrando no banco de trás do BMW, ela desejou estar em qualquer outro lugar, exceto ali.

– É uma ideia idiota – comentou ela.

– Sua opinião foi registrada – respondeu Aurora.

Winona fez questão de suspirar alto e cruzar os braços.

– Cadê o Richard?

– Vai trabalhar até mais tarde hoje. E ele prefere comer um sapato a ir com a gente.

– Eu entendo bem.

– Não estou nem um pouco interessada no seu teatro.

Elas entraram em Water's Edge e pararam perto da cabana.

Bateram na porta da frente e, em instantes, Vivi Ann atendeu.

– Ufa – exclamou Aurora. – Eles não estão nus.

Winona revirou os olhos.

– Ainda nem escureceu.

– O que você sabe sobre sexo equivale ao que eu sei sobre apicultura – disse Aurora sem rodeios.

Para Vivi Ann, falou: – Vamos até a Outlaw.

– Claro que vão, hoje é sexta-feira – respondeu Vivi Ann.

Dallas se levantou instantaneamente e foi para trás de Vivi Ann, colocando a mão possessivamente em volta de sua cintura.

Aurora o analisou, estreitando os olhos.

– Você ama minha irmã, moço tatuado?

– Parece que sim, aspirante à Liga Juvenil.

Aurora sorriu.

– Então leve-a à Outlaw. É assim que se faz.

– Ela está certa – disse Winona bruscamente. – O melhor jeito de acabar com a fofoca na cidade é mostrar a todos como vocês estão felizes.

Dallas ficou olhando para Winona.

– Você não parece feliz, Winona. Acho que gosta das fofocas sobre Vivi.

– Avaliando com sua vasta experiência em julgar meu humor, quer dizer.

– Eu não sei... – disse Vivi Ann. – Luke pode estar por lá.

Dallas a pegou nos braços.

– Não temos que fazer nada que você não queira.

A suavidade na voz dele surpreendeu Winona. Não era de espantar que ele tivesse fisgado sua irmã. Principalmente Vivi Ann, que via o melhor em todo mundo.

– Você não pode evitá-lo para sempre – apontou Aurora.

Finalmente, Vivi Ann concordou com a cabeça.

– Podem nos dar um minuto? – perguntou ela, pegando na mão de Dallas.

Quando eles desapareceram no quarto, Winona disse:

– Se eu escutar barulho de sexo, vou embora daqui.

– Não me diga – ironizou Aurora com uma risada.

Quinze minutos depois, as irmãs Greys e Dallas estacionaram em frente à Outlaw.

Elas entraram, uma após a outra. Quando Dallas entrou – por último – houve uma agitação perceptível no local. Pessoas olharam, bebidas ficaram a meio caminho da boca, conversas foram interrompidas. Até mesmo o baterista perdeu o ritmo.

Winona notou que os amigos delas não conseguiam tirar os olhos de Vivi Ann e Dallas. Eles foram juntos até o bar e pediram bebidas. Assim que foram servidos, os quatro viraram ao mesmo tempo para encarar a multidão. Ao fundo, “The Dance” tocava no jukebox.

A primeira pessoa a se aproximar deles foi Luke.

– Lá vem ele – murmurou Aurora. – Ex-noivo na diagonal direita.

– Ele também sabe como se faz – disse Winona, obrigando-se a não ir até ele.

Dallas chegou mais perto de Vivi Ann, pegando em sua mão.

– Oi, Vivi – disse Luke.

O bar ficou em silêncio. Os únicos sons vinham dos fundos, onde uma bola batia na outra na mesa de sinuca.

– Soube que se casou – disse ele de maneira desajeitada. – Parabéns.

– Eu devia ter sido sincera com você – respondeu Vivi Ann.

– Eu gostaria que tivesse sido.

Winona analisou cada detalhe do rosto dele, o modo como fechava os olhos por apenas um segundo

antes de falar, o franzido ao redor da boca. Ela esperava que ele dissesse alguma outra coisa, algo incisivo e cruel – o tipo de coisa que Vivi Ann merecia ouvir depois do que havia feito –, mas quanto mais ela olhava, mais fundo via. Luke não estava com raiva de Vivi Ann.

Ele ainda a amava. Mesmo depois de tudo.

– Sinto muito mesmo – disse Vivi Ann.

Sua irmã continuou falando, empilhando palavras sem sentido uma por cima da outra, enquanto todo mundo escutava, sorria e aceitava. A conversa acabou se transformando em ruído na cabeça de Winona, tão alto que ela não conseguia ouvir nada além das batidas do próprio coração. Ela estava tão absorta nos próprios pensamentos e na própria decepção amarga (e quanto ao carma? E quanto a pagar pelos pecados?) que mal notou quando acabou.

A música voltou a tocar. Pessoas foram para a pista de dança.

Ela piscou e procurou por Luke.

Dallas a observava e algo naqueles misteriosos olhos acinzentados a deixou desconfortável. Ele soltou a mão de Vivi Ann e foi na direção dela. Winona notou o jeito sensual e solto com que ele andava e reconheceu o motivo. Não que fosse funcionar com ela.

– Pobre Luke – comentou Dallas com uma voz sedosa que a deixou nervosa. – Aposto que ele precisa de um ombro para chorar.

– Você não me conhece.

– Eu conheço você – respondeu ele, agora sorrindo.

Winona então pensou: *ele é perigoso*. E Vivi Ann o trouxe para a família. Isso lhe provava que ela estava certa tentando proteger Vivi Ann desse homem.

– É melhor não a magoar – afirmou ela. – Estou de olho em você.

– Ela pode esquecer o que você fez, Winona, mas eu, não. Você a traiu, pura e simplesmente. Então lembre-se disso: *eu* estou de olho em você. Ela pode perdoar. Eu, não.



Winona estava do lado de fora da delegacia, sentada em seu carro. Ela não deveria entrar. Sabia disso. Era melhor não saber de certas coisas.

Se pelo menos fosse o tipo de pessoa que consegue ignorar informações. Mas para ela era impossível fingir ignorância.

Uma vez que punha uma ideia na cabeça, era como um crocodilo girando para matar sua presa. E de repente ficou preocupada que Dallas pudesse realmente ser perigoso.

Saiu do carro, foi até a delegacia e abriu a porta. O lugar estava vazio, exceto por alguns policiais uniformizados andando de uma sala para outra.

Na mesa da recepcionista, Helen parou de lixar as unhas rosa-choque.

– Oi, Winona.

– Oi. O xerife Bailor está? Eu gostaria de falar com ele.

– Claro que está. Você marcou hora, né? Ele está na sala. Pode ir lá.

Winona percorreu o corredor movimentado e encontrou o xerife Albert Bailor em sua sala, comendo um sanduíche como café da manhã.

– Oi, Winona – saudou ele, limpando a boca com um guardanapo. – Sente-se.

Ela não se deu o trabalho de jogar conversa fora. Era mesmo uma habilidade que ela nunca havia dominado.

– Preciso verificar os antecedentes criminais de uma pessoa.

– Daquele índio?

– É.

– Tive a mesma insegurança quando Vivi se casou com ele. Para ser sincero, esperava que você passasse aqui antes.

Ele saiu e voltou instantes depois com uma pasta, que pôs sobre a mesa.

– Volto já. A natureza chama.

Assim que ele saiu, Winona abriu o arquivo.

Dallas Raintree, data de nascimento: 05/05/1965.

Ela passou o olhos pela ficha criminal dele, lendo acusações, prisões e condenações. Havia quase uma dúzia de acusações por roubo ou posse de bens roubados, duas acusações de agressão reduzidas por meio de um acordo, uma condenação por agressão e lesão corporal e algumas acusações por posse de arma. Foi feita uma observação de que a ficha juvenil estava lacrada por ordem do tribunal e de que, em várias ocasiões, ele havia sido obrigado a passar por avaliações psiquiátricas. Parecia que ele ainda era menor de idade na primeira vez em que tal recomendação fora feita.

– Puta merda – disse Winona.

– Puta merda mesmo – repetiu Al, voltando para a sala e fechando a porta.

– O que significa tudo isso? – perguntou, olhando para ele.

Al se sentou à sua mesa.

– Eu entendo que seu cunhado é um homem nervoso, que não tem muito respeito pela lei. E algo ruim aconteceu quando ele era novo. Tem um monte de relatórios de psiquiatras aí. Muitos acham que ele é instável. – Ele apoiou as costas na cadeira. – Dizem por aí que foi você quem o contratou. Eu esperava que você verificasse os antecedentes criminais.

Ela rangeu os dentes.

– O que posso fazer agora?

– Agora? – Al deu de ombros. – Ele está casado com a sua irmã, Win. Não há nada a fazer agora.

– Ele é perigoso?

Al olhou para ela.

– Sob determinadas circunstâncias, todos somos. Apenas fique de olho nele.

– Farei isso – prometeu Winona.



No fim de novembro, um vento gelado soprava pelo canal, transformando as águas normalmente calmas em uma agitação coberta de branco. Ondas batiam contra o cimento e as anteparas de pedra ao longo da margem; a água cheia de espuma espirrava nos jardins, deixando marrom a grama antes verde. De uma só vez, os pássaros desapareceram, levando o canto da manhã e os piados da tarde com eles. Árvores quase desfolhadas balançavam no frio, tendo as últimas folhas amareladas arrancadas pelo

vento. Aquelas mesmas folhas que ficavam viscosas, escurecendo em valetas na beira da estrada.

Como se um memorando tivesse sido enviado para o estiloso leste, os turistas pararam de chegar. Não havia nenhum barco no canal, não se ouvia nenhum motor roncando durante as tardes. Em vez disso, os cais portáteis foram recolhidos, os permanentes foram fechados e as saídas de água, cobertas e desligadas. Em toda a orla, churrasqueiras foram retiradas dos deque e guardadas em garagens durante os meses de inverno; floreiras repletas de flores preciosas e frágeis também foram levadas para dentro. Sem a luz do sol, tudo parecia desbotado, principalmente quando chovia, e quase sempre estava chovendo. Não forte – não caíam tempestades; era mais uma névoa viscosa permanente. Depois do Dia de Ação de Graças, os membros do clube equestre e suas famílias se reuniram em Water's Edge para fazer guirlandas. Era uma tradição de anos. Vivi Ann sempre participara, primeiro como ajudante de sua mãe, depois como membro do clube e agora como líder.

O evento durou da manhã até a noite e, para ser sincera, ela nunca gostou mais do que esse ano, e quando tudo terminou e o dia foi encerrado, ela e Dallas caminharam pela estrada lamacenta até sua cabana.

– Vi você falando com Myrtle Michaelian – disse Vivi Ann.

– Ela ficou segurando a bolsa o tempo todo. Acho que ficou preocupada que eu pudesse roubá-la.

Sorrindo, ela abriu a porta e entrou.

A cabana cheirava a Natal. Dallas havia montado uma pequena e perfeita árvore no canto, perto da lareira, e prendera vários galhos soltos no parapeito.

– Feliz Natal – disse ele.

Vivi Ann mais uma vez ficou surpresa com ele. Durante toda sua vida, os homens fizeram fila para lhe dar coisas; eles a impressionaram com presentes embrulhados por vendedores e pagos com cartões de crédito. Mas isso, uma árvore simples e com poucos enfeites, significava mais para ela do que tudo aquilo, porque sabia que seu marido não se importava com o Natal. Havia feito isso porque *ela* se importava.

– Aquela sua amiga, Trayna, da farmácia, me ajudou a escolher os enfeites.

Vivi Ann riu ao imaginar o assustador Dallas seguindo Trayna e escolhendo anjos e duendes. Ela o amava tanto que mal podia suportar.

– Qual é a graça? Fiz alguma coisa errada?

– Não, Dallas Raintree. Você fez uma coisa certa.

Ela o pegou pela mão, levou-o para o quarto e lá mostrou em mais uma dezena de formas quanto o amava.

Depois, ficaram deitados na cama, olhando fixamente um para o outro. Pela porta aberta, ela podia ver a primeira árvore de Natal deles, brilhando no escuro.

– Achei que odiasse o dia de hoje – disse ela.

– Não.

– Você fazia coisas cafonas como essas quando era criança?

– Não – respondeu ele, e dessa vez sua voz estava baixa.

Ela sabia que havia tocado em uma questão delicada.

– Tem alguém que queira convidar para o Natal?

– Você fica perguntando a mesma coisa de diversas formas, Vivi – disse ele. – Eu não tenho ninguém.

Só você.

Ela não entendia como era possível, como uma pessoa podia ser tão sozinha como ele dava a entender. Ela se apoiou em um cotovelo e olhou para ele.

– O que aconteceu, Dallas?

Era a primeira vez que ela fazia a pergunta de forma direta.

– Ele a matou – disse ele em voz baixa. – Acho que é isso que você quer tanto saber. Ele a espancou durante anos e depois, numa noite, atirou nela.

– Você estava...

– Sim. Eu estava lá.

Tudo começou a fazer sentido para Vivi Ann: as cicatrizes no peito, a raiva que ele às vezes não conseguia controlar, o problema para dormir. Ela o imaginou quando garoto, ouvindo coisas que nenhuma criança deveria ouvir, vendo imagens terríveis. Não era de estranhar que ele não quisesse falar sobre seu passado. Ela chegou mais perto e o tomou nos braços, abraçando-o com o corpo todo, com o coração e a alma, tentando de algum modo transmitir sua infância a ele.

Ele a estava abraçando com tanta força que ela soube que aquela conversa havia reaberto uma ferida antiga. O olhar que ele lhe lançou era uma terrível e bela combinação de felicidade e dor e ela de repente ficou imaginando se era com isso que ele vivia, com esse dueto insuportável. Ela o beijou nos lábios, depois no rosto e então sussurrou em seu ouvido:

– Nós vamos ter um bebê.

Ele não disse nada, apenas a apertou com mais força em seus braços e a segurou.

– Você está pronto? – perguntou ela.

Ele se afastou apenas o suficiente para olhar para ela e o amor que havia em seus olhos era a resposta de que ela necessitava.



Se Winona guardasse suas memórias em pastas, teria rotulado o Natal de 1992 como o segundo pior da história da família Grey, perdendo apenas para o ano da morte de sua mãe.

Ela tentou fingir que estava tudo bem. Havia aparecido na casa da fazenda para decorá-la para as festas. Havia subido e descido as escadas do sótão, carregando caixas empoeiradas de enfeites até ficar suada e cansada. Trabalhando com as irmãs, disse todas as coisas certas. *Veja, Vivi, é o palhaço que você fez no acampamento cristão no quarto ano... e aqui está o anjo favorito de Aurora, com a asa quebrada.*

Mas nada parecia certo. Aurora e Vivi Ann riam, brincavam e brigavam para escolher qual disco natalino tocar, enquanto Winona se sentia cada vez mais distante. Ela sabia que estava errada, que precisava deixar os antigos rancores de lado e seguir com a vida. Mas ela não conseguia fazer isso.

O problema era Dallas. Ele era como um tumor no corpo da família e apenas ela detectava sua perversidade.

Não importava que agisse como se amasse Vivi Ann (*agisse* era a palavra-chave, segundo a cabeça de Winona) ou que estivesse fazendo um ótimo trabalho no rancho. O que importava era que ele não era confiável. Os relatórios policiais sobre seu passado eram uma prova disso. Ele machucaria sua família

de algum modo.

Qualquer pessoa sentada à mesa para a ceia de Natal deveria ter visto isso. Tudo estava no lugar de sempre, reluzente e perfeito. O pai usava jeans azul-escuros novos e uma camisa branca engomada, abotoada até o pescoço. Aurora, Richard e as crianças pareciam ter saído de um catálogo de propaganda e Vivi Ann era a imagem da beleza dourada em seu vestido de veludo verde.

E lá estava Dallas, sentado ao lado de sua esposa, parecendo desconfortável e vagamente irritado com os acontecimentos. Winona o observava por trás de cílios baixos. Seus cabelos compridos e a camisa azul-clara não o suavizavam em nada; muito pelo contrário. Arrumado, ele apenas parecia mais perigoso.

Se Winona pudesse pensar em uma forma de revelar a verdade, revelaria, mas Dallas era esperto. Ele não exigia as coisas de seu jeito; não fazia questão de sua parte. Ele esperava do lado de fora, fingindo estar disposto a trabalhar pelo que conseguisse. Os caubóis o haviam aceitado e as mulheres da cidade tinham começado a falar, recentemente, do “grande amor” de Vivi Ann e Dallas. Até mesmo Aurora se recusara a ouvir sobre seu passado criminoso e dissera para Winona deixar para lá.

Vivi Ann bateu com o garfo na taça de vinho, chamando a atenção de todos.

Winona olhou na direção da irmã, como era esperado que fizesse, e registrou vários fatos, que ganharam sentido como a sequência de disparos de uma arma: Vivi Ann estava ainda mais bonita do que de costume, até mesmo radiante, e estava tomando água.

– Estamos grávidos – anunciou Vivi Ann, iluminando a sala com seu sorriso.

Winona vivenciou o anúncio de um modo estranho, desacelerado, como se estivesse debaixo d’água ou atrás de uma parede de blocos de vidro ondulados. Viu todo mundo, exceto seu pai, pular da cadeira para parabenizar Vivi Ann; ouviu os gritinhos e berros, viu Aurora abraçar a irmã e começar a chorar.

Winona sabia que precisava se mexer, participar, mas não conseguia. Simplesmente ficou ali sentada. Uma vez, quando era criança, ela tentara participar de uma prova de três tambores. Banhada pelo raro brilho do estímulo de seu pai, ela montara nas grandes costas de Clem e apertara as costelas da égua com força. Mal conseguira se segurar ao dar a volta no primeiro tambor e, no segundo, perdera o equilíbrio. Ainda se lembrava do que havia sentido: a perda do apoio, a escorregada pela lateral da sela, a falha do pé no estribo. Um segundo antes de cair, entendeu o que aconteceria. O medo daquele momento era o que sentia agora. Dali em diante, não importava o que acontecesse, Dallas seria parte da família. O câncer de sua presença havia entrado em metástase.

Winona olhou de lado e viu que Dallas a observava. Ela se mexeu com desconforto na cadeira e levantou a taça de vinho para um brinde.

– A Vivi Ann... que agora terá um bebê...

Também. Ela tentou não pensar na própria solidão, contudo, era impossível ignorá-la. Lá estava ela, a irmã mais velha, e a única que não era casada e nem tinha filhos.

Depois disso, a noite passou para Winona como um filme sem som. Ela fez tudo o que era esperado dela – limpou a mesa e lavou a louça com as irmãs, colocou o disco preferido das três, Elvis cantando músicas natalinas, e dançou na cozinha, leu *A véspera de Natal* para os sobrinhos –, mas nada parecia real.

– Você não é muito boa em fingir que está feliz.

Winona nem o tinha ouvido se aproximar. Parecia que espreitar pessoas era uma de suas habilidades

especiais. Ela se virou um pouco e viu Dallas a seu lado, bebericando sua cerveja.

– Nunca fui muito boa em fingir nada – respondeu. – E você não me engana nem por um segundo. Vi sua ficha.

– Ela está feliz, sabe? – disse ele.

– E você? Não acho que faça o tipo papai.

– Você não se importa com o que eu sinto em relação a nada.

Era um alívio ser entendida, não precisar fingir.

– Você tem razão.

– E qual o motivo?

– Esta família era feliz antes de você chegar aqui.

Dallas olhou para a sala; seu olhar parou em Aurora e Richard discutindo em voz baixa perto da árvore, depois passou para o pai, que estava na terceira dose de uísque, olhando fixamente para uma antiga foto da mãe delas.

– Era mesmo? – perguntou ele. – Então você estava *feliz* por Vivi estar comprometida com seu namorado?

– Ele não era meu namorado.

Dallas sorriu para ela.

– Esse sempre foi o problema, não foi?

– Vai se ferrar.

Ele riu.

– É um cumprimento tradicional de Natal?

Ela passou por ele e se afastou. Pelo resto da noite, tentou ser seu antigo eu, cercada por pessoas que amava, mas ele estava sempre lá, observando-a.



Winona contava os dias para Luke voltar de suas férias em Montana. Eles haviam conversado por telefone no Natal e ele parecera melhor. Finalmente. A amizade dos dois ainda estava frágil, não totalmente restaurada. Winona, porém, estava tentando ser paciente. Ele precisava de tempo, só isso. Ele voltaria atrás. Por Luke, ela seria paciente.

Na noite em que ele voltou, ela marcou de irem ver um filme.

Nesses meses de inverno, a noite chegava cedo, então quando ela saiu do trabalho, trocou de roupa e foi até a casa dele, já estava escuro. Quando ele abriu a porta, ela se jogou em seus braços e o abraçou forte.

– Estou tão feliz por você estar de volta.

Ele se desvencilhou de seu abraço e a acompanhou até a sala, onde o fogo ardia na lareira e as luzes de Natal ainda piscavam na árvore que ela havia ajudado a decorar. Enquanto ela se sentava, ele foi até a cozinha e voltou com duas taças de vinho.

– Álcool. Graças a Deus! – exclamou ela, pegando a taça e abrindo espaço no sofá para ele.

Chutando as botas, colocou os pés sobre a mesa de centro. Como de costume ultimamente, ele falou pouco. Ficou a cargo dela manter a conversa.

– Você não tem ideia de como essas festas foram estranhas. Dallas arruinou tudo e ninguém consegue ver isso. Eu fico querendo agarrar a Vivi pelos ombros e chacoalhá-la até ela enxergar o que eu enxergo. Talvez eu encontre um jeito de mandar a ficha criminal dele para ela pelo correio. Isso deve acordá-la.

– Sério, Win – disse Luke, suspirando. – Temos que falar sobre isso sempre que estamos juntos? O assunto está ficando velho. Eles estão casados.

– E agora vão ter um bebê.

– Ela está grávida?

– Já. Até eu, que costumo esperar o pior, fiquei surpresa.

Luke se levantou, foi até a lareira e ficou olhando.

– Um bebê – disse ele com a voz triste e suave.

Winona podia ter se estapeado. Era uma de suas piores características, o modo como se concentrava tanto nos detalhes a ponto de perder completamente a referência. Ela ficava achando que ele já teria esquecido Vivi Ann. Ela se levantou e foi até ele.

– Sinto muito, Luke. Eu não pensei. Não devia ter contado assim.

Ele olhou para além da árvore, para a noite negra e chuvosa.

– Não posso fazer isso.

– Fazer o quê?

– Achei que pudesse ficar aqui e ver Vivi Ann amar outra pessoa, mas não posso.

– Mas... – Winona não sabia o que dizer, como transformar seu medo repentino em um apelo convincente. – Você não pode ir embora...

– O que mais eu posso fazer, Win?

Ela se sentiu como uma daquelas esquimós velhas que eram mandadas embora em um bloco de gelo flutuante. Ela sabia que, se não esticasse o braço, tentasse segurá-lo, flutuaria para longe, sozinha.

– Luke, por favor...

– Por favor o quê?

Ela engoliu em seco, lutando contra o próprio medo. Era aterrorizante dizer a verdade a ele – ela não estava preparada; ele não estava preparado –, mas não havia opção. Ela ousou tocá-lo, pegar em seu pulso.

– Sei que não está pronto para ouvir isso, Luke, mas... eu te amo. Se você tentar, podemos ser felizes juntos.

Ela viu a resposta antes que ele abrisse a boca. No silêncio, com o fogo crepitando atrás deles, ela percebeu sua surpresa. Depois veio a pena.

O estômago dela se revirou. Ela havia entregado uma faca a seu assassino e descoberto o peito. Se tivesse algum modo de impedir que ele dissesse as palavras em voz alta, ela teria impedido, mas a roda já estava girando.

– Eu também te amo – disse ele, abaixando a voz para completar: – como amiga.

Ela se afastou dele e virou as costas.

– Foi o que eu quis dizer – falou lentamente, embora ambos soubessem que era mentira.

– Acho que vou voltar para Kalispell – disse, ainda perto da lareira.

– Talvez você encontre uma menina magrinha por lá – completou ela, pegando seu casaco.

Ele então foi até ela, pegou-a pelos ombros e a virou.

– Winona, você sabe que não tem nada a ver com isso. É só...

Por mais que ela tenha tentado controlar as lágrimas, elas vieram mesmo assim, fazendo seus olhos arderem. *Patético*. E naquele instante, ela era a menina gorda implorando pelo cavalo de sua mãe novamente.

– Eu entendo, Luke. Acredite. Eu entendo.

Na segunda-feira seguinte, ela ficou sabendo por Aurora, que soube por Julie: Luke havia voltado a morar em Montana.

DOZE



Na água, o tempo passava em correntezas, formando ondas cada vez mais perto da praia. Durante o inverno, as ondas eram mais ousadas, bravas, cobertas de branco; o vento as agitava em um frenesi e chovia quase diariamente. A cor das paisagens ficava desbotada. Até as plantas perenes perdiam um pouco de seus tons ricos, parecendo pretas contra céu cinzento, nuvens cinzentas e água cinzenta.

A luz do sol modificava tudo isso e, em maio, quando as chuvas davam uma trégua, azaleias cor-de-rosa e roxas floresciam da noite para o dia e em todos os lugares havia verde crescendo – nos gramados, nos brotos de folhas frágeis na beira das estradas. À luz da lua, o som dos sapos coaxando uns para os outros era tão alto que em toda a cidade as pessoas se levantavam no meio da noite para fechar as janelas.

Em junho, o pessoal do verão voltava. Ao longo das margens do canal, os cais começavam a reaparecer, assim como os barcos que eram amarrados neles. A lanchonete ampliava o horário de atendimento e acrescentava alguns sanduíches vegetarianos modernos ao cardápio e as lojas de temporada reabriam. Cestas de lobélias roxas e gerânios vermelhos voltavam a ser penduradas em seus ganchos nos postes de luz.

Vivi Ann notou todas as mudanças. Durante anos, ao que parecia, ela considerara tudo aquilo como algo garantido, sem dar valor, encarando cada alteração nas estações como nada além da passagem do tempo.

A gravidez havia mudado sua perspectiva. Agora, marcava o tempo nos mínimos detalhes – um dia, uma semana, às vezes até uma hora. Não era só seu corpo que estava mudando. Tudo parecia diferente nos últimos tempos. Ela nunca havia ficado tão empolgada com algo como estava com a chegada desse bebê. Ao mesmo tempo, morria de medo. Diariamente, sentia falta de sua mãe, e não do modo efêmero, de menina, que sempre sentira. A dor havia se transformado em um sofrimento quente e agudo. Ela tinha muitas perguntas e não havia como conseguir as respostas de que precisava.

Seu medo – uma coisa nova – era profundo e obscuro. À noite, quando deitava na cama com Dallas, ouvindo-o dormir, ficava pensando se não era egoísta demais para ser uma boa mãe, imatura demais para conduzir outro ser humano pela vida. Ela também se preocupava com a ascendência indígena do bebê e com o que poderia fazer para ajudar a criança a se sentir aceita por ambos os mundos. Nos dez meses transcorridos desde o casamento, ela havia descoberto muito pouco sobre o homem que amava. Ele a amava – era óbvio –, mas o restante de suas emoções era guardado a sete chaves. A raiva era a única coisa que às vezes vinha à tona e nas raras ocasiões em que ela via esse lado dele, ficava com medo.

Lembre-se, ele tinha dito a ela no meio de uma briga, um animal maltratado pode se tornar cruel. Eu tentei avisar. Ele queria afastá-la; ela via isso agora. A única coisa no mundo que o assustava era o amor deles.

Ele não entendia, na verdade, que ela não apenas o amava. Ela vivia por ele. Ele ainda era o vício que ela não conseguia largar.

– Você está divagando novamente – disse Aurora, pegando uma batata frita do prato de Vivi Ann. – Fez sexo selvagem hoje de manhã?

Vivi Ann riu e acariciou a barriga enorme.

– Foi você que me disse que a paixão se acaba.

– É, bem... Isso foi antes de você conhecer o moço tatuado.

– Não consigo acreditar em quanto o amo. Você sabe como é, não sabe?

– O surpreendente é quanto ele parece amar você. Ele a vigia como um falcão. Às vezes eu acho que ele não suporta ficar longe de você.

Vivi Ann notou a melancolia na voz da irmã e percebeu quanto esse tom havia se tornado familiar.

– Quer falar sobre isso?

– Sobre o quê?

– Richard. O que aconteceu?

O rosto bem maquiado de Aurora se enrugou:

– Achei que estivesse conseguindo esconder.

– Deve ser solitário.

Os olhos de Aurora se encheram de lágrimas.

– Eu gosto dele. E ele gosta de mim. Talvez esteja tudo bem, suficiente. Mas eu vi o que você tem com Dallas e agora não sei. Eu deveria simplesmente... passar pela vida? E tenho que pensar nas crianças. Não quero que elas cresçam como nós crescemos, com esse buraco na família onde deveria haver alguém.

Vivi Ann esticou o braço sobre a mesa e colocou a mão na de Aurora.

– Todos acham que Winona é a mais inteligente da família, mas é você, Aurora. Você... vê as coisas, você presta atenção. Você fará a escolha certa.

– Talvez eu não queira escolher.

Vivi Ann sabia muito bem como a ideia era sedutora.

– Não fazer nada também é uma escolha. Não é uma boa escolha, acredite. Winona ainda está irritada comigo por magoar o Luke. E ela está certa. Foi o único período da minha vida que fui propositalmente cruel.

– Ninguém guarda rancor como Winona, isso é certo.

– Às vezes eu acho que ela me odeia.

– Acredite em mim, Vivi, a pessoa que Winona odeia é ela mesma. Ela passou a vida toda tentando tirar leite de pedra, e como não sabe abrir mão de nada, não consegue parar. Ela continua esperando algo do papai que nunca vai receber.

– Isso é porque ela precisa de palavras e ele não sabe lidar com palavras.

Aurora suspirou.

– Vivi, você tem um pai diferente do meu, é tudo o que eu posso dizer. Para você, ele é como um

daqueles cavalos que você resgata.

– Ele é assim, Aurora. Ele ama a gente.

– Se ama, Vivi, é uma versão patética e desbotada de amor, e que Deus ajude a todas nós se algum dia precisarmos que ele demonstre isso.

– Eu o vi chorar uma vez – comentou Vivi Ann.

Era uma lembrança que ela nunca havia conseguido compartilhar antes.

– O papai?

– Aquela última noite, quando a cama hospitalar da mamãe estava na sala e nós ficamos em sacos de dormir no chão.

O sorriso de Aurora era instável.

– Ela queria que ficássemos com ela.

Vivi Ann confirmou com a cabeça.

– Eu acordei no meio da noite e vi o papai sentado ao lado da cama. A mamãe disse: “Cuide da minha horta, Henry. Ame-as, por mim.” E ele secou os olhos.

Minha horta. O frágil momento as uniu; elas eram Feijãozinho e Broto novamente, duas garotinhas sentadas à mesa da cozinha com sua mãe, fazendo caixas de lenço incrustadas com conchas do mar para enfeitar o banheiro.

– O que você falou para ele?

– Nada. Fingi que estava dormindo. E quando acordei de novo, ela já tinha partido.

– Podia ser um cisco nos olhos.

– Não era.

Aurora se recostou na cadeira.

Vivi Ann olhou para sua enorme barriga.

– Ando sentindo falta dela o tempo todo ultimamente. Eu quero...

Ela perdeu o fôlego de surpresa quando sentiu uma contração. Forte. Tinha acabado de recuperar o fôlego quando veio mais uma, que doeu ainda mais.

– Você está bem? – perguntou Aurora, chegando mais perto.

– Não – arfou Vivi Ann. – É cedo demais...



Vivi Ann nunca foi uma daquelas pessoas que pensam que coisas ruins podem acontecer na vida. Quando ouvia as pessoas dizerem *a vida pode mudar de uma hora para a outra*, ela costumava sorrir e pensar *sim, sempre pode melhorar*. Nas raras ocasiões em que pensamentos mórbidos passavam por sua mente, ela logo os afastava e focava em alguma outra coisa. Ela havia aprendido cedo que o otimismo era uma escolha. Quando lhe perguntavam sobre a leveza de sua visão de mundo, ela respondia com alegria que coisas boas aconteciam com pessoas boas e ela acreditava nisso.

Agora sabia por que as pessoas frequentemente faziam cara feia para sua resposta. Elas sabiam o que ela ainda não havia aprendido: o otimismo não era apenas algo ingênuo. Muitas vezes podia ser cruel.

Coisas ruins aconteciam, sim, mesmo quando se fazia tudo certo. A pessoa podia se casar estando apaixonada, conceber uma criança no leito desse amor, abrir mão de todos os hábitos que pudessem

colocar a criança em risco e ainda assim dar à luz seis semanas antes do previsto.

– Você precisa de mais alguma coisa?

Vivi Ann se levantou o suficiente para abrir os olhos. Ela não sabia quanto tempo passara ali deitada, com os olhos fechados, repassando tudo na cabeça.

– O papai e a Win já chegaram?

Aurora estava sentada perto da cama, com expressão de tristeza. Nas últimas horas, sua franja volumosa havia caído sobre o rosto e a maquiagem desbotara. Sem tudo isso, Aurora parecia magra e cansada.

– Ainda não.

Vivi Ann deu o melhor sorriso que conseguiu.

– Significa muito você ter ficado comigo todo esse tempo, Aurora. Eu perdoo você por ter roubado minha tiara de aniversário.

Aurora tirou os cabelos ainda úmidos do rosto de Vivi Ann.

– Eu nunca roubei sua tiara idiota. Você é a princesa da família.

– Queria que me deixassem vê-lo de novo. Ele é tão pequeno.

A última palavra rompeu uma parte de seu autocontrole; o medo passou pela rachadura. Ela pegou na mesa de cabeceira uma linda concha de vieira cor-de-rosa que mantinha na bolsa havia anos. Era o mais perto de sua mãe que podia chegar.

– Não vá por esse caminho – aconselhou Aurora. – Agora você é mãe. Seu filho precisa que você seja forte por ele.

– Estou com medo.

– É claro que está com medo. Isso é maternidade. De agora em diante, sempre terá um pouco de medo.

– Você não podia mentir para mim? Dizer que é um mar de rosas?

Vivi Ann fechou os olhos, suspirando de cansaço.

Toda essa sinceridade era incapacitante. A verdade continuava martelando em sua cabeça: *34 semanas... pulmões pouco desenvolvidos... complicações... vamos observar como o organismo reage até amanhã.*

Ela ouviu a maçaneta girar e abriu os olhos. Havia caído no sono? Por quanto tempo? Procurou por Aurora e Dallas no quarto, mas eles tinham ido embora. O quarto estava vazio. Eles a haviam colocado em um quarto particular, o que seria ótimo se ela não soubesse o porquê. Não quiseram colocá-la em um quarto com outra mãe porque o filho de Vivi Ann poderia não sobreviver. Ela sabia disso mesmo sem ninguém dizer.

Então seu pai e Winona entraram no quarto. Vivi Ann sentiu lágrimas se formarem em seus olhos. O medo que ela estava contendo transbordou quando olhou para Winona. Não importava o que tinha acontecido entre elas, Win ainda era sua irmã mais velha, sua mãe de certo modo, aquela que sempre acertava as coisas. Vivi Ann não havia se dado conta até o momento de quanto precisava dela.

– Você o viu, Win?

Winona fez que sim, indo até a cama.

– Ele é lindo, Vivi.

As mãos grandes e ásperas do pai seguraram nas grades de metal da cama, parecendo raízes velhas

sobre metal brilhante. De perto, ela pôde ver como o rosto dele estava fundo, como estava se esforçando para controlar suas emoções.

Aquela era uma aparência que ela vira em seu rosto a vida toda, ou pelo menos desde a morte de sua mãe.

– Oi, pai – disse ela, ouvindo sua voz falhar.

A mudança em seu rosto foi tão sutil quanto manteiga gelada amolecendo nas bordas em um dia quente, mas Vivi Ann viu nela tudo o que importava. Era como ele costumava olhar para ela quando e ele era o chão sob seus pés ela era sua garotinha preferida que não podia fazer nada errado. Winona desejaria palavras para acompanhar o olhar e Aurora nem notaria a mudança. Vivi Ann, no entanto, sabia o que aquilo significava: ele a amava. E era o suficiente.

– Ele é muito pequeno – comentou ela, começando a chorar. – Disseram que ele pode não aguentar.

– Não chore – disse Winona, mas ela também estava chorando.

– Ele vai conseguir – garantiu o pai, e sua voz de repente voltou a ser firme, a voz da juventude de Vivi e que desaparecera com a morte da mãe delas.

Vivi Ann teve um vislumbre doloroso de quem eles eram quando a mãe estava entre eles.

– Como pode ter tanta certeza?

– Ele é um Grey, não é?

Vivi Ann sorriu com isso. Um Grey. Havia gerações de força por trás desse nome.

– É – respondeu ela em voz baixa, sentindo-se esperançosa pela primeira vez.

Significava tanto para Vivi Ann que eles estivessem presentes, que, mesmo depois de tudo o que havia acontecido, fossem uma família. Ela falou um pouco e depois fechou os olhos só por um minuto. Quando os abriu novamente, o quarto estava escuro e eles tinham ido embora.

Ela apertou o controle da cama e a colocou em uma posição sentada. Sombras escureciam o quarto, mas um feixe de luz da lua entrava pela janela, iluminando seu marido, que estava desmoronado em uma cadeira de plástico. Sob a luz etérea, incerta, ela demorou um tempo para ver seu rosto.

– Ah, Dallas – disse ela.

Ele se levantou lentamente e andou na direção dela, passando a mão nos longos cabelos enquanto se movimentava.

– Você devia ver o outro cara.

Ao lado da cama, ele parou.

De repente, ela ficou satisfeita com as sombras, desejou que estivesse ainda mais escuro. Do jeito que estava, o contraste da luz fraca com a sombra apenas destacava os danos: o rosto de Dallas estava pálido e fundo, mas com um corte ensanguentado e profundo bem abaixo do osso; um olho estava fechado de tão inchado e parecia ter uma coloração amarelada, doente. Ele ergueu a mão direita, mostrando os nós dos dedos machucados, como estavam recobertos de sangue escuro e ressecado.

– Onde você esteve? – perguntou ela.

– Na Cat.

– Quem começou a briga?

– Fui eu.

Vivi Ann olhou nos olhos de seu marido e viu quanto ele havia sido arruinado pelo pai e como estava assustado por se tornar pai. Havia tanta coisa nele que ela não entendia, como, por exemplo, o que

sobrava em uma pessoa depois de ela ter sido espancada com fios elétricos ou trancada em um armário escuro, ou depois de assistir a seu pai assassinando sua mãe. Mas ela sabia sobre seguir em frente e sabia sobre o amor.

– Aurora me disse que de agora em diante sempre teremos medo. Aparentemente faz parte da vida de quem tem filhos.

Dallas não disse nada, só ficou olhando para ela como se estivesse esperando alguma coisa.

– Você não pode sair batendo nas pessoas sempre que fica com medo; acho que é isso que estou querendo dizer.

– E se eu não for capaz disso?

– Você é.

– Muita gente... policiais, juízes, psiquiatras... eles disseram que eu era como meu pai. Pergunte a Winona. Ela desenterrou minha ficha e está certa sobre uma coisa: não é bonita.

Era a imagem mais clara do passado dele que ela já havia tido: ela o imaginou como um garotinho maltratado por um bom tempo, depois deixado de repente sozinho no mundo, ouvindo de adultos que ele era ruim dos pés à cabeça. *Um animal maltratado pode se tornar cruel.* Havia ousado dizer isso a um garoto pequeno que tinha sido machucado?

Ela estendeu o braço, tocou gentilmente sua face ferida.

– Você me ama, Dallas. Por isso é diferente dele.

Levou um tempo para ele fazer que sim com a cabeça, e, mesmo assim, não sorriu.

– Então chega de bater em estranhos porque está com medo, certo?

– Certo.

– Agora me leve para ver nosso filho. Fiquei o dia todo esperando você.

Ele a ajudou a se sentar em uma cadeira de rodas e colocou um cobertor em volta dela, depois a empurrou até a UTI neonatal. Lá, falaram com a enfermeira da noite, que abriu uma exceção e os levou à pequena incubadora onde o filho deles dormia.

Emoções inundaram Vivi Ann. Amor. Terror. Sofrimento. Esperança. Alegria. Amor acima de tudo. Imaginou que estava tão repleta de amor que não haveria espaço para mais. Até que olhou para Dallas.

– O nome do meu avô era Noah – disse ele em voz baixa.

– Noah Grey Raintree – emendou ela, assentindo ao ouvir o som do nome.

– Eu não sabia que ia ser assim – suspirou Dallas. – Se algo acontecer com ele... – Ele não concluiu o pensamento e Vivi Ann não tentou ajudá-lo.

Não havia nada a dizer. Ela pegou na mão do marido, esperando que juntos pudessem encontrar o tipo de esperança que ela antes dava como certa.



No dia quinze de julho, as pessoas começaram a aparecer em Water's Edge, sem convite. Cada um chegava com uma tarefa específica para realizar. O clube equestre local limpou as baias dos cavalos; a organização de jovens fazendeiros ajudou Henry a alimentar os novilhos; a equipe feminina de adestramento equestre assumiu as aulas de Vivi Ann. A notícia havia se espalhado na última semana: Noah estava finalmente indo para casa. E a cidade se reuniu para ajudar Vivi Ann.

Ela ficou surpresa com o auxílio dos vizinhos e grata por suas orações. Nas últimas seis semanas, ela e Dallas mal se viram alternando-se de modo que um deles estivesse sempre no hospital. Embora ela não tivesse contado às pessoas como estava sendo difícil, elas obviamente sabiam.

– Chegou a hora – disse Aurora, aproximando-se dela.

– Está pronta? – perguntou Winona, logo atrás.

Vivi Ann abraçou as duas bem apertado. Suas emoções estavam tão à flor da pele que ela estava realmente com medo de começar a chorar.

– Agradeçam a todos por hoje. Podem fazer isso?

– É claro – respondeu Aurora.

Foi quando a picape Ford cinza de Dallas saiu de trás do celeiro e passou devagar pelo estacionamento, na direção delas. Era um modelo antigo e arredondado que já havia visto dias melhores, mas o motor funcionava perfeitamente. Ele parou na frente delas e estacionou.

Vivi Ann agradeceu às irmãs mais uma vez e abriu a pesada porta da picape. A porta rangeu e depois foi fechada. Sobre o banco de couro rasgado, a cadeirinha azul-clara parecia estranhamente deslocada.

– Está pronta, Sra. Raintree? – perguntou Dallas, dando o primeiro sorriso verdadeiro que ela via em mais de um mês.

– Estou pronta.

Durante as duas horas seguintes, eles dirigiram pela estrada sinuosa e ladeada de árvores atrás de um fluxo constante de trailers e veículos recreativos, conversaram sobre coisas do dia a dia – o novo cavalo da escola que estava dando problemas para as crianças, as articulações doloridas de Clem, o que dar de prêmio no próximo evento de três tambores –, mas, quando finalmente chegaram ao hospital, Vivi Ann pegou a cadeirinha e segurou na mão dele, incapaz de pensar em algo para dizer.

– Eu também – disse ele, e juntos caminharam pelo estacionamento até a recepção toda branca do maior hospital do condado de Pierce.

Nas semanas que haviam se passado, as pessoas que trabalhavam entre aquelas paredes foram como uma família, então eles pararam e falaram com muitas enfermeiras, voluntários e serventes no caminho até a ala pediátrica.

Lá, Noah estava esperando por eles enrolado em um cobertor térmico azul e usando um gorro sobre os fiapos de cabelos pretos.

Vivi Ann o pegou nos braços.

– Ei, rapazinho. Está pronto para ir para casa?

Dallas colocou o braço em volta de Vivi Ann e a puxou mais para perto. Eles ficaram olhando para o filho em silêncio e depois o levaram do hospital.

Vivi Ann demorou tanto tempo para colocá-lo na cadeirinha do carro que estava rindo no final.

Durante todo o caminho até em casa, ela se pegou conversando com o filho usando uma voz aguda e infantil que não tinha nada a ver com a sua. Ele respondia babando na roupa toda.

– Lembrete – disse ela, rindo. – Manter a bolsa de fraldas à mão.

Procurando um lenço ou um bolo de guardanapos de lanchonete, ela abriu o porta-luvas.

Ouviu Dallas dizendo bruscamente para ela não fazer aquilo, mas era tarde demais.

O porta-luvas se abriu e ela viu o que ele queria esconder.

Uma arma.

Vivi Ann estendeu a mão para pegar, mas ele disse:

– Está carregada.

Ela se afastou como se tivesse sido picada.

– Por que raios tem uma arma carregada no seu carro?

Ele parou no acostamento. Tinham acabado de passar de Belfair, na extremidade arredondada do canal, onde a maré baixa expunha centenas de metros de lama cinza e gosmenta. Cais adentravam a terra, sem água em nenhum dos lados. Barcos ficavam inclinados sobre o chão, esperando que a maré os erguesse novamente.

– Você não sabe como era minha vida antes de você.

Isso a assustou, aquela simples declaração de um mundo diferente; ela já sabia, mas em sua ingenuidade, pensava nele como uma criança ferida, maltratada. Vulnerável. Isso era novo. Isso a fez se lembrar de que ele não era um menino havia muito tempo, de que ele tinha se transformado em um homem que às vezes ela mal conhecia. Contra sua vontade, ela se lembrou da briga que ele havia provocado na casa de Cat e do olhar duro em seu rosto quando uma outra quase acontecera na Outlaw. E da ficha criminal da qual ele havia contado. Roubar carros soava quase romântico, impulsivo. Agora, porém, ela não sabia mais o que pensar:

– Certo, mas eu sei como é agora e você não precisa manter uma arma carregada no carro. Meu Deus, Dal, uma criança poderia achar...

– A picafe está sempre trancada.

– Você está me assustando.

– Eu sou quem sou, Vivi Ann.

– Não – rebateu ela. – Você pode ter sido daquele jeito. É diferente agora. Livre-se disso. Prometa.

Ele bufou; ela soube, então, que ele estivera segurando o fôlego, esperando. Inclinando-se sobre o banco do carona, ele estendeu o braço e fechou o porta-luvas.

– Você nunca mais vai ver essa arma de novo.

TREZE



Nos dois anos que se seguiram ao nascimento de Noah, a fofoca sobre Vivi Ann e Dallas arrefeceu. Não morreu de vez, é claro; era simplesmente divertida demais para que as pessoas abrissem mão dela por completo, mas transgressões de outros amantes vieram substituí-la. As únicas pessoas que pareciam determinadas a se apegar às antigas animosidades eram Winona e o pai, e Vivi Ann entendia a preocupação deles. Com o tempo, no entanto, ela sabia que aquilo seria completamente esquecido.

Naquela noite, sob um crepúsculo da cor de ameixa, ela estava perto da cerca do padoque, vendo as crianças perseguirem um leitão ensebado na festa anual de Halloween de Water's Edge. Noah estava em seus braços, vestido para a ocasião com uma fantasia de abóbora. Aurora estava ao seu lado esquerdo, Winona ao direito. Um pirata e uma bruxa, respectivamente.

– Lembra a primeira vez que eu e você corremos atrás de um leitão ensebado, Winona? – perguntou Aurora. – Todas as outras crianças ficaram mais de um quilômetro para trás.

– Tenho certeza de que as pessoas disseram umas para as outras, surpresas: “Uau, aquela menina gorda sabe mesmo agarrar um porco” – comentou Winona.

– Aaah – disse Aurora. – Alguém está sentindo pena de si mesma hoje. Achei que fosse minha vez.

– Você sempre acha que é a sua vez – rebateu Winona, tomando um gole de cerveja.

– Você passou algum tempo com Rick e Jane ultimamente? Eles são as crianças do *Colheita maldita*. E Richard está perdendo tanto cabelo que eu preciso levar um aspirador de pó para a mesa de jantar. Supere isso, Srta. Melhor Advogada da Cidade.

Winona se virou para ela.

– Você realmente acha que é melhor ser gorda, sem filhos e solteira?

– É claro. Veja bem, estou apontando para minha prole e meu marido. Eu não sou casada com aquele cara tatuado.

Vivi Ann riu.

– Seu marido é bonito, Aurora. E você não é gorda, Win. Tem ossos largos.

– Mentiras e fingimento – murmurou Winona. – O novo lema da família.

Vivi Ann reconheceu a irritação na voz de sua irmã e soube que Winona estava tendo um daqueles seus dias ruins em que nada a deixava feliz.

– Isto posto – disse Vivi Ann –, vou procurar meu marido. Essa fantasia de sereia está me dando uma coceira danada e é hora de o meu rapazinho ir para a cama.

Despedindo-se, ela carregou Noah pelo estacionamento lotado, ziguezagueando entre pessoas que

estavam paradas conversando. Ouviu trechos de conversas; eram as mesmas palavras que sempre escutava em reuniões como aquela. Uma mistura de fofoca local; quem estava transando com quem, quem havia atrasado o pagamento da hipoteca, o filho de quem estava ficando revoltado. Tudo o que importava para ela era que seu relacionamento com Dallas não estava mais em primeiro lugar entre os rumores.

Ao se aproximar do celeiro, viu crianças e cachorros correndo no escuro, gritando e latindo. O travo salgado da maresia estava aguçado pelo cheiro de fumaça de lenha e hambúrgueres na churrasqueira.

A arena se encontrava escura, exceto por dezenas de lanternas de papel estrategicamente posicionadas, penduradas nas vigas. Uma pista de dança portátil fora colocada sobre a terra e cada passo dado sobre ela parecia um trovão. No canto, uma banda local estava tocando uma seleção popular de músicas das décadas de 1970 e 1980. As pessoas dançavam, adolescentes tentavam pegar maçãs com os dentes e vasculhavam tigelas de espaguete cozido em busca de olhos feitos de uvas.

– Está vendo o papai? – perguntou ela a Noah, que, sonolento, resmungou algo parecido com “Ir papá”.

– Err, Vivi Ann?

Virando-se, ela viu Myrtle Michaelian usando uma fantasia cor-de-rosa de princesa. Seus traços gorduchos eram destacados pelas cores vivas: sombra azul, blush rosado, batom vermelho brilhante. Na cabeça, uma tiara fina e ordinária entre um emaranhado de cachos grisalhos.

– Oi, Myrtle – disse Vivi Ann. – Bela fantasia.

– Onde está seu marido?

– Eu estava procurando por ele agora mesmo. Por quê?

– Bem... Eu não costumo fazer fofoca...

Vivi Ann se esforçou muito para não ranger os dentes. Embora fosse verdade que a fofoca sobre seu caso com Dallas houvesse arrefecido, ele ainda era um homem a ser vigiado em Oyster Shores. Principalmente pelas pessoas mais velhas e mais conservadoras, como Myrtle. Elas não gostavam de alguns de seus modos, como beber demais, ficar inquieto na igreja, jogar pôquer por dinheiro e (talvez acima de tudo) não se importar com a opinião delas a seu respeito.

– Acho que já sei o que você vai dizer.

– Sério? – Ela se aproximou e sussurrou alto: – Sábado passado eu estava fechando a sorveteria mais tarde e vi Dallas e aquela tal Morgan atravessando a rua. Eles entraram naquele carro velho dela e saíram.

Vivi Ann assentiu. Já ouvia variações daquela história havia dois anos; Dallas e Cat haviam sido vistos juntos no mercado, no posto de gasolina, comprando cerveja.

– Eles são só amigos, Myrtle.

– Só estou falando isso, Vivi Ann, porque sua mãe não está aqui para falar. Ela era uma boa amiga e, se estivesse viva, diria que não é bom dar esse tipo de liberdade a homem nenhum.

– Eu amo meu marido – disse Vivi Ann.

Para ela, essa resposta bastava. Amava seu marido e confiava nele. Então, e daí que ele relaxava um pouco bebendo e jogando pôquer uma vez por semana na casa de Cat? A fofoca mesquinha não significava nada para ela. Ela conhecia seu marido muito bem para ter ciúme.

– Eu amo meu cachorro – respondeu Myrtle bruscamente –, mas o deixo preso quando a cadela da casa da frente está no cio.

Vivi Ann não conseguiu deixar de rir.

– Obrigada pelo aviso, Myrtle. Vou ficar de olho em meu marido.

– Faça isso.

Ainda sorrindo, Vivi Ann saiu do celeiro e subiu até a cabana deles. No último ano, Dallas havia acrescentado uma grande varanda cercada, assim como 75 metros quadrados de espaço, que eles transformaram em uma nova cozinha, um quarto para o bebê e um banheiro. Novas portas de vidro ocupavam todo o comprimento da sala, emoldurando a majestosa vista do canal e levando à varanda branca.

No quarto dos fundos, decorado com cavalos e chapéus de caubói, ela trocou a fralda de Noah, vestiu o pijama de dinossauros e colocou o filho no berço.

– Boa noite, meu docinho.

Na sala, ela encontrou Zorro ao lado do sofá novo. Ele deu um passo para o lado e ligou o som. Sua capa barata de poliéster prendeu em algo e ele a puxou para que se soltasse, resmungando um xingamento.

Ela sorriu.

– Você disse que nunca se fantasiava no Halloween.

– Eu disse que não tinha Halloween quando eu era criança. É diferente.

Ele chegou tão perto que ela pôde sentir sua respiração no rosto, o cheiro do uísque que ele tinha tomado. Ele ergueu uma mão enluvada, deixou seu dedo percorrer o pescoço exposto dela, descendo pelo vão entre seus seios.

– Myrtle Michaelian disse que você não anda se comportando bem ultimamente. Ela viu você aprontando alguma coisa com Cat.

– E a fofoca nunca para. O que você falou pra ela?

– Falei que gosto de garotos malcriados.

Ele a levantou e a carregou até a cama, fechando a porta.

– Doces ou travessuras, Sra. Raintree?

Ela riu quando ele a jogou na cama. A luz da lua entrava pela janela e iluminava parte de seu rosto anguloso, deixando azul metade de seus cabelos.

– Acho que prefiro uma travessura, Sr. Raintree. Se estiver disposto a isso.



Na manhã de Natal, Vivi Ann se levantou bem antes de amanhecer e começou a fazer biscoitos. Em algum momento, Noah acordou e ela o levou consigo para a cozinha. Ele ria e brincava com seus dinossauros de plástico em uma montanha feita de massa de biscoito doce. Quando ele se deu conta de como a massa era boa, riu, deixou os brinquedos de lado e começou a comer.

– Ah, não, não pode.

Limpando as mãos enfarinhadas no avental, ela o pegou e segurou o menino nos braços enquanto limpava a cozinha. Era como carregar um gato atacado; ele ficava se contorcendo, esticando os braços e gritando:

– Mais, mamã, mais.

Ela o levou até o quarto recém-aumentado. A luz do sol entrava em quadrados de luz pelas portas de vidro que iam do chão ao teto, indo repousar nas largas tábuas de pinho do chão, que brilhavam como fitas de mel fresco.

– Acorde, dorminhoco – disse ela para Dallas. – Seu filho precisa ser trocado. – Ela deixou Noah ao lado de Dallas, que murmurou alguma coisa e se virou para o outro lado. – Veja, Noah, o papai está brincando de esconde-esconde.

Noah riu e subiu em Dallas, caindo como um gatuno do outro lado.

– Papá?

Os braços de Dallas saíram de baixo das cobertas e envolveram o garotinho. Noah imediatamente se acalmou, como sempre acontecia quando estava perto do pai, e se aconchegou, apoiando o rosto no bíceps tatuado. Fechando os olhos, ele começou a chupar o dedo e ficou quieto.

Vivi Ann ficou ali um instante, assimilando aquela visão. Desde o dia do nascimento, eles formaram um par; quando Noah se machucava, chamava por Dallas e quando acordava no meio da noite chorando por causa de um pesadelo, era Dallas quem o acalmava. Ah, Noah amava Vivi Ann, seguia a mãe o tempo todo como um cachorrinho, dava-lhe beijos de bom-dia e adormecia em seus braços, mas ele era o garotinho do papai e todo mundo sabia disso.

Sorrindo, ela entrou no banheiro e tomou um banho. Por volta das onze, já tinha encaixotado os biscoitos, embalado o doce e se vestido para a igreja.

– Dallas – chamou ela, tentando acordá-lo. – Você tinha que ter aprontado o Noah.

Ele se virou de barriga para cima. Com o filho apoiado de forma protetora na curva de seu braço, ele acordou lentamente.

– Não estou me sentindo bem.

Ela se sentou ao lado dele, notando como seus olhos estavam turvos e vidrados. Algumas gotas de suor contornavam a linha de seus cabelos. Ela esticou o braço e pressionou o dorso da mão em sua testa.

– Você está ardendo de febre.

– É aquela escolinha. Toda vez que vou lá com o Noah, fico doente. Acho que tem alguma coisa errada comigo.

– Não tem nada errado com você. É só tomar uma aspirina.

Quando ela voltou, ele havia adormecido novamente. Ela o chacoalhou para acordar, obrigou-o a tomar duas aspirinas e beber um copo d'água.

– Eu estava tão empolgada com o dia de hoje – comentou ela.

– A tradição de véspera de Natal dos Greys – disse ele. – Argh.

– O quê? Você não gosta de fazer compras o dia todo, jantar no Waves, ir ao cinema e depois terminar com uma celebração à noite na igreja?

Ela tirou os cabelos úmidos de seus olhos, deixando que o toque no rosto dele demorasse mais que de costume.

– Prefiro comer minhas próprias botas.

– Achei que queria me ajudar a encontrar algo para o Noah.

– Eu fiz um filtro de sonhos para ele. Minha mãe fez um para mim quando eu tinha mais ou menos a idade dele. – Ele sorriu. – Guardei por um bom tempo.

– O que é um filtro de sonhos?

– Coisa de índio. É só pendurar sobre a cama que ele afasta os sonhos ruins.

Ela tocou seu peito nu e úmido, passando o dedo sobre sua cicatriz mais feia. Era uma ruga alongada e de bordas rosadas.

– Está bem, Sr. Raintree. Como te amo, vou dizer às minhas irmãs que você está doente hoje, mas amanhã é Natal e nós vamos para a casa do meu pai. Então, se for algum tipo de truque, você só vai ganhar um dia de folga.

– Não é truque.

Ela se aproximou e beijou o marido, com vírus e tudo.

– Eu te amo, Dal.

– Eu também te amo.

Ela pegou Noah. Levou-o para seu quarto, trocou a fralda e o vestiu com uma camisa de flanela vermelha e verde, macacão jeans e um casaco. Depois voltou até Dallas, colocou um pano úmido, fresco em sua testa e lhe deu um beijo de despedida.



Vivi Ann acordou quando a manhã começava a nascer no horizonte.

Virando-se, ficou de frente para o marido. Antes de conhecê-lo, não sabia que todo o seu mundo poderia, às vezes, ser encontrado no rosto de outra pessoa, que linhas de expressão poderiam parecer vales a serem explorados; lábios, uma cadeia de montanhas.

Ela chegou mais perto, pressionou o corpo nu ao dele como já havia feito tantas vezes antes.

– Feliz Natal – sussurrou perto de seus lábios.

– Feliz Natal.

A voz dele saiu grave e baixa, como se ele tivesse gritado a noite toda ou fumado cigarros.

– Como está se sentindo?

– Melhor.

Eles ficaram lá um pouco mais, depois Vivi Ann lhe deu um último beijo e saiu da cama. A partir desse momento, os dois não pararam. Tomaram banho e se vestiram. Enquanto Vivi Ann arrumava Noah para a grande reunião na casa da fazenda, Dallas alimentou os animais e verificou a água nos campos. Quando ele voltou, o sol já iluminava completamente os pastos, batendo nas poças e nas gotas da chuva da noite anterior e dando a tudo um brilho prateado.

Vivi Ann carregou a picape com comida e presentes.

– Ah. Tem mais uma coisa – disse Dallas quando estavam saindo. – Só um segundo.

Ele foi até o quarto e saiu um instante depois, carregando uma caixa embrulhada com papel cor-de-rosa. Dava para ver que ele havia embrulhado – a fita estava em ângulos estranhos e cobria todas as bordas possíveis. O laço branco estava pendurado por um fio.

– Você sabe que nós abrimos os presentes na casa do meu pai – disse ela. – Coloque no carro.

– Este, não.

Ela riu.

– O que é isso? Lingerie comestível? Ou uma camisola que mal cobre meus mamilos?

– Abra.

O modo como ele a observava fez um leve tremor descer por sua espinha. Ela pegou o pacote da mão de Dallas e levou o embrulho para o sofá. Ele pegou Noah do chão e sentou-se ao lado dela.

Vê-lo ao lado dela, segurando o filho que parecia tanto com ele, era o maior presente que ela poderia desejar, e também todo o futuro. Ainda assim, desembulhou a caixa avidamente e encontrou outra, menor, dentro dela, e depois outra menor ainda dentro daquela. Quando chegou à menor de todas, estava quase certa do que era e seu coração estava acelerado.

Ela olhou para ele, captou a intensidade de seu olhar e abriu a caixa.

Dentro dela havia um lindo anel de diamante. A pedra era pequena, porém brilhante e localizada no meio de um filigrana que parecia ser antigo.

– Sinto muito por não ter podido comprar quando nos casamos.

Ele tirou a aliança da caixa e a colocou no dedo dela, junto com o anel dourado simples que ela usava desde o dia do casamento, mais de três anos atrás.

Ela olhou nos olhos dele.

– Nunca precisei de um diamante.

– Eu quis lhe dar um.

– É perfeito.

De mãos dadas, eles foram para a picape e desceram para a casa da fazenda.

Vivi Ann ficou afastada, olhando para a casa. Luzes brancas natalinas enfeitavam as calhas e piscavam pelas vigas da varanda. Pela janela da frente, a árvore decorada lançava prismas de luzes multicoloridas através do vidro antigo.

Lá dentro, a festa já tinha começado. O disco de Natal de Glen Campbell – essencial para a família – estava na vitrola, enchendo a casa de música. Ricky e Janie estavam correndo, brincando de esconde-esconde com o pai, enquanto Aurora e Winona trabalhavam na cozinha. O pai delas estava perto da lareira, já bebendo uísque e olhando para uma fotografia da mãe.

Aurora os recebeu na porta. Com uma leggings verde, botas de salto alto na altura do tornozelo e túnica de veludo vermelho, ela parecia um duende de verdade; suas bijuterias tinham algum tipo de bateria e acendiam e apagavam em ondas de luz.

– Meu sobrinho lindo chegou.

Ela pegou Noah e levou o menino até a árvore.

– O carnaval de sempre – comentou Dallas, olhando para todos os adereços natalinos.

Richard escolheu aquele momento para se juntar a eles. Com calça cáqui até o alto da cintura, apertada por um cinto marrom, camisa xadrez azul para dentro e meias, ele conseguia ter a aparência de sempre, ao mesmo tempo pronto para ficar e pronto para sair.

– Dallas – disse ele, acenando com a cabeça. – Ouvi dizer que está fazendo milagres com o novo potro dos Jurikas.

– É um belo animal – respondeu Dallas. – Na semana passada...

Vivi Ann apertou a mão de seu marido e foi para a cozinha. Winona estava no balcão, enrolando quadrados de massa para fazer croissants. Ela levantou os olhos e fez uma pausa quando Vivi Ann entrou.

– Oi.

Por um instante, Vivi Ann sentiu o tempo voltar. Com a fraca luz do sol de inverno entrando pela janela, banhando o rosto cheio e bonito de sua irmã, lembrou-se de outro momento na mesma cozinha.

Estou fazendo um desenho da gente. A mamãevai conseguir ver do céu, não vai?, Vivi dissera, sentindo-se tão pequena e esquecida quanto uma criança podia se sentir. Era o que ela mais se lembrava do velório de sua mãe: sentir-se invisível. Mas Winona a tinha visto, havia se aproximado dela, tocado em sua cabeça e dito: *Vamos colocar na porta da geladeira.*

Naquela época, Vivi Ann havia presumido que elas estariam sempre conectadas, ela e Win, que nada poderia separar duas irmãs.

Isso tinha sido antes de conhecer a paixão, é claro. E embora Winona não admitisse, Vivi Ann sabia que a reconciliação das duas não havia sido perfeita. Winona ainda não confiava em Dallas e não havia perdoado totalmente Vivi Ann por magoar Luke. No mundo de Winona tudo era preto no branco. Principalmente a justiça. E ela achava que Vivi Ann havia sido punida por fazer a coisa errada.

De repente Vivi Ann estendeu o braço, pegou a mão de Winona e girou a irmã no ritmo da música. Foi como apertar um interruptor, aquele movimento, um giro de volta para os anos 1970, quando dançar na cozinha era uma parte normal da manhã de Natal.

Venham, meninas da minha horta, a mãe delas costumava dizer, dançando sozinha. *Preciso de algumas parceiras de dança.*

Aurora entrou, abriu caminho entre as duas e assumiu o comando.

– Vocês não vão dançar sem mim de jeito nenhum, suas cretinas. Sabem muito bem que *eu* sou a irmã com ritmo.

– Foi de tanto sacudir os quadris na época da escola – disse Vivi Ann, rindo.

Era engraçado como uma música, uma dança ou um olhar passado entre irmãs eram capazes de devolver a plenitude da vida. O resto do dia passou como um borrão de fotografias instantâneas familiares: abrir presentes, beber vinho, formar pequenos grupos para conversar, ver Janie e Ricky andarem com suas bicicletas novas no jardim e Noah sair andando com fitas presas nos cabelos. Elas se divertiram tanto que nem o silêncio macabro de seu pai, devido à bebedeira, foi capaz de tirar o brilho do dia.

Ao fim da refeição, quando as meninas acabaram de servir torta e retomaram seus lugares, Dallas se levantou.

– Meu filho vai crescer com isso. – Ele fez um movimento com a mão, um gesto que incluía todos eles. – Obrigado.

Vivi Ann olhou para o marido do outro lado da mesa

– Meu papá – disse Noah, rindo no colo dela.

– É – respondeu ela baixinho. – É o seu papai.

Em pouco tempo, todos voltaram a falar ao mesmo tempo e a fazer piadas e comentários sobre as várias tortas. Depois do jantar, Vivi Ann tentou convencer todos a participarem de um jogo de charadas.

– Vamos, pessoal. Vai ser divertido...

Então tocou a campainha e o xerife Al Bailor entrou.

– Oi, Al – disse Aurora, levantando da cadeira para recebê-lo. – Diga a Vivi Ann que não vamos brincar de jogo nenhum. Ainda estamos sóbrios, pelo amor de Deus.

– Sinto muito incomodar vocês no Natal – disse Al, tirando o chapéu e passando os dedos rombudos na aba.

O pai delas se levantou.

– Qual é o problema, Al?

– Cat Morgan foi assassinada ontem à noite.

Dallas se levantou lentamente. Era impossível não notar como ele estava pálido.

– O que aconteceu?

– Bem – disse Al, olhando para a mesa –, é isso que eu vim descobrir. Onde você estava ontem à noite, Dallas?

CATORZE



MULHER ENCONTRADA MORTA EM SUA CASA EM OYSTER SHORES

Na manhã de 25 de dezembro, Catherine Morgan foi encontrada morta em sua casa na Shore Drive. O corpo da mulher de 42 anos foi descoberto por um vizinho, que contatou a polícia imediatamente.

Investigadores continuam reunindo provas na cena do crime. O xerife Albert Bailor relatou apenas que a morte “parece suspeita” e que a polícia está “seguindo todas as pistas”. Fontes de fora da corporação confirmam que a Sra. Morgan foi baleada no peito à queima-roupa e que não havia sinais de arrombamento em sua residência. Relatos de abuso sexual permanecem não confirmados até o momento. Qualquer um que tenha informações deve entrar em contato com o xerife Bailor.

– William Truman, *Tribuna de Oyster Shores*

Vivi Ann se levantou da cama lentamente. Nas últimas 48 horas, havia aprendido a se mover em silêncio, de modo a estar presente e ausente ao mesmo tempo. Enrolando-se com o robe felpudo, ela foi para a sala e encontrou Dallas exatamente onde esperava que ele estivesse: jogado sobre a mesa da cozinha, relendo no jornal os relatos do assassinato.

Ela colocou a mão no ombro do marido e o sentiu contrair os músculos. O homem levantou a cabeça e olhou para ela. Havia uma selvageria em seus olhos que fez com que ela quisesse recuar, mas ela sabia como ele estava estressado e quanto precisava que ela o ajudasse a se estabilizar. Ela também sabia que ele estava esperando que ela perguntasse se ele tinha sido o responsável pela morte. A cidade inteira estava comentando sobre sua relação com Cat. Havia rumores sobre as visitas que ele fazia a ela tarde da noite, sobre as idas ao mercado para comprar cerveja ao lado dela. Eles sabiam disso, ambos, embora nunca tivessem conversado a respeito.

– Hoje é o velório – disse ela em voz baixa. – Precisamos deixar Noah com a babá às onze horas.

– Eu acho que não devo ir.

– Você tem que ir. As pessoas estão falando...

– Acha que eu me importo com o que esses cretinos mesquinhos dizem?

– Acho que devemos nos importar.

– Eu devia ir embora. Simplesmente ir embora. Nunca devia ter ficado.

Ela agarrou o braço dele, puxando-o para cima a fim de encará-la.

– Não ouse dizer isso.

– Eles vão vir atrás de mim por causa disso, você não sabe?

– Não, não vão. Não passa de fofoca. Precisam de fatos para fazer uma prisão. Logo isso tudo vai

acabar.

– Ah, Vivi – disse ele com a voz tensa. – Você é tão ingênua... isso vai nos destruir.

Ele virou as costas para ela, entrou no banheiro e fechou a porta. Ela ficou ali parada durante um bom tempo, olhando para o rastro dele. Suas mãos estavam tremendo e ela quase o seguiu, mas desistiu da ideia.

Eles vão vir atrás de mim por causa disso. Ele parecia tão certo, como se soubesse de algo que ela não sabia.

Ela queria esquecer, dizer a si mesma que aquilo não significava nada, mas não conseguia. Respirando fundo, atravessou a cabana escura e saiu.

A picape cinza dele estava estacionada bem no meio das árvores. Através da névoa da manhã, parecia um elefante velho caído de joelhos na sombra. Ela calçou as galochas que estavam perto da porta e seguiu arrastando os pés na grama enlameada. Abriu a porta do passageiro e olhou para o porta-luvas, sentindo o pânico crescer como neblina dentro dela. Estendendo o braço, ela o abriu.

A arma não estava lá.

Ela não sabia se devia se sentir decepcionada ou aliviada, mas o medo permaneceu, formando um nó apertado em seus pulmões. Movimentando-se rapidamente, ela fechou a picape e entrou em casa.

Encontrou Dallas no banheiro, todo molhado, com uma toalha em volta da cintura.

– Onde está sua arma? – perguntou, observando-o atentamente.

Ele suspirou.

– Eu dei para Cat.

Vivi Ann fechou os olhos. Parecia que tudo estava se esvaindo – sangue, esperança, vida.

– Você pediu para eu me livrar dela, lembra? E tinha um cara que a estava incomodando ano passado.

– É por isso que você tem certeza de que virão atrás de você?

– É por isso que estou com medo. – Ele tocou no queixo dela. – Vamos, pergunte, Vivi. Sei que você quer perguntar.

Ela ouviu o desespero em sua voz, viu em seus olhos. Durante toda a vida ele sofrera decepções e esperava isso dela, mas ela o conhecia. *Conhecia*. Sabia como ele olhava para o filho quando ele estava dormindo e como falava sobre a família deles. Havia escuridão no passado de seu marido, mas aqueles dias ficaram para trás. O amor não era um sentimento superficial para Dallas, nem a amizade. Mesmo tendo feito coisas erradas antes, ela sabia que ele não mataria Cat.

– Eu não preciso, Dallas. Sei que você é inocente.

Ele pareceu se esvaziar diante dos olhos dela. Sem dizer nada, desviou o olhar.

– Agora se apronte. Nós precisamos ir ao velório da sua amiga.

Durante as duas horas seguintes, eles executaram a rotina matinal em silêncio, exceto pelos balbucios quase constantes de Noah.

Às onze horas, Aurora e Richard chegaram, parecendo melancólicos e preocupados. Vivi Ann e Aurora olharam uma para a outra por um longo instante, sem dizer nada, e depois todos entraram no carro preto e todo salpicado de chuva de Richard. Deixaram Noah na casa deles junto com Janie, Ricky e a babá e foram até a igreja.

Lá, os bancos estavam praticamente cheios de pessoas trajando luto.

Durante a cerimônia curta e impessoal, Vivi Ann segurou a mão de Dallas. Ela podia sentir sua

tensão; às vezes ele apertava a mão dela com tanta força que chegava a doer. Quando o funeral terminou, ela se levantou, puxou-o desajeitadamente para que ficasse a seu lado. Juntos, caminharam pelo corredor e desceram as escadas, para onde havia uma mesa repleta de comida. Ninguém fazia contato visual com Dallas ou Vivi Ann. Como sempre, as mulheres haviam cozinhado para a despedida. As pessoas conversavam em pequenos grupos. Não havia nenhum suporte com a fotografia de Cat nem o som de choro.

– Hipócritas – resmungou Dallas ao lado dela. – Olhe para eles. Essas mulheres atravessavam a rua para não cruzar com ela, se pudessem.

– Não faça isso – disse Vivi Ann de maneira brusca.

Aurora, Richard, Winona e o pai foram até eles, formando um círculo bem fechado. Vivi Ann sentiu uma onda de gratidão pelo apoio, mas podia ver na cara do pai que ele não estava contente por estar ali.

E, então, de repente chegou Al, uniformizado.

– Venha comigo, Dallas Raintree – disse ele com a voz alta e pomposa. – Você precisa responder a algumas perguntas.

Vivi Ann agarrou a mão de seu marido.

– Qual é, Al. Você não acredita que...

Dallas se soltou dela.

– É claro que ele acredita.

Al pegou Dallas pelo braço e o conduziu para fora. A multidão abriu caminho, impressionada, fazendo um silêncio raro frente ao drama que se desenrolava diante deles.

Vivi Ann seguiu Al e Dallas no meio da multidão, implorando para Al ser razoável, mas ele não respondeu, apenas arrastou Dallas até o estacionamento e saiu dirigindo.

Vivi Ann abriu a bolsa e vasculhou lá dentro em busca da chave do carro. Depois se deu conta de que não tinha dirigido até lá. Olhou para trás à procura de Aurora e viu pessoas reunidas nos degraus da igreja, observando-a.

– Ele não fez nada – gritou para elas.

Sua voz rachou como casca de ovo e as emoções que vinha tentando controlar transbordaram. Ela sabia que estava chorando e não conseguia parar, não conseguia sequer reunir forças para se virar.

Aurora foi até ela, envolveu-a com o braço. Winona veio em seguida. Juntas, as irmãs a protegeram. Vivi Ann notou que seu pai não se aproximou, ficando onde estava.

– Vamos – disse Winona. – Vamos levar você para casa.

– Para casa? – Vivi Ann olhou para elas sem acreditar. – Levem-me para a delegacia. Preciso estar lá para apoiá-lo quando terminar.

Aurora e Winona trocaram um olhar.

– O que foi? – perguntou Vivi Ann.

– Está fazendo drama – respondeu Aurora com firmeza. – Vamos para o carro.

– E se eu me recusar?

– Eu quebro uma das suas pernas – respondeu Aurora, sorrindo para a multidão, dizendo em voz alta: – Ela já está bem. Não precisam se preocupar.

– Nós vamos levar você até a delegacia – disse Winona, e Vivi Ann se deixou ser conduzida.

A viagem foi tão rápida que mal houve tempo para conversar. Vivi Ann, de qualquer forma, não sabia

o que dizer. Tão logo elas pararam o carro ao longo da calçada, ela saiu do carro e correu para a porta da delegacia.

– Estou aqui para pegar meu marido, Helen.

A mulher que ela conhecia desde pequena não a olhou.

– Ele está sendo interrogado, Vivi Ann. Albert disse que o liberaria assim que possível. Pode esperar no refeitório, se quiser, mas talvez demore.

Aurora e Winona entraram atrás dela e levaram a irmã para o refeitório. Lá, sentaram-se em cadeiras de plástico e mesas de fórmica, tomando café amargo de uma máquina automática. Pelas duas primeiras horas elas tentaram manter uma conversa, mas o relógio preto e branco na parede continuava contando os minutos sem que nada acontecesse.

– Você conhece essas coisas, Winona – comentou Vivi Ann, finalmente. – O que eles estão fazendo?

– Estão fazendo um interrogatório, mas não se preocupe. Ele é esperto demais para confessar qualquer coisa.

Vivi Ann olhou para ela.

– Pessoas inocentes cometem erros o tempo todo. Elas acham que não têm nada a esconder.

– Você precisa estar preparada para o pior – afirmou Winona.

– Você estava esperando por isso, não estava, Win? Mal podia esperar para me dizer que estava certa.

– Vivi, não faça isso – pediu Aurora. – Não devíamos brigar agora.

– Eu *estava* certa – retrucou Winona. – Se tivesse me escutado desde o início, agora não estaríamos aqui, sentadas na delegacia. Eu disse que Dallas causaria problemas. Ele esteve do lado errado da lei a vida toda.

– Dê o fora daqui, Winona – rebateu Vivi Ann. – Não a quero aqui comigo.

– Vivi, você não quis dizer isso – afirmou Aurora.

– Dallas sempre falou que você tinha inveja de mim. Ele estava certo, não estava? Você deve estar adorando isso tudo.

– Só porque eu sabia que isso aconteceria, não significa que eu esteja adorando. O que você esperava de um homem como ele?

– É claro que você não entende. A única coisa que sabe a respeito do amor é a sensação de não tê-lo. Algum homem já disse que amava você?

– Vivi... – alertou Aurora.

– Não. Eu quero que ela saia daqui, Aurora. *Fora*. Se ela acha que ele é culpado, então pode ir embora. – Vivi Ann sabia que estava gritando, que estava histérica, mas não conseguia controlar as emoções.

Winona pegou a bolsa e se levantou da cadeira.

– Está bem. Se quer ficar sozinha nisso, vá em frente.

Aurora estendeu o braço para segurar Winona.

– Ela não sabe o que está dizendo, Win...

Mas Winona já estava indo na direção da porta, abrindo-a para sair.

– Você não devia ter feito isso – disse Aurora quando a porta bateu.

– Não ia conseguir mais ouvir aquilo – falou Vivi Ann.

Aurora se levantou lentamente, suspirando, e pegou para as duas outro café queimado e com gosto de velho. Encheu as duas xícaras com uma bebida que imitava leite, acrescentou açúcar e se sentou ao lado de Vivi Ann.

– Isso vai ficar feio – comentou.

– Já está.

– Não – respondeu Aurora mexendo o café. – Acho que ainda não vimos nem o começo.

Horas depois, Al finalmente entrou no refeitório, parecendo esgotado e um pouco triste.

Vivi Ann se levantou.

– Onde está ele?

– Ele não passou no teste do polígrafo, Vivi Ann – explicou Al.

– Eu assisto a programas de crime na TV. Esses resultados não são válidos – disse Aurora ao lado de Vivi Ann.

Vivi Ann achou que havia ficado com medo no estacionamento, quando vira o porta-luvas vazio e depois descobrira o que ele havia feito com a arma; estava errada. Aquela sensação não era nada se comparada a essa.

– Nós o prendemos, Vivi – afirmou Al. – Por assassinato. É melhor arrumar um advogado para ele.

Aurora praguejou baixinho.

– Ótimo momento para irritar Winona.



A caminho de casa, Winona pensou em uma resposta ofensiva atrás da outra: *É claro que você sabe sobre o amor. Se eu saísse pegando qualquer um como você, poderia ter arrumado alguém também. Ou: Ele não ama você. Por que não consegue colocar isso na cabeça? Ah, já sei a resposta: você é loira. Ou: Se isso é amor, prefiro ter gripe suína.*

Chegando em casa, ela abriu a porta com tudo e entrou. A decoração de Natal ainda estava montada: o pinheiro todo enfeitado no canto, a rena e o trenó sobre a mesa de centro, o ridiculamente esperançoso visco pendurado no arco entre os cômodos. Ela arrancou o visco e arremessou o ramo na lata de lixo, depois se sentou no banco junto à janela, olhando para a chuva que batia nas árvores desfolhadas. Dali, podia ver as pessoas andando pela cidade, provavelmente fazendo compras pós-festas ou voltando da igreja, como se fosse um dia de inverno normal.

Mas não era um dia normal e podia nunca mais voltar a ser.

Com um suspiro, foi até a cozinha e encontrou um pote de sorvete no freezer. Levando-o para o solário, ela se sentou, comendo e pensando. A cada instante, sentia sua decisão se fortalecer: ela não deixaria Dallas Raintree destruir a família. A paixão de Vivi Ann por ele já tinha custado muito a todos. E agora havia também o nome Grey a se considerar. As pessoas já estavam dizendo que eles haviam sido tolos de deixá-lo entrar em sua casa.

Ela não sabia havia quanto tempo estava sentada lá, mas foi tempo bastante para o clima mudar. A chuva parou e um sol hesitante apareceu entre as nuvens cinzentas.

Ouviu alguém bater à porta, mas não foi abrir. Não havia qualquer pessoa com quem quisesse falar no momento.

Um segundo depois, Vivi Ann entrou no solário. Winona já podia ver mudanças em sua irmã: o pânico oculto nos cantos de sua boca, o desespero em seus olhos verdes, as mãos entrelaçadas.

– Você me pegou – disse Winona, tomando outra colherada de sorvete. – Estou comendo por ansiedade.

– Você não atendeu, então eu entrei.

– Eu não queria ver ninguém. Principalmente você.

Vivi Ann entrou no cômodo e sentou-se de frente para ela.

– Sinto muito, Ervilha – disse ela em voz baixa.

Winona sabia que a irmã estava usando o antigo apelido como um lembrete singelo a respeito de tudo o que significavam uma para a outra. Sim, elas brigaram e disseram coisas cruéis, mas eram irmãs. No final, o importante não eram os rompimentos na corrente, mas os elos.

Winona tomou mais um pouco de sorvete.

– Como a mamãe sabia como ficaríamos quando nos deu esses apelidos?

– O que quer dizer?

– Você é o feijãozinho, certo? Como ela sabia que eu seria a redonda e gorda ervilha?

– Eram apenas vegetais que cresciam na horta dela, Win. Era isso que ela via, o que queria: que crescêssemos juntas.

– Você é muito jovem para saber o que ela queria.

Winona colocou o pote vazio de sorvete no chão, aos seus pés, com a colher dentro.

– Eu sei que ela queria que ficássemos juntas quando as coisas se tornassem difíceis.

– Diz a garota que acabou de me dispensar.

– Eu já pedi desculpas.

– Claro que sim. Ele foi preso, não foi?

Vivi Ann assentiu.

– E você acabou de se dar conta de que precisa de um advogado, então veio até aqui.

Vivi Ann se inclinou para a frente.

– Não tem problema ele não ter passado no teste do polígrafo, tem?

– Ele não passou no polígrafo?

– Não, mas até onde eu saiba, não é válido.

– Pode não ser válido, mas é confiável. E ele não passou.

– Ele é inocente – disse Vivi Ann com teimosia.

– Ele não tem álibi. Estava doente, lembra? Mesmo já estando bem na manhã seguinte.

– Eu faço qualquer coisa, Winona. Por favor. Apenas me ajude a salvá-lo.

Winona olhou fixamente para a irmã mais nova, vendo quanto ela estava perto de ter um colapso. Vivi Ann provavelmente nunca havia implorado por nada antes, mas Winona sabia qual era a sensação, o desespero patético, a necessidade brigando com o ego e a vontade de gritar: *Vai se ferrar*, ao mesmo tempo em que sussurra: *Por favor*.

– Ele precisa de um advogado criminal, Vivi. E um dos bons. Posso cuidar da acusação, se você quiser, mas depois disso está acima da minha capacidade. Eu não passo de uma advogada civil de uma cidade pequena...

– Eu não me importo com isso. Dallas precisa de alguém que acredite nele. Isso vale mais do que a

experiência.

E lá estava, a coisa em que Winona estava pensando quando se sentou no banco junto à janela, olhando para a chuva, a coisa que romperia o laço entre elas, mas não havia como evitar.

– Fiquei sabendo da briga em que ele se meteu na casa da Cat – respondeu ela calmamente, sabendo que suas palavras magoariam Vivi Ann, incapaz, contudo, de mudar isso.

Essa dor era inevitável. Vinha se movendo devagar, avançando sobre elas, provavelmente desde o momento em que Dallas aceitou o emprego em Water's Edge.

– O que quer dizer?

– Na noite em que você teve o Noah, Dallas começou uma briga com Erik Engstrom. Dizem que ele quase o matou.

– Achamos que Noah morreria naquela noite. Ele estava com medo.

– Ele é perigoso, Vivi. Só você não consegue ver – disse Winona com firmeza. – Eu tentei avisar...

– É disso que se trata? De *eu avisei*?

– Não. Estou tentando proteger você. Tentando ser uma boa irmã mais velha.

– Acha mesmo que ele a matou?

– Não importa. Isso vai partir seu coração, Vivi Ann. Você não é forte o bastante para...

– Não importa?

Winona não estava dizendo as coisas certas, ou do jeito certo, para fazer Vivi Ann entender.

– Sinto muito, Vivi Ann. O que eu quero dizer é que minha opinião não importa. Eu não posso ajudar Dallas. Não tenho experiência nisso. E provavelmente há um conflito de interesse. Ele precisa...

Vivi Ann se levantou.

– Pode continuar falando – disse ela. – Não ouvi nada depois de “não importa”. Acredite, Win, eu entendo muito bem o seu ponto de vista. Você acha que sou casada com um assassino.

Ela se virou e correu para a porta, tentando abri-la duas vezes antes de finalmente conseguir.

– Vivi, por favor, espere...

Winona correu pela varanda e saiu no pátio, mas sua irmã já tinha ido embora.

QUINZE



Depois de uma longa noite sem dormir, Vivi Ann levantou cansada. Ainda assim, às nove horas estava vestida com o único terninho que tinha, seguindo para a picape com Noah se contorcendo nos braços. Agora, mais do que nunca, ela precisava ser forte – e seria. Seu filho um dia saberia sobre isso e perguntaria: *Mamãe, o que você fez enquanto o papai estava em apuros?* E ela responderia: *Nunca deixei de acreditar nele e fiz todos na cidade verem que estavam errados.*

Durante toda sua vida, ela não fora levada a sério pelas pessoas por causa de sua beleza e tinha sido considerada ingênua porque via o melhor em todos. Finalmente, mostraria a todos que seu otimismo não era uma fraqueza ou ignorância, nem mesmo um tipo frágil de esperança. Era feito de aço e ela o empunharia como uma espada. Dirigindo pela cidade, ela passou pelo parque Grey e viu a placa – TERRENO DOADO POR ELIJAH GREY EM 1951. Pela primeira vez, não pensou na proeminência de sua família na história da comunidade, mas em sua resistência diante das adversidades. Seus bisavós haviam viajado para o Oeste em uma carroça coberta, passando por inúmeros perigos. Seus avós tinham mantido as terras apesar da Grande Depressão e de duas guerras.

A terra ainda era deles porque haviam se recusado a desistir ou a ceder. Essa tenacidade estava em seu sangue e ela a invocaria agora.

Na rua, diante da lanchonete, estacionou e tirou Noah da cadeirinha do carro. Ao entrar, sentiu as pessoas olhando para ela e balançando a cabeça. Os sussurros a irritaram, renovaram sua determinação em provar a inocência de seu marido. Como esperado, ela encontrou Aurora na lanchonete com Julie, Brooke e Trayna, tomando café.

Quando ela entrou, todas olharam para a frente e suas expressões de pena diziam tudo: *pobre Vivi, tão tola.*

– Oi, Vivi – disse Julie, dando-lhe espaço no banco de couro. As pulseiras de prata tilintavam em seus pulsos. – Chegou bem na hora do café da manhã.

– Obrigada, mas não posso. Aurora, pode mesmo ficar com Noah hoje?

– Claro.

– Por quê? – perguntou Trayna. – Vai até a cadeia?

– Ainda não. Preciso ir até Olympia arrumar um bom advogado. Peguei alguns nomes na lista telefônica.

Brooke franziu a testa.

– Winona...

- Não vai ajudar.
- Ela se recusou? – perguntou Julie, franzindo a testa.
- Sim. Aproveite para espalhar: Winona virou as costas para nós.

Ela deu um beijo nas bochechas rechonchudas de Noah e entregou o menino a Aurora, junto com a bolsa de fraldas.

Noah ficou alegremente com a tia, começando a brincar na mesma hora com o colar de contas dela.

- Quer que eu vá com você? – perguntou Aurora.

Ela havia feito a mesma oferta na noite anterior, quando Vivi Ann ligara para ela.

– Agradeço muito por ter se oferecido, mas não. Preciso começar a fazer as coisas sozinha. Tenho a sensação de que isso vai acontecer muito no meu futuro.

Ela começou a se afastar.

A mão de Julie em seu pulso a conteve.

- Nem todo mundo acha que ele é culpado – afirmou ela.
- Obrigada, Jules.

Ao longo de todo o caminho até Olympia, Vivi Ann praticou o que diria, como convenceria um estranho a aceitar o caso de seu marido. No primeiro endereço, ela entrou no prédio de tijolos, deu seu nome para a recepcionista e esperou impacientemente. Quase vinte minutos depois, James Jensen saiu para encontrá-la.

Ela abriu um sorriso quando ele enfim apareceu.

- Olá, Sr. Jensen. Obrigada por me receber tão em cima da hora.

– Quando alguém precisa de um advogado criminal de defesa, sempre está com pressa. Venha até minha sala e sente-se.

Durante os vinte minutos seguintes, Vivi Ann lhe apresentou os fatos do caso, pelo menos o que sabia. Teve o cuidado de se controlar e não deixar as emoções interferirem; ela não queria parecer uma dessas mulheres que acreditam estupidamente que seus maridos são santos. Quando esgotou os limitados fatos, falou sobre o maravilhoso marido e pai que Dallas era. Depois esperou que ele se manifestasse.

Finalmente, ele a fitou.

Ela estava esperando por esse olhar. Agora ele perguntaria se Dallas era inocente e ela confirmaria e diria a ele como sabia disso.

- Sra. Raintree, eu vou precisar de uma entrada de 35 mil dólares. Então poderemos começar.

- Uma... o quê?

– Meus honorários. Adiantados. Não todo o montante, é claro; só o suficiente para começar. Um caso desses exige muita força de trabalho: detetives particulares, testes de laboratório, deslocamentos. A publicação compulsória, por si só, geralmente é muito trabalhosa.

- Você nem perguntou se ele cometeu o crime.

- E nem vou perguntar.

- Eu não tenho esse dinheiro.

– Ah. Entendo. – A palma gorducha e lisa de sua mão fez um som abafado ao bater sobre a mesa de madeira. Ela se lembrou de uma porta se fechando. – Existem alguns bons defensores públicos.

- Mas eles não vão se dedicar da mesma forma que um advogado particular. Como você se dedicaria.

Ele ergueu as mãos, palmas para cima.

– O sistema é assim. Espero que consiga juntar o dinheiro, Sra. Raintree. Pelo que me contou e pelo que li nos jornais, seu marido, que, como sabe, não é estranho à jurisprudência norte-americana, está em sérios apuros. – Ele se levantou e a acompanhou até a saída com a facilidade de quem tinha experiência em fazer isso. – Desejo-lhe boa sorte – concluiu, fechando a porta.

Nas quatro horas seguintes, cinco advogados lhe disseram a mesma coisa. Os escritórios e as personalidades eram diferentes, porém o acordo era sempre o mesmo: um grande adiantamento ou nada de advogado.

A última profissional que havia consultado, uma jovem adorável que parecia genuinamente interessada no destino de Dallas, disse da forma mais clara possível:

– Não posso pegar um caso dessa complexidade de graça, Sra. Raintree. Tenho filhos para alimentar e uma hipoteca para pagar. Tenho certeza de que entende. Eu ficaria feliz em cuidar da acusação formal antes que o caso vá a julgamento, mas se quer que eu represente seu marido ao longo de todo o processo, vou precisar de um adiantamento substancial. Pelo menos 25 mil dólares.

Só lhe restava uma opção: precisava arranjar o dinheiro.

Ela voltou de Olympia para casa no fim do dia, virando na estrada do canal quando os últimos raios de sol conferiam às águas invernais um brilho prateado e quando a neve nas montanhas tinha mudado a cor para um cinza-lavanda.

Ao estacionar diante da casa de seu pai, já havia escurecido por completo. Ela o encontrou em seu escritório, com uma bebida na mão, lendo o jornal. Durante todo o caminho de Olympia para casa, ficara praticando o que diria, como diria; no entanto, agora, nada daquilo importava. Ele era seu pai e ela precisava da ajuda dele. Era simples assim.

Ela se sentou na cadeira de frente para ele.

– Preciso de 25 mil dólares, pai. O senhor podia fazer uma segunda hipoteca no rancho e Dallas e eu pagaríamos depois. Com juros.

Ele ficou tanto tempo com os olhos baixos, observando o jornal, que ela começou a se preocupar. Foi preciso todo o seu autocontrole para ficar ali sentada, esperando pacientemente. Todo o seu mundo estava em jogo, porém ela sabia que não deveria apressá-lo. Ele podia ser um pouco taciturno às vezes, e crítico, mas acima de tudo era um Grey e, no final, essa seria sua resposta.

– Não.

Ele disse tão baixo que ela pensou que havia imaginado.

– O senhor acabou de dizer não?

– Você nunca deveria ter se casado com aquele índio. Todo mundo sabia disso. E nunca devia ter deixado ele passar tanto tempo na casa da Morgan. Foi nossa desgraça.

Vivi Ann escutou sem conseguir acreditar.

– Não está falando sério.

– Estou.

– É assim que cuida da horta da mamãe?

Ele olhou para ela.

– O que você disse?

– A vida toda eu dei desculpas em seu nome, disse a Win e a Aurora que a morte da mamãe acabou com o senhor, mas não é verdade, é? O senhor não é mesmo quem eu pensava que fosse.

– É, bem, nem você.

Vivi Ann se levantou.

– O senhor me contou as velhas histórias um milhão de vezes, me fez ter orgulho de ser uma Grey.

Devia ter me avisado que não passava de uma mentira.

– Ele não é um Grey – disse o pai.

Vivi Ann estava indo embora. Na porta, se virou para dizer:

– Nem eu. Não sou mais. Sou uma Raintree.



Vivi Ann subiu a colina até sua cabana. No celeiro, parou, incapaz de continuar. O rancho que ela tanto amava estava parado e frio; árvores desfolhadas contornavam a entrada de carros, parecendo desoladas e solitárias contra o céu cinzento e os campos marrons. Podia ver alguma folhas secas, ainda teimosamente presas nos galhos, mas logo elas também cairiam, desistiriam. Uma por uma, desabariam no chão, onde lentamente escureceriam e morreriam.

Ela se sentia, naquele momento, como uma daquelas folhas solitárias, dando-se conta de repente, de uma maneira terrível, de que não havia nenhum grupo à sua volta. Ela se prendera a algo que, no fim das contas, não era sólido.

Sem seu pai, ela nem mesmo sabia quem era, quem deveria ser. Entrou no celeiro frio e escuro e acendeu as luzes. Os cavalos imediatamente ficaram inquietos, relinchando e batendo as patas para chamar sua atenção. Ela não passou pelas baias devagar, nem com cuidado. Pela primeira vez, foi direto para a baia de Clem e abriu a porta. Ao entrar, a camada nova de serragem de cedro cor de salmão amorteceu seus passos, fez com que se sentisse flutuando.

Clem relinchou uma saudação e se aproximou dela, esfregando seu nariz aveludado na coxa de Vivi Ann.

– Sempre fomos você e eu, menina, não é? – disse ela, coçando as orelhas da égua.

Vivi Ann se inclinou para a frente, passou os braços ao redor do grande pescoço de Clem e pressionou a testa junto à crina quente e macia, amando seu cheiro de cavalo.

Dois anos antes, talvez até mesmo no ano anterior, ela teria pegado uma cabeçada no mesmo instante, saltado sobre as costas descobertas de Clem e seguido para a trilha das linhas de transmissão. Lá, teriam corrido como o vento, rápido o bastante para secar as lágrimas de Vivi Ann antes que elas caíssem, rápido o suficiente para superar aquele vazio que se espalhava dentro dela.

Mas Clem já estava velha, com articulações fracas e dores nas pernas. Seus dias de correr como o vento haviam chegado ao fim. Infelizmente, seu espírito era jovem e Vivi Ann sabia que a égua esperava pacientemente para ser cavalgada mais uma vez.

– Muitas mudanças – disse Vivi Ann, fazendo o possível para parecer forte, mas no meio da frase tudo veio à sua mente de uma vez: o simples *não* de seu pai; a recusa de Winona em ajudar; o choro lastimoso de Noah na hora de dormir na noite anterior, chamando por seu *papá*, o beijo que Dallas havia lhe dado pouco antes de partirem para o funeral de Cat. Ela não sabia que seria o último por um bom tempo, mas ele, sim. Ela se lembrou do que ele dissera com tanta calma naquela manhã, todo vestido de preto, com os olhos acinzentados insuportavelmente tristes: *amo você, Vivi. Eles não podem tomar isso*

de mim.

Ela havia rido dele e dito: “Ninguém está tentando tirar isso de você. Acredite em mim.”

Acredite em mim.

Ela se perguntou se seria capaz de voltar a rir e, então, no estábulo, com a égua que, de alguma forma, era sua infância, seu espírito e sua mãe em um lugar só, ela chorou.



Aquela parte do condado havia sido economicamente devastada pela baixa na produção de madeira e pela diminuição da quantidade dos salmões. No coração da cidade, várias vitrines de lojas estavam vazias; o espaço em branco e a escuridão eram um lembrete acerca das pessoas e da receita que essa comunidade havia perdido. Picapes sujas e amassadas, muitas com placas de “vende-se” no vidro de trás, formavam fila na rua, reunidas em frente às tavernas naquela tarde de quinta-feira.

Vivi Ann ficou na calçada, olhando para o fórum de pedras cinza. Atrás do prédio, as colinas verdejantes da Floresta Nacional de Olympic se elevavam em um céu de nuvens brancas. Ainda não estava chovendo, mas começaria a qualquer momento.

Segurando bem a bolsa, ela subiu os degraus na direção das grandes portas de madeira.

Por dentro, o lugar parecia ainda mais decrepito. Pisos de madeira desgastados, paredes com tinta descascada, pessoas usando ternos baratos subindo escadas para as salas de julgamento e várias portas fechadas no corredor. Ela foi até uma recepcionista com cara de irritada e sorriu.

– Oi, estou aqui para visitar alguém na prisão – falou, constrangida.

A mulher nem olhou em sua cara.

– Nome?

– Vivi Ann Raintree.

– Não o seu. O do detento.

– Ah. Dallas Raintree.

A mulher digitou algumas palavras no enorme computador bege, esperou alguns momentos, depois disse.

– Cela P. A visita começa às três e termina às quatro. – Ela apontou um dedo com unhas roídas para o corredor. – Segunda porta à direita.

– Ob-obrigada.

Vivi Ann iniciou a longa e lenta caminhada pela prisão. Quando chegou lá, a recepcionista esperava por ela.

– Nome?

– Dallas Raintree.

– Não do detento. O seu.

– Vivi Ann Grey Raintree.

– Identificação, por favor.

Aos mãos de Vivi Ann estavam tremendo quando ela abriu a bolsa e tirou a habilitação de motorista da carteira. A recepcionista pegou o documento, escreveu algumas coisas em um livro de registros e o devolveu para ela.

– Preencha este formulário.

Enquanto estava lá, Vivi Ann ouviu pessoas chegando atrás dela, formando uma espécie de fila. Ela se sentiu obrigada a escrever mais rápido.

– Aqui está – falou, devolvendo a folha à recepcionista.

– Ali – explicou a mulher, apontando com o queixo sem nem olhar. – Coloque todos os seus itens pessoais em um daqueles armários. Nada de bolsas, carteiras, alimentos, chiclete, chaves, etc. O detector de metais fica no fim do corredor. Próximo.

Vivi Ann percorreu o silencioso corredor. No fim dos armários de aço, ela guardou a bolsa e seguiu para o detector de metais. Um enorme guarda uniformizado estava na entrada, usando botas, pés afastados e braços soltos ao lado. Ele tinha uma arma de cada lado da cintura.

Ela entregou a ele a chave do armário e passou com cuidado pelo detector. Como nunca havia viajado de avião, era a primeira vez que passava por um desses aparatos e não tinha muita certeza de que devia fazer. Ir devagar fazia sentido, então ela prosseguiu. Um bipe bem alto soou; os batimentos cardíacos de Vivi Ann aceleraram. Ela olhou em volta; agora havia três guardas uniformizados ao seu redor.

– Eu... Eu não estou com nada.

Uma policial se apresentou.

– Venha aqui. Afaste as pernas.

Vivi Ann fez o que lhe foi pedido. Mesmo sabendo que estava tudo certo – tinha que estar –, ela sentiu medo. O suor escorria por sua testa.

A guarda passou um detector portátil na frente de seu corpo. Ele apitou de novo no sutiã e na fivela do sapato.

– Tudo bem – disse ela. – Por ali.

Vivi Ann seguiu mais uma vez em frente, até outra mesa, onde sua mão foi carimbada e um crachá com a palavra VISITANTE foi pendurado em seu pescoço. Ela seguiu outro guarda uniformizado por mais um corredor, até uma porta com a placa VISITA.

– Você tem uma hora – anunciou ele, abrindo a porta.

Vivi Ann assentiu e entrou no cômodo comprido, de teto baixo. Uma placa de acrílico cortava o espaço no meio, e de cada lado havia divisórias. Cada uma delas tinha um fone preto e uma cadeira.

Ela foi até a última baia da esquerda e sentou-se. O falso vidro estava embaçado por milhares de marcas de dedo.

Ela não sabia por quanto tempo ficou lá sentada, sozinha, mas a espera pareceu infinita. Em algum momento, uma mulher chegou e se sentou na outra ponta. Pela distorcida fileira de baias de acrílico, seus olhares se encontraram e logo se desviaram.

Finalmente, a porta se abriu e lá estava Dallas, usando um macacão laranja e chinelos de dedo, com os longos cabelos caídos sobre o rosto machucado.

Ele foi até a baia, sentou-se do seu lado do acrílico imundo. Lentamente, pegou o fone.

Ela fez o mesmo.

– O que aconteceu com seu rosto?

– Eles chamam de resistência à prisão.

– E você resistiu?

– Claro que sim.

Ela não sabia o que dizer, então falou:

– Estou procurando um bom advogado de defesa. Mas é tão caro. Vou continuar tentando. Não posso...

– Eu já assinei um atestado de pobreza e me reuni com o advogado designado ao meu caso. Você não vai se endividar por minha causa.

– Mas você é inocente.

Ele olhou para ela de um jeito tão frio que, por um segundo, se transformou em alguém que ela não conhecia.

– E é isso que vou lhe ensinar no final. Cinismo. Quando tudo isso acabar e você não souber no que acreditar, então não acreditará em nada. Esse terá sido meu presente para você.

– Eu te amo, Dallas. É o que importa. Temos que nos manter fortes. O amor vai nos fazer superar.

– Minha mãe amava meu pai até o dia em que ele a matou.

– Nem *pense* em se comparar a ele.

– Logo você vai ficar sabendo tudo sobre isso: como ele me maltratava, me queimava com cigarros, me trancava. Eles vão dizer que isso me transformou em uma pessoa cruel. Vão dizer que eu transei com a Cat, que eu...

Vivi Ann colocou a mão no vidro falso.

– Toque em mim, Dallas.

– Não posso – disse ele, e ela pôde ver como essa confissão o devorou por dentro e o deixou irritado. – O amor não é um escudo, Vivi. Já era hora de você ter visto isso.

– Toque na minha mão.

Lentamente, ele ergueu a mão, pressionou a palma junto à dela. Ela só conseguia sentir a polidez do acrílico, mas fechou os olhos e tentou se lembrar do calor da pele dele junto à sua. Quando aprisionou a lembrança e conseguiu mantê-la no peito, abriu os olhos.

– Eu sou sua esposa – disse ela no fone. – Não sei quem ensinou você a fugir, mas agora é tarde demais para isso. Nós vamos ficar e lutar. E depois você vai para casa. É assim que vai ser. Está entendendo?

– Eu fico enojado só de ver você aqui, tocando nesse vidro sujo, falando nesse fone, tentando não chorar.

– Apenas não se afaste. Aguento qualquer coisa, menos isso.

– Estou com medo – disse ele em voz baixa.

– Eu também. Mas quero que se lembre de que *não* está sozinho. Você tem uma esposa e um filho que amam você.

– É difícil acreditar nisso aqui dentro.

– Acredite, Dallas – respondeu ela, engolindo as lágrimas que se recusava a derramar. – Eu nunca desistirei de você.



Durante todo aquele inverno e na primavera seguinte, o iminente julgamento de Dallas Raintree dominou as fofocas da cidade. Era um pedaço de bife suculento, com muito sabor e gordura. Havia a

grande dúvida: foi ele? Mas na verdade, não importava muito. A maioria já havia tirado suas conclusões quando ele foi preso. O respeito pela lei era enorme em Oyster Shores e eles achavam que era improvável que se tivesse cometido um erro. Além disso, todos sabiam desde o instante em que ele entrou na taverna Outlaw, com seus bíceps tatuados, os cabelos na altura dos ombros e o olhar de quem procura briga, que Dallas representava problema. O fato de ter ido atrás de Vivi Ann era prova o bastante de que ele não sabia o seu lugar. Ela havia sido ludibriada por ele, pura e simplesmente. Pelo menos era o que diziam.

Winona tinha passado os últimos cinco meses recolhida. Era óbvio para todos que suas irmãs não estavam mais falando com ela. A prisão de Dallas havia separado a antes sólida família Grey em dois campos: Aurora e Vivi Ann contra Winona e Henry. A empatia era alta por todos eles. O consenso geral era de que o pai e Winona haviam cometido um erro atípico ao contratar Dallas, para começo de conversa. Embora ninguém achasse que o pai devesse ter pagado um advogado particular (*por que jogar um bom dinheiro fora com uma má pessoa*?, era o que mais falavam a respeito), as pessoas acreditavam que ele estava errado ao deixar sua família se dividir por causa disso.

Winona havia plantado cuidadosamente as sementes de sua própria defesa: ela não era advogada criminal e não podia representar Dallas; desejava se reconciliar com Vivi Ann e esperava pelo dia em que sua irmã caçula voltaria ao seio da família e – o mais convincente – Vivi Ann sempre havia sido cabeça-dura e com o tempo perceberia que cometera um erro terrível ao acreditar em Dallas. Winona sempre dizia: “Nesse dia, estarei lá para secar suas lágrimas.”

E era verdade. Cada dia afastada das irmãs era um fardo quase insuportável para ela. Nos primeiros meses, tentara superar o abismo, reparar o dano, mas todas as tentativas de reconciliação e explicação haviam sido ignoradas. Vivi Ann e Aurora nunca mais falaram com ela, nem a ouviram. Elas nem se sentavam mais no banco da família na igreja.

Por volta de meados de maio, quando os rododendros deram flores do tamanho de um pires e as azaleias de seu jardim se encontravam carregadas de flores, ela estava por um fio, esperando o início do julgamento. Quando terminasse e Dallas fosse condenado, Vivi Ann enfim enfrentaria a terrível verdade. Então precisaria de sua família novamente. E Winona estaria lá, de braços abertos, esperando para cuidar dela.

No primeiro dia de julgamento, Winona acordou cedo, vestiu um terninho e estava entre os primeiros espectadores permitidos na galeria da sala de julgamento. Quando viu o pobre advogado de defesa entrar na sala, arrastando sua caixa de arquivos para a mesa, soube ter feito a coisa certa ao se recusar a representar Dallas. Ela nunca teria conseguido lidar com um julgamento dessa magnitude. Na semana anterior, havia assistido à seleção do júri e várias das moções pré-julgamento e sabia, sem sombra de dúvida, que estaria pisando em terreno desconhecido. Embora, para ser sincera, ela também tivesse suas dúvidas em relação à competência do advogado de defesa. Ele havia permitido que alguns residentes locais participassem do júri, o que para Winona não parecia uma atitude muito sensata.

Ela encontrou um lugar na terceira fileira e sentou-se, ouvindo as pessoas se acomodarem nos bancos de trás. A galeria se encheu em pouco tempo. Todos da cidade queriam estar presentes. O burburinho naquela sala recoberta com painéis de madeira era tão alto quanto o som da maré.

Do lado direito da sala de julgamento, na mesa da frente, estava a promotora-assistente, Sara Hamm, e seu jovem e sorridente auxiliar. Do lado esquerdo, na mesa da defesa, estava Roy Lovejoy, advogado

designado para o caso de Dallas. Winona havia tentado de tudo para conseguir informações na procuradoria, mas todos haviam permanecido calados durante o período de instrução. Ela só sabia o mesmo que todo mundo: que a acusação de estupro havia sido retirada e a de assassinato havia sido mantida. A mídia também não tinha sido de muita ajuda. O assassinato de uma mulher solteira, em uma cidade pequena de um condado rural, não garantia uma cobertura muito profunda. O sensacionalismo a respeito do passado repugnante de Dallas e Cat era abundante; fatos reais eram mais difíceis de obter.

Às oito e quarenta e cinco, Vivi Ann e Aurora entraram na sala de julgamento, de mãos dadas. Usando um terno preto um pouco folgado, Vivi Ann parecia incrivelmente frágil. A luz dava um toque dourado a seus cabelos presos em um rabo de cavalo, suavizando a finura de seu rosto. Ela parecia uma peça de porcelana que poderia se quebrar ao mais leve toque. Aurora estava carrancuda e determinada como um guarda-costas. Elas passaram por Winona sem fazer contato visual e sentaram-se duas fileiras à sua frente.

Winona conteve o ímpeto de ir até elas. Em vez disso, endireitou as costas e colocou as mãos frias sobre o colo.

Logo dois guardas uniformizados estavam trazendo Dallas para a sala de julgamento.

Ele usava calça preta com vinco, uma camisa branca bem passada e gravata preta. Os meses na cadeia haviam deixado sua marca nele; estava mais magro, robusto, e quando ele olhou para Winona, ela ficou paralisada, coração acelerado.

Vivi Ann se levantou, destacando-se como uma rosa branca em um jardim desordenado, e tentou sorrir para Dallas.

Antes de Dallas se sentar na mesa da defesa, os guardas retiraram suas algemas.

A juíza Debra Edwards entrou na sala de julgamento usando sua toga preta e esvoaçante. Ela assumiu seu lugar no banco e olhou para os advogados.

– As partes estão prontas para prosseguir?

– Sim, Meritíssima – responderam os advogados em uníssono.

A juíza assentiu.

– Tragam o júri.

Os jurados entraram em silêncio, olhando para Dallas. Vários já franziam a testa.

Sarah Hamm se levantou. Com esse simples ato, chamou para si a atenção. Imponente em seu impecável terno azul de risca de giz, ela parecia profissional e calma. Sorriu para os jurados e seguiu na direção deles com confiança.

– Senhoras e senhores do júri, os fatos neste caso são simples e diretos. – Ela tinha a voz de uma bruxa de conto de fadas: suave e melosa na superfície, mas com uma camada de aço por baixo. Winona se viu inclinada para a frente, prestando atenção em cada palavra. – Durante o curso deste julgamento, o Estado provará sem sombra de dúvida que Dallas Raintree fingiu uma doença na véspera de Natal para evitar ir à igreja com sua família. Enquanto sua esposa e seu filho estavam fora, ele foi até a casa de Catherine Morgan e a matou. Como sabemos disso sem sombra de dúvida? A resposta são as evidências. O Sr. Raintree deixou um rastro que os investigadores foram capazes de seguir. O primeiro e mais óbvio foi sua associação de longo prazo com a vítima. Várias testemunhas oculares atestarão os encontros regulares nos fins de semana entre o Sr. Raintree e a Sra. Morgan. Essas noites foram descritas como reuniões “barulhentas, indecentes e regadas a bebida” que duravam até de manhã. Mas associação não é

equivalente a assassinato. Para isso, precisamos olhar para as provas físicas e jurídicas. Que são muitas.

Sarah mostrou a todos uma fotografia de Cat Morgan em que ela estava sentada em sua varanda, sorrindo para a câmera. Na fotografia seguinte, estava caída junto a uma parede ensanguentada, nua, com um ferimento escuro de bala no peito.

Vários jurados se contorceram e desviaram o olhar, outros encararam Dallas fixamente. Sara Hamm ficou andando de um lado para outro na frente do júri, parando então diante das mulheres do grupo, descrevendo o crime em detalhes excruciantes. Quando terminou, virou-se para o júri novamente.

– O Estado apresentará provas de que a arma usada para matar Catherine Morgan era de Dallas Raintree. Especialistas encontraram as digitais dele na arma. Só isso poderia ser suficiente para estabelecer sua culpa sem sombra de dúvida, senhoras e senhores, mas o Estado tem ainda mais provas. Um especialista do Laboratório Criminal do Estado de Washington usará amostras de cabelo encontradas na cena para posicionar Dallas Raintree na cama de Catherine Morgan naquela noite e uma testemunha ocular atestará que ele saiu da casa dela pouco depois das oito da noite. O médico-legista estimou que a morte da Sra. Morgan tenha acontecido entre seis da tarde e sete e meia da noite do dia 24. Amostras de DNA da cena do crime estabelecerão que Dallas Raintree tem o mesmo tipo sanguíneo do homem que fez sexo com a Sra. Morgan logo antes de sua morte.

Ela fez uma pausa, encarou os jurados e prosseguiu:

– Coincidência? Dificilmente. Quando todas essas provas são colocadas lado a lado, a resposta é inescapável. Dallas Raintree, que teve um caso bastante público com Catherine Morgan antes de seu casamento, retomou a relação em um momento posterior. Depois de algum tipo de briga, as coisas deram errado para os amantes. As provas mostrarão que eles brigaram pelo controle da arma. E Dallas Raintree ganhou a briga. Ele atirou nela à queima-roupa e depois voltou para casa e para a esposa, para celebrar um Natal aconchegante enquanto Catherine Morgan estava morta em sua residência. Senhoras e senhores, trata-se de um caso de bom senso. Não há qualquer dúvida de que Dallas Raintree assassinou Catherine Morgan a sangue-frio e, ao fim da apresentação das provas, estou confiante de que o considerarão culpado desse crime hediondo. O erro que a Sra. Morgan cometeu naquela noite escura de véspera de Natal foi acreditar que o réu era seu amigo e assim deixá-lo entrar em sua casa. Ela morreu devido a esse erro, senhoras e senhores. Não vamos complicar nada agora. Vamos garantir que Dallas Raintree nunca mais seja capaz de ferir ninguém. – Ela voltou para seu lugar e sentou-se. – Obrigada.

Winona encostou no assento, soltando aos poucos a respiração que estava segurando. Ela olhou para o relógio e viu que já eram quase dez e meia. A hora e meia que Sara Hamm ficara falando havia passado voando. Mas foi o júri que chamou sua atenção. Quase todos estavam encarando Dallas com olhos frios e raivosos.

O advogado de Dallas se levantou. Ele parecia nervoso e mal ajambrado perto da elegante promotora de Justiça e, quando falou, a voz saiu fina e ele teve que pigarrear. Winona se perguntou de quantos julgamentos por assassinato ele havia participado.

– Senhoras e senhores do júri, vocês acabaram de escutar a história na qual o Estado quer que acreditem; é uma reunião de circunstâncias que parecem se encaixar como peças de um quebra-cabeça, mas que, quando examinadas com atenção, criam apenas o retrato de uma dúvida. Dallas Raintree *estava* doente na véspera de Natal. Ele não saiu de sua casa naquela noite e certamente não matou a mulher que identificava como amiga. Uma boa amiga, mas não amante. As provas mostrarão que Catherine Morgan

tinha muitos homens em sua vida. Além disso, o DNA deixado na cena não identifica Dallas Raintree como o homem que fez sexo com a Sra. Morgan. Especialistas atestarão que a amostra era muito pequena para ser testada. E o tipo sanguíneo compatível é irrelevante; quarenta por cento da população tem esse mesmo tipo de sangue. O Estado prendeu o homem errado. É simples assim. Dallas Raintree é inocente.

Com um aceno de cabeça para o júri, um tipo de ponto de exclamação feito com a cabeça, o homem voltou ao seu lugar e sentou-se.

Winona não podia acreditar. O discurso de abertura de Lovejoy não havia durado nem 15 minutos. Só de olhar para o júri, ela ficou convencida de que ele não havia influenciado nenhuma opinião, não depois do brilhante relato passo a passo do crime feito pela promotora.

Ela viu Vivi Ann franzir a testa para Aurora, que deu de ombros.

Winona não sabia ao certo o que deduzir daquilo. Ela não sabia muita coisa de direito criminal e muito menos de julgamentos, mas o advogado de defesa parecia estar cometendo um erro crucial.

A juíza olhou para a promotora.

– Sra. Hamm, pode chamar sua primeira testemunha.



O resto do dia e a tarde seguinte foram tomados pela lenta laqueação dos fatos, camada por camada. A promotora levou uma série de testemunhas da cena do crime, desde o xerife Bailor até seu substituto, passando pelo despachante, o fotógrafo, o legista. No geral, eles confirmaram tudo o que Sara Hamm havia prometido no discurso de abertura. Por volta das cinco da tarde da véspera de Natal, Cat Morgan deixou alguém entrar em sua casa, presumivelmente uma pessoa que ela conhecia, uma vez que não havia evidências de entrada forçada. Várias testemunhas que não aparentavam ter boa reputação atestaram que Dallas ia todos os sábados à noite à casa de Cat e repetiram a especulação de que os dois tinham sido amantes. Fotografias do quarto revelaram evidências de uma briga; uma luminária havia sido derrubada e quebrada, um quadro tinha caído da parede. Ferimentos de defesa nas palmas das mãos de Cat sugeriam que ela lutara com o agressor e suas digitais no revólver davam a entender que havia realmente brigado pelo controle da arma.

Winona foi à galeria todos os dias, fascinada pela rede de fatos e circunstâncias que se expandia lentamente. Ela aprendeu mais do que queria saber sobre análise de digitais, testes de DNA e tipos sanguíneos. A acusação apresentou um especialista após outro, provando tintim por tintim sua afirmação de que as impressões digitais de Dallas haviam sido encontradas na arma (que já tinha pertencido a seu pai – ele mesmo um assassino condenado) e que seu tipo sanguíneo era compatível com o encontrado na cena do crime. A defesa argumentou que a amostra de sêmen era pequena demais para que fosse feito um teste de DNA, que o tipo sanguíneo era irrelevante e, talvez o mais importante, que duas impressões digitais não identificadas também haviam sido encontradas na arma. Mas o dano já estava feito.

Na manhã do quarto dia de julgamento, a promotora chamou o Dr. Barney Olliver, criminologista forense. Depois de prestar mais de uma hora de testemunho sobre suas credenciais e métodos de análise, Sara chegou ao ponto:

– Dr. Olliver, estabelecemos que o senhor é especialista em análise de fios de cabelo. Foram recuperadas amostras de cabelo na cena do crime?

– Sim, foram.

A Sra. Hamm continuou, afirmando que havia uma série de amostras de cabelo encontradas na cena do crime, depois disse:

– Sei que se trata de um complicado testemunho científico, Dr. Olliver, mas o senhor poderia explicar suas descobertas para este tribunal?

– Certamente. Posso ir até meus quadros? – perguntou o homem, apontando para quatro grandes cavaletes.

A juíza anuiu.

Durante uma hora, o Sr. Olliver explicou tudo o que havia para saber sobre análise de amostras capilares, incluindo detalhes dos fios de cabelo encontrados na cena do crime, texturas, espessuras, cutículas e tudo mais.

Winona podia ver o júri perdendo o interesse, fazendo anotações ociosas, até que a promotora disse:

– E entre os nove pelos púbicos encontrados na cena, que o senhor examinou e submeteu a seus métodos rigorosos de análise, algum correspondia aos do réu?

– Objeção! – disse Roy, levantando de sua cadeira. – O uso da palavra *correspondia* é capcioso.

– Objeção aceita – concordou a juíza.

O Dr. Olliver mal parou de falar.

– Dos nove pelos púbicos encontrados na cena, seis eram microscopicamente consistentes com os do réu.

– O que significa que, julgados lado a lado, por um profissional treinado, os pelos púbicos do Sr. Raintree são cientificamente iguais aos do assassino?

– Objeção. Peço permissão para me aproximar – disse Roy, pulando de seu assento.

Winona viu os dois advogados se aproximarem da juíza, discutirem e depois recuarem.

A Sra. Hamm disse:

– Dr. Olliver, pode afirmar como especialista que os pelos púbicos de Dallas Raintree são microscopicamente consistentes com aqueles encontrados na cena do crime?

– Sim.

Roy se aproximou quando a promotora se sentou.

– O senhor não pode *provar* que os pelos púbicos encontrados na cena do crime são de Dallas Raintree, pode?

– Posso atestar que as amostras de pelo, quando vistas em nível microscópico, são totalmente consistentes com as do Sr. Raintree.

– Mas não que *de fato* vieram dele.

– Conclusivamente, não, mas como profissional da área médica...

– Obrigado – agradeceu Roy. – O senhor respondeu à minha pergunta.

A Sra. Hamm se levantou.

– Dr. Olliver, é de sua considerada opinião médica que as amostras de pelo encontradas na cena poderiam ter vindo do Sr. Raintree?

– Sim.

– Obrigada.



Os rumores no fórum no quinto dia de julgamento eram de que a principal testemunha da acusação deveria aparecer. As especulações eram cada vez maiores; todos estavam tentando adivinhar quem seria. A empolgação era uma presença barulhenta e tangível quando as pessoas entraram na sala e sentaram-se em seus lugares na galeria.

Winona se acomodou no lugar de sempre, vendo as irmãs passarem por ela.

Essa semana havia afetado Vivi Ann; ela caminhava lentamente pelo corredor, incapaz de parecer nada além de esgotada e com medo. Seus cabelos loiros, normalmente tão sedosos, estavam escorridos como uma tábua caindo pelas costas. Ela havia desistido da maquiagem e, sem cor, seu rosto estava triste e pálido. Seus olhos verdes pareciam surpreendentemente brilhantes em comparação.

Winona desejava estar ao lado dela, ajudando Vivi Ann, mas não era bem-vinda ali.

A juíza entrou na sala de julgamento e tomou seu lugar. Assim que os jurados se sentaram, os procedimentos começaram.

– O Estado chama Myrtle Michaelian.

Uma onda de sussurros tomou conta da sala de julgamento, tão altos que a juíza teve que pedir silêncio na galeria. Winona ficou tão surpresa quanto os outros. Tinha certeza de que a testemunha-chave seria um dos miseráveis que frequentavam a casa de Cat aos fins de semana.

Myrtle entrou na sala de julgamento tentando parecer confiante, mas a tentativa só enfatizou quanto estava assustada. Seus cabelos já estavam úmidos de suor. Usando um vestido florido de poliéster, ela parecia uma secretária forense idosa.

– Informe seu nome para os registros.

– Myrtle Ann Michaelian.

– Seu endereço.

– Mountain Vista Drive, 178, Oyster Shores.

– Qual sua ocupação, Sra. Michaelian?

– Meus pais abriram a lanchonete Blue Plate em 1942. Eu assumi a gerência em 1976. Meu marido e eu abrimos nossa sorveteria em 1990. Fica no fim da Shore Drive.

– E onde fica a sorveteria em relação à casa de Catherine Morgan?

– No fim da viela. É preciso passar por lá para chegar à casa dela.

– Por favor, fale mais alto, Sra. Michaelian.

– Ah. Sim. Desculpe.

– Estava trabalhando na sorveteria na véspera de Natal do ano passado?

– Estava. Queria fazer um bolo de sorvete especial para a cerimônia noturna na igreja. Estava atrasada, como sempre.

As pessoas presentes na galeria sorriram e acenaram com a cabeça. Os atrasos de Myrtle era bem conhecidos na cidade.

– Oyster Shores estava movimentada naquela noite?

– Nem um pouco. Às sete e meia todos já estavam na igreja. Como disse, eu estava atrasada.

– Viu alguém naquela noite?

Myrtle olhou com tristeza para Vivi Ann.

– Eram mais ou menos oito e dez. Eu estava quase pronta para sair. Estava dando os toques finais na cobertura quando olhei para a frente e vi... vi Dallas Raintree saindo da viela que leva à casa de Cat.

– Ele viu você?

– Não.

Myrtle parecia desolada.

– E como soube que era o réu?

– Eu o vi de perfil quando passou sob o poste de luz e reconheci sua tatuagem. Mas eu já sabia que era ele. Já o tinha visto lá antes, à noite. Muitas vezes. Até cheguei a contar para Vivi Ann. Era ele. Sinto muito, Vivi.

– Sem mais perguntas – disse a Sra. Hamm.

Roy se levantou e perguntou sobre a visão de Myrtle, que não era boa, se ela estava de óculos (não estava) e se Dallas havia olhado diretamente para ela. Ele provou pontos válidos: o homem não havia olhado para ela; estava escuro; seu rosto estava parcialmente escondido por um chapéu de caubói. Sabia-se que muitos homens entravam e saíam da casa de Cat e a todas as horas da noite. E chapéus de caubói brancos e calças jeans não eram incomuns por aquelas bandas.

Mas nada disso importava para o júri, Winona conseguia perceber. O testemunho de Myrtle havia feito a última coisa necessária: posicionado Dallas perto da cena do crime na noite em questão, quando ele tinha dito à esposa que estava em casa, de cama, com febre. Ninguém naquela sala de julgamento acreditava que Myrtle estivesse mentindo. Na verdade, quando ela terminou de testemunhar, estava chorando e desculpando-se diretamente com Vivi Ann.

O julgamento durou mais dois dias. No entanto, todos sabiam que estava apenas se arrastando. Dallas nunca se posicionou em defesa própria.

Na última semana de maio, a defesa encerrou e o caso foi entregue ao júri.

Eles deliberaram por quatro horas e consideraram Dallas culpado. Ele foi sentenciado a prisão perpétua, sem possibilidade de liberdade condicional.

DEZESSEIS



— **D**iga a ele, Roy – pediu Vivi Ann quando estavam sentados à mesa em uma pequena sala do outro lado da sala de julgamento. – Podemos recorrer. Aquela prova do cabelo foi ciência de araque, e qual o problema de ele ter sangue do tipo O? E Myrtle *não pode* ter visto Dallas, porque ele não estava lá. É tudo circunstancial. Havia outras digitais na arma. Vamos recorrer, certo?

Roy se afastou da parede. Vinha se mantendo o mais longe possível deles para lhes dar alguns preciosos momentos antes que viessem levar Dallas.

– Eu vou preparar um recurso depois da sentença. Provavelmente no mês que vem. Temos muitos fundamentos.

– Diga a ela a verdade, Roy – pediu Dallas.

– É difícil reverter uma condenação, isso é verdade. Mas é muito cedo para desistir – disse Roy, embora ela pudesse ver como ele estava cansado, desanimado.

Vivi Ann se levantou e encarou o marido. Ela sabia que precisava ser forte por ele, por eles, mas sentiu que estava vacilando.

– Entendo por que é difícil para você acreditar nas coisas. – Ela ficou olhando para o rosto dele, tentando memorizar todas as linhas de expressão, de modo que pudesse recorrer à sua imagem à noite quando estivesse sozinha na cama. – Mas *eu* sou capaz de acreditar. Me deixe fazer isso, acreditar. Conte comigo. Eu vou mostrar que...

Ele chegou mais perto dela, beijou-a com uma delicadeza estranha. Ela sabia o que era aquilo, o que significava.

– Não me dê um beijo de despedida – sussurrou ela.

– É uma despedida, querida.

– Não.

– Você foi mais do que eu jamais esperei. Quero que saiba disso.

Uma batida na porta soou como um tiro no silêncio. Roy cruzou a sala e abriu.

Era Aurora, segurando Noah, que apontava diretamente para Dallas e dizia:

– Papá.

– Minha nossa – disse Dallas em voz baixa.

Aurora se aproximou com Noah e colocou o menino nos braços de Dallas. Ele se abraçou ao filho, pressionando os lábios junto a seus cabelos pretos e sedosos, respirando profundamente.

– Diga a ele que eu o amo.

– Diga você – respondeu Vivi Ann, secando as lágrimas com a manga da camisa. – Nós vamos visitar você todos os sábados até ser solto.

Dallas beijou o rosto macio de Noah e puxou Vivi Ann para mais perto. Por um instante perfeito e de partir o coração, estavam juntos, os três, como deveria ser, e então ele se afastou.

Colocou Noah nos braços de Vivi Ann e disse:

– Não vou deixar ele me ver na prisão. Nunca. Se levar o menino, não saio da cela. Sei o que é para uma criança ter seu pai atrás das grades.

– Mas... como ele vai conhecer você?

– Não vai – respondeu Dallas, depois se virou para Roy. – Diga a eles que já estou pronto para ir.

Vivi Ann queria se jogar sobre ele, bloquear seu caminho, agarrar sua perna e implorar para que não fosse embora, porém não conseguiu fazer nada disso.

– Dallas – sussurrou ela, chorando tanto que ele havia se transformado em um borrão, um pequeno movimento junto à parede de madeira. Ela não piscou, respirou ou secou os olhos, com medo de que ele desaparecesse com o menor dos movimentos. – Eu amo você, Dallas – disse.

– Amo papá – concordou Noah, acenando com a cabeça e apontando.

Nesse momento, Dallas desmoronou. Ela viu isso tão claramente quanto se ele tivesse sofrido um ferimento físico, como um braço quebrado.

– Roy, por favor, me leve embora daqui.

E então ele se foi.



Todos os sábados até o fim do verão, Vivi Ann foi até a prisão visitar Dallas. O restante do tempo, passava trabalhando no rancho. Ela se esforçava muito para não ter que falar com o pai; deixava uma lista para ele no celeiro quando precisava que algo fosse feito.

Nos últimos dias, ela havia se perdido na rotina que lhe era familiar. Seu clube equestre tivera doze meninas naquele ano, de idades entre 11 e 15 anos. A partir do momento em que Vivi Ann parava a pica e o trailer no campo de grama aparada atrás dos celeiros dos cavalos, já entrava em movimento. Era um esforço hercúleo fazer as meninas – principalmente as mais jovens – seguirem o horário das aulas, de modo que todas estivessem vestidas, montadas e na plataforma durante a aula anterior à delas. Vivi Ann constantemente corria de um lado para outro, entre o celeiro e a arena, com Noah nos braços ou segurando sua mão, tentando acompanhar os passos delas. Havia mães também, é claro. Julie, Brooke e Trayna estavam igualmente ocupadas, penteando os cabelos das meninas, polindo os cascos de seus cavalos, arrumando equipamentos que quebravam nas piores horas. Quando chegava o domingo à noite, todas estavam sujas, exaustas e alegres.

Todas, exceto Vivi Ann. Ela estava apenas suja e exausta.

De olhos fechados, ela se apoiava na porta do estábulo. Tudo o que podia esperar agora era ir para casa e esparramar-se na cama vazia. Todas as noites, durante todo o verão, ela se virou enquanto dormia e tentou encontrar Dallas. Ela não sabia o que mais a incomodava – tentar encontrá-lo ou saber que chegaria a noite em que não faria mais aquilo.

Suspirando mais uma vez, sentindo-se mais velha e mais cansada do que deveria para uma mulher de

29 anos, ela arrastou sua caixa de arreios para a picape e colocou o equipamento na caçamba.

Ela ficou no campo gramado, sem nenhum veículo exceto o seu. Dali podia ver as luzes brilhantes do centro de entretenimento da feira, o círculo gigante e reluzente da roda-gigante junto ao céu negro, e ouvir o som distante e reconhecível do órgão a vapor.

Já era a última noite da feira municipal. Ela costumava amar esse evento. Agora, até mesmo a palavra “feira” a deixava triste. Para todo lugar que olhava ultimamente, só via injustiça. Nem a expectativa do evento a animava.

Durante todos os anos de sua vida, aquele fora um fim de semana especial, uma época de reunião para as garotas Greys.

Ela e as irmãs sempre encerravam a feira juntas, transformando a última noite em uma jornada por seu passado em comum. Caminhavam lado a lado pela praça de alimentação, comendo bolinhos cobertos com geleia de amoras, beliscando nuvens de algodão-doce cor-de-rosa e conversando. Faziam isso a maioria das vezes.

... veja, Aurora, foi ali que você deu seu primeiro beijo, lembra?

... aquela colcha parece exatamente igual àquela que a mamãe fez para o Bicentenário, não parece?

... falando em Bicentenário, o que aconteceu com meu relógio do Bobby Sherman? Sei que uma de vocês duas roubou, suas bruxas...

Ela sabia que suas irmãs estavam lá, seguindo caminhos distintos pela primeira vez. Durante meses Winona tentara se reconciliar com Vivi Ann, mas ela ignorara cada tentativa ridícula. Vivi Ann não podia olhar para Winona sem desejar lhe dar um tapa na cara.

Ela enfiou a mão no bolso e tirou o calmante que Richard lhe prescrevera. Os pequenos comprimidos haviam se tornado seus melhores amigos recentemente. Colocou um na boca, engoliu em seco e depois foi para o celeiro, onde Noah dormia em um berço portátil. Ela o pegou, abraçou o filho um pouco apertado demais e o levou para a picape.

Em casa, colocou-o para dormir e tomou um banho quente e demorado. Como sempre acontecia ultimamente, ela se permitiu chorar na banheira e ao terminar, não tendo mais lágrimas, estava bem de novo, capaz de continuar caminhando, respirando, vivendo. Acreditando. Essa era a parte mais difícil de todas: acreditar que concederiam a Dallas o direito ao recurso e que tudo isso chegaria ao fim. Sempre que o telefone tocava, ela perdia o fôlego, pensando: *deu certo*. E todos os dias, quando a ligação não chegava, ela tomava outro comprimido e continuava seguindo em frente. Lentamente, talvez, mas seguia em frente, e naquela cabana, onde as lembranças de Dallas estavam em todas as partes, cada passo adiante era um triunfo.

Ela subiu na cama, tomou dois comprimidos para dormir e esperou pelo doce alívio do sono.

Parecia que tinha acabado de fechar os olhos quando o telefone tocou.

Ela se desvencilhou do conforto viscoso do sono e esticou o braço, alcançando o aparelho. Quando conseguiu pegá-lo, já estava sentada.

– Alô?

– Vivi Ann? É o Roy.

Ela ficou alerta no mesmo instante. Olhando para o relógio, notou que eram oito e quarenta da manhã. Ela havia dormido demais de novo. A primeira aula da manhã começaria em vinte minutos.

– Oi, Roy, o que aconteceu?

– O tribunal de apelação confirmou a condenação dele.

As palavras a atingiram com tanta força que ela mal conseguia respirar.

– Ah, não...

– Não perca as esperanças ainda. Vou entrar com uma petição para nova audiência e uma petição de revisão no Supremo Tribunal do Estado de Washington.

Vivi Ann se esforçou para acreditar, mas a esperança havia se tornado uma coisa escorregadia, difícil de segurar.

– E... hum... não precisa ir ao presídio no sábado.

– Por que não?

Roy fez uma pausa.

– Quando Dallas recebeu a notícia da decisão, ele perdeu um pouco a cabeça. Colocaram ele na solitária por um mês.

– Ele machucou alguém?

Roy fez mais uma pausa e, no silêncio, a resposta se fez alta e clara.

– Isso está acabando com ele – disse ela.

E comigo também.

– Não vai ajudar em nada se ele começar a arrumar brigas.

Vivi Ann ouviu as palavras de Roy, mas só conseguia pensar em suas visitas ao presídio, sentada diante de uma placa de acrílico separando-a de Dallas, que usava seu macacão laranja de detento, e as coisas que ele lhe contava. Como sua cela se abria automaticamente quatro vezes ao dia, com um zumbido e um clique, para as refeições e uma hora de exercícios; como era olhar para fora através das cercas de arame farpado do pátio e ver a grama; como os prisioneiros se agrupavam pela cor da pele e como era preciso ficar entre os seus, mas, como Dallas pertencia metade a cada grupo, não pertencia, afinal, a nenhum; como “as meninas” – caras vestidos o mais próximo de *drags* que os macacões permitiam – tentavam fisgar homens, enquanto os valentões procuravam por vítimas; e como era achar que nunca mais veria as estrelas, nunca mais cavalgaria à noite ou seguraria seu filho.

– Alguma coisa vai ajudar, Roy? – perguntou ela, ouvindo a voz de Noah pela babá eletrônica.

Como sempre, ele chamava pelo pai. Ela fechou os olhos de tanto sofrimento. Não conseguia deixar de imaginar se um dia Noah se esqueceria de Dallas e continuaria sem ele. Ou será que ele sempre se lembraria e sempre tentaria encontrar um homem que não estaria ali?

– Não desista ainda – disse Roy.

– Não vou desistir.

Ela não conseguia imaginar um momento em que aquilo seria possível. Por mais que ter esperança machucasse, não ter machucaria muito mais.



Vivi Ann mal notou a mudança de estações. Enquanto o verão dourado de 1996 se transformava lentamente em um outono frio e chuvoso, ela se esforçava para agir como seu antigo eu. Para continuar seguindo em frente. Aurora aparecia quase todos os dias para garantir que ela não passasse muito tempo

sozinha, mas nem mesmo sua irmã podia ajudar. Vivi Ann se sentia presa em uma bolha fria, suspensa. Todos os dias acordava deprimida, sozinha, porém levantava da cama mesmo assim e cuidava de suas tarefas diárias. Dava aulas e treinava cavalos e contratou um novo peão para o rancho. Os pensamentos em Dallas iam e voltavam, ferindo-a tanto na chegada quanto na partida; ela rangia os dentes e não diminuía o ritmo. Todas as noites, quando finalmente ia para a cama, rezava para ter boas notícias no dia seguinte sobre o recurso de Dallas.

Sabia que as pessoas estavam preocupadas com ela. Podia ver nos olhares de relance, ouvir na forma como sussurravam quando ela passava. Antes, teria dado importância às fofocas e preocupações. Agora, não mais. Nos onze meses desde que Dallas fora preso, ela havia aprendido um pouquinho sobre otimismo. Era uma emoção ácida, que corroía tudo. Ter esperança significava que ela precisava se apegar apenas a isso. Não havia lugar dentro dela para preocupações com quaisquer outras coisas.

Nessa noite fria e escura do fim de novembro, ela deu a última aula às quatro da tarde, alimentou os cavalos e voltou para sua cabana.

Lá, encontrou Noah sobre o tapete diante da lareira, brincando com bonecos das Tartarugas Ninjas.

Ele olhou para ela e sorriu, mostrando as gengivas.

– Mamãe – disse, abrindo os braços.

Vivi Ann sentiu um espasmo de culpa. A verdade (que ela não havia dito a ninguém e que nunca diria) é que ver o rosto de seu filho era quase mais do que podia suportar naqueles dias. Era por isso que ela pagava uma garota de 13 anos para ficar com ele durante as tardes. Sempre que Vivi Ann olhava para Noah, sentia vontade de chorar.

– Como ele ficou? – perguntou ela, enfiando a mão no bolso para pegar o dinheiro.

– Ótimo. Ele ama o Tigrão.

Como Vivi Ann não sabia disso?

– Ótimo.

Através da janela da sala, faróis brilharam, iluminando tudo por um instante.

– Minha mãe chegou. Vejo vocês segunda-feira depois da escola?

– Com certeza.

Vivi Ann a viu sair e depois ficou olhando para o filho. Perto de completar 3 anos e seis meses, ele era a imagem perfeita de seu pai, até os longos cabelos pretos. Vivi Ann não havia conseguido cortar.

– Ei, rapazinho – disse ela.

Ele se levantou e cambaleou até ela, falando sem parar. Ela o pegou nos braços e o levou consigo para o banheiro, onde abriu o armário de remédios. Tomou um calmante e esperou até se sentir melhor. Logo a intensidade de sua dor seria entorpecida.

Falando com Noah sobre nada, ela o levou para a cozinha e preparou o jantar. Quando terminou, deu banho nele e leu histórias até ele adormecer em seus braços.

Depois de colocá-lo na cama, voltou para sua sala vazia e silenciosa e sentou-se lá sozinha, olhando para o anel de diamante em seu dedo.

– Amanhã será melhor – comentou ela em voz alta, tentando se consolar com isso. – O tribunal provavelmente nos dará a resposta. Talvez já esteja no correio agora mesmo.

Uma batida à porta a assustou. Ela estava tão absorta em seus pensamentos – sonhos, na verdade – que não ouvira nenhum carro chegar. Antes mesmo de se levantar, a porta se abriu e lá estava Aurora,

iluminada por trás pelo brilho dos faróis de seu carro.

– Chega – disse ela, fechando a porta.

– Chega do quê?

– Vá trocar de roupa. Nós vamos deixar o Noah com o Richard e vamos para a Outlaw.

Aurora atravessou a sala, sentou-se ao lado de Vivi Ann. Já não usava mais as ombreiras e os brilhos do início da década de 1990; Aurora agora havia adotado o visual docemente desmazelado de Meg Ryan, com calças largas e camisetas. Cabelos repicados, tingidos de castanho-avermelhado, emolduravam seu rosto fino e lhe davam uma aparência de fada.

– Você não pode continuar assim. Isso está acabando com você, Vivi. Está passando os dias à base de tranquilizantes.

– E daí?

– E daí que você precisa voltar para cima do cavalo. Ou pelo menos para o banco do bar. Não vou aceitar um não como resposta e você sabe como eu posso ser chata.

Vivi Ann não queria ir à Outlaw, onde todos seus antigos amigos ficariam olhando para ela com cara de tristeza e forçariam a barra para agir de forma amigável. Todos achavam que ela já deveria ter deixado Dallas para lá, “seguido em frente”, e ficavam incomodados por ela não ter feito isso. A moda, a música e os programas de televisão continuavam mudando, mas não Vivi Ann. Sua vida havia parado. Ainda assim, a ideia de passar mais uma noite sozinha, olhando para o nada e rememorando muita coisa, também não soava bem.

– Se não pode fazer por você, faça por mim – disse Aurora, desfazendo um pouco o sorriso. – Richard mal fala comigo ultimamente. É como... eu não sei. Estou quase enlouquecendo. Preciso rir – afirmou ela em voz baixa. – E sei que você também precisa.

Vivi Ann viu a verdade que Aurora estava escondendo ou não havia encarado. Os olhos castanhos de sua irmã estavam escuros com a tristeza que vinha de um casamento que desmoronava.

Havia muita tristeza da qual escaparem, ao que parecia.

– Podemos passar na casa da Winona, talvez ver...

– Não – cortou Vivi Ann. Durante toda sua vida havia sido uma pessoa indulgente, mas não dessa vez. Ela não conseguia ver como poderia perdoar Winona por ter virado as costas para eles quando mais precisavam. – Mas eu vou.

Vivi Ann se levantou e foi para o quarto dela (deles), onde encontrou um lindo e fora de moda vestido com gola de babados e saia rodada. Sem se preocupar com maquiagem, ela tirou os cabelos do rosto com uma faixa e calçou botas de caubói cor de caramelo. No último instante, colocou um comprimido no bolso. Por precaução.

Então ela pegou Noah na cama e foi para a sala.

– Eu vou seguindo você – disse ela para Aurora. – A cadeirinha do Noah está na picape.

Ele se contorceu e chorou quando ela o colocou na cadeirinha.

– Está tudo bem, rapazinho. Você só vai visitar o chato do tio Richard. Não se preocupe... logo vai pegar no sono.

Ela seguiu Aurora até sua casa, deixou Noah lá e caminhou com a irmã pela First Street.

Vivi Ann tentou continuar falando, mas quando elas viraram na Shore Drive, sentiu um nó no estômago. As lembranças começaram a tomar conta dela.

– Não sei se quero fazer isso – comentou ela ao se aproximarem da taverna.

Quer dançar?

– Mas vai fazer.

Aurora pegou em sua mão e a levou para dentro.

Os frequentadores usuais das noites de fim de semana estavam presentes, tocando música e jogando sinuca, fazendo passos de dança, rindo e conversando. Vivi Ann podia senti-los olhando para ela, sussurrando.

– Eles não veem você há quase um ano. É só isso – afirmou Aurora.

Vivi Ann assentiu, sorrindo o mais naturalmente possível. De cabeça erguida, ela foi direto para seu antigo banco no bar.

– Uma dose de tequila pura – disse Bud, escorregando pelo bar até ela. – Por conta da casa.

– Obrigada.

Vivi Ann virou a bebida, pediu mais uma e entornou rapidamente. Ela deu uma olhada na multidão, vendo Butchie e Erik no canto com suas esposas e Julie e Kent John nos fundos, jogando sinuca. Winona estava na pista de dança com Ken Otter, o dentista que havia se divorciado recentemente.

– Ouvi dizer que começaram a sair juntos faz pouco tempo – disse Aurora, seguindo o olhar de Vivi Ann.

– Bom para ele – retrucou Vivi Ann com amargura.

A banda terminou uma música e começou a tocar outra. Só foi preciso uma nota para Vivi Ann reconhecê-la: “Mamas, Don’t Let Your Babies Grow Up to Be Cowboys”.

Pediu outra dose e virou o copo, mas isso não a ajudou a se livrar da gigante sensação de perda.

Então viu Winona vindo em sua direção.

– Preciso ir – murmurou ela.

– Não... – pediu Aurora, tentando segurá-la.

Vivi Ann se soltou e correu cambaleando pela multidão. Do lado de fora, conseguiu respirar novamente, mas não foi bom o bastante. Ela precisava ir embora, para longe desse lugar onde ele estava em todos os cantos.

Ela correu de volta para a casa de Aurora e foi direto para seu carro, deixando Noah adormecido na casa segura e sem lembranças que pertencia à irmã. Em Water’s Edge, ela pisou no freio com tanta força que voou para a frente e bateu os seios no volante ao estacionar.

À esquerda estava sua cabana e a cama que dividia com Dallas.

À direita, a casa em que havia crescido e, dentro dela, seu pai, que já fora seu porto seguro e seu ídolo; agora, nada. Sem ele e toda a sua família, ela se sentia perdida, mas não havia nada que pudesse fazer. Ele e Winona tinham feito sua escolha um ano antes, quando viraram as costas para Dallas.

Dallas.

Vivi Ann fez um pequeno som, um leve gemido de dor. Cambaleando para a frente, foi para o celeiro e seguiu até o fim do corredor, para a baia de Clem. Desencaixando o trinco, abriu a pesada porta de madeira.

– Oi, Clem – disse ela, entrando na escuridão e fechando a porta da baia.

Relinchando de leve, a égua avançou até ela com dificuldade e a cutucou com o focinho aveludado e quase grisalho.

– Não passo a noite com você desde que minha mãe morreu, não é, menina?

Clem relinchou novamente, passando o focinho pela coxa de Vivi Ann.

Assim, de uma hora para outra, ao sentir o toque de sua égua, Vivi Ann desmoronou. Tudo o que estava tentando segurar transbordou. Ela escorregou pela parede da baia e caiu sobre a serragem, apoiando a cabeça nos joelhos.



Winona estava perto do urso-pardo empalhado com a pata esticada quando viu Vivi Ann olhar para ela, ir em sua direção e sair correndo da Outlaw. Ela parou apenas por um instante, dando um passo em falso enquanto era tomada pela decepção.

Tudo isso era tão diferente de Vivi Ann. Elas sempre brigaram, fizeram as pazes e seguiram em frente; a irmandade era assim, uma colcha feita com todos os retalhos, bons e ruins. Suspirando, ela caminhou até Aurora, que ficou lá sozinha, olhando para a porta aberta, bebericando sua margarita de morango.

– Não aguento mais isso – desabafou Winona. – O que nós vamos fazer?

– Nós?

A voz de Aurora era fria, porém entorpecida, e naquela falta de brilho Winona viu que havia uma abertura.

– Você também odeia essa situação.

– É claro que odeio.

– O que vamos fazer?

Aurora se virou para ela.

– Assuma o recurso dele. Ajude Vivi Ann.

Por que ninguém entendia?

– Eu não posso ajudá-lo em nada, você não entende? Sou uma advogada de cidade pequena. Não sei nada sobre recurso criminal.

O olhar de Aurora estava fixo e um tanto triste.

– É você que não entende, Win. Somos irmãs. Pelos menos costumávamos ser.

Com isso, ela colocou o copo de margarita pela metade sobre o balcão e saiu da taverna.

Winona ficou lá, na escuridão esfumada, cercada de amigos e vizinhos. Sozinha.



Winona e seu pai passaram a véspera de Natal juntos. Ela foi mais cedo para a casa dele e decorou tudo sozinha. Subiu ao sótão, encontrou as caixas desgastadas e amassadas com a inscrição *Natal* e as levou para a sala.

Lá, tudo estava em silêncio. Não havia irmãs rindo juntas, tomando vinho e discutindo sobre qual filme assistir enquanto decoravam a casa. Não era de estranhar que Winona tivesse adiado a decoração até a última hora. Ela sabia como seria.

Ainda assim, recusou-se a economizar qualquer tradição, então decorou a casa de ponta a ponta,

usando tudo o que havia nas caixas. Enrolou ramos de cedro fresco nos corrimãos e os amarrou com fitas douradas e brilhantes. Colocou a miniatura natalina sobre a lareira: neve falsa, pessoinhas com carros e carruagens e réplicas de fachadas de lojas do centro. Quando menina, sua parte preferida era colocar o pequeno espelho oval sobre a neve de algodão para fazer um minúsculo lago de patinação. As meninas brigaram por essa tarefa durante anos...

Winona se recusava a pensar nessas coisas. Em vez disso, serviu-se de outra taça de vinho, colocou o jantar sobre o fogão e cortou um grande pedaço de bolo.

Ela havia usado a comida para se consolar durante a maior parte dos últimos meses. Sempre que se sentia deprimida, ia até a cozinha. Agora, tinha umas dez dúzias de biscoitos em potes na geladeira e havia engordado pelo menos 7 quilos desde a prisão de Dallas.

Não pense nisso também.

Ela foi até o escritório do pai e o encontrou lá, segurando uma bebida e olhando fixamente para o canal. A vista era revigorante no frio daquele dia de fim de dezembro – montanhas roxas coroadas com neve cor-de-rosa, água em um tom de azul cor de aço, costa cinzenta. Os poucos cais que podiam ser vistos dali estavam repletos de focas adormecidas. Gaivotas ocupavam as cercas, uma ao lado da outra, como pinos de boliche com bicos amarelos.

– Oi, pai – disse ela, chegando por trás dele.

– Oi – respondeu ele sem olhar para a filha.

Ela estava tentando pensar em alguma outra coisa para dizer quando o telefone tocou. Grata pela interrupção, ela disse:

– Eu atendo. – E correu para o telefone que ficava na parede da cozinha. – Alô? – atendeu ela, levemente ofegante.

– Feliz Natal – disse Luke.

– Luke! – exclamou Winona, sorrindo pela primeira vez no dia. Puxando o longo fio, ela se sentou à mesa e colocou os pés para cima. – Como está Montana?

Eles já não conversavam com a facilidade de antes. O papo era pontuado por longos silêncios, coisas não ditas. Ainda assim, ele contou sobre a nova casa que havia comprado algumas semanas antes e sobre como estavam as coisas com sua nova companheira. Ela contou a ele uma história engraçada sobre o encontro recente com Ken Otter e disse que namorar um dentista divorciado pela terceira vez estava sendo como ela esperava que fosse.

– Mas é melhor do que ficar sozinha.

Houve uma pausa, depois ele disse:

– Como ela está?

– Foi por isso que ligou? Para perguntar de Vivi Ann?

– Quero saber de você – respondeu ele. – Sei quanto está sofrendo por ficar brigada com ela. Pare de esperar uma oportunidade e crie uma. Simplesmente suba até a casa, bata à porta e diga que sente muito.

– Podemos falar sobre outra coisa, por favor? – pediu Winona, e durante uma hora eles conversaram sobre coisas comuns, até que acabou o assunto.

– Bem, eu só queria desejar um feliz Natal – disse ele.

– Para você também, Luke – desejou ela, desligando o telefone.

Contudo, conforme ela se afastou do aparelho, as palavras dele a acompanharam. Aurora e Richard

havam levado as crianças para esquiar, provavelmente porque sabiam que a solidão recairia sobre Water's Edge esse ano, então ela sabia que Vivi Ann e Noah estariam lá em cima sozinhos.

Ela seria capaz? Simplesmente subir até a cabana como se fosse uma viagem de volta no tempo? Tentou refletir, imaginar de maneira racional, mas a verdade era que uma vez com a ideia na cabeça, não conseguia parar de pensar. A saudade fincou seus ganchos em seu coração e ela pegou o casaco do armário perto da porta e o vestiu. Caminhando com cuidado, evitando as poças que surgiam no caminho de cascalhos, ela foi até a cabana de Vivi Ann e bateu à porta.

Vivi Ann abriu imediatamente, com uma cara horrível. Seus cabelos pareciam um ninho de rato, como se estivesse coçando a cabeça de maneira obsessiva, e seu rosto se encontrava vermelho e manchado. Os olhos estavam molhados e injetados e ela não conseguia se manter muito estável de pé, quase embriagada.

– O que você quer?

Winona ficou momentaneamente surpresa ao ver a irmã.

– Eu... eu queria conversar. Sei que está irritada comigo, mas é véspera de Natal e eu pensei...

– Está aqui para tripudiar, não está? Sabe que o recurso foi negado.

– Sinto muito.

– Sente muito? Acha que quero ouvir que *sente muito*? – Vivi Ann se moveu para a frente e cambaleou um pouco. – Você estava naquela sala de julgamento aquele dia, ouvindo tudo sobre as evidências, Winona. Minha irmã supostamente brilhante. Questionou alguma delas? Ele estava *doente* na véspera de Natal. Eu mesma medi a temperatura...

– Acha que Myrtle estava mentindo?

– Acho que ela se enganou. Só pode ser. E aquela prova dos pelos foi ridícula. Nem mesmo você pode acreditar que Dallas estava transando com Cat enquanto estava casado comigo.

Os olhos de Vivi Ann ficaram vidrados e um pouco insanos e Winona sentiu um tremor de medo. Havia algo errado.

Nos fundos da casa, Noah começou a chorar.

– Responda – esbravejou Vivi Ann. – Acha que ele estava transando com a Cat? Você viu nós dois juntos.

Winona viu como Vivi Ann estava desesperada para tentar convencê-la. Ela sabia que só precisava fingir que concordava e talvez pudessem se acertar.

No entanto, às vezes, quando se ama alguém, é preciso ser forte, dizer as coisas que precisam ser ditas. Claramente, Vivi Ann estava desmoronando. Perdendo a cabeça. Winona podia não saber muita coisa sobre o sistema de justiça criminal, mas acreditar em milagres não podia ser nada bom.

Ela se aproximou da irmã. Vivi Ann parecia um daqueles seus cavalos ariscos e maltratados, aterrorizada e pronta para fugir de repente.

– Isso tudo está acabando com você, Vivi Ann – disse Winona da forma mais gentil que conseguiu. – Acreditar em uma coisa que nunca vai acontecer...

– Ele *vai* ser solto.

– Eu *estava* naquela sala de julgamento e vi a verdade que você está tentando ignorar. Ele...

– Não diga, Win.

– Você sabe, Vivi. Precisa saber. Ele é culpado. Você precisa...

Vivi Ann deu um tapa na cara dela com tanta força que Winona cambaleou para trás.

– Saia da minha casa. Nossa conversa acabou. Para sempre.

DEZESSETE



Os anos se passaram lentamente.
1997.

1998.

1999.

Aurora tentou estabelecer a paz na família inúmeras vezes, mas Vivi Ann não tinha espaço para o perdão em seu coração encolhido e, para falar a verdade, nem tentava abrir espaço. Seu pai e Winona a haviam magoado demais. Todos os sábados, Vivi Ann deixava Noah com Aurora e dirigia duas horas e meia até o presídio para se sentar atrás de um painel de acrílico sujo e falar com Dallas por meio de um pesado fone preto. Roy apresentava um recurso de apelação após outro, cada um deles um feixe de esperança que desabava sobre as rochas. Ela tinha a sensação de estar amarrada a uma gangorra perversa, onde todos os altos e baixos levavam mais um pouco de sua alma embora. E quando Roy enfim telefonou para informar que o último pedido em instância estadual havia sido negado, ele rapidamente acrescentou:

– Mas não se preocupe, vou à instância federal.

Então ela tentou mais uma vez continuar acreditando e os meses continuaram se passando.

O único jeito que ela encontrava de sobreviver era se entorpecer para todas as outras coisas. Tomava calmantes como se fossem jujubas durante o dia todo e eles permitiam que ela seguisse em frente, sorrisse, falasse e fingisse estar em um mundo comum. Aurora era a âncora dessa tentativa, o que lhe dava estabilidade. Ainda assim, quando Vivi Ann estava sozinha à noite, bebia demais e ou abraçava o filho com muita força ou nem chegava perto do menino. Às vezes, ela simplesmente ficava lá sentada, balançando-se ao som da música que tocava em sua cabeça, ouvindo Noah chorando ou chamando por ela e tentando se lembrar de qual era a sensação de tocar em Dallas, de abraçá-lo. As lembranças estavam se esvaindo e, sem elas, Vivi Ann não tinha nada para evitar o entorpecimento, então desistia, caindo em um sono profundo e inquieto no sofá.

Em várias de suas visitas aos sábados, ela perdia coisas – o primeiro passeio de triciclo de Noah, a festa de inverno da pré-escola, até mesmo o quarto aniversário dele. Ela garantira a si mesma que ele ainda era pequeno e que, se ela falasse que seu aniversário era no domingo, ele acreditaria – e acreditou –, mas ela havia visto o modo como Aurora olhara para ela, tão cheia de pena, e Vivi Ann precisara se afastar. Naquela noite, depois que toda a decoração da festa estava no lixo, ela havia tomado tantas doses de tequila que perdera a hora das aulas matinais.

Agora era outubro de 1999; um sábado. Quase quatro anos depois da prisão de Dallas.

Ela estava no estacionamento do presídio, olhando pelo vidro do carro para as paredes cinzentas. A chuva golpeava o para-brisa, batendo com tanta força e velocidade que o vidro parecia estar vivo, quase flexível. Por meio dessa distorção, ela podia ver a imponente massa de concreto do presídio de segurança máxima. Ela havia visto os blocos de edifício em todos os tipos de clima e, mesmo com o sol a pino, com a paisagem verde e o céu azul ao redor, ainda pareciam sinistros e ameaçadores. A chuva fazia a prisão parecer lúgubre e miserável, um amontoado junto à colina em vez de uma resistência provocadora diante dela.

Ela passou pela rotina de entrada no piloto automático, já mal notando como era assustador entrar naquele lugar. Só o que de fato notava ultimamente era o barulho – o som metálico das portas, o clique das fechaduras, o zumbido distante de vozes elevadas.

Como sempre, ela se acomodou no cubículo da esquerda, esperando.

– Oi, Vivi – disse ele ao sentar-se diante dela.

Finalmente ela sorriu. Apesar de toda a apatia em sua vida cotidiana, ela não conseguia escapar do fato de que ali, com ele, ela se sentia viva. Por mais louco que fosse, ela estava feliz em vê-lo, em estar perto dele, mesmo que não pudessem se tocar. Ela disse o nome dele e foi como uma oração, havia quase se tornado uma. Ela enfiou a mão no bolso e tirou a fotografia mais recente de Noah. Nela, ele era um garoto radiante de 6 anos, usando boné e segurando um taco de beisebol.

Dallas ficou olhando para a foto, tocou o vidro como se pelo menos uma vez ele não pudesse deter sua mão.

Vivi Ann sabia o que ele via: um menino. Os anos que se passaram desde a prisão de Dallas podiam ser vistos nas mudanças no rosto de seu filho. Noah estava mais alto, mais magro; havia deixado os dias de bebê para trás. E havia parado de perguntar pelo papai, de quem já não se lembrava.

– Ele sente a sua falta – disse Vivi Ann.

– Não faça isso – respondeu ele. – Não nos resta muita coisa. Vamos pelo menos ser sinceros.

Ela já devia saber que não podia mentir para ele. Agora se encontravam separados, afastados por arame farpado, acrílico e concreto, mas a conexão entre eles estava mais forte do que nunca.

– Se me deixar trazê-lo para ver você...

– Já conversamos sobre isso. Ele não precisa me ver assim. É melhor se ele me esquecer.

– Não diga isso.

Eles ficaram em silêncio, olhando-se através do acrílico sujo, segurando enormes fones pretos, sem nada a dizer. Ela não percebeu quanto tempo tinha durado o silêncio, mas quando o alarme soou indicando o fim do horário de visitas, ela se contraiu.

– Você parece cansada – comentou Dallas por fim.

Ela queria fingir que não sabia do que ele estava falando, mentir para ele novamente – dessa vez com um sorriso confuso –, mas sabia que ele via a verdade em seu rosto, em seus olhos exaustos. Ao longo dos anos desde a prisão dele, tinha ficado cada vez mais difícil fingir que existia um futuro diferente esperando por eles. Ambos haviam perdido peso; Roy tinha dito no mês anterior que eles pareciam uma dupla de esqueletos. O rosto de Dallas, sempre anguloso, havia ficado afundado e seco. As veias e os músculos de seu pescoço eram como raízes projetando-se logo abaixo do solo.

O tempo deixara suas marcas no rosto de Vivi Ann também; ela podia ver as mudanças no espelho

todas as manhãs. Até os cabelos tinham se tornado opacos e quebradiços devido aos raros cortes e muito pouco cuidado. Ela tinha 32 anos, mas parecia quase uma década mais velha.

– É difícil – disse ela em voz baixa.

– Ainda está tomando aqueles comprimidos?

– Muito de vez em quando.

– Você está mentindo – afirmou ele.

Ela olhou para o marido, amando-o tanto que chegava a doer.

– Como você está conseguindo?

Ele encostou na cadeira. Eles raramente faziam isso, raramente saíam do caminho do fingimento e entravam no cimento duro da realidade.

– Quando estou no pátio, encontro um lugar vazio, fico lá e fecho os olhos. Se tiver sorte, os ruídos parecem o som de cascos de cavalos.

– Renegado – disse ela.

– Eu me lembro de cavalgá-lo à noite... aquela noite.

Seus olhos se encontraram; as lembranças eram vibrantes, eletrizantes.

– Foi nossa primeira vez...

– E como você está conseguindo?

Remédios. Álcool. Ela desviou o olhar, esperando que ele não notasse.

– Na varanda, tenho um dos sinos de vento que minha mãe fez. Quando estava doente, ela me deu e disse que se eu escutasse com atenção, ouviria a voz dela naquele som. E eu escutei. Eu escuto. – Ela voltou a olhar para ele. – Agora ouço a sua também. Às vezes fico esperando pelo vento...

Ela ficou em silêncio. Havia uma coisa nas lembranças; eram como cabos elétricos caídos. Era melhor se afastar.

– Alguma notícia do Roy? – perguntou ela.

– Não.

– Logo saberemos – comentou ela, querendo acreditar, tentando acreditar. – O tribunal federal ouvirá seu caso. Você vai ver.

– Certo – disse ele. Depois se levantou. – Preciso ir.

Ela o viu desligar o telefone e afastar-se.

– Amo você – disse ela.

Ele murmurou as palavras de volta para ela e logo se foi. A porta se fechou atrás dele.

Ela ficou lá sozinha, olhando para o cubículo vazio por tanto tempo que uma mulher se aproximou e deu um tapinha em seu ombro.

Resmungando um pedido de desculpas, Vivi Ann se levantou e saiu.

A volta para casa pareceu demorar mais do que o normal. Enquanto um quilômetro levava a outro, ela tentava permanecer equilibrada. Havia tantas coisas em que não podia pensar ultimamente e, se ela se concentrasse, conseguia conter o medo. Pelo menos durante o dia. As noites eram seu inferno particular; até mesmo exagerar nos remédios funcionava apenas parte do tempo.

Na cidade, tirou um pouco o pé do acelerador e diminuiu a velocidade. Ao seu redor, viu provas de que enquanto estava suspensa no mundo cinza e preto do sistema de justiça criminal, a vida ali havia continuado. As árvores ao longo da Main Street eram uma profusão de cores de outono; as primeiras

folhas mortas estavam começando a cair. A loja de arreios Horsin' Around anunciava a liquidação anual e a vitrine da farmácia estava repleta de fantasmas e abóboras.

Doces ou travessuras, Sra. Raintree?

Ela hesitou e pisou no acelerador. A velha picape engasgou e deu um solavanco para a frente.

No rancho, estacionou entre as árvores e olhou o relógio. Eram três da tarde. Ela ainda tinha uma hora para alimentar os cavalos e chegar à casa de Aurora a tempo de pegar Noah.

Noah.

Existia outra verdade que ela tentava evitar. Estava se tornando uma mãe inútil. Ela amava o filho como o ar e a luz do sol, mas sempre que olhava para ele, outro pedaço de seu coração parecia desmoronar.

Teria que mudar isso. No dia seguinte, pararia de tomar o calmante e voltaria à vida. Precisava fazer isso, querendo ou não.

Sentindo-se um pouco melhor com esse objetivo (ela já tinha tomado essa decisão anteriormente, mas dessa vez levaria a sério), foi até o telheiro, onde havia fardos de alfafa suficientes para uma semana. Abrindo a porta, ela puxou o carrinho de mão e o encheu com feno.

No celeiro, acendeu as luzes e começou a alimentar os cavalos, indo de baia em baia. No local, encontrava um pouco de paz novamente e estava quase sorrindo quando abriu a porta da baia de Clem.

– Oi, menina, senti minha falta?

Não houve nenhum relincho em resposta, nenhum sinal do rabo sacudindo de um lado para outro.

Vivi Ann soube no instante em que pisou na serragem fresca.

Clementine estava encolhida junto à parede de madeira da baia, com a enorme cabeça acinzentada estendida para a frente.

Vivi Ann ficou totalmente imóvel, sabendo que se tentasse se mexer, cairia de joelhos. Era difícil até mesmo respirar. Naquele momento, na familiaridade fria e sombria do celeiro que sempre fora seu lugar favorito em todo o mundo, ela se lembrou de tudo a respeito daquela incrível égua. Elas haviam passado a vida toda juntas.

Você se lembra de quando pisou naquele ninho de vespas... de quando pulou a vala e eu fui parar nos arbustos de amoras... quando você ganhou o campeonato estadual pela primeira vez?

Engolindo em seco, Vivi Ann deu um passo à frente e caiu de joelhos sobre a serragem, perto da barriga de Clem. Estendeu o braço e tocou o pescoço da égua, sentindo a frieza que não deveria estar ali. Havia tanto a dizer àquele animal tão precioso – sua última ligação real com a mãe –, mas nada disso era possível agora. A garganta de Vivi Ann parecia ter se fechado, seus olhos ardiam. Como ela continuaria sem Clem? Ainda mais agora, quando tanta coisa se perdera?

Ela coçou as orelhas de Clem.

– Você devia estar lá fora, no sol, menina. Eu sei quanto odeia esta baia escura.

Aquilo a fez pensar em Dallas e na cela em que estava. A solidão e o sofrimento tomaram conta dela. Ela se deitou junto à égua, encolhendo-se em posição fetal contra o corpo reconfortante do animal, e fechou os olhos.

Adeus, Clem. Diga a mamãe que eu mandei um oi.



O tempo continuou avançando; devagar, com dificuldade, mas sempre em movimento. O ano 2000 se passou em um borrão cinza, dias vazios e noites intermináveis. Noah tinha entrado no jardim de infância aos 5 anos (cedo demais, Vivi Ann pensou; ela deveria ter segurado mais um ano; teria feito isso se Dallas estivesse aqui, mas ele não estava), havia começado a jogar beisebol infantil aos 6 e futebol aos 7. Ela perdia todos os jogos aos sábados; era só mais uma coisa da qual se culpar. Aurora sempre se oferecia para ir com ela ao presídio, mas Vivi Ann recusava a oferta. Só conseguia fazer isso sozinha.

Então, finalmente, na primeira semana de setembro de 2001, ela recebeu a ligação pela qual estava esperando.

– O Sr. Lovejoy quer ver você hoje.

Eram boas notícias. Vivi Ann sabia disso. Durante todos aqueles anos desde a prisão de Dallas, Roy nunca havia pedido para ela ir a seu escritório para uma reunião.

Obrigada, Deus, Vivi Ann pensou enquanto se aprontava naquela manhã. Aquela frase circulava em sua mente, ganhando a velocidade de um corredor morro abaixo, até que ela mal conseguia pensar em outra coisa.

No caminho para a saída da cidade, ela parou na escola e pegou Noah. Depois de tudo o que tinham passado, ele merecia estar presente no dia em que receberiam as boas notícias.

– Ei, vou perder o recreio – disse Noah ao lado dela.

Ele brincava com dinossauros de plástico, fazendo-os brigar no seu colo na cadeirinha do carro.

– Eu sei, mas vamos receber notícias de seu papai. Estamos esperando por isso há tanto tempo. E eu quero que você se lembre desse dia, que esteja presente.

– Ah.

– Porque eu nunca desisti, Noah. Isso também é importante, mesmo que tenha sido muito difícil.

Ele fazia efeitos sonoros para combinar com a batalha épica dos dinossauros.

Vivi Ann aumentou o volume do rádio e continuou dirigindo. Em Belfair, a cidade no início do canal, ela seguiu até o escritório de Roy, que ficava em uma casa antiga em um pequeno terreno ao lado do banco.

– Chegamos – anunciou ela, estacionando.

Seu coração estava tão acelerado que ela sentiu uma tontura, mas não tomou nenhum comprimido, nem mesmo para se acalmar. De hoje em diante, ela nunca mais tomaria aquilo. Não seria necessário, uma vez que sua família estaria reunida. Ajudando Noah a sair do carro e pegando-o pela mão, ela seguiu pelo caminho de cimento e grama até a porta da frente.

Lá dentro, sorriu para a recepcionista.

– Sou Vivi Ann Raintree. Tenho uma hora marcada com o Roy.

– Certo – disse a recepcionista. – Entre por aquela porta. Ele está esperando a senhora.

Roy estava sentado, falando ao telefone. Sorrindo quando ela entrou, ele fez sinal para que ela se sentasse, disse mais alguma coisa ao telefone e desligou.

Vivi Ann colocou Noah no sofá atrás dela, disse para ele brincar em silêncio, depois sentou-se de frente para Roy.

– Você chegou aqui em tempo recorde – comentou ele.

– Estou há anos esperando por esse telefonema, não estou? Não estamos?

– Ah – disse Roy, franzindo a testa. – Eu devia ter pensado nisso.

– Pensado em quê?

– Em como você reagiria.

Vivi Ann foi ficando tensa.

– Você ligou para me dizer que o recurso foi aceito em instância federal, não foi?

– Tecnicamente é um pedido de *habeas corpus*, mas não, essa não é a notícia que preciso lhe dar.

Atrás dela, a voz de Noah ficou mais alta, assim como o barulho dos dinossauros. Vivi Ann, porém, não podia ouvir muita coisa com a onda repentina de ruído branco em sua cabeça.

– E qual é a notícia?

– Sinto muito, Vivi Ann. O recurso foi negado de novo.

Devagar, ela fechou os olhos. Como podia ter sido tão ingênua? O que havia de errado com ela? Já devia ter aprendido a não ter esperanças. Ela respirou fundo, soltou o ar e olhou para ele.

Ela sabia que parecia calma e controlada, como se esse novo obstáculo fosse apenas mais uma lombada em um trecho ruim da estrada. Ela não se deixaria desabar até a noite. Tinha anos de experiência em esperar, fingir, esconder.

– Posso tomar um copo d'água?

– Claro. Fica bem ali.

Ela se levantou com cuidado e foi até o jarro de água que ficava em um balcão lateral. Servindo-se de um copo, enfiou a mão no bolso e tirou dois comprimidos, engolindo-os antes de se virar.

– Dallas já sabe?

– Ficou sabendo ontem – disse Roy.

Vivi Ann se sentou, esperando que o torpor viesse logo. Ela não podia suportar o que estava sentindo.

– E agora? A quem temos que apelar?

– Fiz todo o possível nesse caso, entrei com todos os recursos, apelei a todas as instâncias. Não sou mais defensor público... você sabe disso. Estou atendendo vocês *pro bono*, mas não posso fazer mais nada. Você pode arrumar outro advogado, dizer que eu fui incompetente e, raios, talvez tenha sido. Eu ajudaria com isso se você quisesse. – Ele suspirou. – Eu não sei, Vivi. Só sei que agora acabou. Sinto muito.

– Não diga isso. – Ela ouviu o tom de desespero em sua voz, a ponta afiada da raiva, e tentou suavizar com um sorriso. – Venho ouvindo isso há anos, de todo mundo. Estou cansada. Preciso de você, Roy, para provar a inocência dele.

Roy desviou o olhar.

Naquele movimento furtivo, Vivi Ann viu alguma coisa.

– Roy? O que foi?

– Nada. Eu só... tive uma conversa franca com Dallas esta semana. Finalmente.

– Você sabe que ele é inocente, não é, Roy? Você me disse isso um milhão de vezes.

– Realmente não posso mais comentar sobre isso.

Agora ela estava com medo. Roy estava deixando implícito que Dallas fizera uma confissão a ele? Ela se levantou e ficou lá parada, olhando para ele.

– Não posso aceitar essa merda, Roy. Por favor, não ferre com minha cabeça.

Ele olhou para cima devagar, com tristeza nos olhos.

– Converse com Dallas, Vivi Ann. Marquei um encontro entre vocês na prisão amanhã.

– É isso? É isso que você tem para mim depois de todos esses anos?

– Sinto muito.

Ela se virou e foi até Noah, pegando-o pela mão e arrastando-o para fora da sala, depois escada abaixo até o carro.

Ao longo de todo o caminho de volta para casa, ela repassou tudo na cabeça, tentando mudar aquilo, suavizar. Na casa de Aurora, empurrou Noah para a irmã, dizendo:

– Não posso lidar com ele hoje à noite.

Ela ouviu Aurora chamando seu nome, pedindo que voltasse, mas não se importou. O medo era com uma enorme besta negra que ocupava sua visão periférica e ela estava desesperada para fugir, para se entorpecer.

Quando finalmente chegou em casa, bateu a porta e foi direto para o armário de remédios. Pegou vários comprimidos – quem se importava? Qualquer coisa para anestesiá-la a dor – e os engoliu com tequila.

Subindo na cama, ela puxou as cobertas e tentou não pensar em Dallas, nem em Noah ou no futuro. Se pensasse nisso, desabaria. Então ficou lá, tonta, jogada, olhando fixamente para o rancho pela janela até cair a noite; depois disso, ficou encarando o nada até virar parte dele e não sentir mais nada.

Na manhã seguinte, sentindo-se como um pedaço de couro velho e ressecado, ela saiu da cama, tomou um banho escaldante e foi até o presídio.

– Vivi Ann Raintree, visita para Dallas Raintree – disse ela formalmente, embora àquela altura já fosse bem conhecida por ali.

A mulher da recepção – hoje era Stephanie – sorriu.

– Seu advogado agendou uma visita de contato pessoal hoje.

– Sério? Ninguém me disse isso.

Normalmente ela ficaria empolgada com a ideia de uma visita de contato. Em todos esses anos, havia tido apenas algumas. Mas agora sabia o motivo desse agendamento. Era o presente de despedida de Roy para ela, um sinal de que o fim havia chegado.

Ela passou pelo detector de metais. Depois, um homem grande, de uniforme, disse bruscamente:

– Por aqui.

Ele carimbou sua mão e deu a ela um crachá de identificação para que usasse no pescoço.

Ela o seguiu por um corredor largo e cinza. Portas se abriam e fechavam automaticamente, escancarando-se devagar e fechando-se com um clique alto depois que eles passavam. O ruído parecia ficar mais próximo e mais alto a cada porta, até que Vivi Ann estava dentro do próprio presídio, na parte em que ficavam os detentos.

Por fim, o guarda a conduziu até uma sala no fim do último corredor. Era pequena, sem janelas ou divisórias. Um guarda uniformizado se encontrava de pé no canto oposto ao da porta. Ele viu que ela havia chegado mas não se moveu ou acenou.

No centro da sala havia uma grande mesa de madeira, arranhada por anos de uso e com várias cadeiras de plástico ao redor. Vivi Ann foi até a mesa, sentou-se e chegou mais perto, esperando. Na parede, o relógio marcava os minutos se passando.

Enfim, a porta no fundo da sala se abriu. O guarda se virou um pouco de frente para a porta.

Dallas entrou com dificuldade; havia algemas em seus pulsos e tornozelos, ligadas por correntes à

sua cintura.

Ela se levantou, esperando, sem conseguir acreditar que estivessem tão próximos depois de tantos anos.

Ele chegou mais perto e ela o abraçou com força, sentindo como os dois haviam ficado magros, com os ossos saltados.

– Já chega – anunciou o guarda. – Sentem-se.

Vivi Ann relutou em soltá-lo. Ele se arrastou até o outro lado da mesa e se acomodou.

Ele encostou na cadeira, colocando os pés para a frente. Seus cabelos estavam realmente compridos, quase passando da curva do ombro.

Ela enfiou a mão no bolso e tirou a última fotografia de Noah, entregando-a a ele. Nela, seu filho estava sentado em uma grande sela sobre Renegado, acenando para a câmera.

– Devia vê-lo montando. Ele será tão bom com cavalos quanto você.

Dallas pegou a fotografia com as mãos trêmulas.

– Não fazemos bem um para o outro, Vivi.

– Não diga isso. Por favor.

– Eu tentei ser bom o bastante para você.

Ela engoliu em seco.

– O que você falou para o Roy?

– Não importa mais.

Ele estava tão quieto que nem parecia respirar, o que não fazia sentido, pois ela se encontrava ofegante como um corredor, incapaz de recobrar o fôlego.

– Sabe o que mais amei em você, Vivi? Você nunca perguntou se fui eu que matei. Nunca.

Ela foi até ele, puxou-o para seus braços e o beijou, querendo *sentir-lo*, tocá-lo, mas só sentia o gosto de suas próprias lágrimas.

– Não tente me dizer que foi você, Dallas. Eu não vou acreditar. E não ouse desistir. Estamos nisso juntos. Precisamos continuar lutando...

– Afaste-se – disse o guarda, indo na direção deles.

Em meio ao borrão das lágrimas, Vivi Ann podia ver que Dallas sorria. Era o mesmo sorriso sensual, fácil e convidativo que tinha dado a ela tanto tempo atrás na taverna Outlaw, na noite em que se conheceram.

– Você devia ter se casado com Luke.

– Não – respondeu ela, mas aquilo mal passou de um sussurro.

O guarda abriu a porta e levou Dallas para fora.

E quando ela olhou para baixo e viu a fotografia de Noah ainda sobre a mesa, compreendeu que ele havia desistido.



Sábado atrás de sábado, enquanto setembro virava outubro, e depois novembro, Vivi Ann foi ao presídio para a visita. Ela se sentou em um cubículo, sozinha, observando os minutos de sua vida passarem.

Dallas nunca mais saiu para vê-la. Suas cartas semanais eram devolvidas ainda fechadas. Em dezembro, seis anos depois do dia de sua prisão, ele mandou um cartão postal que dizia: *Dê a Noah minha picape e conte a verdade a ele.*

A verdade.

Ela nem sabia o que isso significava. Que verdade? Que seus pais haviam se amado ou que esse amor havia destruído os dois? Ou ele estaria sugerindo, como Roy tinha feito, que havia confessado ter assassinado Cat? (Ela nunca contaria isso ao filho e nem acreditaria.) Ela não sabia. Só sabia que estava mais do que desmoronando nos últimos dias. Havia sido ruim ir ao presídio para vê-lo durante todos aqueles anos. Agora, não vê-lo era pior. Até então, não achava que poderia piorar.

Então a correspondência chegou. Quando ela viu um grande envelope da prisão, ela o abriu às pressas, pensando: *Graças a Deus.*

PEDIDO DE DISSOLUÇÃO DE CASAMENTO

Nada havia causado tanta dor quanto isso, nem mesmo perder sua mãe ou Clem. Nada.

Ela foi direto para o armário de remédios e tomou comprimidos de mais, engolindo-os com tequila. Depois se arrastou até a cama e fechou os olhos, rezando a Deus para que não sonhasse...

– Mamãe. Já está na hora? Mamãe?

Ela levantou a cabeça pesada do travesseiro.

Noah estava ao lado de sua cama.

– Temos que ir para a casa do Sam, lembra?

– Hã?

Ele franziu a testa de um jeito que já estava se tornando familiar.

– A festa começa às três horas. Todas as outras mães sabem disso.

– Ah...

Ela empurrou as cobertas e saiu da cama cambaleando. Movendo-se lentamente (a cabeça latejava e a sensação era de que seu corpo estava recheado com algodão), tentou tomar um banho, mas as mãos estavam tão dormentes que não conseguiu abrir o chuveiro. Em vez disso, passou os dedos pelos cabelos sujos e escorridos e prendeu-os em um rabo de cavalo desajeitado. Pareceu levar uma eternidade para se vestir; estava sem foco, os dedos tremiam e ela não tinha muito equilíbrio. Finalmente, vestiu calças velhas de moletom cinza, botas de caubói e uma camisa de flanela.

– Vamsss, rapazinho – disse ela, tentando sorrir, achando que talvez as palavras tivessem saído arrastadas.

– Onde está o presente?

– Quê?

– É *aniversário* dele, mãe.

– Ah, é.

Ela andou com instabilidade pela casa, desejando que a névoa em sua cabeça desaparecesse. Encontrou um cabresto quase novo sobre o balcão da cozinha (o que aquilo estava fazendo ali?) e o embrulhou com a seção de quadrinhos do jornal do fim de semana passado.

– Aqui está. Ele tem um cavalo novo, não tem?

– É um presente idiota.

– É isso ou nada.

Ele suspirou.

– Tá bem.

Eles saíram na chuva e foram até a picape.

Ela demorou demais para prendê-lo na cadeirinha do carro e, ao terminar, se encontrava ensopada. Seus dedos trêmulos estavam tão escorregadios que ela sentia dificuldades para segurar no volante.

A chuva batia com força, transformando o para-brisa em um rio. Os limpadores mal conseguiam acompanhar.

Ela pisou no acelerador. Dirigindo pela cidade, tentou focar apenas na estrada à sua frente; era impossível enxergar. O mundo parecia aquoso e frio, sem substância, como a última vez em que fora até a prisão para ver Dallas... quando ela o beijara e implorara para ele não desistir dela, deles... ela também havia saído na chuva aquele dia, havia...

– Mãe!

Ela piscou e tentou se concentrar. Estava na pista errada; um carro vinha rapidamente em sua direção, buzinando.

Desviando bruscamente, ela sentiu a picape bater no meio-fio e virar sobre a calçada. Ela pisou no freio, mas foi tarde demais, ou forte demais. O carro escorregou na lama úmida e se chocou contra uma árvore.

Ela bateu a cabeça com tanta força no volante que por um segundo não soube onde estava. O gosto de sangue encheu sua boca.

Então ela escutou Noah gritando.

Parecia chegar até ela de longe, aquele som agudo e histérico. Lá no fundo, ela reagiu àquele grito, lamentou por ele, mas sua cabeça estava tão confusa que ela não conseguia ver sentido em nada.

– Mamãe!

Com mãos trêmulas, ela soltou o cinto de segurança e destravou a cadeira de Noah. Ele se lançou em seus braços, chorando junto a seu pescoço.

Bem lentamente, ela começou a senti-lo em seus braços, a se dar conta do que havia acabado de acontecer. Agarrou-se a ele, inalando seu cheiro de menino. Por tanto tempo ela havia se afastado de Noah, ficado com medo dele, mas agora seu amor por ele voltava a fluir como água correndo pelo bueiro, quase afogando-a.

– Ah, meu Deus – gritou ela. – Desculpe...

Ele olhou para ela, fungando, com os olhos escurecidos pelas lágrimas.

– Você está bem, mamãe?

– Eu vou ficar, Noah, prometo.



Vivi Ann engatou a ré e se afastou do tronco amassado e arranhado da árvore. A picape girou muito rápido e ela quase perdeu o controle novamente ao pisar no acelerador, mas conseguiu recuperá-lo, fazendo o veículo descer da calçada.

Todo o seu corpo tremia enquanto ela dirigia; ainda assim, tentou esconder isso do filho, que voltara a brincar com seus dinossauros como se nada tivesse acontecido. Mas ele se lembraria; ela infelizmente tinha certeza disso.

Ela o levou para a festa e o deixou lá, agachando-se para abraçá-lo com tanta força na despedida que ele se contorceu para se soltar.

– Amo você, Noah – disse ela, perguntando-se havia quanto tempo não se permitia dizer essas palavras.

– Também amo você, mamãe.

Levantando-se lentamente, ela o viu caminhar até a porta. Em outra vida – aquela que havia imaginado para si –, ela teria ido com ele, segurando sua mão o tempo todo, e depois entrado junto com as outras mães, para organizar jogos e distribuir bolinhos.

Agora ela estava lá, sozinha e separada da própria vida.

Isso tinha que acabar.

Voltou à picape amassada, que estava soltando fumaça, e entrou do lado do motorista.

Que piada era aquela: ela no banco do motorista. Havia sido passageira por anos, mas o que ia fazer? O que *podia* fazer? As respostas pareciam grandes demais para absorver, muito distantes para ver com clareza.

A única certeza que tinha era que precisava de ajuda. Ela não conseguia mais ficar sozinha.

E a casa de Winona era do outro lado da rua.

Ela saiu do carro e andou até o terreno da casa de sua irmã, parando perto da cerca branca de estacas. A chuva caía sobre Vivi Ann, borrando sua visão, mas não era capaz de obscurecer a noção repentina do que precisava ser feito. Noah merecia mais dela.

Finalmente, com um respiro profundo, foi até a porta da casa de Winona.



– Winona, sua irmã Vivi Ann está aqui para falar com você.

Winona esperava ouvir essa frase havia tanto tempo que quando enfim aconteceu, ela se levantou imediatamente, quase se esquecendo de dizer para Lisa pedir para ela entrar.

Ela ficou ali parada, sem saber ao certo o que fazer, com medo, tentando pensar no que dizer. Então Vivi Ann abriu a porta e entrou e Winona ficou tão surpresa que não conseguiu dizer nada.

Vivi Ann não estava apenas chorando; ela estava aos prantos. Eram tantas lágrimas e tantos soluços que faziam seus ombros tremerem e devastavam seu rosto pálido e cansado.

Winona foi até ela, abrindo os braços instintivamente.

Vivi Ann se retraiu, afastando-se, tropeçando no sofá e caindo sobre ele.

Winona se sentou em uma cadeira de frente para ela, firme e ereta, mal conseguindo respirar, esperando. Dessa vez ela precisava ficar de boca calada e não falar primeiro. Era uma tortura. Tinha tantas coisas para dizer à irmã, palavras que guardara durante anos, polindo-as como os pedaços de vidro do mar que sua mãe amava.

O silêncio pareceu eterno. Depois, baixinho, Vivi Ann disse:

– Quase matei a mim mesma e a Noah hoje.

– O que aconteceu?

– Não é isso que importa.

Ela desviou os olhos. Cabelos ressecados e escorridos grudavam em seu rosto; lágrimas caíam de

seus olhos vermelhos.

– Eu quero ir embora daqui, mas não tenho para onde ir.

– Não fuja de nós – pediu Winona. – Nós somos sua família. Somos a família de Noah. Podemos superar isso.

– Dallas não vai sair da prisão. Você estava certa sobre isso. E agora ele quer se divorciar de mim.

– Eu estava errada em relação a muitas coisas, Vivi – disse Winona.

Eram palavras que ela havia esperado muito tempo para dizer.

– Sei que acha que sou louca por amá-lo e você me odeia por ter magoado o Luke, mas preciso de conselhos, Win.

Vivi Ann olhou para a frente.

– Eu não odeio você por ter magoado Luke – esclareceu Winona, com um suspiro. – Eu odiava você por ser amada por ele.

Vivi Ann franziu a testa e secou os olhos.

– O quê?

– Eu amava Luke Connelly desde que tinha 15 anos. Devia ter contado.

Passou um bom tempo até que Vivi Ann falasse e, quando ela o fez, as palavras saíram devagar, como se ela estivesse encontrando uma por uma no escuro.

– Você o amava. Acho que faz todo o sentido. Nós da família Grey... – disse ela. – Nós não temos sorte no amor, não é? Mas o que eu faço, Win?

Winona sabia a resposta para essa pergunta havia muito tempo, só estava esperando que a pergunta fosse feita para dizer o que imaginara centenas de vezes. Mesmo assim, quando aconteceu, ela finalmente entendeu quanto a verdade era cruel e não foi capaz de dizê-la.

– Diga – pediu Vivi Ann, e por sua voz falha Winona soube que ela já havia entendido a resposta; só precisava da ajuda da irmã mais velha para admitir.

– Você precisa parar de ser a esposa de Dallas e começar a ser a mãe de Noah. E esses remédios estão matando você.

– Noah merece muito mais do que a mãe que estou sendo.

Winona enfim se aproximou dela, puxou a caçula para seus braços e deixou que ela chorasse.

– Você vai superar isso, eu prometo. Nós vamos ajudar. Algum dia você vai até se apaixonar de novo.

Vivi Ann olhou para ela e havia uma tristeza tão profunda em seu olhar que Winona não conseguia enxergar o fundo.

– Não – disse ela finalmente. – Não vou.

PARTE II



Depois

Queria que você visse o que é coragem de verdade, em vez de achar que coragem é um homem com uma arma na mão. É quando você sabe que será arrasado mesmo antes de começar, mas começa mesmo assim e vai até o fim, custe o que custar.

– ATTICUS FINCH, EM *O SOL É PARA TODOS*,
DE HARPER LEE.

DEZOITO



2007

Havia lugares que mudavam com o tempo e outros que permaneciam obstinadamente iguais. Seattle, por exemplo, havia se tornado irreconhecível para os moradores na última década. O misto de ingenuidade ponto.com e cafeterias modernas transformara os habitantes daquela bela cidade, que vestiam roupas esportivas e amavam a natureza, em legítimos cidadãos urbanos. O som de construção estava sempre presente; enormes guindastes alaranjados pontuavam o horizonte mutante como aves de rapina gigantes. Todos os dias um novo arranha-céu se erguia em direção ao ventre cinzento do céu. Restaurantes com cardápios chamativos de culinária *fusion* e nomes impronunciáveis preenchiam as ruas da próspera cidade, criando bairros inteiros onde antes havia apenas alguns prédios e placas de rua. O famoso Obelisco Espacial e a antes renomada Smith Tower, que um dia tinham sido o orgulho da cidade, agora pareciam menores e mais velhos a cada dia.

Vivi Ann também crescera. Tinha 39 anos e perdera grande parte de seu otimismo e energia da juventude. Algumas vezes por ano, quando se sentia especialmente sozinha, inquieta e tensa, dirigia até a cidade. Com uma desculpa sempre convincente – comprar arreios em um leilão ou ver um cavalo à venda – e a babá garantida, ela tentava encontrar consolo em bares escuros, mas nas raras ocasiões em que deixava um homem levá-la para casa, acabava se sentindo mais suja e infeliz do que antes.

E ela sempre voltava para Oyster Shores, onde nada nunca mudava. Ah, casas haviam sido construídas, valores de propriedades haviam aumentado, mas a região ainda era relativamente desconhecida, esse trecho escondido de águas quentes em um estado de águas frias. Alguns anos antes, Bill Gates construía um condomínio de verão no canal, deixando os moradores locais alvoroçados com a preocupação de que outros milionários seguissem seu exemplo e destruíssem suas antigas e confortáveis residências para erguer enormes mansões ao longo da costa, o que, afinal, havia acontecido – e estava acontecendo –, porém lentamente.

Muitas das mesmas lojas ocupavam as mesmas ruas, embora com letreiros melhores, graças a todo aquele dinheiro do verão. Havia alguns novos restaurantes, novas pousadas e um novo complexo de cinemas com três salas, mas fora isso, nada mais havia sido acrescentado. Flores ainda brotavam em floreiras nas janelas da Main Street e ficavam penduradas em cestas nos postes de luz pela Shore Drive.

A maior diferença na cidade, na verdade, era Water's Edge. O rancho conseguira ser mais bem-sucedido do que Vivi Ann jamais imaginara. Dois peões trabalhavam em tempo integral no local e a arena raramente estava vazia. Havia se tornado o centro social da cidade, tanto que Vivi Ann precisava trabalhar duro para arrumar tempo de sair com suas irmãs.

Agora se encontrava na lanchonete, sentada em seu banco favorito, de frente para Aurora. Elas estavam cercadas pela costumeira multidão dos dias que antecedia o Memorial Day; moradores sentados ali, conversando calmamente entre si. Em uma semana, quando chegasse o feriado, o lugar estaria lotado de turistas.

– Ouvi dizer que tem um novo banqueiro na cidade. Dizem que não é feio – comentou Aurora, colocando uma mecha de cabelo recém-tingido de loiro atrás da orelha.

Nos últimos meses, ela escolhera Nicole Kidman como seu ícone pessoal de moda, o que significava que fazia chapinha nos cabelos loiro-claros cortados na altura do queixo e passava filtro solar em quantidade suficiente para ficar protegida no caso de uma explosão nuclear.

– Sério? – respondeu Vivi Ann. Ambas sabiam que ela não se importava. – Talvez você devesse ir atrás dele.

– Já se passaram doze anos – disse Aurora, olhando bem nos olhos da irmã.

Como se ela não soubesse exatamente quanto tempo tinha se passado desde a prisão de Dallas. Ainda havia noites em que não conseguia dormir e dias em que se martirizava por ter assinado aqueles papéis de divórcio. Às vezes, na calada da noite, ela se perguntava se ele não a estava testando, se não queria que ela provasse seu amor recusando-se a desistir.

– Podemos falar de outra coisa, por favor?

– Claro. – Aurora pagou a conta e elas caminharam juntas pelo dia iluminado. – Obrigada por me encontrar para almoçar.

– Está brincando? Adoro fugir do trabalho. Da próxima vez vou até me arrumar.

– Você? Rá.

– Sei como odeia ser vista com uma mulher usando jeans de quinze anos de idade.

– A cidade é pequena. Minhas opções são limitadas. Se não estivesse com você, talvez precisasse voltar ao serviço voluntário e ficar ouvindo que fui estúpida por deixar o Richard ir embora. Como se eu devesse relevar o fato de ele estar transando com a enfermeira.

Vivi Ann deu o braço para sua irmã. Quatro anos haviam se passado desde o divórcio rancoroso de Aurora, mas ninguém sabia melhor do que Vivi Ann quanto tempo algumas feridas demoravam para se curar. Ela sabia que a irmã se sentia tola por não ter conseguido enxergar a infidelidade do marido.

– Como você está? De verdade?

– Alguns dias são melhores do que outros.

– Conheço essa história – disse Vivi Ann. Ela, entre todas as pessoas, sabia que uma coisa podia ser conversada até certo ponto. Depois, enfim, era preciso esquecer. Tudo o que precisava ser dito sobre o divórcio de Aurora já havia sido dito. Então ela perguntou: – Como está o trabalho?

– Estou adorando. Devia ter começado a trabalhar há mais tempo. Vender bijuterias pode não ser o mesmo que curar o câncer, mas me mantém fora de casa.

Vivi Ann estava prestes a dizer mais alguma coisa quando seu celular tocou. Ela o pegou no bolso da calça e atendeu.

– Vivi? Aqui é Lori Lewis, da escola do Noah. Ele está na sala do diretor.

– Estou indo. – Vivi Ann desligou o celular com um xingamento. – É o Noah. Ele se meteu em confusão na escola.

– De novo? Quer que eu vá com você?

– Não, obrigada.

Vivi Ann deu um abraço rápido em Aurora e depois correu para sua nova picape. Saltando lá dentro, ela dirigiu por três quadras e estacionou na rua.

Chegando à mesa da secretária, deu um sorriso forçado.

– Oi, Lori.

– Oi, Vivi – respondeu Lori, levando-a até a porta da diretoria. Abrindo-a, informou: – Noah está com Harding no momento.

– Obrigada – agradeceu Vivi Ann, passando pela secretária.

Harding se levantou quando ela entrou. Era um homem grande, com uma pança que tensionava os botões de sua camisa branca de mangas curtas. Calças largas de poliéster marrom ficavam sob a barriga protuberante, mantidas no lugar por firmes suspensórios. Seu rosto rechonchudo, vincado pelo estresse em linhas de expressão como as de um basset hound, mostrava sinais de crescimento da barba.

– Oi, Vivi Ann – disse ele. – Sinto muito termos tido que afastá-la da fazenda. Sei como anda ocupada.

Ela assentiu e olhou para o canto, onde seu filho de quase 14 anos estava jogado no assento, com um dos pés, que calçava uma bota, esticado para a frente. Uma faixa de cabelos negros caía em seu rosto, cobrindo um dos olhos verdes – único traço que tinha herdado dela. Fora isso, ele era a própria imagem do pai.

Quando ela se aproximou, ele colocou o cabelo atrás da orelha e ela viu o olho roxo que estava encoberto e o corte ao longo do maxilar.

– Ah, Noah...

Ele cruzou os braços e olhou pela janela.

– Ele arrumou outra briga na hora do almoço. Erik Junior, Brian e alguns outros meninos. Tad teve que ir ao médico tirar um raio x – explicou Harding.

O sinal do intervalo tocou e o chão sob eles estremeceu com o movimento. Vozes altas vazavam pelas paredes.

Harding apertou o botão do interfone e disse:

– Mande Rhonda entrar, por favor. – Depois ele olhou para Noah. – Meu jovem, minha paciência está se esgotando com você. Esta é a terceira vez que se envolve em briga este ano.

– Então é crime apanhar por aqui, é?

– Vários alunos disseram que foi você que começou.

– Grande surpresa – respondeu Noah com amargura, mas Vivi Ann o conhecia bem para enxergar a dor por trás da raiva.

Harding suspirou.

– Se dependesse de mim, eu o suspenderia, mas a Sra. Ivers parece achar que ele merece uma última chance. E já que só restam duas semanas de aula, vou concordar com ela. – Ele olhou para Vivi Ann. – Mas você precisa ser mais firme com esse menino, Vivi Ann. Antes que ele machuque alguém como seu...

– Posso fazer isso, Harding.

A porta atrás deles se abriu e Rhonda Ivers entrou na sala.

– Você pode ir, Noah – disse Harding, e o menino se levantou em um segundo.

Vivi Ann agarrou seu braço quando ele tentou passar direto e o virou de frente para si. Olhou para o

filho, alto e magro.

– Você vai direto para casa depois da escola. Não faça hora. Fim de papo. Entendeu?

Ele se soltou.

– Tá bom, tá bom.

Quando o menino saiu, Harding disse:

– Espero que saiba o que está fazendo, Rhonda. – Lançando um olhar incisivo para cada uma delas, ele acrescentou: – Façam a reunião aqui. Preciso ficar de olho na multidão do almoço.

Rhonda o esperou sair e depois sentou-se atrás de sua grande mesa de metal. Em meio aos montes de papel empilhados, ela parecia frágil como um passarinho. Usava o mesmo estilo de cabelo e roupas de vinte anos atrás, quando havia tentado ensinar Vivi Ann a gostar de *Beowulf*.

– Sente-se, Vivi – pediu ela.

Vivi Ann estava tão cansada disso; parecia que vinha enfrentando um inimigo invisível atrás do outro durante doze anos. Desde que Al perguntara a Dallas onde ele estava na noite de véspera de Natal.

– Todos conhecemos a história de Noah – afirmou a Sra. Ivers quando Vivi Ann se sentou. – E seu problema. Entendemos por que ele está fazendo isso, por que está infeliz.

– Você acha que ele está infeliz? Eu achava... esperava que fosse apenas uma raiva normal de adolescente.

Rhonda sorriu para ela com empatia.

– Sabia que as crianças zombam dele?

Vivi Ann assentiu.

– Ele precisa de um amigo e talvez algum tipo de aconselhamento, mas isso é você que decide, é claro. Estou aqui porque ele vai repetir de ano em literatura. Fiz o cálculo e não tem como ele compensar todas as aulas que perdeu.

– Se vocês o deixarem repetir de ano, o problema só vai piorar. Ele vai achar que é burro além de... diferente.

– Essa foi minha análise. – A Sra. Ivers pegou um caderno de capa preta e branca com folhas pautadas em sua bolsa e o passou por sobre a mesa na direção de Vivi Ann. – É por isso que estou dando a Noah esta oportunidade única de salvar sua nota. Se ele preencher este diário com escritos *sinceros* durante o verão, eu vou passá-lo para o ensino médio.

Vivi Ann sentiu uma onda de gratidão por aquela mulher que ela antes chamava de Sra. Horrenda.

– Obrigada.

– Não me agradeça tão rápido. Será um trabalho duro para Noah. Vou exigir oito páginas por semana durante todo o verão. Vou me encontrar com ele toda segunda-feira para passar o tópico da semana. Vamos começar semana que vem antes da aula. Vamos ver... Dez para as oito na minha sala? No fim de agosto, vou dar a nota para o trabalho dele. Não vou avaliar suas anotações pessoais, a não ser para garantir que o trabalho seja original. Entendido?

– Perfeitamente.

A Sra. Ivers finalmente sorriu, com um pouco de tristeza.

– Não deve ser fácil para ele.

O passado estava sempre por perto em uma cidade como aquela, como uma camada de neve fresca sobre lama escura; visível.

– Não – respondeu Vivi Ann, pegando o caderno em branco. – Não é fácil.



Quando Vivi Ann voltou para o rancho, já estava quase na hora de suas aulas vespertinas. Ela passou pelo pai na arena, onde ele estava laçando com uns amigos. Os peões contratados – agora funcionários fixos durante o dia; não mais moradores de Water’s Edge – trabalhavam nos bretes. Com um aceno, ela entrou no escritório da arena e começou a criar folhetos para a série de apartamento de gado do mês seguinte.

Nos últimos anos, Water’s Edge havia se tornado bem-sucedido financeiramente, mas debaixo das luzes do celeiro pouca coisa havia mudado. A arena ainda ostentava fileiras de arquibancadas de madeira e uma série de portões e bretes para provas de laço; três grandes tambores amarelos estavam de lado; haviam sido puxados e posicionados para o *jackpot* de três tambores daquela noite. Dentro do celeiro, os cavalos tinham mastigado a madeira em todos os lugares possíveis, deixando as ripas recortadas. Teias de aranha se aglomeravam nos cantos e folhetos enchiam as paredes de cor, anunciando coisas à venda, aulas, clubes e serviços de veterinários e ferradores de cavalos. A programação da arena já fora estabelecida havia muito tempo. Ela ainda organizava alguns *jackpots* por mês, assim como uma série mais longa de três tambores; ainda dava aulas e treinava cavalos. Além disso, muitos clubes alugavam o espaço com regularidade – clubes militares, clubes equestres e exposições de cavalos. Uma vez por mês, crianças com necessidades especiais iam montar. A única verdadeira diferença era a própria Vivi Ann; ela não participava mais de provas de três tambores. Nunca havia sido capaz de substituir Clem.

Durante as quatro horas que se seguiram, ela trabalhou sem parar. Depois da escola, as meninas do clube equestre apareceram e ela se cercou de garotas ainda jovens o bastante para amar seus cavalos mais do que qualquer garoto e comprometidas o suficiente para treinar o que lhes era ensinado. Ela se sentia uma estrela do rock perto delas, idolatrada e adorada. Logo, ela sabia, as meninas cresceriam, venderiam seus cavalos e seguiriam em frente. Era o ciclo da vida por aquelas bandas: cavalos vinham primeiro, depois eram substituídos por garotos, que tomavam a liderança. Em algum momento, as meninas voltavam adultas, com as próprias filhas, e davam início a um novo ciclo.

No fim do dia, ela desligou as luzes, verificou os cavalos um por um e desceu até a casa da fazenda, onde encontrou o pai sentado em sua cadeira de balanço favorita na varanda. Como costumava fazer ultimamente, depois de um longo dia de trabalho no rancho, ele estava tomando uísque e talhando um pedaço de madeira.

Ele havia envelhecido na última década, de maneira notável. Seu rosto, sempre áspero, estava fundo, e os cabelos antes indomáveis vinham afinando e se transformando em fios de algodão. Sobrancelhas grossas e brancas cresciam em tufo sobre seus olhos pretos.

Ele tinha 74 anos, mas se movimentava como um homem ainda mais velho. Ele e Vivi Ann nunca falaram sobre o que havia acontecido tantos anos antes, nunca haviam tocado no assunto da prisão que rompera o cerne da família, dividindo-a ao meio.

Eles agora conversavam sobre coisas comuns, às vezes mal olhando um para o outro; era como se parte da vida deles tivesse sido congelada e não pudesse ser encontrada. Contudo, Vivi Ann aprendera que nem sempre era preciso falar sobre as coisas para resolvê-las. Fingindo que tudo estava bem por

tempo suficiente e com afinho suficiente, em algum momento as coisas acabavam virando verdade, ou quase verdade.

Ninguém da cidade falava sobre os acontecidos de tantos anos atrás, pelo menos não com Vivi Ann. Era um acordo tácito feito para todos esquecerem.

Infelizmente, era a vida de Noah que todos naquela casa de fazenda e na cidade ignoravam tão incisivamente. Pelo menos os adultos. As crianças, obviamente, não tinham feito pacto nenhum.

– Oi, pai – disse ela subindo as escadas. – Precisamos de outro carregamento de feno. Pode ligar para o fornecedor?

– Sim. Mande aquele peão novo buscar anti-inflamatórios também.

– Ótimo.

Ela entrou na casa e preparou o jantar para ele e para os peões, deixando a comida no forno em temperatura baixa. Os três homens vinham comendo por um batalhão nos últimos dias; Vivi Ann cozinhava na casa da fazenda, mas raramente se sentava para comer com eles. Sua vida agora era na cabana, com Noah. Quando terminou, voltou para a varanda.

Ela estava prestes a passar por seu pai quando ele disse:

– Fiquei sabendo que Noah se meteu em outra briga hoje.

– A rádio-peão – comentou ela, irritada. – Disseram quem começou?

O passado estava entre eles agora, tão visível quanto as largas tábuas brancas sob seus pés.

– Você sabe quem começou.

– Seu jantar está no forno. Peça a Ronny para lavar a louça dessa vez.

– Certo.

Ela atravessou o estacionamento e a trilha da entrada (pavimentados desde 2003) e parou no padoque atrás do celeiro. Renegado relinchou quando ela se aproximou e mancou em sua direção, com os joelhos tortos por causa da artrite, estalando a cada passo.

– Oi, menino.

Ela esfregou seu focinho acinzentado e coçou atrás das orelhas agitadas. De repente passou por sua mente: *Será que ele ainda sonha que está montando Renegado?*

Livrando-se do pensamento, ela rumou para sua casa. Renegado a seguiu de seu lado da cerca, mancando e lutando até o início da colina, onde desistiu e ficou lá, vendo-a partir.

Ela teve o cuidado de não voltar a olhar para ele enquanto percorria o último trecho da subida até sua cabana. Quando abriu a porta, soube que Noah estava em casa. Uma batida forte e pulsante de música balançava as paredes de pinho. Ela respirou fundo e soltou o ar lentamente. Deus sabia que a raiva não a ajudaria naquele momento.

Diante da porta do quarto dele, Vivi Ann parou e bateu. Era impossível ouvir uma resposta com aquela música, então ela abriu e entrou.

O quarto era comprido e estreito, uma adição recente à cabana. Pôsteres de bandas cobriam as paredes – Godsmack, Nine Inch Nails, Korn, Metallica. Ele tinha seu próprio computador em um canto e uma televisão ligada a um Xbox.

Talvez esse fosse o problema; ela dera muito e pedira pouco em troca. Mas estava sempre tentando compensar o que ele havia perdido.

Noah estava sentado sobre a cama desarrumada com um controle sem fio na mão, fazendo uma garota

com visual de ciclista chutar as bolas de um cara.

– Precisamos conversar – disse ela para as costas dele.

Como ele não respondeu, ela foi até a TV e desligou o aparelho.

– Que droga, mãe! Eu estava quase passando daquela fase.

– Não fale assim comigo.

Ele olhou para ela com irritação.

– Se o linguajar é tão importante assim, talvez você e suas irmãs pudessem começar a dar um exemplo melhor.

– Você não vai botar a culpa em ninguém – disse ela. – Não dessa vez. Por que você brigou?

– Humm, deixa eu pensar. Aquecimento global?

– Noah...

– Por que você acha que foi? O que *sempre* é o assunto da briga? Aquele retardado do Engstrom me chamou de indiozinho e os idiotas dos amigos dele começaram a fazer a dança da chuva. Então eu dei um soco nele.

Vivi Ann se sentou ao lado dele.

– Eu também teria vontade de bater naquele espinhento.

Ele olhou para ela pela cortina de cabelos enebados.

Vivi Ann sabia como ele estava desesperado para que alguém ficasse do seu lado, fosse seu amigo e apoiasse suas ações. Ela ficava de coração partido por não poder preencher tal papel. Antes, achava que eles sempre seriam melhores amigos; aquela ingenuidade da juventude não existia mais. Ele era um menino sem pai; precisava ter uma mãe que impusesse regras.

– Toda vez que você bate em alguém, dá razão a eles.

– E daí? Talvez eu *seja* como o meu velho. – Ele jogou o controle sem fio na parede. – Eu *odeio* esta cidade.

– Noah...

– E odeio você por ter se casado com ele. E odeio ele por não estar aqui...

Sua voz falhou e ele se levantou, saindo rapidamente da cama.

Vivi Ann foi até o filho, abraçou-o como costumava fazer, mas ele a empurrou. Ela ficou olhando para suas costas, viu os ombros caídos de um derrotado e soube como ele havia sido magoado por aquelas palavras feias no pátio da escola.

– Acredite em mim, sei como está se sentindo.

Ele se virou.

– Ah, é? Sabe como é ter um pai que é um assassino?

– Tive um como marido – respondeu ela com calma.

– Me deixe em paz.

Vivi Ann respirou fundo mais uma vez. Eles já haviam passado por isso antes, falando sobre Dallas. Ela nunca sabia o que dizer.

– Antes de eu ir, tenho que contar a boa notícia de que você será reprovado em literatura, o que significa que não vai para o ensino médio em setembro.

Aquilo chamou sua atenção.

– O quê?

– Sorte sua que a Sra. Ivers concordou em lhe dar uma segunda chance. Ela vai deixar você escrever um diário para ela durante o verão. Vai se encontrar com ela na segunda-feira de manhã, antes da aula, para discutir os detalhes.

– Eu odeio escrever.

– Então espero que goste mais de fazer o oitavo ano uma segunda vez.

Ela o deixou a sós para remoer aquilo.

Quem sou eu?

Só uma velha chata como a Sra. Horrenda poderia passar um trabalho tão idiota. Ela acha que me importo em passar em literatura. Como se eu fosse precisar DISSO depois de terminar o ensino médio. Ah, é. Dane-se ela e sua segunda chance. Eu não vou fazer.

Eles me suspenderam.

Merda.

Quem sou eu?

Por que a Sra. I acha que essa é uma questão tão incrível? Eu não sou ninguém. É isso que vou dizer a ela. Ah, espere, eu não preciso dizer porque ela não vai LER MINHAS ANOTAÇÕES PARTICULARES. Como se eu acreditasse que ela só vai passar os olhos para ver se não estou copiando outras pessoas. É. Eu acredito muito nisso.

Eu devia dizer. Surpreender ela. EU NÃO SEI QUEM EU SOU.

Como poderia saber?

Não pareço com ninguém da minha família. Todo mundo diz que tenho os olhos da minha mãe, mas se algum dia eu parecer tão triste, vou dar um tiro na minha cabeça.

Essa é minha resposta esta semana, Sra. I. Eu não sei quem sou e não me importo. Por que deveria me importar? Ninguém mais nesta cidade se importa. Eu almoço todo dia sozinho em uma mesa com outros idiotas e fracassados. Ninguém nunca fala comigo. Eles só riem quando eu passo e falam merda sobre o meu pai.

DEZENOVE



A vida de Winona era uma prova cabal de que tendo uma boa educação, trabalhando duro e acreditando em si mesmo, era possível ter sucesso. Ela dava essa palestra motivacional – a história de seus triunfos – por todo o distrito, em grupos de igrejas, salas de aula e organizações voluntárias. Eles também acreditavam nela, por que não? A medida de seu sucesso era visível a olho nu: ela morava em uma mansão vitoriana reformada e impecável, dirigia uma Mercedes azul conversível novinha e totalmente quitada e periodicamente comprava e vendia propriedades locais. Sua lista de clientes era tão extensa que, em situações que não envolviam emergências, não era raro as pessoas precisarem esperar duas semanas para conseguir uma hora com ela. E o melhor de tudo, seus vizinhos haviam se acostumado a seguir seus conselhos. Ela havia provado, no decorrer do tempo, estar certa sobre quase tudo e era lisonjeiro saber que sua capacidade calma e racional de tomar decisões era reconhecida e admirada. Em retrospecto, até mesmo a confusão com Dallas tinha reforçado sua reputação. No fim, todos concordavam que ela estava certa em não representar Dallas e Vivi Ann havia voltado para a família, exatamente como Winona esperava. Agora todos estavam juntos novamente; às vezes as arestas apareciam ou sentimentos enterrados surgiam, mas eles tinham aprendido como ignorar esses momentos e seguir em frente, como mudar de assunto para um tópico seguro. No geral, Winona sentia que eram fortes como a maioria das famílias e melhores do que muitas.

Nem tudo era perfeito, é claro. Ela tinha 43 anos, não era casada e não tinha filhos. Os filhos que nunca havia tido a assombravam, às vezes iam até ela em sonhos, chorando para serem segurados em seus braços, mas, por mais que ela tivesse querido aquele conto de fadas, não havia acontecido. Ela namorara muitos homens bons no decorrer dos anos (e alguns verdadeiros fracassados) e sempre tinha esperanças. No final, porém, permanecia sozinha.

Agora ela estava cansada de desejar a vida com que havia sonhado e tinha decidido tentar outro caminho. A carreira sempre fora seu ponto mais forte, então ela tentaria encontrar sua realização por meio dela.

Com esse novo objetivo em mente, ela ficou parada na calçada, analisando o estande que tinha acabado de construir e decorar. Na verdade, eram apenas quatro mesas juntas, cobertas com um tecido vermelho que ia quase até o asfalto. Atrás havia uma grande faixa pendurada entre dois mastros que dizia: A ESCOLHA PARA PREFEITA É CLARA. VOTE GREY. Sobre a mesa havia centenas de folhetos, complementados por fotografias de seu bisavô ao lado de uma placa feita à mão com a inscrição POPULAÇÃO DE OYSTER SHORES: 12, assim como uma descrição detalhada da posição política de Winona a

respeito de cada questão. Outros candidatos poderiam florescer a respeito de suas crenças; ela, não. Winona pretendia acabar com a concorrência com a força de suas convicções. Duas grandes tigelas de vidro continham centenas de broches com VOTE GREY.

Tudo estava pronto.

Ela verificou o relógio. Eram sete e quarenta e seis da manhã.

Não era de estranhar que estivesse praticamente sozinha. As festividades do Dia dos Fundadores não começavam antes do meio-dia e nenhum estabelecimento comercial se encontrava aberto. Ela se apoiou em um poste de luz e olhou para os dois lados da rua. De sua posição vantajosa diante do Centro Esportivo ela podia ver tudo, do estaleiro de Ted até a pousada Canal House. A sinalização usual do Dia dos Fundadores já estava no lugar – faixas decoradas com carroças cobertas se estendiam diante de belos panos de fundo da cor do oceano, trabalhos decorativos pintados à mão com a temática dos pioneiros ocupavam as vitrines das lojas e luzes piscantes foram enroladas em volta dos postes.

Enquanto ela estava ali parada, as nuvens no céu diminuíram um pouco. Por volta das oito horas, o restante dos vendedores já havia aparecido, acenando para Winona quando passavam, com pressa para preparar suas bancas até meio-dia, e por volta das nove horas as lojas estavam começando a abrir. Em toda a rua era possível ouvir o soar de sinos, o que significava que portas estavam sendo abertas.

A segunda-feira do Memorial Day sempre tinha sido o início de uma semana de celebrações. Os mesmos vendedores de rua apareciam ano após ano, vendendo as mesmas coisas: bolinhos caseiros com geleia, churros, limonada fresca, coquetéis de ostras, ostras grelhadas e os sempre populares fantoches. Durante todo o dia, montes de pessoas encheriam esta única rua, indo de barraca em barraca, comendo alimentos de que não precisavam e comprando porcarias que não queriam e, ao cair da noite, uma banda se apresenta no estacionamento do restaurante Waves, posicionando alto-falantes nos cantos, e todos – não importava a idade – dançariam. Era o início não oficial do verão.

Ela desceu a rua e comprou um café com leite. Quando voltou a seu estande, Vivi Ann, Noah e Aurora estavam lá. Sem dúvida, Vivi Ann estava com medo de deixar seu filho delinquente sozinho em casa.

– Estamos prontos para ajudar – disse Vivi Ann, sorrindo.

– Esperava que vocês viessem – respondeu Winona.

– Esperava? – Aurora arqueou uma sobrancelha perfeitamente delineada. – Sei identificar ordens quando ouço uma. E você, Vivi?

– Ah, ela certamente mandou a gente vir.

– Não sei por quê. Vocês são uma megeras. – Winona riu. – Ainda bem que são mão de obra barata.

Aurora analisou o estande e fez cara feia. Usando jeans de cintura baixa de grife com sandálias de salto agulha e uma blusa branca justa, ela parecia mais uma celebridade do que a ex-mulher de um médico de cidade pequena.

– Não acredito que você colocou imagens da bandeira em volta de sua faixa. Formas retangulares são ruins para mulheres; todo mundo sabe disso. E seu slogan: Vote Grey. Sete anos de faculdade e é o melhor que consegue fazer? – Ela se virou para Vivi Ann. – Felizmente, originalidade não é algo valorizado em política.

– Suponho que você possa fazer melhor – disse Winona.

Aurora fez uma cara exagerada de quem estava pensando. Franziu a testa, bateu a ponta de uma longa unha postiça no rosto.

– Humm... é difícil, concordo. Bem, seu nome é Winona. Se fosse Vitória seria mais fácil.

Winona não conseguiu se conter e caiu na gargalhada.

– Como não pensei nisso?

– Você sempre se apegou muito aos detalhes, a ponto de não enxergar o contexto mais amplo – afirmou Aurora. – Lembra de quando fez o primeiro teste de direção? Estava tão ocupada olhando para o semáforo, calculando quantos metros demoraria para parar àquela velocidade e pensando em quando deveria dar a seta que passou direto por um cruzamento.

Sua família era assim. Pareciam elefantes. Ninguém nunca esquecia de nada. Principalmente uma falha, e uma falha engraçada era duradoura e podia ser reciclada como plástico.

Win estava prestes a se oferecer para pegar café para todos quando notou que Noah estava mexendo na bolsa dela.

– Noah. – Winona o repreendeu. – O que está fazendo?

Ele deveria parecer culpado, mas Noah era assim: ele nunca se comportava conforme o esperado. Em vez disso, ficou bravo.

– Preciso de uma caneta para fazer a lição de casa.

Até parece, pensou Winona, mas disse:

– Que abuso!

Ela pegou uma caneta sobre a mesa e entregou a ele, depois pegou a bolsa de volta.

Durante as oito horas seguintes, ela e as irmãs distribuíram folhetos, broches e doces. Em algum momento depois das três da tarde, Aurora desapareceu por mais ou menos meia hora e voltou com margaritas em copos plásticos. Depois disso, se divertiram para valer. Winona não sabia exatamente de quem havia sido a ideia, mas ao terminarem de entregar todos os itens de divulgação, enquanto as bancas de venda fechavam, as três acabaram no meio da rua, braços apoiados nos ombros e cintura umas das outras, dançando canção e cantando.

– Você, você, você pode votar na Win?

Rindo, elas voltaram para o estande, onde Noah estava sentado, esperando, com uma expressão de mau humor.

– Dava para ser *mais* esquisita? – disse ele a Vivi Ann, que imediatamente parou de sorrir.

Aquilo irritou Winona. A última coisa de que sua irmã precisava era um filho desajustado e raivoso para ferir seus sentimentos.

– E você? – perguntou ela a Noah.

– Quem quer outra bebida? – perguntou Aurora rapidamente. – Todo mundo? Ótimo. Vamos, Noah. Você pode me ajudar a trazer. Vai ser bom treinar para seu último ano na escola.

Depois que elas saíram, Winona foi até Vivi Ann, que estava perto do suporte da faixa, olhando para a rua lotada. Por entre o borrão colorido e movimentado de gente, Winona sabia para onde sua irmã olhava. Para a esquina da sorveteria e o início da viela.

A casa de Cat Morgan não existia mais havia muito tempo, é claro; agora aquela viela limpa e bem-cuidada levava ao parque Kiwanise. Porém, mesmo com muitas placas e anúncios colocados nos jornais, para os moradores antigos aquela sempre seria a viela de Cat.

– Você está bem? – perguntou Winona com cautela.

Vivi Ann deu um de seus sorrisos falsos, aperfeiçoados nos últimos anos.

- Estou. Por quê?
- Fiquei sabendo que Noah se envolveu em outra briga.
- Ele disse que Erik Junior e Brian começaram.
- Provavelmente foi mesmo. O filho do Butchie sempre foi um valentão. Filho de peixe peixinho é.
- Dei a Noah o benefício da dúvida nas primeiras brigas, mas agora... Eu não sei o que fazer com ele.

Mesmo quando ele não começa, ele termina e, mais cedo ou mais tarde, vai acabar machucando alguém.

Winona considerou as palavras com cautela. De todas as minas terrestres enterradas na lama do passado da família, nenhuma explodia tão facilmente como as discussões sobre os problemas de Noah.

O ano anterior havia mudado tudo; tinha sido quase no dia de seu aniversário de 13 anos. Em um verão, ele passara de um labrador sorridente e magricela para um dobermann mal-humorado de ombros largos. Ficava com raiva por qualquer coisa, demorava para perdoar. Ele havia virado assunto de conversas pela cidade devido a seu temperamento. Alguns até mesmo sussurravam a palavra *violento*, normalmente junto com *assim como o pai*.

Winona achava que ele precisava de aconselhamento profissional, no mínimo, e possivelmente de uma vaga em uma escola para adolescentes problemáticos, mas dar esse conselho a Vivi Ann era complicado. Sobretudo vindo de Winona. A reconciliação das duas estava completa, embora um pouco condicional. Algumas coisas eram simplesmente proibidas.

– Não surpreende que ele esteja com problemas para lidar com... as coisas – comentou Winona. Ela nunca mencionava o nome de Dallas, se pudesse evitar. – Talvez ele precise de aconselhamento profissional.

- Eu já tentei. Ele não fala.
- Talvez se ele começar a praticar algum esporte. É bom para um garoto da idade dele.
- Pode falar com ele? Você se lembra como era ser alvo de zombarias na escola, não lembra?

Winona não queria concordar. A verdade era que ela não gostava de Noah ultimamente. Ou talvez não fosse exatamente isso.

Ele a assustava. Mesmo dizendo a si mesma que ele não passava de um menino, que ele havia enfrentado maus bocados e que a adolescência não era fácil, ela não conseguia se convencer. Quando olhava para ele, só via seu pai.

Dallas já tinha quase arruinado a família e ela estava com muito medo de que o filho irado e violento pudesse terminar o serviço.

- Claro – disse ela para Vivi Ann. – Eu falo com ele.



Não acredito que eu gostava do Dia dos Fundadores. Que piada. Como se as pessoas já não me considerassem um fracassado, tive que ficar no “centro de campanha” da tia Winona e entregar broches baratos para gente velha.

Quando elas começaram a fazer aquela dança estúpida, dando chutinhos para a frente no meio da rua, eu quis sair correndo. Claro que foi

justo quando Erik Junior e Candace Delgado estavam passando. Eu queria dar um soco naquela cara alegre dele, e Candace parecia mais era estar com pena de mim.

EU ODEIO ISSO.

Estou tão cansado de as pessoas acharem que sabem alguma coisa sobre mim só porque meu pai atirou em uma mulher.

Talvez ela tenha olhado para ele como se fosse escória. Talvez ele tenha atirado por isso.

Tentei perguntar para minha mãe sobre o assunto, mas ela sempre parece que vai chorar e diz que nada disso importa mais, que a única coisa que importa é quanto ela me ama.

Não.

Ela não tem ideia de como me sinto. Se tivesse, ela me levaria para ver meu pai.

É a primeira coisa que vou fazer quando tirar minha carteira de motorista. Vou dirigir até o presídio e ver meu pai.

Eu nem quero falar com ele. Só quero ver a cara dele.

Você deve querer saber o porquê, né, Sra. Ivers? Acha que estou sendo idiota por querer ver um assassino e está se perguntando se vou roubar um carro para fazer isso.

Ha, ha.

Terá que esperar para ver.



Em junho, o clube equestre fazia a primeira reunião preparatória para a feira. As meninas e várias mães estavam na cabana, sentadas no chão, no sofá, na lareira. O piso de pinho se encontrava cheio de quadrados brancos de cartolina. Em cada folha branca havia um balde de materiais. Canetinhas coloridas, régua, purpurina, tinta, tesouras decorativas, fita adesiva; mais de vinte anos de experiência haviam ensinado a Vivi Ann exatamente do que elas precisariam. Tendências iam e vinham, as palavras mudavam a cada geração, mas o modo de se expressar das meninas permanecia o mesmo: cores vivas e cola com purpurina.

Vivi Ann andou pela sala, posicionando cada uma das meninas diante de pedaços de cartolina.

– Podem começar – disse, enfim. – Comecem com o nome de seus cavalos. É a baía deles, lembrem-se, e organização e ortografia contam. Os juízes do celeiro vão ler todas as palavras.

Ela passou sobre as pernas esticadas de uma menina e se desviou de outra. Na mesa de jantar, parou. Dali, podia olhar pela velha janela da cozinha e ver o exterior do puxadinho.

A luz de Noah estava acesa.

– Me deem licença por um minuto – disse às meninas, e entrou na nova ala da casa.

À esquerda ficavam o quarto e o banheiro dela. Ela virou à direita e seguiu até o fim do corredor. Ainda não tinha arrumado tempo para escolher o carpete para essa área, então suas botas de caubói estalavam sobre o flexível piso de madeira compensada.

Ela bateu à porta do filho, não obteve resposta e entrou.

Ele estava na cama, joelhos dobrados, olhos fechados, balançado ao som da música em seu iPod. Fios brancos desciam dos fones em seus ouvidos e iam até o fino aparelho prateado.

Quando ela tocou nele, ele recuou e sentou-se.

– Quem disse que você podia entrar no meu quarto?

Vivi Ann suspirou. Eles teriam mesmo que ter a conversa do seu-quarto-minha-casa todos os dias?

– Eu bati. Você não respondeu.

– Eu não ouvi.

– Porque está escutando música alto demais.

– Dane-se.

Ela se recusou a entrar no jogo. Em vez disso, colocou o cabelo dele atrás da orelha, como costumava fazer, mas ele recuou, fugindo de seu toque.

– O que aconteceu com a gente, Noah? Costumávamos ser amigos.

– Amigos não tiram o videogame e a TV do seu quarto.

– Você foi suspenso na escola. Eu devia ter mandado flores? Às vezes os pais precisam tomar decisões difíceis para fazer o melhor pelos filhos.

– Eu não tenho pais. Tenho você. A menos que ache que meu pai está tomando decisões difíceis a meu respeito dentro de sua cela.

– Não sei por que está tão irritado ultimamente.

– Dane-se.

– Por favor, pare de dizer isso. Vamos, Noah, como eu posso ajudar você?

– Devolva minha TV.

– Então essa é a sua resposta. Você se mete em briga na escola e...

– Eu *já disse* que não foi minha culpa.

– Nunca é, certo? Você deve ser um ímã de brigas.

– Dane-se. – Ele olhou feio para ela. – Você sabe tudo.

– Eu sei de uma coisa: você é membro do clube equestre e, como tal, deveria estar fazendo um cartaz para sua baia.

– Está louca se acha que vou participar da feira este ano.

– Então estou louca.

Ele pulou da cama. O iPod ficou pendurado pelos fones de ouvido e depois caiu, batendo no chão de compensado.

– Eu não vou.

– Qual é a alternativa? Vai ficar dentro do quarto o verão todo, olhando para onde costumava ficar a

TV? Você não pratica esportes, não ajuda nas tarefas da casa e não tem amigos. Pode muito bem ir à porcaria da feira.

Ele pareceu tão magoado que Vivi Ann quis se desculpar. Ela não devia ter dito nada sobre a falta de amigos.

– Não acredito que disse isso. Não é culpa minha se não tenho amigos. É sua.

– Minha?

– Foi você que se casou com um índio assassino.

– Estou cansada da mesma briga sempre, Noah, e estou cansada de ver você sentado aqui sem fazer nada, sentindo pena de si mesmo.

– Eu não vou me apresentar na feira. Só meninas participam de exposições de cavalos. Eu já ouço merda o suficiente. Tudo o que preciso é que Erik Junior veja meu cartaz com brilho azul e rosa dizendo por-que-amo-meu-cavalo.

– Aquele cartaz ficou ótimo. Todo mundo adorou.

– Eu tinha 9 *anos*. Não tinha noção. Não vou me apresentar na feira este ano.

– Bem, você não vai ficar o verão todo em casa.

– Boa sorte para tentar me fazer sair – disse ele, voltando a colocar os fones de ouvido.

Vivi Ann ficou lá parada, olhando para ele. Ela era capaz de sentir sua pressão sanguínea subindo. Era incrível como ele conseguia afetá-la rapidamente. Enfim, permanecendo em silêncio com muito esforço, ela saiu do quarto dele, batendo a porta. Uma demonstração juvenil de irritação que assim mesmo fez com que se sentisse bem.

Na sala, ela parou.

– Eu já volto, meninas. Continuem trabalhando.

Pegando uma blusa de moletom do sofá, ela saiu da cabana e desceu até o celeiro. Estava repleto de picapes e trailers.

Dentro da arena, havia um pandemônio cuidadosamente controlado. Crianças e cachorros corriam feito loucos pelas arquibancadas, perseguindo os gatos do celeiro. Várias mulheres e meninas estavam montadas no centro da arena, praticando mudanças de pé no ar. Janie, de volta da faculdade, conduzia sua égua ao longo da cerca e Pam Espinson puxava o neto em seu novo pônei.

Vivi Ann passou os olhos pela multidão e viu Aurora nos bancos, observando a filha. Ela colocou as mãos nos bolsos e foi até a irmã. No entorno, um borrão de pessoas montadas em cavalos, a vibração dos cascos sobre a terra. Ela passou com facilidade pela multidão e sentou-se ao lado de Aurora.

– É bom ver Janie montando de novo.

Aurora sorriu.

– É bom vê-la de novo, ponto final. A casa anda muito quieta ultimamente.

– Que inveja – comentou Vivi Ann.

– Noah?

Vivi Ann se apoiou na irmã.

– Não existe nenhum livro de regras para criar adolescentes?

Aurora riu e colocou o braço em volta dela.

– Não, mas...

– Mas o quê?

Vivi Ann sabia o que estava por vir e ficou tensa.

– É melhor fazer alguma coisa antes que ele machuque alguém.

– Ele não faria isso.

Aurora olhou para ela. Não disse nada, mas ambas sabiam que ela estava pensando em Dallas.

– Ele não faria isso – repetiu Vivi Ann, embora sua voz não estivesse firme dessa vez. – Só preciso encontrar algo útil para ele fazer.



O trânsito na First Street estava quase parado no último dia de aula. Sem dúvidas, todos os alunos de último ano da cidade estavam em seus carros naquele momento, buzinando uns para os outros e cumprimentando-se pelas janelas quando se cruzavam. Winona viu alguns ônibus escolares amarelos presos no congestionamento também e pôde imaginar a reação dos motoristas cansados a tudo isso.

Se tivesse saído dez minutos antes ou depois, não estaria presa ali. Até parecia que ela estava com pressa – ou que não tinha acesso a um calendário.

Era verão no canal e também era o dia de junho em que a maioria das escolas do distrito encerrava o ano letivo, então esses dois detalhes combinados geravam um megaengarrafamento. Um trailer atrás do outro seguia pela estrada sinuosa. A maioria rebocando outros veículos – barcos, carros menores, bicicletas, jet skis. Ninguém vinha para o canal nesses meses dourados para ficar dentro de casa, afinal; vinham para se divertir na água morna e azul.

Na autoestrada, passou pelo condomínio fechado de Bill Gates e pela linda hospedaria e spa chamada Alderbrook, onde riquinhos se reuniam para degustação de vinhos, festas de casamentos e massagens com pedras quentes.

Enquanto dirigia, o canal se entortava e curvava ao lado dela; às vezes a estrada estava a centímetros da água e outras vezes havia vários hectares entre eles. Por fim, ao se aproximar de Sunset Beach, ela diminuiu a velocidade e virou no trecho íngreme de cascalho que levava à casa que havia comprado apenas uma semana antes.

Seu mais novo projeto era uma ampla casa da década de 1970, originalmente construída como casa de veraneio para uma grande família de Seattle. Havia seis quartos, um banheiro, uma cozinha do tamanho de uma caixa de ferramentas e uma sala de jantar em que cabia confortavelmente um barco a motor. Um enorme deque coberto se projetava na direção do canal e, à direita, escadas levavam a um cais de 60 metros de comprimento, todo branco devido ao cocô das aves. Cada centímetro quadrado do lugar estava dilapidado, apodrecendo ou simplesmente era feio, mas a propriedade fazia tudo valer a pena. Ao longo da estrada, enormes cedros protegiam o terreno e circundavam o gramado plano como um círculo protetor de amigos. Na frente das árvores, totalmente carregadas, havia enormes arbustos de rododendros e montes de margaridas brancas. O terreno de quase 1 hectare descia com suavidade até uma praia. Pedços brancos de conchas leitosas decoravam a areia, entremeados por belos pedços de vidro. Cem anos antes, aquele trecho de praia tinha sido um depósito de garrafas quebradas. O tempo havia levado aquele lixo e transformado-o em tesouro. Toda vez que Winona olhava para aquela praia extremamente colorida, pensava em sua mãe e sorria.

Ela parou na grama, pegou uma Coca-Cola diet no isopor que estava no banco de trás e ficou

pensando na melhor forma de reformular a casa. Obviamente ela usaria a planta baixa da construção e reformaria tudo. Era o único jeito de ter uma casa tão perto da praia ultimamente. No entanto, ela podia construir mais um pavimento. Isso significava abrir o andar de cima, garantir que todos os quartos tivessem vista e criar uma suíte máster, com banheiro, e um escritório no mesmo piso.

Perfeito.

Pegou o sanduíche de almôndegas e o bloco de anotações no carro. Sentada no gramado diante da casa, ela almoçou e começou a traçar planos para o interior da residência. Estava tão entretida com a escala dos quartos e a posição das portas que nem notou que não estava sozinha até Vivi Ann dizer seu nome.

Winona se virou.

– Oi. Nem ouvi seu carro chegar.

– Eu não queria assustar você.

Vivi Ann cruzou o gramado na direção dela enquanto Noah saía do lado do passageiro. Não fazendo nenhum movimento para se juntar a elas, ele ficou lá parado, mãos nos bolsos dos jeans largos e desgastados, ombros caídos, cabelos no rosto, parecendo estar irritado e sentindo-se explorado.

– Você veio ver a casa nova, né? – perguntou Winona. Como regra, ignorava a presença de Noah sempre que possível. Tornava a vida mais fácil. – Quer dar uma olhada?

Vivi Ann passou os olhos pelo local.

– O que vai ter que fazer antes de começar a derrubar as paredes?

– Ah, muita coisa. Sempre tem um trabalho preparatório. Você precisa ver o cais. Quarenta anos de cocô de gaivota que vai levar um tempo para limpar.

– Isso é perfeito!

– Eu sei. Um cais acrescenta 100 mil dólares ao valor da propriedade. – Winona franziu a testa. – Foi isso que quis dizer?

Vivi Ann olhou para o filho, que analisava as unhas sujas como se pudesse encontrar ouro ali.

– Noah não quer mais participar do clube equestre e está se recusando a ir à feira.

– Hum. Óbvio. Ele é menino. Talvez queira que ele faça balé também.

– Fico feliz em ver que você entende o problema. Não estava tão claro para mim.

– É claro que não. Você era linda e popular. Se quisesse jogar futebol, os caras teriam dito que era bonitinho. Ora, se você vomitasse na festa de volta às aulas os garotos fariam fila para segurar seu cabelo e ainda achariam que você era adorável. Um menino como Noah tem que tomar cuidado: nada de clubes de matemática ou computação, nada de xadrez e com certeza nada de clube equestre. Ele está tentando fazer amigos, não perdê-los.

– E você falou que ele não podia ficar sem fazer nada o dia todo.

– Eu falei? Acho que disse também que ele precisava de aconselhamento profissional. Ele parece... mais irritado do que de costume.

– Ele precisa de um trabalho de férias. E não no rancho. Não precisamos de mais um motivo para brigarmos.

– É uma ótima ideia. Ocuparia o tempo dele e lhe daria autoestima e... Winona parou. – Não – falou, balançando a cabeça. – Você não está pensando...

– Seria perfeito. Ele poderia limpar o cais. Oito horas por dia, cinco dias por semana. Você pode

pagá-lo por metro. Se pagar por hora, acho que vai falir e o cais nunca vai ficar limpo.

– Eu tenho que pagar também?

– Bem, ele dificilmente faria de graça. E você é rica.

– Veja só, Vivi Ann – disse Winona, abaixando o tom de voz. – Não tenho certeza sobre isso.

– Fale para ela que tem medo de mim, tia Winona – gritou Noah. – Fale que você acha que eu sou perigoso.

– Cale a boca, Noah – retrucou Vivi Ann. – É claro que ela não tem medo de você. – Ela voltou a olhar para Winona. – Preciso muito da sua ajuda. Você é tão boa em resolver problemas. Aurora acha uma ótima ideia.

– Você falou com ela?

– Na verdade, ela que deu a ideia.

Winona estava ferrada. Qualquer ideia vetada ou aprovada por metade da família era assunto decidido.

– Ele vai ter que subir as calças: não quero ficar olhando para a cueca dele o dia inteiro. E lavar o cabelo nos dias que trabalhar para mim.

Noah resmungou. Ela não sabia se ele havia concordado ou não.

Winona foi até ele, ouvindo Vivi Ann segui-la.

– O que acha de 25 pratas por metro?

– Salário de escravo.

Vivi Ann bateu atrás da cabeça dele.

– Tente de novo.

– Acho ótimo – resmungou ele, enfiando as mãos mais fundo dentro dos bolsos.

Winona estava com medo de que as calças caíssem até os tornozelos.

Aquela era uma péssima ideia. O garoto era exatamente igual ao pai: problemático. Mas ela não tinha saída.

– Certo. Ele está contratado. Mas se fizer besteira uma vez... *uma vez...* eu o mando de volta para você, Vivi Ann. Não sou babá.

Vivi Ann olhou diretamente para Noah.

– Se você o demitir, ele terá que participar da feira. Está entendido?

Noah não respondeu, mas seu olhar era de puro ódio adolescente.

Ele havia entendido.

VINTE



Com o que me importo?

Mais uma pergunta totalmente inútil, Sra. I. O que a senhora faz? Fica lendo um livro antigo para professores sobre como fazer os alunos se abrirem? Posso dizer com o que não me importo. Não me importo com Oyster Shores, nem com os alunos da minha sala, nem com a escola. É tudo uma grande perda de tempo.

E não ligo para os jantares em família. Por falar nisso, nós nos divertimos muito na casa dos Greys ontem à noite. É sempre a mesma coisa. A tia Aurora se gaba de seus filhos perfeitos. Ricky, o universitário exemplar, e Janie, a menina prodígio. E o vovô permanece sentado, imóvel como uma pedra, enquanto a tia Winona nos conta sobre sua maldita vida perfeita. Não era à toa que minha mãe tomava um monte de remédios para encarar o dia. Não era para eu saber disso. Eles pensam que eu sou idiota. Porque pensam que eu, quando era criança, não percebia que ela chorava o tempo todo. Eu tentava ajudá-la – é do que mais me lembro da minha infância. Mas ou ela me afastava ou me abraçava forte a ponto de eu não conseguir respirar. Conseguia ver em seus olhos quando ela estava chapada e mantinha distância. Agora ela finge que está tudo bem porque o armário de remédios está vazio e ela nunca chora.

Descobri mais uma coisa com a qual não me importo. O cais idiota da tia Winona. Está coberto de cocô de ave, então, claro, eu tenho que raspar tudo. A senhora devia ver como ela me olha. Como se eu fosse explodir a qualquer segundo ou atacá-la com uma faca. Ela também gostava de mim. É

outra coisa de que me lembro. Ela lia histórias para mim antes de dormir quando minha mãe não estava e assistia a filmes da Disney comigo. Mas agora ela se mantém distante e olha para mim quando pensa que não estou vendo.

Acho que ela tem medo de mim. Talvez seja por causa daquela vez que me irritei em um jantar de família e joguei meu copo na parede. Foi no dia em que o Erik Junior me contou que meu pai era um “assassino mestiço”. Não acreditei nele e quando cheguei em casa perguntei para a minha mãe e ela falou, falou, falou, mas não disse nada.

E ninguém entende por que me irrita. O que devo fazer quando Brian me chama de “indiozinho” e diz que deviam ter acabado com meu pai pelo que ele fez?

A sexta-feira seguinte chegou com uma promessa de verão. Um sol pálido e bonito brincava de esconde-esconde entre as nuvens; a luz aparecia e sumia no quintal como uma criança levada, até que finalmente, depois do meio-dia, chegou para ficar.

Winona estava ocupada esfregando o chão da cozinha quando notou uma mudança no clima. A princípio, não deu atenção, pensou que talvez chovesse, talvez não, e continuou trabalhando. Mas quando começou a sentir o calor pinicar a testa e formar gotículas de suor em suas costas, levantou-se e tirou as luvas de borracha. Se o sol realmente firmasse, ela devia lavar o deque. Não era certo desperdiçar dias de sol em junho, ali.

Ela vestiu um short e uma camiseta larga que descia até o meio das coxas. Enquanto prendia os cabelos em um rabo de cavalo, olhou pelo vidro embaçado do quarto e viu Noah no cais, aparentemente raspando cocô de passarinho dos corrimãos de madeira lascada. Sem brincadeira, um morto seria mais ágil.

E a calça dele estava tão caída que ela via um pedaço de sua cueca *boxer* azul.

Ele estava trabalhando ali havia cinco dias e ela não conseguia ver progresso. Ele chegava pontualmente às nove horas todas as manhãs e descia para o cais sem dizer nada. Nos dias em que ela ia ao escritório e o deixava ali sozinho, desconfiava que ele não levantava um dedo para trabalhar.

– Isso não está dando certo – murmurou, pegando um rolo de fita adesiva prateada.

Seguiu para o cais, deixando a porta bater ao passar. Já estava cansada. Tinha que empregá-lo, tinha que ignorar sua cara feia e seus cabelos ensebados, fingir que ele estava trabalhando, mas, pelo amor de Deus, não tinha que ver sua cueca.

A maré estava baixa, por isso a rampa de acesso ao cais se encontrava úmida e balançava a cada passo seu.

Ela se segurou com força aos corrimãos cobertos de excrementos de aves, atenta às partes limpas nas quais pudesse tocar, e se aproximou dele com cuidado.

– Noah.

Ele estava tão ocupado fazendo nada que se assustou com a voz dela. Deu um pulo e derrubou o raspador de metal.

– Nossa! Por que não chamou de longe?

– A fita adesiva foi uma invenção incrível. Serve para tudo. Você sabia?

Ela puxou um pedaço do tamanho de seus braços, cortou e dobrou o pedaço cuidadosamente pela metade.

– Não penso muito em fita adesiva, mas acredito em você. – Ele se abaixou para pegar o raspador. – A menos que queira me dizer algo sobre... não sei, talvez jogar conversa fora?, acho que vou voltar ao trabalho.

– Sabemos que isso é piada. Pegue isto.

Ela entregou ao sobrinho a fita adesiva dobrada.

– O que é isto?

– É o seu novo cinto. Enfie-o pelo passador da calça. Sabe fazer isso, certo? Faça um nó na frente. Não quero ver nem um pedaço da sua cueca.

– Você só pode estar brincando.

– Estou com cara de quem está brincando?

– É estiloso – argumentou ele com teimosia.

– Ah, sim, você é o próprio Giorgio Armani. Coloque o cinto. Se consegue se lembrar, foi uma condição do acordo ridículo que eu e você chamamos de emprego.

– E se eu não colocar?

Ela sorriu.

– Sabe o que eu adorava na feira? O fato de meu chapéu e minha luva sempre combinavam com a cor da calça de montaria. Eram todos do mesmo tom de azul. Sua mãe dizia que era a roupa da vitória. E todo mundo que eu conhecia estava ali, vendo que eu estava vestida como um mirtilo gigante.

Noah não disse nada.

– Aposto que você vai ficar lindo com qualquer roupa que ela fizer. Ela ainda está fazendo as roupas de caubói, não está?

– Passa isso para cá – disse ele, pegando o cinto improvisado. Demorou um pouco a correr a fita pelos passadores e amarrá-la, mas quando terminou sua calça estava na altura da cintura. O nó ficou bem grande. – Estou ridículo.

– Não posso discordar. Se você tivesse comprado uma calça do seu número, estaria melhor.

– Que seja.

– Que frase útil. Percebi que você gosta bastante dela. Na condição de sua patroa, gostaria que você usasse frases mais completas.

Ele olhou para ela.

– Que seja... tia Winona.

– Estamos progredindo.

Ela começara a explicar, mais uma vez, como raspar as fezes das aves quando escutou um caminhão se aproximando. Cobriu os olhos com as mãos para protegê-los do sol e viu uma van grande amarela estacionar na frente da casa ao lado.

– Gostaria de saber quem comprou essa casa – disse ela. – Estão fazendo reformas há semanas.

– Não me diga.

– Não digo mesmo. O que vou fazer é ir lá conhecer meus novos vizinhos.

Ela subiu a rampa íngreme e atravessou o jardim malcuidado. Toda a vegetação ao redor de sua propriedade estava alta, quase como uma selva. Rododendros gigantes e juníperos alastrando-se, cercas vivas crescendo sem poda. Ela espiou pela abertura estreita na folhagem e tentou ver a casa. Infelizmente, o caminhão de mudança estava bem à sua frente. Decepcionada, ela voltou para a própria casa e começou a limpar o deque com a lavadora de alta pressão.

Já no meio da tarefa, molhada e suada, de pé em meio aos filetes de água formados a partir da nuvem de gotículas da lavadora, percebeu um homem diante do deque, sorrindo com hesitação. Era alto e corpulento, tinha um rosto simpático e cabelos ralos. Vestia uma camisa de seda cara com estampa havaiana, short cáqui e sandálias de couro e ela percebeu, no mesmo instante, que ele era uma pessoa afeita ao verão, que estava ali aproveitando o que os turistas chamavam, de um modo ridículo, de “a estação”. Provavelmente vinha de Bellevue ou Woodinville. Não era à toa que ele havia investido tanto dinheiro na reforma da casa da velha Shank sem se importar em supervisionar o trabalho. Ao lado dele, havia uma garota ruiva que devia ter 12 ou 13 anos.

Winona desligou a lavadora e soltou a mangueira com o esguicho. De repente, notou que estava horrorosa: short velho, camiseta larga e toda manchada, cabelos úmidos num rabo de cavalo meio solto. Tentou não pensar em suas pernas grossas e branqueladas.

– Olá – disse ela, abrindo um sorriso forçado. – Vocês devem ser os vizinhos novos.

O homem caminhou na direção dela, estendendo a mão grande.

– Sou o Mark. Esta é minha filha, Cissy.

Winona apertou a mão dele. Um toque firme, forte. Ela gostava disso.

– Winona.

– Prazer em conhecê-la, Winona. – Ele respirou fundo e soltou o ar, olhando ao redor. Estranhamente, ela pensou em um rei analisando suas posses. – Aqui é encantadoramente belo.

Ela afastou os cabelos suados do rosto.

– Não me canso desta vista.

– É inesquecível, independentemente da distância.

Winona viu Noah subindo o deque e imaginou que fosse meio-dia. O rapaz podia não saber o que era trabalhar, mas sabia bem o que era descansar. No topo da rampa, ele parou e então, devagar, desceu em direção a eles, com os ombros encolhidos, mãos nos bolsos, cabelos cobrindo os olhos.

– É o seu filho?

– Não – disse ela rapidamente.

Noah olhou para ela com uma cara feia.

– Este é o Noah. Filho da minha irmã. Noah, estes são Mark e Cissy.

Noah ergueu o queixo levemente.

– E aí?

Um cumprimento desleixado. Winona se segurou para não demonstrar sua insatisfação. Ele mais parecia um morador de rua com aquela calça larga e suja e a fita amarrada na cintura. Os tênis enormes de skatista que ele calçava pareciam pães.

Sem dúvida, Mark pegaria sua linda e preciosa filha e correria de volta para casa.

Mas ele disse:

– Cissy e eu íamos pegar o barco esta tarde. Estamos pensando em fazer um pouco de esqui aquático.

Vocês querem ir com a gente?

Winona se surpreendeu com o convite.

– Sua esposa...

– Sou divorciado.

De repente Winona passou a vê-lo de um modo totalmente diferente. Ele era mais velho do que ela, cinco ou dez anos, provavelmente, mas tinha um belo sorriso.

– Infelizmente, acho que Noah não tem um calção.

– Eu estou de calção – disse ele. – Por baixo do meu cinto bacana de fita adesiva.

– Você está de calção?

Ele deu de ombros:

– Eu nado, às vezes.

Mark sorriu.

– Combinado, então. Vamos preparar algumas coisas e encontraremos vocês em nosso cais em trinta minutos, pode ser?

– Claro – respondeu Winona.

Assim que eles saíram, ela entrou na casa e se olhou no espelho.

– Ai, meu Deus.

Estava pior do que pensava. Parecia a filha da Demi Moore com o boneco da Michelin: pernas gorduchas e brancas, braços gordos, cabelos desgrehados e embaraçados, camiseta úmida e manchada por causa da água e do suor. Correu para o banho, lavou os cabelos, raspou as axilas e pernas com uma lâmina de barbear. Não havia tempo para secar os cabelos, então ela os prendeu em uma trança embutida e passou maquiagem.

Então ela olhou para o seu maiô. Era tamanho XXL e, a menos que estivesse muito enganada, ela mal caberia dentro dele. Que ótimo. O primeiro cara solteiro e razoavelmente bonito que ela conhecia em quase um ano e ela teria que exhibir seu corpo logo no primeiro dia? Isso faria com que ele nunca mais a chamasse para sair.

– Você não vai poder nadar, sua gorda.

Então ela escolheu uma calça capri preta e uma regata branca comprida.

Exatamente ao meio-dia e meia, ela estava no quintal, carregando uma caixa de isopor cheia de latas de cerveja, Coca-Cola e petiscos. Não tinha roupas de verão bonitas, mas comida era algo que ela sempre tinha.

Noah estava à toa no deque e ela o chamou para dentro. Quando ele entrou na cozinha, ela ficou assustada por um momento. Ele vestia apenas um short azul que começava bem abaixo da cintura e cobria o quadril estreito. Quando seus ombros tinham crescido daquele modo? E os braços também. Seu corpo era esguio e definido como o de um corredor.

– Sente-se – disse ela, esperando pacientemente que ele a obedecesse.

– Por quê?

– Aquela menina é bem bonita. Vi como você olhou para ela.

– Tanto faz.

Ela olhou para ele franzindo a testa.

– Tanto faz, tia Winona.

– Ela pode achar você bonitinho se desfizer a carranca e parar de tentar se esconder atrás de seus cabelos de Mortícia.

– Meus o quê?

– Você quer que ela pense que você é bonitinho?

– Gostoso – respondeu ele, olhando para ela com desconfiança. – Bonitinhos são os cachorrinhos.

– Tanto faz. Você quer que ela ache que você é gostoso?

– Você devia dizer “tanto faz, Noah”, entendeu?

Ela quase sorriu.

– Gostoso ou desleixado. O que escolhe?

– Gostoso – disse ele por fim, sentando-se na cadeira para a qual ela apontava.

– Ótimo. – Ela escovou os cabelos dele com movimentos fortes e agressivos, desembaraçando as mechas até ficarem lisas e macias sobre os ombros. – Sua mãe não devia ter deixado seus cabelos crescerem tanto. Mas acho que ela sempre gostou de cabelos assim. Eu me lembro... – Ela percebeu o que estava prestes a dizer, calou-se e prendeu os cabelos do sobrinho em um rabo de cavalo. – Pronto.

Ele olhou para ela e perguntou baixinho:

– Você sabia que ele era um assassino desde o começo? Sei que ele enganou a minha mãe, mas todo mundo diz que você é muito esperta...

Winona respirou fundo. Vivi Ann preferiria ignorar a pergunta, mas ela não era assim.

– Não, eu não sabia.

– Ele não me deixa ir visitá-lo.

– Acho que isso provavelmente é o melhor.

De repente, ele pareceu jovem e vulnerável.

– Por que ninguém se importa com o que penso?

Antes que Winona pudesse responder, alguém bateu à porta e ela foi atender.

Cissy estava ali, vestindo um biquíni de lacinho minúsculo.

– Meu pai pediu para dizer que ele está pronto.

Noah se levantou e caminhou na direção delas.

Winona observou Cissy olhar fixamente para seu sobrinho. Talvez não conhecesse as palavras que os jovens usavam atualmente – gostoso, bonitinho ou delícia, qualquer uma –, mas com certeza sabia o que uma garota queria dizer quando olhava para um garoto daquela forma.

– Em que ano está na escola, Cissy? – perguntou ela.

– Estou indo para o nono ano.

– É mesmo? O Noah também. – Ela se virou para ele, viu que estava corado. – Acho bom você se esforçar nos trabalhos de literatura deste semestre.

Ele corou ainda mais e murmurou algo.

– Você gosta de estudar aqui? – perguntou Cissy a ele.

Noah deu de ombros.

– É normal.

– Minha avó diz que eu não vou ter dificuldades para fazer amizades, mas sei lá...

- Quem é a sua avó? – perguntou Winona. – Você tem parentes na cidade?
- Cissy estava ocupada olhando para Noah, por isso demorou um pouco a responder.
- Meu pai fez o ensino médio aqui. Nossa família toda é de Oyster Shores.
- Ensino médio em Oyster Shores? Está brincando? Então eu devo conhecê-lo.
- Você deve conhecer a minha avó. Myrtle Michaelian. Ela mora na Mountain Vista.
- Sim – disse Winona, tentando imaginar se Noah percebia a importância daquele nome. – Conheço a Myrtle.



Os verões eram mais fáceis para Vivi Ann. Ela acordava bem cedo, muito antes de o sol raiar, e dava início à longa lista de tarefas que ocupavam seus dias. Havia aulas, oficinas e *jackpots* para organizar, animais para alimentar e exercitar, cavalos para treinar e a feira para a qual se preparar. Ela se mantinha ocupada da manhã até a noite, sempre muito atarefada, sem tempo de pensar em nada, porém, mesmo nas temporadas mais movimentadas, havia noites como aquela, quando o rancho ficava silencioso e escuro, o céu repleto de estrelas, e ela não conseguia esquecer como um dia fora sair sorrateiramente de seu quarto e atravessar os campos gramados até aquela casa. Como era a sensação de estar viva, de ser feita de luz do sol, não de trevas.

– Oi, Renegado – falou, aproximando-se da cerca.

O velho capão mancou até ela, relinchando baixinho.

Ela deu uma maçã a ele e coçou suas orelhas.

– Como você está se sentindo, menino? A artrite voltou? Precisa de um pouco de anti-inflamatório?

Atrás dela, um carro se aproximou; dois faróis brilharam na escuridão, assustando Renegado, que se afastou.

Vivi Ann se virou a tempo de ver Winona e Noah saindo do carro. Eles caminhavam lado a lado, conversando. Winona disse algo e empurrou o sobrinho. Ele se jogou para o lado, rindo.

Ela não acreditou no que viu. Não sabia se já os vira *conversando*, quanto mais brincando.

Caminhou para encontrá-los.

– Oi, mãe. – Noah sorriu e aquele sorriso deixou Vivi Ann sem ação.

Vestindo short e regata, com o cabelo preso em um rabo de cavalo, ele parecia relaxado. Feliz.

– Aprendi a praticar esqui aquático hoje. Foi incrível. Demorei muito tempo para me levantar, mas quando me levantei, fui muito bem. Não fui, tia Winona?

– Nunca vi tamanha habilidade natural. Ele atravessava as ondas como um profissional.

Vivi Ann percebeu um sorriso se abrir. Por um momento perfeito, tudo ficou certo em seu mundo.

– Que ótimo, Noah. Quero muito ver.

– Vou escrever sobre isso no meu diário – disse ele. – Obrigado, tia Winona. Foi incrível.

Vivi Ann observou Noah entrar em casa e então se virou para a irmã.

– Onde está o meu filho e quem era aquele garoto?

Winona riu.

– Ele foi muito bacana.

Vivi Ann abraçou a irmã.

– Vou lhe pagar uma cerveja. Venha.

Elas pegaram duas cervejas da geladeira e voltaram para fora. Sentadas no balanço da varanda, lado a lado, ombros se tocando, observaram o rancho calmo.

– É um milagre ver Noah sorrindo de novo.

– Ele é um menino muito legal por trás daquela fachada. – Winona parou. – Ele tem muitas dúvidas a respeito do pai.

– Eu sei.

– Já é bem difícil ser um adolescente como os outros, sem se sentir diferente e sem escutar o tempo todo que seu pai... você sabe.

– Sempre tive medo dessa conversa. Sei por que precisamos conversar. Mas ele vai me perguntar se Dallas fez aquilo.

– O que você vai dizer?

– Se eu disser que o pai fez aquilo, então Noah é filho de um assassino. Se eu disser que não fez, então, o pai está apodrecendo na prisão por um crime cometido por outro homem, e a injustiça é algo difícil com que se lidar. Pode acreditar: eu sei. Então, me diga, Obi-Wan, qual é a resposta certa?

Winona pareceu pensar.

– Quando eu era criança, a mamãe dizia que eu tinha os ossos grandes e era bonita. Eu sabia que não era verdade: eu tinha espelho. Mas também sabia que ela acreditava nisso e era o que importava. Sabia que ela me amava. – Ela se virou para Vivi Ann. – Diga que ele é uma boa pessoa, apesar do que os outros possam pensar. Diga que não importa quem o pai dele foi. O que importa é quem *ele* é.

Vivi Ann se recostou na irmã mais velha. Era em momentos assim que se alegrava por ter decidido perdoar Winona.

– Obrigada.

– De nada. O que devo fazer se ele fizer perguntas?

– Responder, acho. Talvez ajude.

Winona olhou para sua cerveja. Depois de permanecerem caladas por um tempo, Vivi Ann disse:

– Tudo bem. Pode desembuchar.

– Como assim?

– Você nunca fica calada por tanto tempo. O que está pensando?

– O cara com quem saímos hoje é Mark Michaelian. Filho de Myrtle. Ele se formou uns cinco anos antes de mim.

– Ah.

Vivi tomou um grande gole de cerveja.

– Ele me convidou para sair. Você se importa se eu for?

Vivi Ann se recostou no balanço e deu impulso para trás, fazendo com que ele balançasse devagar.

Os sons familiares do rancho as cercavam – o ronronado distante das ondas e as pisadas dos cavalos no pasto, além do tilintar das correntes de metal atrás dela.

– Se quiser que eu cancele o encontro, posso cancelar – disse Winona.

Vivi Ann sabia que era verdade. Uma das coisas a respeito do passado era que havia segredos escondidos, mas ainda estavam na casa. Elas tomavam muito cuidado para não expô-los. Os mesmos erros não poderiam ser repetidos.

– Você não namora ninguém há quanto tempo? Dois anos? O último foi aquele biólogo marinho que passou o verão aqui.

– Obrigada por me lembrar.

– Não foi com essa intenção. Eu quis dizer que... claro. Saia com o Mark. Você tem minha permissão.

– É sério?

Vivi Ann assentiu.

– Sério.

Aquela decisão foi boa, fez com que ela sentisse que finalmente havia superado as coisas.

– Tem certeza?

– Tenho. Tudo agora é passado.

Hoje o dia foi tão bom que eu nem preciso de uma das perguntas chatas da Sra. I. Sinto que se não colocar tudo no papel, vou me esquecer e eu **NÃO QUERO ME ESQUECER**.

Começou péssimo. Eu nem imaginava que as coisas iam mudar. Fui para a casa da tia Winona e ela foi esnobe, como sempre, com aquela cara de quem comeu e não gostou. Desci a calça o máximo que consegui só para irritá-la e deve ter dado certo, porque na hora do almoço ela desceu o cais correndo até mim, segurando um pedaço comprido de fita adesiva que eu tive que usar como cinto. Senti vontade de pedir para ela não me encher a paciência, mas ela começou a falar sobre a feira e a roupa que minha mãe me fez vestir no ano passado e eu amarelei. Imaginei Erik Junior e Brian e todos os outros idiotas me vendo apresentar os cavalos com um monte de menininhas e concluí que a fita era a melhor opção. Eu me senti um fracassado depois disso, mas e daí? Meio que já me acostumei e não tinha ninguém lá para me ver. Mas comecei a raspar a sujeira de passarinho mais devagar, só para ela ficar nervosa e eu sei que funcionou. Às vezes, eu noto que ela fica parada naquele deque me observando trabalhar e quase consigo escutar seus dentes rangendo. Ela quer me dispensar, mas não pode fazer isso, e eu acho legal.

Bom, eu estava enrolando, sem fazer quase nada, quando olhei para a casa e vi uns desconhecidos no quintal, conversando com a minha tia. Aquilo era estranho, então larguei o raspador e me aproximei, apesar de minha tia detestar quando paro de trabalhar.

Quando cheguei perto, vi que era um cara velho com um cabelo que ele deveria raspar de uma vez, e não ficar tentando manter. Estava vestido como um garçom, mas não foi ele que chamou minha atenção.

Foi a menina mais linda que já vi na vida. O mais legal é que ela não ficou olhando para mim como se eu fosse só um índio. Quando o pai dela nos levou para praticar esqui aquático, quis se sentar comigo e tudo. Ela me contou que tinha viajado pelo mundo com o pai durante um ano e agora que tinham voltado a Oyster Shores, ela estava chateada, porque todos os seus amigos moram em Minnesota.

Então ela me perguntou se eu queria encontrá-la amanhã. Sei que ela não vai mais querer ser minha amiga quando souber de toda a merda que contam e descobrir que ninguém gosta de mim. Eu não tô nem aí.

Quando chegamos em casa, minha mãe estava tão legal com tudo que até me deixou sozinho para ir à Outlaw com minha tia Winona. Ela NUNCA faz isso. Acho que tem medo de que eu fume crack ou incendeie a casa, mas hoje à noite ela disse que estou crescendo e fazendo boas escolhas, disse que fiz por merecer.

Minha mãe acabou de chegar da Outlaw e estava rindo, feliz. Fazia tempo que não via a mamãe assim. Ela até se sentou comigo no sofá, me abraçou e me disse que estava orgulhosa de mim e também pediu desculpas. Não me disse por que estava se desculpando, mas sei que é por causa do meu pai e pela confusão de tudo, então eu disse que está tudo bem. Sei que foi idiota, mas gostei quando ela disse sentir orgulho de mim. Foi meio que legal.

VINTE E UM



— Certo, estamos aqui. O que é tão urgente?

Winona se virou para olhar para as irmãs, que estavam perto da porta da frente.

— É uma emergência de estilo. Meu encontro com o Mark será dentro de uma hora e eu preciso dar um jeito de perder 20 quilos e comprar um guarda-roupa inteiro novo. E acho que preciso fazer um *peeling*.

— Respire fundo – disse Vivi Ann.

— O que ela tem? Está em trabalho de parto? Respirar não ajuda. Minha sugestão é darmos uma bebida para ela – falou Aurora.

— Não podemos embebedá-la antes do encontro. – Vivi Ann riu. – Além disso, nos últimos tempos, a bebida tem sido sua sugestão para qualquer situação.

— A constância é uma virtude – disse Aurora, empertigando-se. – Volto já.

Ela saiu da casa e logo voltou com o kit de maquiagem (que ficava guardado dentro de um grande estojo de marca, como uma caixa de ferramentas) e uma caixa bonita e cor de rosa da loja de roupas da Main Street.

— O que é tudo isso? – perguntou Winona. – Eu chamei vocês há apenas quinze minutos.

— Estávamos esperando – explicou Vivi Ann. – Lembra quando o banqueiro de Shelton a convidou para sair? Você estava um traste.

— E aquele professor de Silverdale? Acho que você vomitou antes que ele chegasse – acrescentou Aurora.

— Isso mesmo.

Winona se sentou no sofá que comprara em uma venda de garagem, notando, pela primeira vez, que ele tinha cheiro de gasolina.

— Estou perdida.

Vivi Ann se sentou ao lado dela.

— Não. Você tem esperança. É este o seu problema. Talvez esse cara seja finalmente o cara. O seu Neo.

— Você precisa usar a palavra *finalmente*? E eu detestei *Matrix*, você sabe muito bem. Não faz o menor sentido.

— Ela curte o Tom Hanks em *Sintonia de amor* – disse Aurora.

Todas elas sabiam, apesar de nunca dizerem, que desde o casamento de Luke, sete anos antes, Winona havia ficado cada vez mais desanimada em relação a seu futuro amoroso. Sua autoestima, que nunca tinha

sido muito alta no que dizia respeito a homens, havia despencado abaixo do nível do mar.

– Vamos logo com isso – falou Aurora. – O Ricky vem para casa este fim de semana e eu quero preparar as *enchiladas* de que ele tanto gosta.

Winona se deixou contagiar pelo entusiasmo e pela experiência das duas. Vivi Ann alisou os cabelos compridos de Winona com dificuldade, mecha por mecha, até vê-los caídos em colunas sedosas ao lado de seu rosto. Aurora passou maquiagem com um surpreendente cuidado: sombra violeta nas pálpebras com cílios cobertos de rímel, um pouco de blush com tom rosado e um batom claro o bastante para destacar a cor de seus olhos.

– Uau – disse Winona, sorrindo para o que via no espelho. – Pena ele não poder levar apenas a minha cabeça para jantar.

Aurora se aproximou por trás, segurando um vestido preto e leve de verão com um decote em V e uma saia de cintura império com tecido amassado.

– Meus braços ficarão à mostra – disse Winona.

– Assim como seus peitos – retrucou Aurora, ajudando Winona a tirar a camiseta enquanto Vivi Ann puxava a calça de moletom. – Você se depilou?

– Não sou uma idiota completa.

– Não sei, não. Pronto.

Winona deixou Aurora vesti-la. A roupa se ajustou como devia e ela se virou para o espelho e tentou ver a si mesma da perspectiva de Mark: uma mulher alta, de ossos largos, com um rosto bonito e braços flácidos, usando um vestido preto de verão com decote. Sem uma lipoaspiração, aquele era o seu melhor.

– Obrigada, meninas.

Aurora a observou. Tirou um brinco de pingente vermelho, depois o outro, e os entregou a Winona.

– Use isto. E tente não falar sobre sua campanha.

– Por que não?

– Você não consegue evitar os detalhes tediosos. Principalmente quando começa a falar sobre as reformas no centro da cidade. Acredite em mim. Feche a boca.

Winona olhou para Vivi Ann à espera de apoio.

– É mesmo?

Vivi Ann riu.

– É mesmo.

Aurora olhou para o relógio.

– São quinze para as seis. Preciso ir.

Ela abraçou as duas e saiu.

– Não enlouqueça com nada disso, está bem? – disse Vivi Ann. – Ele tem sorte de sair com você.

– Obrigada – respondeu Winona, desejando poder acreditar naquilo. – O Noah perguntou se podia trabalhar até as nove da noite. Tudo bem por você?

– Claro. Volto para buscá-lo quando ele telefonar. Ele tem sido ótima companhia nos últimos dias. Até *sorriu*. Parece que voltou a ser o menino que era antes de os hormônios atacarem. E eu acho que muito disso foi graças a você.

– Não fiz nada de mais.

– Winona Grey não assumindo os créditos por algo? O que aconteceu com o mundo?

– Muito engraçada.

Vivi Ann lhe deu um abraço apertado, um beijo no rosto, disse tchau e foi para fora da casa, onde conversou com Noah por alguns minutos, e então partiu.

Winona imediatamente começou a andar de um lado para o outro. Parecia um daqueles ursos-polares do zoológico, à beira da cerca, enlouquecendo aos poucos. Ela detestava primeiros encontros; havia tanta esperança neles. E só Deus sabia que ela já aprendera muito bem que essa emoção sincera poderia ser bem perigosa. Sempre que conhecia um cara novo, pensava: talvez ele seja o cara, talvez ele finalmente me faça esquecer o Luke.

– Tia Winona?

Ela parou de andar, feliz com a distração.

– Você não precisa continuar a trabalhar hoje, certo?

– Mas eu quero. Se eu não estivesse trabalhando, estaria no meu quarto, jogando Xbox. – Ele sorriu.

– Ah, sim. Minha mãe maluca pegou meu Xbox quando fui suspenso da escola.

– Então, está me dizendo que raspar cocô de passarinho da madeira é a única coisa que você tem a fazer num sábado à noite?

– Caramba. Que boa maneira de fazer com que eu me sinta um fracassado.

– Desculpe.

Ele assentiu e ficou ali, olhando para ela. Ela notou que ele havia se arrumado: os cabelos brilhosos estavam presos em um rabo de cavalo e a camiseta regata e a bermuda eram do tamanho certo para ele. Ainda estava usando aqueles tênis horrorosos de skatista, mas nem todas as guerras da moda podiam ser vencidas de uma vez.

– Parece que você quer dizer alguma coisa.

Ele se sentou no braço do sofá.

– O que você faz quando gosta de alguém?

– Costumo vomitar – disse ela, rindo. Então olhou para ele. – Ah. Você está falando sério. Bem.. –

Ela se aproximou dele, sentando-se na velha caixa de leite que usava como mesa de centro. – Pessoas diferentes podem dar respostas diferentes e eu com certeza não sou especialista, mas as coisas com as quais mais me importo são honestidade e respeito. Se um cara me dá isso, eu fico feliz.

– Você já se apaixonou?

A pergunta a surpreendeu. Ninguém lhe perguntava aquilo havia muito tempo, e não era algo que ela perguntasse a si mesma, mas quando as palavras foram ditas, não houve como fingir que não as tinha escutado. Como era de esperar, a imagem de Luke lhe ocorreu, mais claramente do que deveria. Desejava esquecê-lo, mas não conseguia. Ele era O Cara certo para ela. Como Vivi Ann diria, seu Neo. Ele era a referência a partir da qual ela julgava todos os outros homens. E ele nunca a havia amado. Não era bem ridículo?

– Sim, há muito tempo – respondeu ela.

– O que aconteceu?

Ela sentiu vontade de mentir, de não dizer nada ou de inventar uma desculpa, mas quando olhou nos olhos sérios do sobrinho, lembrou-se do que havia aprendido graças a Luke. Mentiras e omissões costumavam se espalhar como se fossem uma camada muito espessa de adubo, matando tudo o que está embaixo.

– Ele não me amava.

– Que droga.

Ela não conseguiu conter um sorriso.

– Pois é. Ele está casado agora. Tem dois filhos pequenos.

– Talvez ele ainda pense em você.

– Talvez. – Winona se levantou, desejando, de repente, acabar com aquela conversa. – Bom, são seis horas. O Mark deve chegar a qualquer momento. Vou deixar a casa aberta para você, se por acaso precisar ir ao banheiro. Tem bastante comida na geladeira.

A campainha tocou.

– Ele chegou – disse Winona com nervosismo. – Chispe daqui. E fique longe da bebida – brincou ela enquanto ele se afastava.

Assim que ele desapareceu, Winona caminhou até a porta da frente e a abriu.

Mark estava ali, segurando um buquê de flores.

– Isto é muito clichê? Os homens ainda dão flores em um encontro?

Ela percebeu que ele estava tão nervoso quanto ela e, com isso, ficou mais calma.

– Os homens bons, sim. Entre enquanto eu coloco as flores na água. Quer beber alguma coisa?

– Não bebo.

Ela se virou para ele.

– Tem alguma história por trás disso?

Sem olhar para ela, ele assentiu.

– Você se incomoda de sair com um ex-alcoólatra?

– Mal posso esperar por isso.

Segurando Winona pelo cotovelo, ele a conduziu para fora, atravessando o jardim malcuidado, passando pelo arco da cerca viva que havia sido recém-podada, entrando em sua bela casa reformada. Em todas as direções que ela olhava, havia algo primoroso: uma enorme lareira de mármore feita na Itália; um tapete de orações de seda iraniano de 400 anos, com fundo de veludo preto e bordas douradas; luminárias feitas à mão, vindas de Veneza.

Ela o seguiu por uma sala de TV em tom caramelo, cheia de móveis grandes e dominada por uma televisão enorme. Cissy estava encolhida em uma poltrona estofada, tomando sorvete e assistindo a um filme.

– Oi – disse ela, apertando o botão de pausar.

A imagem na tela ficou congelada. Hugh Jackman como Wolverine parou em meio a um voo.

Mark se inclinou para a frente e beijou sua cabeça.

– Estarei com o celular ligado. Devemos voltar entre dez e onze horas.

– Telefone quando estiverem saindo do restaurante para eu saber o horário que devem chegar. Senão eu não vou saber quando entrar em pânico.

Winona sorriu. Aquilo era o tipo de coisa que ela teria dito a suas irmãs.

Mark conduziu Winona escada acima e eles saíram no deque. Ali, ele pegou uma caixa de isopor e um cobertor.

– Vamos acampar? – perguntou ela.

– Venha comigo.

Ele desceu o cais com ela até o barco, onde a acomodou ao lado dele.

Eles se afastaram do cais atravessando as águas calmas. De vez em quando, um praticante de esqui aquático ou alguém com um jet ski passava ao lado, causando uma ondulação que balançava o barco, mas, durante a maior parte do tempo, aquela noite clara de junho se manteve calma. Não havia nuvens no céu, nada que lançasse sombras na água, que tinha um tom verde-escuro naquela parte do dia, totalmente tranquila.

Winona observou as casas na costa, percebeu que muitas das mais novas e maiores tinham surgido nos últimos anos. Tentou imaginar quanto tempo demoraria para que a área toda mudasse por completo. Mark manobrou o barco na direção do cais público de Alderbrook Lodge, parando ao lado de um lindo iate antigo de madeira chamado *The Olympus*.

Ele a ajudou a sair do barco, pagou a taxa do atracadouro ao rapaz que cuidava dali e, juntos, ele e Winona caminharam em direção a terra.

O recém-reformado Alderbrook era um resort de serviço completo construído na estrutura do que já tinha sido uma pousada antiga de propriedade de uma família. Ficava em uma extensão extremamente bela de terra que tinha vista para o calmo canal e para a cadeia irregular das montanhas Olympic e todos os quartos e aposentos eram muito bonitos. Construído em pedra, madeira e vidro, era uma expressão perfeita da moderna e luxuosa região noroeste.

No restaurante, a recepcionista os acomodou a uma mesa ao lado da janela e praticamente desde o primeiro segundo eles começaram a conversar. Mark contou a ela a respeito do ano em que ele e Cissy viajaram pelo mundo e as coisas incríveis que eles tinham visto. Descreveu a Tailândia, Angkor Wat e o Egito com uma riqueza de detalhes que fez Winona querer conhecer tais lugares.

– Eu adoraria ir a esses lugares – disse ela quando o jantar terminou e eles estavam sentados nas grandes cadeiras de plástico no gramado do resort.

Anoitecia. O céu era uma mancha brilhante de tons estriados: laranja, cor-de-rosa, lilás. A água havia se tornado escura e apenas o suave barulho das ondas fazia lembrar da presença do mar.

– Você já viajou?

– Não, na verdade, não.

– Por quê?

Winona deu de ombros.

– Minha mãe morreu quando eu tinha 15 anos e eu precisei amadurecer depressa. Depois da faculdade de direito, voltei para cá para trabalhar porque minhas irmãs e meu pai precisavam de mim.

– Suas irmãs tiveram sorte de tê-la aqui. Quando minha esposa foi embora, Cissy, coitada, só teve a mim.

Aquele foi um assunto que ele mencionara a noite toda, mas não entrou em detalhes. Ela queria perguntar a ele sobre a ex, mas as coisas estavam indo tão bem que não queria estragá-las.

Durante as horas seguintes, eles permaneceram sentados nas cadeiras de plástico, observando a vista que escurecia e conversando à vontade, como velhos amigos. Winona não conseguia se lembrar de quando um primeiro encontro – principalmente um jantar – tinha sido tão bom.

Finalmente, às onze horas, ele disse:

– Melhor a gente voltar. Não gosto de deixar Cissy sozinha por tanto tempo.

E ele também era um bom pai.

– Claro – concordou Winona, sorrindo para ele.

Depois de um telefonema rápido para Cissy, eles se dirigiram lentamente para casa sob um domo de estrelas brilhantes e atracaram no cais. Enquanto subiam o trecho até a casa dela, ele segurou sua mão. O primeiro beijo deles foi tudo o que ela havia imaginado: suave, firme e repleto de anseio. O desejo havia muito adormecido de Winona ganhou vida, o que fez com que ela se lembrasse de que os beijos não bastavam.

De repente, ele se retraiu.

– O que houve? Sou eu, certo? Você não sente atração por mim.

– Não é você. Sou eu – explicou Mark.

Uma frase ao estilo de George Costanza, do seriado *Seinfeld*. Ela esperava mais dele e este tinha sido seu erro.

– Certo. – Ela suspirou e virou-se.

– Win. – Ele segurou sua mão e obrigou Winona a olhar para ele.

– Você não precisa fazer uma encenação. Tudo bem. Eu entendi, pode acreditar. Só pensei que estávamos nos dando bem, só isso.

– É esse o problema.

– Não entendi.

– Minha esposa. Ironicamente, seu nome era Sybil, como Sibila, a feiticeira da Antiguidade. Eu devia ter visto isso como um sinal, não como piada. Bom, eu a amo. – Ele hesitou e olhou para a água ao sussurrar: – Amava.

– E?

Ele deu de ombros.

– Gostaria de saber o que aconteceu. É o que me assombra. Eu acreditava que éramos felizes. Até que voltei para casa e só encontrei um bilhete dela, com um “Desculpe, Mark”. Ela se apaixonou pelo instrutor de pilates e foi embora. Assim, do nada. Cissy e eu ficamos desnorteados.

– Deve ter sido terrível.

– Não desista de mim. Posso pedir isso? Sei que não tenho direito de pedir, mas peço mesmo assim. Não desista.

– Pode acreditar, Mark: desistir é algo que não sei fazer.

– Tudo bem, então.

– Certo.

– Eu ligo para você.

– Você sabe onde me encontrar – disse ela, observando-o enquanto ele se afastava.

Mark atravessou o deque, aproximou-se de sua propriedade e então desapareceu atrás de um arbusto escuro. Ela ficou tentando imaginar quanto tempo teria que esperar pelo telefonema dele.

A noite de ontem foi la primera da minha vida. Assim que a tia Winona e Mark partiram para o encontro, eu subi a rampa para o quintal e esperei. Meu coração batia tão forte que pensei que fosse acabar vomitando. Não consigo descrever como me senti ao vê-la passar pela abertura da cerca e

por saber que ela queria ficar comigo.

Perguntei se queria assistir a um filme, mas ela disse que a noite estava tão linda que podíamos nos deitar na grama para conversar. E foi o que fizemos. Peguei um cobertor do quarto de hóspedes da tia Winona, estendi no gramado e Cissy pegou umas Cocas e salgadinhos na casa dela. Nós nos deitamos lado a lado e ficamos conversando sobre um monte de coisas.

Foi demais. Ela me contou que sua mãe simplesmente foi embora um dia e nunca mais nem telefonou e que o pai dela passou a beber quando isso aconteceu. Ela começou a chorar enquanto me contava e eu não soube o que fazer. Queria dizer a coisa certa, mas sei que não tem o que ser dito. Talvez seja por isso que minha mãe nunca fala sobre meu pai. Às vezes, essas merdas machucam e pronto.

Ela fez um barulhinho quando eu toquei nela, meio como um pneu murchando, e percebi que ela tinha parado de olhar para o céu e olhava fixamente para mim. “Obrigada”, ela disse. “Queria que você fizesse isso.”

“E você?”, perguntou ela depois. “Qual é a história da sua vida?” Sei que ela vai ficar sabendo de tudo mais cedo ou mais tarde, então tentei contar, mas não consegui. Olhei dentro de seus olhos e vi quanto ela gostava de mim e não consegui acabar com aquilo. Então contei outras coisas a ela. Contei que Brian e Eric Jr. dizem um monte de bobagens para mim e de vez em quando eu perco a paciência e que já fui suspenso da escola algumas vezes por me meter em brigas. Até contei que fui eu mesmo que comecei algumas delas.

Esperei que ela dissesse o que todo mundo diz, que é: “O que você estava pensando?” Como se eu fosse um idiota. Ninguém entende como me sinto quando Brian me chama de indiozinho. Foi como daquela vez em que eu estava cavalgando o Renegado e dobramos uma esquina e vimos um puma. Renegado se assustou e empinou tão depressa que eu tive sorte de não ter caído. É o que acontece quando escuto merdas assim: eu me assusto. Só que, em vez de correr, eu luto.

Então esperei para escutar o que Cissy diria. Não queria que ela pensasse que eu era um medroso ou um valentão. Estava tão preocupado

que mal escutei quando ela disse “Eu sei como você se sente”.

“A pior parte”, disse ela, “era fingir que não doía o tempo todo.”

Foi então que eu a beijei. Nem pensei. Só vi que ela começou a sorrir e eu sabia como ela se sentia, como eu me sentia, e a beijei. Claro que foi bem quando minha mãe chegou. Cissy e eu estávamos rindo quando pegamos nossas coisas e guardamos tudo – sem minha mãe ver. Ela buzinou quando eu estava no deque com Cissy. Eu quase disse “eu te amo”, mas sabia que ela riria de mim, então só disse “Até mais”, e ela também disse “Até mais”.

Mas quando eu já estava praticamente entrando na picape, escutei ela sussurrar meu nome e me virei.

“Me encontre amanhã”, ela disse.

“Onde?”

Minha mãe estava dentro da picape, acenando para mim, como se não me visse há um ano.

“No parque”, sussurrou Cissy, “depois do almoço.”

Foi bom eu ter prendido o cinto de segurança quando entrei na caminhonete, porque pensei que eu fosse sair voando.

“Você parece feliz”, disse minha mãe quando pegamos a estrada.

Acho que é assim mesmo que eu estou me sentindo.

Winona não conseguia dormir. Acendeu a luz de seu quarto, vestiu o roupão preferido, cor-de-rosa, e foi para a cozinha. Nada na geladeira despertou seu apetite, então ela fez uma xícara de chá de ervas e a levou para fora. Recostando-se na grade, olhou para a água escura. Uma lua fina permanecia suspensa acima das montanhas invisíveis, quase sem refletir luz. Depois de tantos anos na cidade, ela se esquecera de como era escuro entre as árvores e ao longo da praia. Não fosse pela água molhando a areia, não haveria som nenhum.

Aquela escuridão silenciosa fazia com que ela se sentisse ainda mais sozinha. Em sua casa na First Street, ela costumava ir para a varanda dos fundos à noite. Ali, se sentava no banco de madeira e olhava para a pousada Canal House e para o estacionamento do parque. Mesmo em uma noite fria de inverno, havia luz e movimento e, ainda que de modo tangencial, ela fazia parte daquilo.

Ali, não existia nada. Apenas montanhas que não eram vistas, água escura e estrelas distantes.

– Oi, Winona.

Ela se virou na direção do som, tentando vê-lo, mas só quando ele se aproximou, quando parou no deque de madeira, ela conseguiu distinguir mais do que a forma dele entre as sombras.

- Mark – falou ela, sem saber o que mais dizer.
- Vi a luz de sua janela se acender entre as árvores.
- Não consegui dormir.

Ele se aproximou, pisando, por fim, na área iluminada pela luz que entrava pela janela da cozinha.

- Eu também não.

Ela percebeu, naquele momento, como ele estava desganhado, descomposto. Como um homem que andou de um lado para outro por horas, passando a mão pelos cabelos que tinha até deixá-los totalmente despenteados. Sua camisa também estava abotoada de um jeito errado.

- Tem alguma coisa errada? – perguntou ela.

- Minha vida inteira está errada.

- Sei como é.

- Sabe?

– Claro – respondeu ela baixinho, pousando a xícara de chá sobre a mesa atrás dela. – Tenho 43 anos, Mark. Nunca me casei e provavelmente já é tarde demais para ter filhos. E você deve ter percebido que meu peso é um problema. Então, sim, eu sei como é quando a vida não é o que pensamos que seria.

- Eu me diverti muito com você hoje à noite – disse ele. – Fiquei assustado.

- Tudo bem. Temos muito tempo.

Ele balançou a cabeça.

– Foi o que aprendi no último ano. Você pode pensar que tem todo o tempo do mundo, mas alguma coisa dá errado.

- O que quer dizer?

Ele se aproximou.

- Estou dizendo que quero você, Winona.

Ela sentiu uma onda de emoção e, por mais excitante que fosse ser desejada, não podia se deixar levar totalmente. Seu corpo podia desejar muito o toque dele, mas seu cérebro também estava funcionando.

- Você não está pronto – disse ela.

- Sei que não estou.

- Poderia ter negado.

Ele pousou a mão na nuca de Winona. Seus dedos eram quentes e firmes em sua pele. Ela se inclinou para trás um pouco de modo a se sentir segura por ele, abraçada.

- Você me quer? – perguntou ele.

Ela sentiu o leve hálito dele contra seus lábios. Sentiu vontade de fechar os olhos ou desviar o olhar, qualquer coisa que lhe permitisse fingir. Mas a verdade estava nos olhos dele, clara e visível como uma estrela-do-mar na maré baixa. Ele ainda amava a esposa.

Contudo, Winona estava sozinha havia muito tempo e agora que a oportunidade parecia surpreendentemente perto, não conseguia afastá-la. Ela se aproximou e olhou para ele.

- Eu quero você.

O beijo dele foi como um copo de água fresca para sua alma seca e ela o sorveu com vontade. Quando se afastaram, ela viu o próprio desejo refletido nos olhos dele.

- Venha – disse ela, segurando a mão de Mark, levando-o para dentro da casa, atravessando o

corredor para seu quarto.

Sem acender as luzes, ela tirou o roupão e a camisola e o puxou para a cama. Ele a beijou até vê-la implorar por mais, e quando finalmente fizeram amor, ela se agarrou a ele com o desejo desesperado de uma mulher que havia muito estava solitária. Seu êxtase foi um misto de dor e prazer e ela gritou, quase chorando devido às emoções trazidas à tona.

– Foi ótimo – comentou ele, deitando-se nos travesseiros e puxando-a para perto.

Ela se deitou ao lado dele. Fazia tanto tempo desde a última vez em que estivera em uma cama com um homem que ela havia se esquecido do espaço que os homens ocupavam, de como suas pernas eram pesadas, de como era bom sentir alguém beijando seu ombro nu sem precisar de motivo.

Durante a noite, eles conversaram, se beijaram e, mais tarde, fizeram amor de novo. Perto das quatro da madrugada, Winona enfim vestiu a camisola e foi para a cozinha. Quando voltou para o quarto, trazia uma bandeja de comida – omelete, torrada com mel fresco da região e suco de laranja que ela mesma havia feito.

Mark se sentou na cama, deixando os lençóis escorregarem por seu peito nu.

Ela subiu na cama ao lado dele.

– Faz muito tempo que não cozinham pra mim – disse ele, e então se reclinou para beijá-la.

A verdade é que seu arquivo, que estava na casa da cidade, tinha pelo menos mil receitas. Ela as vinha colecionando ao longo de muitos anos, aperfeiçoando os pratos sozinha, esperando alguém para quem pudesse cozinhar. Tomou o café da manhã escutando o que ele dizia. Ele contou sobre os países que visitou, sobre os problemas enfrentados para criar uma adolescente no último ano e também sobre a felicidade que sentia por estar recomeçando a vida em Oyster Shores.

Depois do café da manhã, ele a abraçou e beijou. Quando a soltou, eles estavam deitados de lado, com as pernas entrelaçadas, as cabeças em travesseiros separados, olhando um para o outro.

– Por que você nunca veio para cá no Natal ou em outras datas?

– Saí daqui aos 18 anos, lembra? A única coisa que eu queria naquela época era sumir da cidade pequena onde todo mundo sabe da vida de todo mundo. Quando me casei com Sybil, minha mãe e meu pai foram ao casamento, mas foi a única vez em que eles me visitaram e eu não conseguia tirar Sybil do oeste de Chicago.

– Você e sua mãe conversavam?

– Um pouco. É uma pergunta meio complicada.

Winona escolheu as palavras com cuidado. Era uma conversa que eles precisavam ter, e era perigosa.

– Há muito tempo, ocorreu um assassinato na cidade. Foi uma grande comoção aqui.

– Eu me lembro de ter ouvido algo a respeito.

– Dallas Raintree. – Ela parou e então disse: – Ele era casado com a minha irmã, Vivi Ann. Sua mãe depôs contra ele.

Ele franziu a testa.

– Sim, acho que eu soube de tudo isso. Isso importa? Sua irmã odeia a minha mãe ou coisa assim?

– Você sabe como são as coisas em Oyster Shores. Nada é feito às claras, mas já vi sua mãe se afastar depois da missa para evitar conversar com Vivi Ann. E vice-versa.

– São apenas boatos, na minha opinião, e não entendo... Espere, está falando sobre o pai de Noah?

– Sim.

– Preciso me preocupar com o fato de Cissy estar se aproximando dele?

– Há uma semana, eu teria dito para você manter Cissy longe dele. Ele já teve problemas na escola... e você vai saber disso em breve, acredito. Algumas pessoas o consideram um problema prestes a acontecer, mas, na verdade, acho que ele é tranquilo.

– Isso me basta. E agora, o que acha de fofocarmos um pouco mais sobre as coisas daqui?

– Sobre o quê?

Ele esticou o pescoço o suficiente para conseguir beijá-la no queixo, rosto e lábios.

Ela sentiu a mão dele deslizar por suas costas, nádegas, escorregar por entre suas pernas.

– Fiquei sabendo que Mark Michaelian está dormindo com Winona Grey.

Ela estremeceu com o toque.

– Pelo que eu soube, eles não têm dormido muito.

VINTE E DOIS



Este tem sido o melhor verão de todos. Cissy e eu já inventamos mil maneiras de escapar para podermos ficar sozinhos. Até na minha festa de aniversário a gente deu um jeito de sair sem que ninguém visse. Não é porque a gente não quer que as pessoas saibam que estamos juntos, mas é que sozinhos temos toda a privacidade de que precisamos. Ninguém se preocupa com o tempo que passamos juntos porque não sabem e Mark não acha que precisa dizer a Cissy por que não sou bom o bastante para ela. Sei que ela vai saber de tudo quando for para a escola, mas estou tentando não pensar nisso por enquanto.

O feriado de 4 de Julho foi meio complicado. Todo mundo ocupado com suas coisas: minha mãe tinha o desfile e o lava-rápido do clube equestre com que se preocupar, a tia Winona estava cuidando da campanha e Mark passou o dia todo esperando que ela terminasse.

Peguei o dinheiro que tinha economizado no verão e gastei pelo menos metade dele na feira. Joguei até conseguir ganhar a girafa gigante para Cissy e a beijei quando a roda-gigante estava lá no alto pelo menos umas dez vezes. Quando meu dinheiro acabou, subimos o monte ao lado dos celeiros, demos uns amassos e conversamos. O melhor de tudo foi que cheguei em casa dez segundos antes da minha mãe. Ela me encontrou na cama, lendo, e disse que eu tinha perdido a feira, que foi boa. Ela nem sabia que eu ainda estava vestido embaixo das cobertas!

Julho e agosto foram os melhores meses da minha vida. Não tenho tempo para escrever agora (a Cissy está me esperando no parque Twanoh

State), mas volto a escrever logo...

Mark e tia Winona estão indo para as águas termais em Sol Duc para passar o dia e eles convidaram a mim e a Cissy para irmos junto. Sabemos que eles fizeram isso porque querem fingir que não estão transando o tempo todo. Como se Cissy e eu fôssemos cegos E idiotas. Mas a gente não liga para isso. Quando eles disseram que iam, agi como se estivesse irritado e como se estivesse indo para fazer um favor à tia Winona. Cissy fez a mesma coisa com o pai.

Todos nós entramos no Escalade de Mark ontem à noite. Mark e a tia Winona estavam falando tanto no banco da frente que nem notaram que Cissy e eu estávamos de mãos dadas. No acampamento, fizemos cachorro-quente, recheamos biscoitos com marshmallow e chocolate e jogamos baralho. À noite, cada um se enfiou num saco de dormir dentro de uma grande barraca laranja. A pior parte foi ficar cerca de três metros longe de Cissy. Escutava sua respiração, mas não conseguia tocá-la nem falar com ela.

No sábado, todos acordamos cedo e tomamos café da manhã na casa principal, o que foi legal. Ali tinha uma piscina ENORME cheia de água das fontes termais, então devia estar tipo uns 38°C. Dá para boiar na água quente e então correr e pular na piscina normal, que parece congelada. Tia Winona e Mark ficaram dentro das piscinas quentes por tanto tempo que acho que chegaram a derreter um pouco. Quando saíram, ficaram disfarçando, tentando se tocar sem que percebêssemos – como se a Cissy e eu não víssemos o que estava acontecendo. Eles se aproximaram da beira da piscina fria e nos chamaram.

Só sei que a Cissy é uma tremenda GÊNIA. Porque ela nadou até eles e disse que queria caminhar para ver as cachoeiras. Eu nadei até ela e reclamei que as cachoeiras ficavam a uns 20 quilômetros dali, apesar de saber que não era tão longe.

E então, Mark disse: “Ei, Noah, por que você não vai às cachoeiras com Cissy?”, e a Cissy resmungou e a tia Winona (que tem que resolver

todos os problemas) disse: “Que ótima ideia! Vocês dois ficarão em segurança juntos.”

Cissy e eu conseguimos ficar de mãos dadas o dia todo, subindo a trilha ampla. As árvores ao nosso redor eram enormes. Tudo era grande: as rochas, as plantas e as árvores. Apesar de ser um dia quente de agosto, não tinha praticamente luz nenhuma no caminho. Cissy ficou com frio, então eu tirei a camiseta, entreguei a ela e, apesar de estar congelando, não me importei.

Deu para saber quando estávamos nos aproximando. Fez barulho, como um trem passando por entre as árvores, fazendo tudo tremer. Atravessamos a ponte velha e bamba e seguimos em frente até vermos as cachoeiras. “Parece mágica”, disse Cissy, segurando a minha mão. Eu a beijei por muito tempo e foi a coisa mais bacana do mundo. O chão tremia e a água jorrava para todos os lados, muito alto, a ponto de não conseguirmos ouvir nada, mas quando paramos de nos beijar, vi a luz do sol brilhando em cima de nós – só em nós – e mais nada.

Eu disse “eu te amo” sem pensar e ela começou a chorar. Eu pedi desculpas e comecei a me afastar, mas ela não me soltou. Ela disse “Não seja bobo. Estou chorando porque também amo você.”

Ela disse que foi coisa do destino o nosso encontro, e talvez esteja certa. Se não tivesse acontecido o beijo perto da cachoeira ou se não tivéssemos dito eu te amo um para o outro, ou se o sol quente não tivesse nos iluminado, talvez eu não tivesse segurado Cissy pela mão e a puxado para baixo de um enorme cedro, e se eu não a tivesse levado para lá, talvez eu não tivesse visto. Mas ali estava, me esperando. Entalhado no tronco marrom e áspero da árvore havia um coração liso e de formato perfeito. Dentro dele, havia dois pares de iniciais e uma data. D. R. ama V. G. R. 21/08/92.

Hoje foi dia 20.

Eu me levantei tão depressa que a Cissy até meio que se desequilibrou. “O que foi?” perguntou ela.

Eu quis contar, quis, de verdade, mas não conseguia falar, não

conseguia pensar. Durante toda a minha vida, eu pensei que meu velho não passava de um assassino. Praticamente um animal.

Mas, de repente, eu pensei nele como um cara que havia levado sua esposa ali, no ponto exato que eu havia escolhido para levar a minha namorada, e fiquei assustado.

E se ele não fosse um animal? E se ele fosse só um cara que sentiu medo um dia e fez uma besteira?

E, pela primeira vez, vi que todas as pessoas que fofocavam sobre mim podiam estar certas. Talvez eu fosse como o meu pai. E ele fosse como eu.

“Olha só!”, Cissy disse quando viu o entalhe. “Que romântico. Queria saber quem eram eles.”

Peguei meu telefone e tirei uma foto do entalhe. Não me lembro da desculpa que dei a Cissy. A partir daquele momento, fiquei totalmente pirado – não sei explicar –, eu me sentei perto da fogueira, meio viajando, esperando voltar para casa para poder perguntar à minha mãe quem diabo era Dallas Raintree.

O pior dia do ano para Vivi Ann era 21 de agosto. Às vezes ela esperava por ele semanas antes, aguardando o impacto como se ele fosse um caminhão em alta velocidade e sem freio, outras vezes, se assustava com sua chegada repentina no meio de uma semana normal, mas, de qualquer modo, o efeito era o mesmo: uma leve depressão. Anos antes, a dor desse dia era aguda, quase insuportável, porém o tempo diminuía o sofrimento, tornando-o tolerável; era o progresso que havia ocorrido. Ela esperava viver tempo suficiente para ver a data se tornar apenas mais um dia no calendário.

Acordou tarde e alimentou os cavalos e novilhos, então foi tomar café com o pai. Eles conversaram por um tempo a respeito das coisas que precisavam ser feitas e se separaram: ele foi para Seabeck ver um arado usado e ela foi fazer suas tarefas. Pelo resto do dia, ela trabalhou incansavelmente, tomando o cuidado de não diminuir o ritmo, até ficar exausta. Por fim, quando o sol já começava a se pôr, Vivi Ann sentou-se na cadeira de balanço da varanda e ousou fechar os olhos.

Dentro de poucos instantes, ela estava onde queria estar: perdida em lembranças. Em um local frio e racional de sua mente, sabia que não deveria estar ali, mas essa voz que lhe dizia isso era fraca e foi facilmente ignorada. Naquele dia em particular, ela não conseguia evitar.

– Vivi Ann? – disse Winona, caminhando na direção dela. – Você está bem?

– Desculpe, acho que cochilei – respondeu.

Vivi Ann levantou-se com lentidão, sentindo-se meio zonza. As lembranças eram como bebida alcoólica; em grande quantidade e pouco tempo, podiam acabar com o equilíbrio.

– Onde está o Noah?

– Estou aqui, mãe – disse ele, saindo do utilitário preto e lustroso.

Mark saiu do lado do motorista.

– Olá, Vivi Ann – falou, segurando a mão de Winona. – Obrigado por nos deixar levar Noah. Ele foi muito divertido.

– Obrigada por tê-lo levado. Foi muita generosidade de vocês dois.

Mark sorriu.

– Pensamos em ir comer peixe no jantar e depois tomar sorvete.

Eu estava na sorveteria, trabalhando até mais tarde, quando vi Dallas sair da viela...

– Quer ir com a gente? – perguntou Winona.

Vivi Ann abriu o maior sorriso que conseguiu.

– Não, obrigada. Não estou me sentindo muito bem – respondeu ela depois de pensar um pouco.

– Acho que vou ficar com a minha mãe – disse Noah. – Mas obrigado pelo passeio.

Ele voltou ao carro e disse algo para a menina no banco de trás.

Winona soltou a mão de Mark e caminhou em direção a Vivi Ann.

– Tem certeza que quer ficar mesmo sozinha?

Às vezes, Vivi Ann adorava notar como as irmãs conseguiam perceber as coisas e, às vezes, detestava, como naquele dia. A única coisa boa era que Winona nunca pararia para pensar na importância daquela data.

– Tenho, sim. De verdade. Vá se divertir.

Ela observou a irmã andar de volta ao utilitário preto e caro e entrar. Enquanto eles se afastavam, Noah atravessou o gramado e subiu na varanda.

– Hoje é 21 de agosto – disse ele. – Essa data significa alguma coisa para você?

O mundo de Vivi Ann, por um momento, parou de girar.

– Como... como assim?

– Corta essa – acrescentou ele de modo ríspido.

Momentos antes, ele estava inexpressivo, mas agora parecia nervoso.

– Eu e Cissy... A gente foi a Sol Duc – disse ele, aproximando-se.

– Nós fomos.

Ele rolou os olhos e continuou.

– Subimos uma trilha comprida até a cachoeira e nos sentamos por um tempo para observá-la. Vi um entalhe em uma árvore.

– Um entalhe – repetiu ela, sem conseguir olhar nos olhos do filho.

– Estava escrito D. R. ama V. G. R., 21 de agosto de 1992.

Vivi Ann sentiu o último pedaço de sua resistência se desfazer. Estava muito cansada de fugir das perguntas do filho. Ele tinha o direito de perguntar. Ela pegou uma cadeira e afundou nela. A dor que ela tentava afastar estava a seu lado, tomando muito espaço.

– Mãe? – disse ele; implorou, na verdade.

Ela assentiu para ele, finalmente, revelando todas as emoções pela primeira vez em anos, sem esconder nada.

– Hoje é nosso aniversário de casamento. Seu papai entalhou aquilo em nossa lua de mel.

– Você nunca o chama de *papai*.

– Dói muito.

– Você vai responder às minhas perguntas?

– As que eu puder. Venha, vamos entrar. Pode ser que demore um pouco.

Ela se levantou e foi com o filho para dentro da casa, serviu-se de uma taça de vinho branco e então sentou no sofá, enfiando os pés descalços embaixo do corpo.

Noah sentou na cadeira diante dela.

– Quero saber sobre o crime.

– É com isso que você mais se importa? Hum. Bem, uma mulher foi morta... era amiga de seu pai, na verdade. Acho que a polícia suspeitou dele no mesmo instante.

– Foi ele?

Ela se preparava para essa pergunta havia mais de uma década, sabendo que ela viria. No entanto, agora que se via diante dela, não sabia muito bem o que dizer.

– Seu pai tinha dificuldade para controlar a raiva.

– Como eu?

– Não, nada a ver com você – disse ela com firmeza.

– Ele matou aquela mulher? – perguntou ele de novo.

Ela sabia que ele perguntaria até que ela respondesse, por isso suspirou e disse a verdade:

– Não acredito que tenha matado.

– Você amava ele?

Vivi Ann sentiu lágrimas encherem seus olhos. Não havia nada que pudesse fazer para controlá-las.

– Do fundo do meu coração.

– Então, por que se divorciou dele?

– Ele se divorciou de mim, na verdade, mas não é isso que você quer saber. Você está perguntando por que eu... desisti dele. – Mesmo depois de tanto tempo, doía lembrar daquilo, pensar que ela o havia deixado partir. – Foi muito doloroso aguentar; ano após ano, manter a esperança. Sempre que as notícias eram ruins, eu perdia o rumo. Você se lembra um pouco dessa época. Tomei muitos remédios e bebi muito. Fui uma mãe ruim. Acho que seu pai me amava tanto que ele me forçou a deixá-lo. E quando batemos naquela árvore no Grey Park... você se lembra? Fiquei com medo do que quase fiz com você. Percebi que precisava seguir em frente. Nós tínhamos que seguir em frente. Você e eu.

– Como pôde fazer isso com ele?

Ela fechou os olhos. Era uma pergunta que a assombrava. Quantas vezes ela havia desejado voltar no tempo e dizer: “Não, Dallas, não vou deixá-lo. Não vou assinar os papéis.”

– Tive que fazer isso, pronto. Mas, para dizer a verdade, acho que nunca vou conseguir me perdoar.

Ele se levantou e deu a volta na mesinha de centro. Sentou-se ao lado da mãe e deitou a cabeça em seu colo, como costumava fazer. Imediatamente, ela começou a passar os dedos por seus cabelos sedosos.

Tão parecidos com os do pai...

– Ele me amava? – perguntou Noah com a voz baixa e hesitante, e ela soube por que ele estava ali.

Não queria que ela o visse chorando.

– Ah, Noah – disse ela, inclinando-se para a frente para sussurrar. – Ele amava muito você. Por isso não quis ver você. Ficaria arrasado se o visse pelo vidro da prisão.

- Isso faz dele um covarde.
- Ou humano.
- Posso escrever uma carta para ele?
- Acho que ele não vai responder. Você saberia lidar com isso?
- Acho que é melhor do que não tentar.

Vivi Ann costumava pensar assim; agora sabia que tentar, às vezes, doía mais do que desistir.

- Certo, tudo bem. Você pode tentar. Amo você, Noah, e sinto muito orgulho de você.
- Amo você também, mãe. – Ele enxugou os olhos de modo casual, como se pensasse que ela não veria suas lágrimas. – Ficou legal, sabe? Aquele entalhe na árvore.
- Sim – disse ela, lembrando. – Ficou.

Pensei que falar sobre meu pai acabaria com todas as minhas dúvidas, mas tudo o que a conversa fez foi criar mais perguntas. Fiquei lembrando daquele entalhe na árvore. Eu sei como ele se sentiu quando o fez, então, é como se agora eu conhecesse uma parte dele e isso me fez querer saber mais.

Tentei esconder da Cissy. Nós nos encontramos de novo na terça-feira, enquanto minha mãe estava na aula de equitação e a tia Winona e Mark estavam em Seattle. Cissy e eu passamos o dia em cima de um cobertor grande no quintal. Tentei fingir que tudo estava como antes, mas ela percebeu que tinha alguma coisa errada. Acho que o amor dá visão de raio X ou coisa assim. Eu estava ali, sentado, bebendo meu refrigerante, quando ela disse: “Eu sei que você está escondendo um segredo de mim e eu não gosto disso.”

Eu disse que ela também não gostaria de saber do segredo e ela respondeu que se nós nos amamos, não devíamos ter segredos.

“Eu te amo”, eu disse.

“Prove.”

Eu podia ter inventado outra coisa, talvez pudesse ter dito que tinha sido reprovado em gramática ou qualquer besteira, mas, na verdade, eu quis contar para ela. “Estou com medo”, eu disse.

“Do quê?”

Eu disse que ela deixaria de gostar de mim quando soubesse a verdade, mas eu sabia que as aulas começariam em dez dias, então eu devia contar

logo. Brian, Erik Jr. e todos os outros acabariam contando por mim.

Ela disse que não gostava de mim, mas me amava, e que nada do que eu dissesse mudaria isso.

Então, eu contei tudo. Que meu pai era Dallas Raintree, mestiço de índio e branco, que ele foi para a cidade à procura de trabalho e conseguiu um emprego em Water's Edge e que se casou com minha mãe apesar de ninguém aceitá-lo na família. Contei a ela sobre o temperamento explosivo e as brigas nas quais ele se metia. E contei que ele matou uma mulher e foi preso por isso. Quando terminei, não consegui nem olhar para ela. Foi o relato mais longo que fiz sobre meu pai e me senti enjoado.

Ela se aproximou de mim no cobertor e tentou fazer com que eu olhasse para ela, mas não consegui. Só fiquei encarando o canal, como se nunca o tivesse visto. Ela tocou meu ombro e me puxou por debaixo do cobertor, de modo que ficamos deitados, um de frente para o outro.

“Eu sei de tudo isso”, ela disse. “Meu pai me contou tudo há muito tempo. Você sabia que minha avó depôs contra o seu pai?”

É estranho como uma palavra consegue nos surpreender, às vezes. Durante toda a minha vida, pensei em meu pai na prisão. Já tentei imaginar como ele é e como vive atrás das grades e o que pensa sobre mim, mas até Cissy dizer aquilo sobre sua avó, eu não havia pensado em como ele tinha ido parar na cadeia. Em como provaram que ele era culpado.

“Você acha que ele fez isso?”, perguntou ela.

Eu não soube responder. Como poderia? Ele é como se fosse um fantasma para mim. Quando eu tentava me lembrar de coisas reais, não havia quase nada: um par de botas sujas de caubói, um chapéu branco com o qual eu brincava, uma voz dizendo algo em um dialeto que eu não entendia.

“Você devia ir visitá-lo”, disse ela.

Foi quando a gente criou O Plano.



No último dia da feira, Vivi Ann limpou o celeiro e se despediu das meninas do clube equestre, então

desceu o monte gramado em direção à reluzente passagem.

Aurora estava no guichê de ingressos, esperando por ela.

– Você está atrasada.

– As meninas acabaram de ir embora. E nós dissemos quatro horas. Eu quase cheguei na hora.

Ela pegou um pedaço do algodão-doce cor-de-rosa da irmã e enfiou na boca.

– É melhor a Winona não nos deixar – disse Aurora, apoiando uma das mãos em seu quadril estreito.

– Ela está apaixonada. Todas nós sumimos quando o amor vem.

Aurora franziu a testa.

– Qual é o seu problema? Parece feliz.

– E isso é errado? Tive uma boa semana. Noah e eu finalmente conversamos sobre Dallas. Foi bom.

– Onde está nossa cota de delinquência juvenil? Fumando crack?

– Por quê? A Janie voltou?

Aurora sorriu com má vontade.

– Que bom que tocou nesse assunto, e fico feliz por você estar feliz, mas onde está a nossa irmã megera?

– Ali – respondeu Vivi Ann, observando Winona e Mark se aproximarem.

– Ela trouxe um namorado? Para a noite das meninas? Que golpe baixo – comentou Aurora, jogando o resto do algodão-doce no lixo.

– Graças a Deus – disse Winona, ofegante ao parar na frente delas. – Estou telefonando para você há uma hora, Vivi.

– Não tem sinal no celeiro. Você sabe disso. O que foi?

Mark deu um passo à frente.

– Não consigo encontrar a Cissy. Ela deveria ter ficado em casa o dia todo. Win e eu estávamos indo para Seattle, mas a balsa para Bainbridge estava lotada, então voltamos. Quando cheguei em casa, a porta da frente estava aberta e Cissy não estava em casa.

– Já tentou o celular dela?

– Claro – disse Winona. – Ela não está atendendo. E encontramos isto no quarto dela. – Ela abriu a mão para mostrar uma fita de fotos de cabine automática. Nas fotos, Noah e Cissy estavam sorrindo, rindo e se beijando. – Isso explica por que meu deque está coberto de cocô de passarinho. Eles passaram o verão todo juntos. Sem supervisão.

Mark parecia estar a ponto de vomitar.

– Não vamos pensar no pior – falou Aurora, e Vivi Ann ficou feliz com a sensatez da irmã. – Vamos encontrá-los. Essa é a primeira providência. Depois, podemos ver até onde eles foram.

– Onde devemos procurar? – perguntou Winona.

– Eu costumava levar meninas para o parque da praia à noite – disse Mark. – Havia um balanço em uma árvore grande na ponta. E a estrada perto do desvio em Larsen.

– Perfeito – falou Aurora. – Vou olhar na ponta do parque, principalmente atrás das arquibancadas.

– Vou perguntar sobre eles no caminho, conferir os celeiros vazios e também vou para casa – disse Vivi Ann.

Abrindo o celular, ela telefonou para o número de Noah, mas ele não atendeu. Deixou um recado urgente e, então, fez a mesma coisa ao telefonar para casa.

– Vou ajudar a Vivi Ann – disse Winona para Mark. – Minhas irmãs têm razão. Estamos entrando em pânico por nada. É possível que eles estejam na feira.

Mark não pareceu nem um pouco convencido disso, mas, sem saber o que mais fazer, assentiu.

– Vamos nos encontrar em sua casa em uma hora – disse Winona.

Em seguida, eles partiram em direções diferentes.

Winona e Vivi Ann desceram pelo caminho cheio, olhando para todos os lados, chamando Noah e Cissy. Depois de passarem por todas as barracas de jogos, de comida e pelas atrações, elas se separaram e repetiram tudo.

– Isto está impossível – disse Winona. – Eles podem estar em qualquer lugar. Que inferno. Nós costumávamos nos esconder do papai e da mamãe quando eles saíam à nossa procura na feira, vocês se lembram? Víamos quando eles estavam se aproximando e nos metíamos nas sombras. E se eles estiverem fazendo isso?

– Faz sentido, principalmente porque eles não queriam que soubéssemos que estavam juntos.

– Devemos ir para casa e esperar por eles?

Vivi Ann pensou na sugestão.

– Por que não vai para a minha casa? Assim, pode conferir se eles não estão lá e ver se Noah não deixou um bilhete. Farei mais uma ronda aqui. Mas serei mais discreta.

– Certo.

Depois disso, Vivi Ann passou pelo caminho e pelas baias vazias do celeiro, mas não viu sinal dos dois. Por fim, ela entrou na picape e dirigiu para casa.

Winona esperava por ela na varanda.

Vivi Ann soube, no mesmo instante, que as notícias não seriam boas.

– O que você descobriu?

Winona segurava um panfleto.

– É a tabela de horários de um ônibus. No canto, Noah escreveu “Cissy/13h”.

– Qual é o ônibus que sai à uma da tarde?

– Não tem como saber. O sistema de trânsito do condado de Mason se interliga com Kitsap e Jefferson. De Belfair, eles podem ir a quase qualquer lugar.

Vivi Ann entrou no quarto de Noah e abriu os armários e gavetas.

– Todas as coisas dele estão aqui.

– Graças a Deus – disse Winona. – Isso quer dizer que eles vão voltar. – Ela abriu o telefone e contou a notícia a Mark. – Ele não ficou nada contente – falou ela ao desligar.

Vivi Ann sentiu uma ponta de decepção:

– Sim – falou. – Eu também não estou nada contente.

– Sejam os lógicos. Temos certeza de que eles estão juntos e de que pegaram um ônibus para algum lugar. Devem ter planejado chegar em casa antes de nós e Mark disse a Cissy que estaria de volta às nove. Tem um ponto de ônibus a cerca de 100 metros da minha casa na praia, mas como Noah chegaria em casa? Pegaria uma carona?

– Como eu pensei que ele não desapareceria o verão todo com uma menina, nem pegaria um ônibus para sair da cidade sem me contar, claro que não sou eu que vai saber o que ele pode fazer. Mark não tem um barco?

Winona assentiu.

– Passamos o verão todo ensinando os dois a guiá-lo.

– Ela poderia deixá-lo em Water’s Edge e voltar em dez minutos.

– No escuro? Será que eles seriam *tão* idiotas?

– Uma pergunta que nem precisa ser respondida. Venha, vamos esperar na casa do Mark. Vamos dar um tremendo susto neles.

Vivi Ann, Aurora e Winona estacionaram diante da casa dela, em fila. Pararam no gramado descuidado e foram para a casa ao lado passando pela cerca viva. Mark estava andando de um lado para outro no chão caro de lajota em seu quintal.

– Bela casa – elogiou Aurora, olhando para a construção bem planejada e para a iluminação externa.

Mark nem sequer prestou atenção ao comentário. Apenas continuou andando e falando sozinho.

– É um rito de passagem, Mark – disse Aurora. – Todo adolescente foge de casa pelo menos uma vez. Janie saiu e foi para Tacoma Dome para ver a Britney Spears. Eu não sabia se devia castigá-la por fugir ou por ter um gosto musical tão ruim.

Mark se virou para ela.

– Você acha mesmo que as situações são iguais?

Aurora franziu a testa.

– Você tem razão. Minha filha estava dirigindo. Pelo menos o Noah e a Cissy foram espertos o bastante para pegar o ônibus. Veja pelo lado bom: eles não roubaram um carro.

– Ela tem 14 anos, pelo amor de Deus. Deveríamos chamar a polícia.

– Acalme-se – disse Winona.

Mark se desvencilhou dela e telefonou para o celular de Cissy de novo. Ela não atendeu, então ele foi até a estrada e olhou para todos os lados. Ficou ali por tanto tempo que começou a escurecer. O céu ficou alaranjado e, então, lilás.

– A paternidade vai ser dura com aquele ali – disse Aurora, balançando a cabeça. – Ele está afundando o gramado de tanto andar de um lado para outro.

– Cale a boca – falou Winona. – Ele tem motivos para estar chateado.

– Sim, mas... tenho medo de ele perder a cabeça. Vamos torcer para que ela nunca experimente drogas. Ele não vai saber lidar com isso.

Quando Mark voltou, Aurora estava na varanda, sentada em uma bela cadeira de ferro estofada, Winona se encontrava de pé ao lado da fonte de pedra do caminho e Vivi Ann estava perto de uma cerca viva.

– São sete e trinta e nove – disse ele. – Acho que devemos chamar a polícia.

– Eles chegarão em uma hora – argumentou Winona de modo razoável. – Se não chegarem, avisaremos o Al.

– As pessoas me disseram que Noah não presta, mas eu dei a ele o benefício da dúvida e veja o que aconteceu. Ele levou a Cissy e só Deus sabe para onde. Tenho medo de que...

Na rua, um ônibus parou fazendo barulho e então partiu de novo. Seus faróis brilhavam no crepúsculo.

Vivi Ann deu um passo à frente. Ela viu que Mark fez a mesma coisa.

Noah e Cissy estavam tão distraídos conversando que, a princípio, não viram as pessoas esperando

por eles. Próximos um do outro, de mãos dadas, eles desciam a rua.

– Cecilia Marie Michaelian – gritou Mark. – Que *diabo* você acha que está fazendo?

Noah e Cissy pararam de andar.

Winona foi a primeira a ir para a frente.

– Estávamos preocupados com vocês.

– Desculpe – disse Cissy; sua voz não passava de um sussurro.

– Fugir desse jeito demonstrou que vocês não têm responsabilidade – continuou Winona. – Aonde foram?

Noah respirou fundo e olhou para Vivi Ann, depois para Mark.

– Fomos ao presídio.

Por um terrível momento, ninguém disse nada. O único barulho era o do mar, batendo na costa de pedras e recuando.

– Inacreditável – disse Mark, enfim. – Entre, Cecilia. Vamos falar sobre isso em particular. E você – gritou para Noah –, você nunca vai voltar a vê-la, entendeu?

– Papai – implorou Cissy, dando um passo à frente. – A ideia foi minha. Eu convenci Noah a fazer isso. Por favor, não...

– Para dentro – ordenou ele. – Agora.

– Mark – disse Winona –, certamente foi falta de responsabilidade, mas...

– Você está *louca*? Falta de responsabilidade é andar de moto sem capacete ou matar aula ao se esquecer de uma prova. Isso foi perigoso e é culpa *dele*. Cissy – falou com firmeza –, entre em casa. E Noah, você pode sair da minha propriedade. – Ele olhou para Vivi Ann. – Sinto muito. De verdade. Mas não posso permitir que ele coloque a vida da minha filha em risco.

Com isso, ele se virou e entrou em sua casa nova e grande, conduzindo a filha chorosa. Bateu a porta quando entrou.

– Bem – disse Aurora –, ele foi agradável.

– Cale a boca, Aurora – rebateu Winona. Para Noah, ela disse: – O que *diabo* você estava pensando? E como pôde mentir para mim durante todo o verão? Eu confiei em você. Eu disse ao Mark que a Cissy estava segura com você.

– Eu nunca faria nada de mau com a Cissy – respondeu Noah com teimosia.

Vivi Ann reconheceu o olhar dele: estava retraindo-se emocionalmente, preparando-se para rebater todas as palavras lançadas a ele. Nada que fosse dito ali passaria por aquela defesa.

– Vamos, Noah – disse ela. – Vamos para casa.

Não se deu o trabalho de dizer tchau para as irmãs, nem mesmo agradeceu. Estava esgotada demais, e muito assustada, para gastar mais energia do que o necessário. A pior parte era como se sentia decepcionada e tola.

– Diga alguma coisa – pediu Noah dentro do carro. – Por que não está gritando como o Mark?

– Você preferiria que eu gritasse com você?

Ele deu de ombros.

– Tanto faz.

– Vamos pular essa parte, certo? Você sabe como odeio quando você age como se não se importasse. Nós dois sabemos que o seu problema não é bem esse.

– Não, é o seu.

– Errou de novo, amigo. Não tem nada a ver comigo. – Ela saiu da estrada e entrou em Oyster Shores.

– Então você a ama, eu suponho – disse Vivi Ann alguns minutos depois.

Noah olhou para ela.

– Você vai tirar sarro de mim? Ou vai me dizer que sou muito novo para saber o que é amor?

– Não. – Ela parou perto da casa e estacionou. – Uma coisa que existe no amor é o reconhecimento.

Quando se está apaixonado, você sabe. A opinião de mais ninguém importa. Mas, Noah, isso foi algo que aprendi da maneira mais difícil: o amor não existe num vácuo só dele. As outras pessoas importam. E você estragou tudo, rapaz. Fez com que o pai de sua namorada perdesse a confiança em você. Acho que, agora, ele não vai deixar que vocês se encontrem de novo.

– Ninguém vai conseguir nos manter afastados.

– Certo, este é o momento em que vou dizer que você é jovem e rir. Se Cissy for a menina que acredito que ela seja, vai querer que o pai sinta orgulho dela.

Noah parecia desolado.

– Então, o que eu faço?

– Primeiro, por que não me conta sobre hoje, e então veremos o que será feito amanhã?

– Nós queríamos ver meu pai.

Apesar de ter esperado exatamente aquelas palavras, Vivi Ann as sentiu como um tapa na cara.

– Ele recebeu vocês?

– Não nos deixaram entrar. É preciso ter 18 anos ou estar acompanhado de um adulto.

– Ah.

– Mas quero tentar de novo. Sei que ele vai querer me ver.

Vivi Ann escutou cada matiz de emoção na voz do filho... coragem, medo, raiva e pior de tudo: esperança. Detestava ver Noah seguindo por aquele caminho, mas como dizer a seu filho para não alimentar esperanças?

– Sinto muito por hoje. Eu devia ter contado sobre a Cissy. Mas foi legal manter em segredo.

Vivi Ann conhecia aquela sensação. Ela seria a última pessoa a negar a alguém o direito de estar apaixonado. Tal sentimento era raro demais para ser maltratado. Ela esticou o braço e tocou os cabelos de Noah, passando os dedos por eles.

– Eu entendo por que fez o que fez. Talvez eu até tenha um pouco de responsabilidade por isso. E eu percebi que você não perdeu as estribeiras hoje. Isso é bom.

– Mas eu caguei tudo.

Ela olhou para ele com cara feia pelo palavrão que havia acabado de dizer.

– Você mentiu para mim, para o Mark e para a tia Win. Tirou vantagem da confiança que depusitei em você. Pior de tudo, mostrou a Mark que ele tinha razão em pensar o pior de você.

– O que posso fazer para resolver isso?

– Você foi inteligente o bastante para criar o plano de ir ao presídio. Tenho certeza de que, se tentar, pode criar um plano de redenção.

– Vou fazer isso.

– E enquanto estiver tentando pensar, elabore o plano sem sair de casa, porque está de castigo até o início das aulas. Pode sair daqui para ir à igreja e para visitar a Sra. Ivers, mais nada.

- Ai, mãe...
- Pode acreditar, o amor tem um preço. Está na hora de aprender isso.

VINTE E TRÊS



Quando eu era pequeno, tínhamos uma égua velha chamada Clementine's Blue Ribbon. Minha mãe me colocava montado nessa égua enquanto arrancava as ervas daninhas e Clem ficava ali, parada, comigo em cima dela. Ela me seguia pelos campos como se fosse uma cadelinha e, às vezes, à noite, ela se aproximava o máximo que conseguia de minha janela e relinchava. Minha mãe dizia que era, na língua dos cavalos, um “boa noite, menino especial”. Então, um dia, minha mãe me disse que a Clem tinha ido para o Céu. Fui até sua baia e estava vazia.

Foi quando aprendi que podemos perder o que amamos.

É como me sinto agora. Desde que escrevi para meu pai, tenho estado... não sei nem qual palavra usar. Não é triste, nem irritado. Vazio, talvez. Vou à caixa de correspondências todos os dias e não encontro nada.

Cissy não me ligou, nem mandou e-mail ou mensagem de texto. Parece que sumiu do planeta. Sei o que aconteceu. Minha mãe tinha razão. Ela ficou do lado do pai. Eu até entendo. Mas dói tanto às vezes que não sinto vontade de acender a luz de meu quarto para sair da cama.

Só penso nela. Eu me lembro de como ela criou o plano, dizendo que ninguém tem o direito de me manter afastado de meu próprio pai. Ela segurou a minha mão dentro do ônibus para o presídio, na ida e na volta. Durante todo o caminho para casa, ficou dizendo que seria muito bacana conversar com ele algum dia.

Ela sabia quanto eu precisava daquilo.

Talvez seja quem sou, Sra. Ivers, um cara que precisa de coisas que não consegue ter. Eu preciso que a Cissy me ame de novo e preciso conversar

com meu pai.

O que praticamente quer dizer que estou ferrado.



Hoje, fiz a matrícula no ensino médio. A Sra. Ivers disse à minha mãe que eu passei em literatura arrasando. Sei lá o que isso quer dizer. Minha mãe ficou feliz e eu também, acho. Isso quer dizer que vou encontrar Cissy na quarta-feira, quando as aulas começarem.

Como vou olhar para ela sem fazer cara de idiota?

Sei que o Erik Jr. vai ficar em cima dela. Ela é tão linda que ele vai querer que ela seja sua namorada. Se eu vir isso, como vou fazer para não perder o controle? Talvez eu finja que estou doente o ano todo.



Eu ia parar de escrever neste diário que a Sra. Ivers me deu, mas hoje foi tão incrível que não quero me esquecer de absolutamente nada.

Eu estava lá, de pé ao lado da bandeira como um completo fracassado enquanto todo mundo gritava e berrava que era muito legal rever os amigos. Ficar sozinho no meio de um monte de gente é o pior, na minha opinião. Todo mundo tem com quem ficar, menos você. Ano passado, isso teria me irritado. Eu teria olhado ao redor e visto todos aqueles alunos sorridentes e teria odiado todos eles. Se alguém olhasse para mim de canto de olho, eu teria mostrado o dedo do meio. Existem diversas maneiras de se começar uma briga. Acho que sei disso agora.

Bem, eu estava em pé ali, arrependido por estar usando meu par de tênis Vans favorito e não aquele Nike que a minha mãe comprou, quando vi Cissy. Ela estava com o diretor Jeevers. Eles estavam perto das portas azuis de metal e o diretor não parava de falar. Havia alunos por todas as partes. Rindo, conversando, brincando, escutando música no iPod, falando ao telefone. Todas as coisas comuns de um primeiro dia de aula.

Mas ela me viu logo de cara.

Esperei que ela sorrisse. Como não sorriu, eu me afastei, fui para a

passagem entre o ginásio e o auditório, onde estava escuro e silencioso.

Eu estava ali, com os olhos fechados, recostado na parede, quando escutei ela dizer o meu nome. Quis perguntar o que ela queria de um modo a parecer durão, como se eu não me importasse, mas não consegui fazer isso.

“Senti sua falta”, disse ela.

Nem lembro do que eu disse. Só sei que em um momento eu estava à sombra, sozinho, e no outro ela estava ali comigo.

ELA AINDA ME AMA!!! :)

Não acredito que duvidei disso. Ela disse que feriu seus sentimentos por ter desistido com tanta facilidade e eu não sei o que dizer. Acho que quando seu pai está na prisão você aprende a desistir com facilidade. Minha mãe é assim, acho. Mas não vou mais ser assim. A partir de agora, vou acreditar. A Cissy diz que eu só preciso acreditar e vai acontecer. Foi quando ela me deu uma cópia da revista Seattle.

Eu percebi logo de cara que aquilo ia causar problema.

Winona estava no pequeno banheiro verde-abacate, espiando entre as cortinas de estampa geométrica. Dali ela conseguia ver a maior parte do quintal da casa – que já estava marrom por causa do calor de agosto e do começo de setembro – e partes da estrada além das árvores.

Ela viu Cissy na frente da casa ao lado, esperando. Quando o ônibus escolar amarelo se aproximou e parou, a menina embarcou e desapareceu lá dentro.

Winona saiu do banheiro, calçou os chinelos que estavam ao lado da cama e foi para a casa ao lado. Lá em cima, ela encontrou Mark na cama.

– Você está atrasada – disse ele, abaixando o jornal.

– Sou gorda. Não consigo correr. Você podia ir à minha casa, sabia?

Ela tirou os chinelos e subiu na cama com ele. Aconchegando-se, começou a abrir a parte de cima do pijama dele, beijando o peito peludo.

Em poucos momentos eles tiraram as roupas e começaram a fazer amor. Era a rotina da segunda-feira de manhã, um momento pelo qual Winona esperava a semana toda. Depois do fiasco com Noah e Cissy, teve medo de que Mark a abandonasse. Ele até havia tentado, mas os dois não falavam sobre isso. Depois de duas semanas solitárias, ele voltara e agora o relacionamento estava melhor do que nunca. Só não falavam sobre suas famílias. Criaram uma bolha dentro da qual apenas os dois existiam.

Noites de sábado, manhãs de segunda e tardes de quinta-feira; eram os momentos só deles. Winona queria muito que Cissy passasse a jogar futebol.

Eles permaneceram abraçados depois do sexo. Ela beijou a curva do ombro dele e fechou os olhos,

quase adormecendo.

– A quinta-feira vai demorar a chegar – comentou ele.

– Você criou as regras – murmurou ela. – Acho que devemos contar a Cissy que ainda estamos juntos.

Viver escondido assim é ridículo.

– Você não tem visto ela. Está parecendo um zumbi. Nunca ficou brava comigo por tanto tempo. Nem mesmo quando eu bebia.

– Fiquei sabendo que o Noah está da mesma maneira.

– Não fale desse menino para mim. Cissy perguntou à minha mãe, na semana passada, se ela tinha certeza de que viu Dallas naquela noite. Minha mãe ficou tão abalada que precisou tomar um remédio para dormir.

– Primeiro amor. Demora a passar, acredito.

– Amor. Pelo amor de Deus. Eles têm 14 anos. São jovens demais para saber o que diabo é amor. –

Ele jogou os cobertores para trás e saiu da cama. – Preciso ir trabalhar.

Ela ficou deitada ali por alguns momentos, olhando pela janela para o canal iluminado pelo sol. Por fim, saiu da cama, vestiu a camisola, calçou os chinelos e seguiu Mark até o banheiro. Ele colocou o barbeador elétrico sobre a pia.

– A gente pode fazer coisa melhor do que falar sobre isso.

– Eu sei. Nos vemos na quinta?

– Com certeza.

Durante as sete horas seguintes, ela se concentrou no trabalho. Os clientes foram a seu escritório, um a um, reclamar, na maior parte, uns dos outros, contando com ela para entender seus sentimentos confusos e encontrar uma solução.

Seu último compromisso acabou um pouco depois das quatro horas e ela tirou os sapatos, o blazer azul-marinho e pegou o arquivo do debate para prefeito. A reunião da cidade estava marcada para o início de novembro e ela pretendia surpreender os concorrentes com um plano razoável e perfeitamente criado para gerenciar a cidade. Estava acrescentando algumas ideias ao arquivo do discurso quando o interfone tocou.

– Winona? – disse Lisa pelos alto-falantes pretos e pequenos. – Seu sobrinho, Noah Raintree, está aqui e quer falar com você.

– Diga para ele entrar.

Noah entrou no escritório e sorriu para ela. Sobre um dos ombros, de maneira negligente, levava uma mochila surrada. Ele havia mudado tanto naquele verão que às vezes ela se surpreendia com sua aparência, a ponto de sentir orgulho dele, até se lembrar de que ele havia mentido.

– Sente-se, Noah.

Ele se acomodou na frente dela, deixou a mochila cair no chão.

– Preciso contratar um advogado.

– O que você fez?

– Caramba, tia Winona. Você sempre pensa o pior a meu respeito.

– Eu confiei em você, lembra? Você me fez passar por idiota na frente do meu namorado.

– Ah, é. Mas o seu namorado é um idiota.

– Como se a sua opinião sobre ele me importasse. Por que precisa de um advogado?

- Se eu contratar você, tudo o que dissermos será confidencial, certo?
- Você tem estudado direito na aula de estudos sociais?
- Quando eu fiquei de castigo, assisti muita televisão. *Law and Order* é demais.
- Sei. Sim, nossas conversas são confidenciais.
- E se aceitar meu caso, terá que fazer o seu melhor, certo?
- Não faria menos do que isso. Mas você teria que pagar meus honorários, claro. Dois mil dólares costuma ser meu preço.

Ele tirou uma nota de 1 dólar do bolso e a colocou sobre a mesa.

- Espero que eu receba um desconto por ser da família.

Ela olhou para a nota amassada e então para Noah. Independentemente do que fosse, ele estava levando o assunto a sério. Ela sabia que devia mandá-lo embora, mas ficou curiosa. Havia poucas coisas que detestasse mais do que perguntas sem respostas. Então pegou a nota e a colocou dentro da gaveta.

- Certo, rapaz. Manda ver.

Ele se virou e tirou uma revista da mochila. Colocou o exemplar em cima da mesa e o empurrou na direção dela.

Ela viu a manchete. Os melhores advogados de Seattle. Era a listagem anual da revista *Seattle* com os principais advogados do estado.

- Esta é a sua maneira sutil de me dizer que não estou no mesmo nível dos meus pares? Porque pode acreditar, Noah, quando um advogado abre um escritório em Oyster Shores, ele sabe bem seu lugar na cadeia alimentar. E, só para registro, é praticamente na base.

- Abra na página noventa.

Ela abriu. Ao lado de um anúncio de um dos mais novos edifícios da cidade, ela viu uma fotografia chamativa de um homem de pé diante de uma torre de segurança de presídio. O título da matéria era: PROJETO INOCÊNCIA LUTA PARA LIBERTAR OS ACUSADOS ERRONEAMENTE.

- É sobre teste de DNA – disse ele.

- Noah – falou Winona delicadamente –, muita água já rolou no caso de seu pai. Acabou.

- Não acabou – respondeu ele, erguendo o queixo com teimosia. – Eles não fizeram um teste de DNA.

Minha mãe me disse.

- Sim, fizeram.

- Não, não fizeram.

Ela parou para pensar e avaliar os fatos de que se lembrava.

- Ah, tem razão. A amostra era pequena demais.

- Talvez os exames sejam melhores agora.

- Olha, Noah...

- Eu conheci você este verão – disse ele, inclinando-se para a frente. – Nada de pontos esquecidos, você sempre disse, nada de trabalho malfeito. Lembra? Você detesta coisas feitas de qualquer jeito.

Ela se recostou, surpresa. Podia jurar que ele não tinha escutado.

- Seu pai não vai concordar com isso, sabe? Por que concordaria? As pessoas culpadas não querem fazer exame de DNA.

- Se ele não concordar em fazer o exame, então eu terei uma resposta, certo?

Winona sentiu uma dor de cabeça começar a aparecer. O assunto se tornou perigoso, de repente.

– Sua mãe e eu temos... uma história com seu pai...

– Por favor, tia Winona – pediu ele. – Você é a única pessoa em quem eu posso confiar nesse assunto.

Se me garantir que não é nada, vou acreditar. Só quero que me diga se um novo exame daria uma chance a ele.

– Sua mãe sabe que você está aqui?

– Não.

– Eu não esconderia isso dela.

– Não pedi para esconder.

Ela não soube dizer não. Ele pedia muito pouco e quando ela tivesse uma resposta, talvez ele finalmente – finalmente – desistisse. Só Deus sabia que isso seria o melhor para Vivi Ann, para Noah. E além disso, ela sabia que Dallas não concordaria.

– Certo. Vou ler a matéria e analisar os registros. Mas não prometo nada.

Ele abriu um sorriso tão grande que ela precisou se virar. Quantas vezes e de quantos modos diferentes Dallas Raintree magoaria as pessoas que se importavam com ele?

Com mais firmeza, ela disse:

– Não prometo nada.



Uma semana depois, enquanto folhas de outono caíam aos montes do lado de fora, Winona fechou a porta de seu escritório, pediu a Lisa para não repassar as ligações e sentou-se para ler a transcrição que havia solicitado. Colocando o documento de setecentas páginas no colo, ela pegou os óculos de farmácia dos quais passara a precisar recentemente e começou a tarefa lenta e árdua de ler o depoimento dado no julgamento.

Foi como abrir uma porta para o passado. As palavras trouxeram a experiência toda de volta, a sensação de estar ali, sentada, escutando todos os malditos fatos, vendo Vivi Ann esforçando-se ao máximo para ser forte, escutando a promotora, tão certa de que dizia a verdade.

Winona não precisou fazer anotações. Tudo era exatamente como se lembrava: o início da amizade entre Cat e Dallas, a ingenuidade de Vivi Ann por deixar que a situação se estendesse, a conveniência da suposta “febre” de Dallas aparecer exatamente na mesma noite do assassinato de Cat. E então, a prova forense além do DNA: os pelos encontrados na cama de Cat, microscopicamente relacionados aos de Dallas, e suas impressões digitais na arma. Não restara dúvida depois disso.

Noah não compreendia. Dallas não tinha sido coagido ou submetido à má conduta ou abuso de poder. O júri o considerou culpado com base na totalidade das evidências apresentadas. Não foi um erro de cidade pequena. Foi um veredicto com base em fatos e, dentre as provas, o testemunho ocular de Myrtle, certamente, tinha sido a mais persuasiva.

Winona releu essa parte da transcrição, apesar de se lembrar dela com muita clareza.

HAMM: E onde fica a sorveteria em relação à casa de Catherine Morgan?

MICHAELIAN: No fim da viela. É preciso passar por lá para chegar à casa dela.

HAMM: Por favor, fale mais alto, Sra. Michaelian.

MICHAELIAN: Ah. Sim. Desculpe.

HAMM: Estava trabalhando na sorveteria na véspera de Natal do ano passado?

MICHAELIAN: Estava. Queria fazer um bolo de sorvete especial para a cerimônia noturna na igreja. Estava atrasada, como sempre.

Winona pulou um trecho.

HAMM: Viu alguém naquela noite?

MICHAELIAN: Eram mais ou menos oito e dez. Eu estava quase pronta para sair. Estava dando os toques finais na cobertura quando olhei para a frente e vi... vi Dallas Raintree saindo da viela que leva à casa de Cat.

HAMM: Ele viu você?

MICHAELIAN: Não.

HAMM: E como soube que era o réu?

MICHAELIAN: Eu o vi de perfil quando passou sob o poste de luz e reconheci sua tatuagem. Mas eu já sabia que era ele. Já o tinha visto lá antes, à noite. Muitas vezes. Até cheguei a contar para Vivi Ann. Era ele. Sinto muito, Vivi.

Winona colocou a pilha de papel do tamanho de um peso de porta de lado e levantou-se do sofá, espreguiçando-se para alongar as costas.

– Graças a Deus.

Nenhum exame de DNA salvaria Dallas Raintree tanto tempo depois do ocorrido. Os exames só serviam para inocentes.

Sentindo-se melhor (detestava admitir, mas Noah havia plantado uma sementinha de dúvida e isso não lhe fizera bem), ela voltou para a cozinha e olhou dentro da geladeira. Havia bastante comida ali, mas nada interessante. Ao olhar rapidamente para o relógio acima do fogão, viu que eram oito horas.

Talvez devesse ir à sorveteria. Pensar no famoso bolo de sorvete napolitano de Myrtle abrisse seu apetite.

A cidade estava silenciosa no início da noite. O Dia do Trabalho era oficialmente o fim do verão ali, o dia em que os turistas colocavam as malas em seus trailers e partiam. Sem a gritaria, era possível escutar de novo a água e o vento ruidoso soprando pelas árvores. Os moradores da região adoravam as primeiras semanas de setembro: o sol ainda estava presente, os dias ainda eram quentes e o canal voltava a ser deles.

Winona caminhou até o balcão da sorveteria e pediu para a atendente espinhenta uma fatia do bolo de sorvete napolitano de Myrtle.

Enquanto esperava, Winona imaginou Myrtle no balcão, atenta enquanto cobria o bolo. A loja era alta; Myrtle teria uma visão clara do começo da rua. Winona se virou na direção da rua. Havia um poste de iluminação de ferro preto bem ali, de sentinela, lançando uma luz dourada na calçada.

A menina voltou para o balcão e disse:

– Aqui está, Sra. Grey. São 3 dólares e 92 centavos.

– Srta. Grey – murmurou ela, pagando pelo bolo.

Depois de receber o troco, virou-se de novo para o poste. Ficava no ponto perfeito; Dallas seria

facilmente identificado por Myrtle, que o conhecia. Sim, ele não estava de frente para a sorveteria, mas um perfil ficava claro se iluminado, quando se conhecia a pessoa.

– Vou explicar isso ao Noah – disse a si mesma. – Talvez eu até o traga aqui para mostrar. Ele vai saber que eu o levei a sério.

Ela atravessou a rua com o pedaço de bolo na mão, lembrando-se do depoimento de Myrtle em detalhes.

Já o tinha visto lá antes.

Reconheci sua tatuagem.

Winona parou. Virando-se lentamente, ela desceu a Shore Drive, passou pela loja de suvenires e pela peixaria, até a sorveteria.

Daquele ponto, Myrtle vira o lado direito de Dallas.

Winona sempre tivera memória fotográfica e notara a tatuagem de Dallas quando o contratara. Podia jurar que ficava no braço esquerdo.

Devia estar enganada. Muitas pessoas tinham repassado essa prova, a equipe de acusação, a polícia, até os jornalistas. Não havia como um fato como esse ter sido ignorado.

Claro, os policiais e a equipe de acusação não estavam tentando desmentir Myrtle. Só a equipe de defesa teria analisado a questão com muita atenção. O advogado de defesa, ela se corrigiu. Não houvera uma equipe, mas com certeza Roy havia analisado tudo.

Ela começou a caminhar em direção à casa, mas quando chegou a Viewcrest, em vez de entrar em seu quintal, continuou em frente, passou pelo museu histórico em direção a Water's Edge.

Na porta da casa, finalmente parou por tempo suficiente para pensar no que faria.

Não queria contar a Vivi Ann a respeito da busca de Noah por um exame de DNA se não precisasse fazer isso.

Mas a dúvida estava de volta e ela precisava eliminá-la. Bateu à porta. Quase no mesmo instante, Noah atendeu.

– Oi, tia Winona – disse ele. – Você leu a matéria?

Ela ouviu a voz de Vivi Ann da cozinha.

– Quem é, Noah?

– A tia Winona – respondeu ele.

Winona se inclinou na direção dele e sussurrou:

– Preciso saber em qual braço o Dallas tem uma tatuagem.

– Não faço ideia.

Vivi Ann entrou na sala de estar.

– Oi, Win. Que surpresa boa. Quer um pouco de chá?

– Claro.

Ela seguiu a irmã até a confortável sala de estar. Não havia mais os painéis lúgubres de pinho nas paredes; no lugar deles, tudo havia sido pintado de branco: as paredes, o teto, os cantos. Dois conjuntos de portas que iam do chão ao teto davam vista para o deque dos fundos e para o pasto abaixo, onde ficavam os cavalos. A mobília era estofada com tecidos em estilo country francês em tons de amarelo-escuro e azul-claro.

E agora?, Noah perguntou mexendo os lábios, mas sem emitir som.

Winona deu de ombros.

Pergunte a ela.

Eu?

Vivi Ann deu a ela uma xícara de chá. Winona bebericava enquanto a irmã acendia o fogo na lareira com pedras do rio.

Noah pigarreou.

– Ei, mãe, estive pensando em uma coisa.

– Deve ser um mau sinal.

– O que acha de tatuagens?

Vivi Ann se afastou da lareira e virou-se.

– Acho que todo mundo sabe que não sou contra tatuagens... para adultos.

– E se eu quiser fazer uma?

– Eu diria que a lei determina que só se pode fazer uma tatuagem aos 18 anos.

– Dezesseis, com consentimento de um dos pais.

– Entendi. E você fez 16 anos e eu não soube?

– Só estou pensando com antecedência.

– É mesmo?

– Se eu *fizesse* uma tatuagem, escolheria o mesmo lugar onde o papai tem uma. Em que braço é?

Vivi Ann se mostrou desconfiada.

– Você nunca falou da tatuagem de seu pai antes.

– Em que braço?

– Por que quer saber?

– Viu, tia Winona?

Ele saiu da sala de estar, murmurando algo a respeito da Inquisição Espanhola e bateu a porta do quarto.

– Que diabo foi isso? – perguntou Vivi Ann.

– Onde era a tatuagem de Dallas? – insistiu Winona em voz baixa.

– No bíceps esquerdo. Por quê? É melhor começar a falar – disse ela um momento depois.

O silêncio repentino foi estranho. Pareceu perigoso.

– O que isso tem a ver com Dallas?

– É sobre o Noah, na verdade. Ele foi ao meu escritório na semana passada, disse que queria me contratar.

– Ele está com problemas na Justiça?

– Foi o que pensei. Por isso aceitei o caso. Mas...

– Mas o quê?

– Ele queria saber do pai.

Vivi Ann fez um sinal afirmativo com a cabeça.

– Ele tem se mostrado obcecado com Dallas ultimamente. Por que ele quis que você descobrisse sobre a tatuagem? Eu teria dito se ele tivesse perguntado. Ou ele está com medo de me perguntar? É isso, não é? Ele acha que não quero contar nada sobre Dallas.

– Ele quer que eu peça um novo exame de DNA. Os exames estão melhores agora. Mas nós duas

sabemos que Dallas não vai concordar – acrescentou Winona rapidamente.

Foi como levar um chute no peito quando menos esperava. Vivi Ann se levantou devagar, sem conseguir olhar para a irmã. Precisou se controlar para não fugir.

– Preciso conversar com o Noah. É melhor você ir.

– Estamos bem, não é? – perguntou Winona, levantando-se.

– Claro.

As duas sabiam que era mentira, e uma mentira necessária. A reconciliação entre elas sempre exigira certa encenação. Tinham que fingir que Dallas não havia entrado entre as duas. Agora, claro, ele estava de novo entre elas tão claramente como se estivesse de pé na sala.

Sem dizer mais nada, Vivi Ann caminhou em direção ao quarto de Noah. E bateu à porta duas vezes. Ele não abriu, então ela entrou.

Ele estava sentado na cama, com as pernas encolhidas contra o peito e os olhos fechados, escutando música no iPod. Ela não conseguiu ver os fones de ouvido escondidos nas orelhas, mas escutou o eco da música alta.

Aproximou-se dele e deu um tapinha em seu ombro.

Ele reagiu como um cavalo assustado, afastou-se da mão dela, mas ela percebeu, pelo olhar atento do filho, que ele já a esperava. Tirou os fones e jogou o pequeno aparelho prateado na cama.

Ela foi até a ponta e sentou-se de frente para ele, recostando-se na madeira aos pés da cama.

– Você podia ter me contado isso, sabia?

– Como?

– Era só me chamar e falar: “Mãe, tem uma coisa que eu preciso fazer.”

Demorou bastante para ele olhar para ela e dizer:

– A maioria das crianças se lembra de sua mãe lendo para elas antes de dormir. Eu me lembro de correr para pegar lenços de papel para você e subir em seu colo para secar seus olhos. Eu achava que eu era ruim, que era minha culpa. Foi a tia Aurora quem me contou que meu pai havia magoado você e que eu precisava ser forte por você. Eu tinha 6 anos quando ela me disse isso.

– Ah, Noah. – Vivi Ann se retraía muito naquela época; foi o que teve que fazer: esquecer e continuar. – Eu nem sabia que você e Aurora conversavam assim.

– Quando tinha perguntas, era para ela que eu fazia. Ela era a única que me dizia a verdade. Você agia como se ele tivesse morrido.

– Eu tive que fazer isso. – Foi só o que ela conseguiu dizer.

– Mas ele não está morto.

– Não, não está.

– E tenho o direito de tentar ajudá-lo.

Vivi Ann quase sorriu. Normalmente, ela via Dallas em Noah; naquele momento, viu a si mesma.

– Sei como você se sente, pode acreditar. Eu devia ter previsto tudo isso e ajudado você. Sinto muito.

– Não vai proibir a tia Winona?

A pergunta foi como um maremoto; chegou de repente e sufocando-a, fazendo com que perdesse o fôlego. Aquilo quase a matara, a esperança necessária para brigar com a Justiça. Ela havia acreditado na lei no começo. Mas se tentasse de novo, se fracassasse de novo, tinha certeza de que morreria.

– Não vou proibir vocês. Mas... não quero lhe dar muitas esperanças. A decepção pode ser tóxica se

não tomarmos cuidado. E pode ser que seu pai... não concorde com o exame.

– Então, você *acha* que ele é culpado.

Vivi Ann olhou para o filho, detestando a dor que ele sentia. Com a voz baixa, disse:

– Dallas confia na Justiça ainda menos do que eu e tem ainda mais medo da esperança. Durante toda a vida dele, o sistema o decepcionou. É um dos motivos pelos quais ele pode dizer não.

Os dois sabiam qual era o outro motivo.

– E então vai ter acabado, não é? – perguntou Noah.

Se havia uma verdade que Vivi Ann conhecia muito bem, era de que a perda, assim como o amor, tinha um começo, mas não um fim.

– Sim – mentiu. – Eu acho que vai ter acabado.

VINTE E QUATRO



Durante o longo trajeto até a prisão, Winona ensaiou o que diria a Dallas. *Estou aqui em nome do seu filho. Você se lembra... Idiota. Não o provoque*, ela repreendeu a si mesma.

Estou aqui em nome do seu filho. Ele quer pedir à Justiça um exame de DNA do material encontrado na cena do crime. Com certeza, se você não estava ali naquela noite, vai querer fazer a mesma coisa.

Ela olhou para o relógio quando estacionou perto do presídio. Eram quinze para as duas da tarde. Se tudo desse certo, ela voltaria para a casa de Mark a tempo de jantar.

Ela se dirigiu até a torre de segurança e disse seu nome no alto-falante ao lado da janela. Enquanto esperava a permissão, ela olhou para o mundo proibido de pedra, cercas e arame farpado da prisão. Viu a guarda armada na torre e, ao atravessar os portões e entrar no estacionamento, não conseguiu afastar a apreensão. O portão se fechou com um estrépito quando ela passou.

Ela endireitou as costas, surpresa com o medo que sentia por simplesmente estar ali. Como Vivi Ann havia conseguido fazer isso todos os sábados, durante anos?

Ela entrou no prédio da administração e logo se assustou com o barulho. Apesar de não haver muitas pessoas por perto, as paredes vibravam com o som. O local pareceu, ao mesmo tempo, assustadoramente vazio e estranhamente cheio.

Na recepção, ela assinou seu nome, recebeu um crachá de identificação, deixou a bolsa e o casaco do guarda-volumes e passou pelo detector de metal.

– Normalmente os advogados solicitam uma reunião a sós com seus clientes – comentou o guarda enquanto a levava pelo corredor. Os ecos se tornaram mais altos. – A senhora é nova aqui?

– Esta reunião não vai demorar muito.

Finalmente, ele parou diante de uma porta e a abriu.

Winona entrou devagar na sala, sentindo que se destacava com seu terninho caro de lã. Sentou-se em uma cadeira vazia e ficou olhando através do painel de acrílico com marcas de dedo, com medo de tocar em qualquer coisa que fosse. Escutou trechos de conversa a seu redor, mas nada muito claro. Ao longo dos dois lados da fileira, as pessoas pressionavam as mãos contra o vidro falso, tentando se conectar, se tocar.

Finalmente, a porta se abriu e Dallas apareceu com o macacão largo e laranja e os chinelos gastos. Seus cabelos estavam mais compridos, bem abaixo dos ombros, e seu rosto estava muito mais magro. A pele morena havia se tornado bem mais pálida; ele ainda demonstrava uma intensidade assustadora, uma

energia que fez com que ela pensasse que ele poderia atravessar a barreira de acrílico e segurá-la pelo pescoço.

Ele pegou o telefone e perguntou:

– A Vivi Ann está bem?

– Ela está bem.

– E o Noah?

Ela percebeu a emoção na voz dele; viu a vulnerabilidade em seus olhos acinzentados.

– O Noah está bem. Na verdade, estou aqui por causa dele. Sente-se.

– Diga alguma coisa digna de me fazer sentar.

– Estou aqui em nome do seu filho. Ele quer pedir na Justiça...

Dallas bateu o telefone com tanta força que ele rachou contra o acrílico. Então virou-se, afastando-se.

O guarda abriu a porta para ele e, sem se virar, ele desapareceu entre os grunhidos da vida na prisão.

– Você só pode estar de brincadeira – murmurou Winona.

Ela permaneceu ali sentada por muito tempo, olhando para o vidro manchado, esperando que ele voltasse.

Por fim, uma mulher se aproximou, tocou seu ombro e perguntou se ela estava esperando para ver um detento.

– Acho que não – respondeu ela, afastando a cadeira.

Quando a tia Winona voltou da prisão, eu estava esperando por ela no degrau da varanda. Chovia forte e eu estava totalmente ensopado, mas não me importei. Vi quando ela saiu do carro, subindo pelo caminho.

Ela estava ao lado daquela fonte horrorosa da sereia quando me viu de pé na chuva.

“Sinto muito”, disse ela.

Perguntei o que ele tinha falado, que desculpas ele deu, e a tia Winona me contou que ele nem sequer quis falar sobre isso. Ela disse: “Eu contei a ele o que você queria e ele simplesmente se levantou e saiu.”

Aquilo me deu vontade de gritar, chorar ou bater em alguém, mas eu sabia que tudo isso seria em vão. Então agradei pela tentativa e fui para casa.

Quando cheguei em casa, a chuva estava tão forte que eu engolia água enquanto respirava. Abri a porta da frente e vi minha mãe. Ela estava sentada à mesa de canto, tentando parecer normal, mas percebi que estava preocupada. Ela se levantou e veio na minha direção, dizendo algo a respeito de minhas roupas molhadas.

Só consegui dizer a palavra papai e, feito um idiota, comecei a chorar.

Ela me abraçou e disse “tudo bem” um monte de vezes, como costumava fazer, mas sei que é mentira. “Sinto falta do meu pai”, falei. Apesar de não saber quem diabo ele é. Apesar de ele ser um assassino.

“Ele é mais do que isso”, minha mãe disse. Ela me pediu para eu me lembrar de que ela o havia amado e que ele havia me amado. Eu disse que me lembraria, mas era mentira. Não vou lembrar que ele me amava. Isso é exatamente o que vou tentar esquecer.

Outubro foi um mês de dias cinza, noites frias e chuva fina e constante. Os dias mais curtos eram agitados para Winona, que se preparava para as eleições.

De fora, quem a observasse não veria nada de incomum. Ela estava sentada à sua mesa, atendendo telefonemas e clientes às oito da manhã. Na hora do almoço, com muita frequência, podia ser encontrada na lanchonete ou no Waves, pagando um almoço de negócios para algum morador influente da cidade. Depois do trabalho, quando escurecia, ela costumava se sentar na cama, para assistir a reality shows e para fechar correspondências com brindes. Nos envelopes claros, estava escrito: VÁ EM DIREÇÃO À VITÓRIA! VOTE WINONA GREY EM NOVEMBRO.

Tudo isso, combinado com a igreja, o jantar mensal com a família e seus encontros com Mark, tomava seu tempo. Ela não conseguia se lembrar de quando estivera tão ocupada ou tão feliz. Individual e coletivamente, amava todas as coisas que tomavam seu tempo e atenção. Ela e Mark finalmente levaram o romance a público no fim de setembro e, desde então, todo mundo parecia ter certeza de que o casamento seria questão de tempo. Até mesmo Winona havia começado a torcer por isso. Eles não estavam perdidamente apaixonados, verdade, mas ela já tinha idade suficiente para reconhecer a realidade da vida. Além disso, ela já amava de verdade um homem e cometera muitos erros em nome daquele sentimento instável. Era melhor fazer as coisas com segurança. Pensando nisso, ela sempre se pegava no corredor de revistas do King’s Market, folheando o exemplar mais recente da revista *Noivas*.

A única mosca nesta teia linda e complexa era Dallas.

Sentia-se irritada por saber que ele não queria vê-la, que não queria nem mesmo ouvir o que ela tinha a dizer. Vivi Ann e Noah tinham deixado de lado esse assunto quando Winona contara a eles sobre a reação de Dallas. Vivi Ann suspirara e dissera com tristeza:

– Paciência, então.

Até Noah havia aceitado, murmurando um agradecimento ao se afastar.

Mas Winona não desistia. Ia à prisão uma vez por semana – sempre aos sábados. Hora após hora, ela permanecia sentada naquela cadeira de plástico na frente do acrílico sujo. Semana após semana, Dallas não aparecia.

Sempre que saía da prisão, Winona se repreendia pela falta de bom senso e jurava que não voltaria, e toda semana quebrava a promessa.

Não conseguia determinar a fonte de sua obsessão. Talvez fosse a tatuagem misteriosa (com certeza Vivi Ann estava enganada e a tatuagem ficava no bíceps direito; nada mais parecia possível), ou o modo

como Noah sorrisse quando ela concordara em assumir o caso, ou o jeito como Dallas havia perguntando sobre Vivi Ann e seu filho. Ou talvez fosse o que Vivi Ann não dissera e devia ter dito: *Pedi a você para ajudá-lo há doze anos.*

Independentemente do que fosse, ela sabia que não podia deixar nada de lado até ele lhe dar uma resposta. Era tudo de que ela precisava, apenas um simples: *De jeito nenhum, Win. Um exame de DNA não faz muito sentido para mim. Você sabe por quê.*

Ela imaginou essa mesma resposta dada por ele muitas vezes e, de vez em quando, ela acordava de um sono nada reparador pensando que ele realmente havia dito isso.

– Certo – disse ela em voz alta –, está na hora de fazermos alguma coisa.

Olhou para o relógio. Eram quatro e vinte da tarde de uma quinta-feira. Mark chegaria em uma hora e meia para levá-la para jantar e para ir ao cinema. Ela pegou um papel de carta especial com seu nome, *Winona Elizabeth Grey, Advogada*. Embaixo de seu nome impresso, começou a escrever.

Caro Dallas,

Você venceu. Não tenho dúvidas de que você seria capaz de continuar nesse joguinho para sempre. Você na certa não me imaginaria tentando vê-lo de novo depois de todos esses anos de silêncio. Obviamente, tenho um assunto importante a tratar com você. Sendo assim, não vou me esforçar demais. Você está fazendo com que eu me sinta uma tola – e não resta dúvida de que essa é a sua intenção. É de seu interesse, e certamente do interesse de seu filho, que aceite meu convite para conversar. Estarei aí na quarta-feira, de quatro às seis, no horário de visita de seu bloco. Será minha última tentativa de vê-lo ou falar com você.

Atenciosamente,

Winona Grey

Ela dobrou a carta, enfiou em um envelope, selou e levou-a imediatamente para a caixa de correspondência da esquina.

Pronto. Tudo agora estava nas mãos de Dallas.



Na quarta-feira, Winona arrumou sua mesa com cuidado, guardou tudo e saiu para dizer a Lisa que passaria o resto do dia fora.

– Se alguém telefonar, estou em uma reunião. Pegue o recado e retornarei amanhã cedo. E antes de ir embora, pode regar as plantas? Elas estão meio murchas.

– Claro.

Winona entrou no carro e saiu da cidade.

Alguma coisa se acendeu dentro dela, o pensamento de que tudo enfim terminaria naquele dia. Fora só recentemente que percebera como o pedido de Noah estava pesando sobre ela. Mas agora ela ficaria livre da pressão.

Qualquer pecado que pudesse ter cometido por omissão no primeiro julgamento, ela havia expiado nas últimas seis semanas. Por seis vezes – sete, incluindo hoje –, ela havia dirigido até a prisão,

esperado por um homem que não aparecia e voltado para casa. Cada ida até lá tomava pelo menos seis horas de seu tempo.

Ela já conhecia muitas pessoas pelo caminho e sorria e trocava amenidades ao fazer os procedimentos de entrada no presídio. Tudo havia se tornado tão rotineiro que, quando o oficial entregou a ela o crachá, comentou:

– Uma reunião particular, hein? É novidade. – Ela ficou chocada demais para responder. – Pronto. Esta é uma das salas de visita dos advogados.

Winona assentiu e entrou. Era uma sala pequena com uma mesa de madeira e diversas cadeiras espalhadas. As paredes tinham um tom marrom feio; a tinta estava descascando e deixando à vista o concreto por baixo. Um guarda uniformizado ficava no canto, olhando para a frente, com as mãos unidas nas costas. Sob seu olhar atento, ela se sentou à mesa.

A porta se abriu e Dallas entrou, braços e tornozelos algemados, cabeça baixa enquanto avançava.

Ele se sentou à frente dela, batendo os punhos acorrentados sobre a mesa entre eles.

– O que meu filho quer?

Ela percebeu como sua voz se tornara mais forte ao dizer a palavra *filho*.

– Gostaria de fazer algumas perguntas. Posso?

– Como se alguém conseguisse fazer você calar a boca.

Ela se retraiu ao ouvir aquilo, lembrando-se, de repente, de como já havia detestado aquele homem. Agora que estava com ele, queria sumir.

– Em qual braço você tem a tatuagem?

Ele pareceu surpreso.

– No esquerdo. Por quê?

Winona disse baixinho um palavrão.

– Roy tinha um investigador, alguém que fosse aos lugares para conferi-los? Sabe como é, para investigar a fundo?

– Não tinha dinheiro, você sabe bem. Ele fez o melhor que pôde.

– Por que você não depôs?

– Caramba, Win. Isso já foi há muito tempo. Não depus por causa de minha ficha criminal.

– As pessoas queriam saber o seu lado da história.

– Não queriam, não.

– Seu filho quer a sua permissão para fazer um novo exame de DNA na amostra encontrada na cena do crime. A tecnologia está mais avançada agora. A amostra pode ser grande o bastante para livrar você.

– De repente você acha que eu sou inocente?

– Eu acho que o exame nos daria a resposta definitiva.

– Não.

– Devo pensar que você não quer o exame por motivos óbvios?

– Pense o que quiser. Sempre foi boa nisso.

Winona se inclinou para a frente.

– Eu li as transcrições, Dallas. Myrtle Michaelian viu você saindo da rua. Você apareceu sob a luz do poste e ela viu seu perfil e sua tatuagem.

– Aham.

– Mas a tatuagem que ela viu tinha de estar no braço direito do homem. Ele estava se afastando dela.

– Tá. E daí?

– Você nem ficou surpreso. Por quê?

Ele ficou olhando para ela, sem dizer nada.

A resposta para a pergunta caiu sobre ela como um balde de água fria.

– Você não está surpreso porque não estava lá naquela noite. Sempre soube que Myrtle viu outra pessoa.

– Vá para casa, Winona. Você perdeu a carroça anos atrás.

– Está me dizendo que não foi você?

Winona se sentiu enjoada ao pensar nisso.

– Vá embora, Winona.

Pela primeira vez, ela viu nos olhos acinzentados dele a dor que estava causando.

– Por que parou de receber a Vivi Ann?

Ele se recostou na cadeira e olhou na direção da porta.

– Você via quando ela levava para casa um daqueles cavalos maltratados?

– Claro.

– Foi daquele jeito que ela começou a ficar quando vinha me ver. Eu sabia que ela não estava dormindo, não estava comendo. Acreditar em mim estava matando Vivi Ann e eu sabia que ela nunca desistiria.

– Então tomou a decisão por ela.

Winona se recostou em sua cadeira, surpresa. Foi como se, de repente, ela visse uma daquelas imagens escondidas em um caleidoscópio. Ao vê-la, você se pergunta como pôde não ter visto antes. Ele havia se divorciado de Vivi Ann porque a amava.

– Eu não disse isso. Você disse. O que eu disse foi “Vá embora”. Nada disso tem importância agora. A Vivi Ann seguiu com sua vida e o Noah também vai seguir. É melhor a gente deixar eles em paz.

– Você acha que a Vivi seguiu em frente? – perguntou ela, olhando fixamente para ele.

No olhar dele, ela viu uma ternura diferente de tudo o que já tinha visto na vida.

– Ela não seguiu em frente?

– Ela não resgatou mais nenhum cavalo desde o dia em que pegou os papéis do divórcio. Acho que isso exigia um otimismo que ela não tem mais. Na verdade, ela é como um dos cavalos agora; quando você olha nos olhos dela, só vê o vazio.

Dallas fechou os olhos devagar.

– Nenhum exame de DNA vai me salvar, Win. Digamos que o exame dê negativo. Ele mostrarão apenas que eu não fiz sexo com Cat antes de matá-la.

– Mas existe uma chance. Não é tão simples, você tem razão, porque outros fatos o incriminaram, mas tenho certeza de que você será julgado de novo.

Ele olhou para ela e foi horrível o desespero que Winona viu em seus olhos.

– E meu filho quer isso.

– Ele precisa de você, Dallas. Você pode imaginar o que dizem sobre ele. Os filhos de Butchie e de Erik perturbam Noah o tempo todo. E ele tem o seu temperamento.

Dallas se levantou e caminhou por ali, ao redor da mesa, com as correntes batendo no chão.

– É perigoso fazer isso – disse ele.

– Não se você for inocente.

Ele riu.

Ela se aproximou dele por trás. Devia ter tocado o ombro dele, mas o guarda os observava com desconfiança.

– Acredite em mim, Dallas.

Ele se virou.

– Acreditar em você? Deve estar brincando.

– Eu julguei você mal. Desculpe.

– Não foi isso, Win. Você sentia tanta inveja da Vivi Ann que ficou cega.

Ela engoliu em seco, sabendo que aquela acusação permaneceria com ela por muito tempo.

– Sim – disse ela. – Talvez seja por isso que estou aqui agora. Como advogada.

Aquilo pareceu surpreendê-lo.

– Não quero magoar Vivi Ann nem Noah.

– Não sei sobre amor, perdas ou mágoa, Dallas, mas sei que está na hora de dizer a verdade.

Ele demorou muito a falar:

– Tudo bem.

E ainda assim, quando concordou, parecia triste, e ela sabia o motivo. Ele conhecia o sistema legal (e o amor) melhor do que ela e sabia o preço que todos poderiam acabar pagando pelo excesso de esperança.

VINTE E CINCO



Sob a chuva fina que caía, a família Grey caminhou de casa até a igreja.

Naquele primeiro sábado de novembro, a cidade parecia tediosa e um pouco abandonada. Árvores sem folhas pontuavam as calçadas vazias, com os galhos ásperos e marrons encobertos pela neblina que vinha da água.

De longe, os membros da família pareceriam uma lagarta preta, encolhidos como estavam sob os guarda-chuvas, subindo o monte e descendo a rua comprida e desnivelada.

Aquela era sempre a pior parte para Vivi Ann. Não via problemas em caminhar no domingo de manhã até a cidade, nem em acompanhar a pregação na igreja ou confraternizar com as pessoas depois. Mas era descendo a rua que ela se lembrava de que Dallas havia plantado aquelas árvores. Elas eram compridas, jovens e finas na época; o solo de Water's Edge as havia nutrido, feito com que crescessem fortes. Certa vez, ela pensara ser como aquelas árvores, enraizada ali, firme o bastante para crescer e florescer para sempre.

Quando chegaram em casa, deixando as capas de chuva e galochas ao lado da porta, o humor de Vivi Ann estava tão cinzento quanto o céu. Ela não estava infeliz nem deprimida; na verdade, sentia-se apática. Incomodada.

E não estava sozinha naquilo. Noah andava emburrado havia semanas, irritadiço, batendo portas e distraído com sua música.

Vivi Ann tentou tirar tudo aquilo de sua mente naquela tarde de domingo ao entrar na cozinha para preparar o jantar.

– Você sabe que o molho de xerez com o parmesão e a massa da torta anulam os legumes, que são saudáveis? – perguntou Aurora quando Vivi Ann colocou três tortas caseiras de frango no forno.

– É uma receita de Paula Deen – respondeu Vivi Ann. – Fique feliz por não ter maionese nem creme azedo no meio. Além disso, você ficaria melhor se engordasse um pouco.

– Os restos que ficam em meus dentes são mais do que o que ela come – disse Winona.

– Ha, ha, ha – disse Aurora, servindo-se de mais uma taça de vinho. – Tão engraçado que me esqueci de rir.

Foi um comentário retirado dos campos férteis da infância e Vivi Ann acabou sorrindo pela primeira vez em dias. Pegando sua taça de vinho, ela disse:

– Vamos nos sentar na varanda. O jantar só vai ficar pronto daqui a quarenta minutos.

Elas foram para a varanda e se acomodaram. Recostando-se na cadeira de vime branca e puída, que

era a favorita de sua mãe, Vivi Ann apoiou os pés nas grades e observou o rancho. Uma cortina de chuva prateada e forte caía do beiral, borrando a paisagem verde, fazendo tudo parecer distante e sem forma. O sino de vento com contas de vidro tilintava musicalmente de vez em quando, lembrando quem deveria estar ali e não estava. Ele fez com que Vivi Ann se perguntasse de repente como aquela família seria se a mamãe ainda estivesse viva. *Quando escutarem os sinos de vento, lembrem-se de minha voz*, a mãe tinha dito a todos eles na noite anterior à sua morte. Vivi Ann não se lembrava muito dos últimos meses, havia bloqueado a maior parte, mas recordava-se daquela noite, quando as três se reuniram ao redor da cama da mãe, de mãos dadas, tentando não chorar. *Minha horta. Gostaria de vê-las crescer*.

Vivi Ann suspirou bem fundo. Daria qualquer coisa por mais um dia com a mãe. Tocou o sino de vento, fazendo-o soar e ouvindo o doce tilintar. Durante a meia hora seguinte, elas conversaram sobre coisas sem importância; pelo menos, foi o que ela e Aurora fizeram.

- Você está calada demais hoje, Win – disse Aurora atrás dela.
- Você parece surpresa – replicou Winona.
- É o Mark, não é? – perguntou Aurora. – Ele já disse que te ama?

Winona negou com a cabeça.

- Acho que amor de verdade é muito raro.
- Com certeza – concordou Aurora.

Vivi Ann detestava ver como Aurora havia se tornado amarga desde seu divórcio, mas era compreensível. O amor podia nos reduzir a nada; um amor perdido, mais ainda.

– Você encontrou o amor verdadeiro, Vivi Ann – disse Winona, olhando para a frente finalmente. – Você e Dallas desistiram de tudo um pelo outro.

– Winona – disse Aurora baixinho. – O que está fazendo? Está bêbada? Não falamos sobre...

– Eu sei – respondeu Winona. – Fingimos que ele nunca esteve aqui, nunca foi parte de nós. Quando vemos Vivi Ann com dificuldades, perguntamos a respeito do celeiro ou contamos a ela sobre o novo livro que estamos lendo. Quando vemos Noah machucado e sangrando por ser filho de Dallas, conversamos com ele sobre autocontrole e sobre histórias que fingimos não nos atingir. Mas elas atingem, não é, Vivi? Por que nunca falamos sobre isso?

– Você está atrasada demais, Win – disse Vivi Ann, tentando manter a voz firme.

– Sem dúvida – reforçou Aurora. – Os esqueletos precisam ficar enterrados.

– Mas e se a pessoa não morreu? Devemos enterrá-la mesmo assim? – perguntou Winona.

– Deixe isso pra lá, Win – respondeu Vivi Ann. – Independentemente de qual seja sua nova obsessão, deixe-a de lado. Eu perdoei você há muito tempo, se o problema é esse.

– Sei que perdoou – disse Winona. – Acho que não tinha ideia de como seu perdão foi um gesto generoso.

– Até você estar em uma relação séria? – perguntou Vivi Ann, compreendendo.

Sua irmã havia finalmente vivido uma história de amor e, com essa emoção, entendera melhor como Vivi Ann havia se magoado.

Winona respirou fundo.

– Até eu ir para...

Atrás delas, a porta se abriu.

– O forno está apitando, mãe – disse Noah.

Vivi Ann se levantou depressa, contente por ter sido interrompida.

– Obrigada, Noah. Certo, pessoal, vamos para a mesa.

Ela entrou correndo na cozinha e organizou tudo: a salada, os bolinhos de milho, as tortas.

Na hora certa, ela serviu o jantar e sentou-se à mesa.

Na cabeceira, seu pai abaixou a cabeça em oração e todos eles o acompanharam, entoando as palavras familiares de fé e gratidão.

Apenas quando terminou de rezar e abriu os olhos foi que Vivi Ann viu Winona de pé à esquerda, segurando um maço de folhas contra o peito.

– Não nos obrigue a escutar seu discurso de novo – pediu Aurora. – É o meu jantar de aniversário.

Winona caminhou para a frente, sem jeito; parecia que tinha sido empurrada.

– Fui à prisão na semana passada e vi Dallas.

Todos se calaram, menos Noah, que perguntou em voz alta:

– O quê?

Winona entregou os papéis a Vivi Ann.

– É um registro público agora. Eu o preenchi no tribunal na sexta-feira.

As mãos de Vivi Ann tremiam enquanto ela lia o documento.

– Uma petição para que seja feito o exame de DNA com a amostra encontrada na cena do crime.

– Ele concordou com o exame – completou Winona.

Vivi Ann olhou para o filho, viu que ele sorria e sentiu vontade de chorar.

– Eu sabia! – disse Noah. – Em quanto tempo ele vai poder voltar para casa?

Vivi Ann afastou a cadeira e se levantou.

– Você acha que ele é inocente, Winona? *Agora?* Você não disse nada quando importava.

Sua voz ficou embargada e ela deu um passo para trás.

O pai bateu a mão na mesa com tanta força que os talheres e pratos fizeram barulho.

– Pare com isso, Winona.

– Fique quieto – gritou Aurora para o pai. Olhou para Winona. – Está dizendo que estávamos enganados?

Winona olhou para Vivi Ann.

– Nem todos. Ela sabia.

– Você sabe quantas vezes ouvi falar sobre ações, exames ou petições que o salvariam? Não consigo enfrentar tudo de novo. Conte a ela, Aurora. Diga que deve se afastar antes que Noah saia prejudicado.

– Você não pode estar falando sério, mãe.

Aurora se levantou devagar e ficou ao lado de Winona.

– Sinto muito, Vivi Ann. Se existe a possibilidade de termos nos enganado...

Vivi Ann saiu da sala, correu para o jardim. A chuva molhou seu rosto e se misturou às lágrimas. Ela correu até ficar sem fôlego e então caiu no gramado molhado.

Ouviu Winona subir o monte em sua direção. Mesmo com o barulho da chuva, as gotas batendo na cerca e nas folhas e no gramado, a respiração ofegante da irmã se destacava.

Winona sentou-se ao lado dela.

Vivi Ann não se mexeu. Só conseguia pensar em como queria acreditar em tudo aquilo de novo e em quanto a ajuda de sua irmã teria sido importante doze anos antes. Por um momento, ela odiou Winona,

mas, em seguida, até mesmo essa emoção desapareceu. Lentamente, ela se sentou.

– Vai dar errado, você sabe. Você vai criar esperança e isso vai nos arrastar na lama de novo e, no fim, Dallas ficará onde está e Noah saberá como é ter uma vida vazia. – Ela passou a sussurrar. – Então, pare, tudo bem?

– Não posso fazer isso.

Vivi Ann sabia que aquela seria a resposta, mas, ainda assim, era doloroso de ouvir.

– Então, por que me contou? O que quer de mim?

– Seu consentimento.

Vivi Ann suspirou.

– É claro que tem meu consentimento.

– Obrigada. E só para constar, eu...

Vivi Ann ficou de pé e saiu andando. Em casa, ela fechou a porta, foi para a cozinha, virou três doses de tequila barata e então se deitou na cama, alheia às roupas úmidas e ao fato de ainda estar usando as botas sujas.

– Mãe?

Ela não havia escutado Noah entrar na casa, mas ele estava ali agora, ao lado de sua cama.

– Como é que você não está feliz? – perguntou ele.

Ela sabia que precisava dizer algo ao filho, prepará-lo para a destruição que acompanhava a falsa esperança. Era isso que uma boa mãe faria.

Mas não tinha nada dentro de si naquele momento, nem ossos, nem espírito, nem coração.

Ela rolou para o lado e aproximou as pernas do peito, olhando para o monte macio e branco que era seu travesseiro, sentindo a batida irregular de seu coração, lembrando-se da situação inteira. Acima de tudo, lembrou-se de ter assinado os papéis do divórcio. De tê-lo deixado ali sozinho, sem ninguém que acreditasse nele. Durante anos, ela dissera a si mesma que tinha sido a coisa certa a fazer, a única maneira de sobreviver, mas agora a desculpa parecia vazia. No fim, ela havia desistido dele. E o deixara totalmente sozinho porque era difícil demais ficar.

Quando escutou Noah se afastar e fechar a porta, deixando-a a sós com suas lembranças, não se importou.



Winona voltou para dentro da casa, deixando um rastro de água da chuva. Ficou ali, sozinha, observando a irmã lavar a louça na cozinha. O pai estava em seu escritório, com a porta fechada, claro; o sinal da família Grey que dizia “estou irritado e bebendo para esquecer”.

Atrás dela, a porta se escancarou e Noah voltou correndo para dentro da casa.

– Você é demais, tia Win.

Ele disparou na direção dela, abraçando-a como se tudo já tivesse terminado e ele tivesse realizado seu sonho. Noah se retraiu e franziu a testa no mesmo momento.

– O que foi?

Winona não soube o que dizer. De repente percebeu a magnitude do que havia feito. Ela torceu para estar fazendo a coisa certa, pelo motivo certo.

– Preciso conversar com a minha irmã, Noah – anunciou Aurora, entrando na sala de estar. Ela estava secando as mãos em uma toalha cor-de-rosa.

– Mas eu tenho mil perguntas – argumentou ele com teimosia. – E a minha mãe está na cama. Que novidade!

– Dê um desconto a ela. Agora, vá.

Noah exagerou na demonstração de decepção – até bateu a porta ao sair – e foi embora.

Winona olhou para a porta fechada do escritório.

– O papai disse alguma coisa?

– Para ele, não fede nem cheira. Ele é um velho malvado de dar dó e não me importa o que ele pensa. Pena que você se importe. – Aurora deu um passo à frente. – Preciso saber de uma coisa, Win. Isso é verdade?

– Como assim?

– Eu amo você. Você sabe que amo. Mas sempre teve inveja de Vivi Ann.

Dallas tinha dito basicamente a mesma coisa. Ela sentia vergonha de saber o que as pessoas pensavam dela. E ainda mais, saber que ela merecia aquilo.

– Receio que ele seja inocente. É isso que quer saber?

– E pode tirá-lo da cadeia?

– Não sei. Tudo o que posso fazer é tentar.

– Que Deus lhe ajude se fracassar nisso, Win. Pode ser que ela não sobreviva uma segunda vez.

– Eu sei disso.

– Certo – disse Aurora finalmente. – O que posso fazer para ajudar?

– Fique com ela – respondeu Winona. – Ela não vai querer me ver por um tempo e não quero que ela fique sozinha. Aurora? – disse quando a irmã se virou. – Reze por mim.

– Está brincando? Depois desta noite, rezarei por todos nós.

Não sei como devo me sentir agora e não tenho para quem perguntar. Que surpresa! Queria que fosse dia de aula para poder conversar com a Cissy. Ela saberia o que dizer.

Tudo começou no jantar em família de ontem à noite. As coisas pareciam perfeitamente normais até a tia Winona não participar da oração. Isso deixou meu avô bem irritado.

Então ela entregou alguns papéis à minha mãe e disse que o papai havia concordado em fazer o exame de DNA. Eu não consegui acreditar! Senti vontade de rir, mas o inferno começou. Meu avô bateu com a mão na mesa e então minha mãe se irritou e a tia Aurora concordou com a tia Winona.

Minha mãe gritou algo para a tia Winona e saiu correndo para fora. Pensei que acabaria ali, mas meu avô ficou doido. Ele se levantou tão

depressa que seu copo caiu no chão, quebrou, e ele disse “Você não vai fazer isso, Winona. Já chega.” E então a tia Winona disse que ele era um velho ruim e que devia se orgulhar por Winona perceber um erro e querer corrigi-lo.

A tia Winona tentou explicar que não se tratava de uma escolha, que algumas coisas eram as mais certas a se fazer e ele entrou no escritório e bateu a porta. Eu segui minha mãe e tentei falar com ela, mas ela se enrolou na cama como uma cobra e ficou olhando para a parede, e quando voltei para a casa na fazenda, a tia Aurora me expulsou. Nem me deixou fazer umas perguntas. E parecia que a tia Winona ia chorar. Foi uma confusão enorme. Ninguém se importa com como eu me sinto.

Mas não me importa o que eles pensam ou dizem, vou acreditar no meu pai e, se isso irritar a minha mãe, paciência.

Na manhã do debate entre candidatos a prefeito, Winona acordou bem antes de o sol nascer e não conseguiu voltar a dormir. Durante muito tempo permaneceu deitada, olhando para as divisões nas portas francesas naquela manhã cinzenta de novembro.

Às oito horas, finalmente afastou os cobertores e saiu da cama. Desceu a escada descalça, preparou um bule de café, encheu uma caneca grande e levou o café e as anotações do debate ao andar de cima.

Durante as quatro horas seguintes, permaneceu na cama, lendo e relendo os textos. Certificou-se de que todos os fatos necessários estavam em sua mente: as projeções sobre a população de Oyster Shores, as preocupações ambientais a respeito da morte lenta que ocorria nas águas do canal Hood, as dificuldades socioeconômicas enfrentadas pelos moradores conforme as indústrias de salmão e madeira perdiam a viabilidade. Queria que seus vizinhos saíssem do debate acreditando piamente na capacidade dela de conduzir a comunidade. Queria que as pessoas dissessem que, sem dúvida, ela se tornaria a melhor prefeita de todos os tempos. Era seu objetivo número 1. O objetivo número 2 seria se tornar a melhor prefeita de que o povo se lembrasse.

Às duas horas, Aurora apareceu, armada com seu grande estojo de maquiagem e uma roupa nova para Winona. Vivi Ann, claro, não estava presente.

Aurora foi entrando na casa.

– Não ia aguentar ver você usando um de seus vestidos azuis transpassados e sem forma.

– Ei, eles são caros.

– Essa não é a resposta certa. Olha só, trouxe esta roupa linda da Eileen Fisher para você. É leve, mas profissional. E o que acha de usar um colar um pouco mais moderno do que as pérolas da vovó?

Winona se sentou na ponta da cama.

– Estou em suas mãos.

– Ótimo.

– Como está a Vivi?

Aurora penteou os cabelos, começou a ajeitá-lo com uma chapinha que havia trazido de casa.

– Calada. Com medo, eu acho. Noah tem certeza de que o pai voltará para casa um dia. – Ela se inclinou. – Você tem certeza disto, certo? A Justiça vai comparar o DNA de Dallas com a amostra e vai soltá-lo se os dois não forem iguais, certo?

Winona se retraiu com o peso daquela pergunta.

– Só sei que não consigo dormir desde que descobri que ele pode ser inocente. Você devia ter visto a prisão... e Dallas. Ele está tão abatido quanto Vivi Ann.

– Sim – disse Aurora, afastando os cabelos de Winona gentilmente para prendê-los. – Sempre me perguntei... quero dizer, ele amava muito a Vivi Ann. Nunca acreditei que estivesse saindo com a Cat. Eu devia ter dito alguma coisa na época.

– Eu não teria dado ouvidos a você. Ninguém teria.

– Mas teria ajudado Vivi a saber que não estava sozinha.

Winona pensou naquilo. Era verdade que, às vezes, o apoio de uma única pessoa podia fazer diferença.

Durante a hora seguinte, elas não tocaram no assunto Dallas Raintree. Conversaram sobre o debate, a eleição da semana seguinte e também sobre os feriados. Aurora reclamou dos telefonemas raros e sempre rápidos de Ricky, enquanto Winona analisava suas anotações.

Quando enfim saíram da casa, Winona sabia que estava o mais bonita que lhe era possível estar. Aurora alisara seus cabelos e fizera sua maquiagem com perfeição, enfatizando seus olhos castanhos e a pele clara. A roupa que havia trazido era um blazer solto, feito de um tecido leve cor de vinho e uma calça combinando, com uma blusa preta de gola canoa.

– Pronta? – perguntou Aurora quando estava na hora de partir.

– Pronta.

Elas saíram e desceram até a escola. Ali, entraram no vestiário feminino para esperar pelo início do evento.

– Obrigada, Aurora – disse Winona, abraçando a irmã. – Seu apoio realmente significa muito para mim.

– Arrase com eles, mana.

Winona observou a irmã sair do vestiário e então sentou-se em um dos bancos de madeira para analisar as anotações mais uma vez. Estava tão envolvida nos fatos e números que se assustou quando alguém se aproximou.

– Está na hora, Winona.

Ela riu, sentindo-se nervosa e animada. Quase tonta de ansiedade. Nunca se sentira tão pronta para nada em sua vida.

Talvez até continuasse a partir dali: *senadora Grey*.

Por que não? Ela seguiu o membro do conselho até o ginásio, onde centenas de seus amigos e vizinhos se encontravam sentados em cadeiras dobráveis de metal na quadra de basquete. Diante deles, dois palanques com microfones tinham sido montados.

Quando ela entrou, as pessoas se calaram, observando-a com o que só podia ser descrito como surpresa. O respeito de todos inundou Winona e lhe deu força. Ela subiu em um dos palanques e se

posicionou. Um momento depois, seu oponente entrou no local; ele sorria abertamente.

– Você está linda hoje, Winona – comentou ele, estendendo a mão para cumprimentá-la.

– Obrigada, Thad. Mas a aparência não é o que importa aqui, sabe?

– Como sou prefeito há oito anos, acredito saber mais sobre o que importa do que você, mas não permita que a ignorância a impeça de dizer o que pensa.

Winona sorriu vivamente, pensando *Mal posso esperar para acabar com você*, mas disse:

– Veremos em breve.

Então, como um lutador no ringue, Thad foi para o seu canto – o palanque – e ela permaneceu onde estava. Entre eles, o homem que havia sido prefeito dez anos antes, Tom Trumbull, caminhou até o microfone e apresentou os dois candidatos, passando a seguir às regras para o formato do debate, que seria de perguntas e respostas.

– Faremos a primeira pergunta ao prefeito Olssen. Thad, você terá dois minutos para responder, e então Winona, você terá um minuto para rebater a resposta dele. Vamos começar?

Erik Engstrom se levantou imediatamente.

– Prefeito Olssen. Todos sabemos que o escritório do prefeito está cuidando do policiamento da região. Como sua administração vai ajudar a deixar os cidadãos mais seguros?

Era uma pergunta idiota feita por um imbecil, mas ela não podia fazer nada a respeito. Sorrindo, ela observou as pessoas, à procura de rostos simpáticos. Aurora e Noah estavam na frente; eles assentiram incentivando-a. Vivi Ann e o pai estavam bem ao lado deles; nenhum dos dois sorria. É claro que eles estariam ali. O pai não deixaria que a cidade soubesse que havia uma discórdia em Water's Edge. As pessoas fariam. Pela primeira vez, ela ficou feliz por ele se importar tanto com as aparências.

Mark e Cissy estavam sentados no fundo, com Myrtle.

– Sua vez de responder, Sra. Grey – disse Trumbull.

Winona não pestanejou.

– O policiamento da região precisa de apoio financeiro e monitoramento atento, mas, com certeza, eles não precisam do governo fazendo pressão, tornando seu trabalho mais difícil. Como prefeita, eu assumiria a obrigação de ajudar o xerife Bailor e seus delegados, sem me meter no caminho deles.

Aurora e Noah bateram palmas bem alto em resposta.

Winona sentiu um pouco de ansiedade quando olhou para o restante da plateia; eles estavam sentados com as mãos no colo.

Myrtle Michaelian se levantou.

– Winona – disse ela de modo hesitante. – Gostaria de saber como seria não atrapalhar a polícia sendo que você os acusa de serem idiotas.

– Sinto muito, Myrtle, mas não sei do que você falando.

– Fiquei sabendo que, de repente, você passou a acreditar que Dallas Raintree é inocente. Então, isso quer dizer que a polícia e o júri ou foram ou tolos ou erraram. E acho que podemos concluir que sou uma mentirosa.

Winona entendeu, enfim, por que as pessoas olhavam para ela com seriedade. A novidade a respeito da petição havia se espalhado mais depressa do que o esperado.

Ela respirou fundo e começou a explicar, formando cada palavra com muito cuidado, porém, ao olhar para a plateia, percebeu. Suas palavras podiam ser perfeitamente escolhidas e elegantemente unidas, mas

no fim, não tinham peso, eram apenas sons e respiração que desapareciam como bolhas de sabão no ar. Ninguém se importava em consertar um erro antigo.

Ninguém se importava com Dallas Raintree.

No meio da explicação, Trumbull a interrompeu, dizendo:

– Seu tempo terminou, Winona.

E as pessoas aplaudiram.

VINTE E SEIS



Este é o pior Natal de todos. Fomos para a igreja, mas acho que todo aquele papo sobre perdão e fé é um bando de bobagem. Quero dizer, quase ninguém na cidade conversa com a tia Winona e o que ela está tentando é dizer às pessoas que talvez elas estejam enganadas a respeito de meu pai.

Ele não está ajudando, porque AINDA NÃO QUER ME VER.

A tia Winona diz que ele não quer que eu o veja de algemas e atrás das grades, mas isso é bobagem. Sei que tudo seria mais fácil se eu pudesse ouvir de sua boca que ele não matou aquela mulher.

Tentei conversar com Cissy sobre todas essas coisas, mas nem isso está dando certo como antes. Conversamos na escola, coisa e tal, mas as pessoas nos observam agora, apontam e cochicham. Nas férias de inverno, não consegui encontrá-la em lugar nenhum. Sei que ela estava se escondendo para que eu não a visse. A pior parte é que entendo. Sei que o pai dela está bravo com a tia Winona. E Cissy diz que a avó dela chora o tempo todo. Isso me irrita demais. Por que todo mundo se importa tanto com o fato de meu pai ser um assassino? É como se só IMAGINÁ-LO como um inocente deixasse todo mundo maluco. Tia Winona diz que é porque as pessoas precisam acreditar na lei e a gente está assustando todo mundo, mas não é verdade.

Tentei conversar com a minha mãe sobre isso na noite de Natal, quando chegamos da casa do vovô. Percebi que ela estava triste e estava fazendo o que sempre faz quando alguma coisa a irrita: fica calada e olha pela janela como se esperasse por algo. Mas ela tem uma chance de acreditar no meu pai de novo, talvez até torcer para que ele possa voltar para nós, e age como

se a tia Winona estivesse acabando com nossa vida por apenas tentar.

Então, ontem à noite, eu perguntei a ela: “Por que não quer que o meu pai volte para casa?”

E ela NEM SEQUER ME RESPONDEU. Apenas entrou na cozinha como se eu fosse invisível. Então, fui para o meu quarto e bati a porta. Que Natal excelente.

P.S.: E a tia Winona perdeu a eleição de lavada. Dizem que só a tia Aurora e a minha mãe votaram nela.

Vivi Ann ouviu a porta de Noah bater. Abaixou a cabeça, soltando o ar que estava prendendo.

Aquilo não podia continuar.

Endireitou as costas, tentou simular uma força havia muito perdida, entrou no corredor e desceu para seu quarto. Mesmo ao bater e escutar o filho dizer, irritado: “Entre, não posso impedir você”, ela tentou pensar no que diria. Abriu a porta e entrou, fingindo observar os pôsteres e fotografias presos às paredes.

– Você me perguntou por que não quero que o Dallas volte.

– E você olhou pela janela.

Ela se virou para ele, finalmente.

– Sim. Posso me sentar ao seu lado?

– Não sei. Pode?

Ela foi até a cama dele e disse:

– Vá mais para lá. – E então se sentou ao lado dele. – Você se lembra de quando era pequeno, antes de a fiação ser instalada no seu quarto? Eu me sentava aqui com você e lia com a luz da lanterna. Você adorava *Rebelião das trevas*, lembra?

– Apenas responda à pergunta, mãe.

Ela se recostou na cabeceira bamba e suspirou.

– Eu não devia ter deixado você passar tanto tempo com a Win. Você aprendeu as técnicas de dobermann dela.

– Não diga nada de ruim sobre ela. Ela é a única nesta bendita família que se preocupa com o meu pai.

– Pode acreditar, Noah: eu me importo com seu pai.

– Até parece. Você nunca fala sobre ele. Não temos fotos dele em casa. Você não se importa, não. Nem mesmo está *torcendo* para que ele saia da prisão.

– Você é jovem, Noah, então a esperança parece uma coisa boa para você, e eu fico feliz por isso. De verdade. Mas aprendi coisas diferentes ao longo dos anos. Ela pode ser sombria também.

– E daí? Você não desiste de alguém, simplesmente.

Vivi Ann fechou os olhos, magoada.

– É fácil dizer isso, Noah. Você não tem ideia das coisas pelas quais passamos, Dallas e eu.

– Você alguma vez perguntou se ele fez aquilo?

– Não – disse ela, baixinho. – Eu acreditei nele. Eu acreditei, acreditei e acreditei... então, a apelação foi negada e ele parou de sair para me ver. Eu fiquei arrasada. Você se lembra daquele dia em que nos envolvemos no acidente de carro?

– Sim.

– Esperar que ele voltasse para casa quase me matou. Não quero que você passe pelo que passei.

– Tenho que acreditar, mãe – argumentou ele.

– Um filho deve acreditar. E o homem com quem me casei, aquele que amei, merece tudo o que você está sentindo. É o homem que é seu pai, não o assassino sobre o qual você escutou falarem a vida toda. Mas tente... entender por que não posso permanecer a seu lado nisso. É só porque eu não sou forte o bastante. Tenho vergonha disso.

Noah segurou a mão da mãe.

– Mas você estava sozinha. Eu tenho você.



Winona ficou parada à janela da casa de praia, observando a estrada acima. Era o dia 9 de janeiro, um dia de frio e vento que anunciava uma tempestade. O céu cinzento e carregado combinava com seu humor, fazendo com que tudo do lado de fora parecesse desbotado e pesado. Um começo desfavorável para o ano novo.

O ônibus da escola apareceu atrás das árvores, parando por alguns minutos na frente da casa de Mark. Quando partiu, ela permaneceu ali, ainda olhando para o quintal vazio e inercial, sentindo uma onda de solidão naquela manhã de segunda-feira.

Na noite anterior, havia permanecido sozinha em sua cama por horas, tentando descobrir a melhor maneira de agir com Mark. Ela dera a ele tempo para recobrar o bom senso, pensando que ele chegaria, em alguma noite, e diria estar arrependido, mas não acontecera. Novembro havia se transformado em dezembro e então, no novo ano e, ainda assim, ele não havia saído de sua casa para ir à dela. Winona procurava ficar ali por muito tempo, manter as luzes da casa acesas até tarde, e ainda assim, nada.

Na noite anterior, pela primeira vez, ela tentara imaginar se ele estava esperando por ela. Ela havia cometido o erro (não tinha dito a ele sobre o pedido e percebia agora que devia ter contado), por isso, talvez, ele estivesse esperando por um pedido de desculpas *dela*.

Quanto mais pensava nisso, mais provável parecia.

Vestindo-se cuidadosamente, ela se enrolou no casaco de lã e caminhou em direção à casa ao lado. Hesitou por um instante, mas subiu os degraus de pedra e tocou a campainha.

Ele atendeu depressa, aproximando-se da porta de chinelos e roupão, com os cabelos ainda molhados depois do banho.

– Oi – disse ela, sorrindo com insegurança. – Pensei que talvez você estivesse me esperando dizer que sinto muito.

O sorriso de que ela precisava tão desesperadamente não apareceu.

– Winona – disse ele com um tom impaciente –, já falamos sobre isso antes. Com bastante frequência.

– Sei que você me ama – respondeu ela.

– Não, não amo.

– Mas...

– Você falou com a minha mãe? Você a alertou sobre essa confusão? Os jornalistas telefonam todos os dias. Ela quase não sai mais de casa, está muito chateada.

– Nunca disse que Myrtle estava mentindo no depoimento.

– É mesmo?

– É comum as testemunhas oculares errarem. Tenho feito pesquisas...

– De qualquer modo, você está dizendo que foi culpa dela e todo mundo na cidade sabe.

– Você não entende.

– Você não entende. Está magoando todo mundo com essa cruzada. Você realmente espera que a gente simplesmente aceite tudo?

– Pensei que você aceitaria, Mark. Você me conhece. Eu não estaria fazendo tudo isso sem motivo. É o mais certo a se fazer. Eu devia ter feito isso há muito tempo.

– Aí é que está: eu não conheço você. Com certeza, nunca conheci. Tchau.

Ele deu um passo para trás e fechou a porta.

Mais tarde, em casa, depois no carro e pela cidade, Winona repassou as palavras dele: *eu não conheço você*. Ela não sabia o que machucava mais: pensar que ele não a amava naquele momento ou a verdade dolorosa de que nunca a amara. Pela primeira vez em anos, sentiu vontade de conversar com Luke, de sentar-se com ele como faziam na infância e perguntar o que havia de errado com ela, por que era tão fácil que a descartassem e tão difícil que a amassem, mas nos anos de sua ausência, a amizade entre eles havia desaparecido. Ele telefonava uma ou duas vezes por ano e eles falavam sobre os filhos dele e a carreira dela.

Na cidade, ela entrou na garagem e deu a volta pela casa, passando pela porta da frente.

Lisa estava sentada a sua mesa, digitando no computador.

– Seu pai está no solário. Ele já estava lá às oito horas, quando cheguei. Sentado na varanda.

– Obrigada.

Winona tirou o casaco e caminhou em direção ao solário.

Ele estava sentado com as costas eretas na velha cadeira de vime branco ao lado das portas francesas, com as botas bem apoiadas no chão. Os dedos ossudos e tortos repousavam nas coxas cobertas pela calça jeans; havia um tremor revelador em suas mãos. Fios brancos finos surgiam, desordenados, sob o chapéu de caubói manchado de suor e, mesmo de perfil, ela conseguiu reparar na tensão em sua mandíbula.

– Oi, pai – disse ela, dando um passo à frente.

Ele tirou o chapéu e colocou no colo, passando a mão pelos cabelos.

– Você precisa parar com isso, Winona.

Ela se sentou no sofá de veludo de frente para ele e percebeu que aquela era a sua chance de fazer com que ele compreendesse.

– E se estivéssemos errados?

– Não estávamos.

– Talvez estivéssemos.

– Pare com isso, Winona. As pessoas estão falando.

Winona ficou de pé.

– É com isso que o senhor se preocupa. A grande família Grey e sua preciosa reputação. Prefere que um homem inocente apodreça na prisão a admitir que cometeu um erro. Só se preocupa com o próprio umbigo. Sempre foi assim.

Ele se levantou da maneira gradual e vacilante que havia se tornado normal para ele, mas não existia nada de frágil em seus olhos. O olhar que ele lançou para ela era frio e sombrio.

– Não fale comigo dessa maneira.

Ela quase riu, mas temeu parecer histérica.

– Sabe quanto tempo esperei o senhor dizer que sentia orgulho de mim? – Sua voz falhou ao dizer aquilo, tomada pela carência que tivera início muito tempo antes, quase antes do que ela se lembrava. – Mas isso não vai acontecer, certo? E sabe de uma coisa? Não me importo mais. Estou fazendo a coisa certa com o Dallas e, se descobrir que estou errada, vou viver com isso, mas não vou passar o resto da minha vida pensando ter cometido um erro desses.

Com isso, ela se virou e saiu do solário, subindo a escada até seu quarto. Ali, foi até a janela e olhou para fora, observando o pai caminhar para a calçada em direção à caminhonete. Sem olhar para trás, ele saiu dirigindo.

VINTE E SETE



O fim do inverno e o começo da primavera de 2008 foi um dos mais úmidos registrados em Oyster Shores. A chuva caiu quase sem parar de meados de fevereiro até o fim de março, transformando o solo em uma massa esponjosa de lama verde e marrom.

A vida de Winona tinha mudado tanto nos últimos cinco meses que muitas vezes ficava irreconhecível. Travar uma batalha silenciosa tivera consequências imprevistas.

Não fazia sentido para ela. Em sua cabeça, ela estava, claramente, fazendo a coisa certa e qualquer outra maneira de ver as coisas era ridícula. A verdade simples era que, se houvesse a menor esperança de que um erro tivesse sido cometido com Dallas, ele precisava ser explorado. Como era possível que as pessoas com quem passara a vida toda não vissem isso?

Seus esforços tinham apoio, claro, mas a maior parte deles se expressava com discrição. Aurora e Noah estavam em sua linha de frente; seus soldados batedores na batalha. Vivi Ann não estava totalmente dentro nem totalmente fora; esta era uma das piores coisas nessa busca. O leve brilho de esperança havia tomado conta da irmã, fazendo com que ela se sentisse, mais uma vez, letárgica e um pouco apática.

E o pai estava simplesmente irritado. Considerava os esforços de Winona um constrangimento público. Na semana anterior, no Eagles Hall, ele dissera: “Ela sempre quis ser o centro das atenções, aquela menina. E seria de pensar que colocaria a família em primeiro lugar.”

Aquilo havia machucado muito, já que ela estava fazendo tudo por Vivi Ann e Noah, e, à noite, quando se deitava na cama, mais vazia sem Mark do que antes, sabia que seu desejo de libertar Dallas tinha a ver com redenção. Talvez, para todos eles; para ela, principalmente.

Então, ela engoliu aquilo. Aceitou que muitos de seus amigos e vizinhos discordavam de sua escolha, que seu pai a odiava e que Vivi Ann sentia medo. Foram os fardos que Winona carregou enquanto esperava a resposta do tribunal.

Mas em abril, a espera havia se tornado difícil. Ela perdera clientes e muitas vezes passava dias inteiros em Seattle, pesquisando na biblioteca da Universidade de Washington.

Na terça, 3 de abril, ela trabalhou em Seattle o dia todo e dirigiu lentamente para casa, sem pressa de chegar. Passou pela casa de praia e apenas lançou um olhar para a placa de ALUGA-SE. Desde o fim do namoro com Mark, ela passava a maior parte do tempo na casa na cidade; na verdade, era muito difícil estar tão perto dele e não vê-lo.

Em vez de embicar em direção à entrada de sua própria casa, ela seguiu para Water’s Edge. Estava cansada de ficar sozinha.

Por um momento, quando saiu do carro, não estava chovendo e a beleza daquele lugar à luz do sol surpreendeu Winona. Os campos pareciam feitos de veludo verde, as cercas tinham sido pintadas de preto recentemente e as árvores ao longo da estrada – as árvores de Dallas – estavam em flor. Algumas flores voavam ao redor delas. O sucesso havia chegado àquele rancho na última década e, com isso, vieram os reparos muito necessários. Todas as construções estavam bem conservadas. O estacionamento era uma área enorme com asfalto muito preto; normalmente, ficava cheio de caminhões e trailers, mas naquele momento, no intervalo do fim da tarde, entre o dia e a noite, o local parecia vazio.

Winona caminhou em direção à luz que viu acesa no celeiro.

Vivi Ann estava sozinha ali, esforçando-se para deslocar um barril grande e amarelo, fazendo-o rolar de maneira estranha até a posição que deveria ocupar.

Winona pisou na terra leve como o ar e gritou:

– Ei! Precisa de ajuda com isso?

– Fique aí. Você vai sujar seus sapatos.

Vivi Ann colocou o barril na posição que queria, na ponta de um triângulo imaginário, e então limpou a sujeira das luvas e caminhou em direção a Winona. À luz clara (um pouco esmaecida pela poeira que cobria as dezenas de lâmpadas no teto), ela parecia muito cansada e extremamente bonita. Os anos tinham deixado sua marca em Vivi Ann, tornando-a mais esguia e encovando seu rosto, mas nem mesmo os pés de galinha ao redor dos olhos tiravam sua beleza. Ela era uma daquelas mulheres, como Audrey Hepburn ou Helen Mirren, que seriam bonitas em qualquer idade. Antes, isso deixava Winona com inveja; agora, ela via além da perfeição no rosto da irmã: via a dor naqueles olhos verdes.

– Treino para a prova de hoje à noite? – perguntou Winona.

– Todas as quintas nos últimos quinze anos.

Vivi Ann tirou as luvas marrons de couro e as enfiou no cinto.

Ao passarem pelo celeiro, começou a chover de novo. Winona sentiu as gotas frias baterem em seu rosto, turvarem sua visão, mas elas não caminharam mais depressa. Eram moças da região, aguentavam mais do que uma chuvinha.

Dentro da casa, Winona tirou o casaco e os sapatos e sentou-se no sofá da sala de estar. Fazia muito tempo que ela e Vivi Ann não ficavam juntas em um lugar. Só as duas. Desde o pedido à Justiça, provavelmente. Winona sabia o motivo: Vivi Ann estava frágil demais para falar sobre o processo e muito concentrada no que aconteceria para falar sobre qualquer outra coisa, por isso manteve-se distante de Winona. Como fizera por anos, Vivi Ann escondia o medo, o pesar e a dor na terra escura da arena e seguia adiante.

Vivi Ann olhou pela janela para a chuva que caía. A janela refletia seu rosto, tornando-o mais suave e com um sorriso escorrido. O bater gentil da água no telhado substituía a conversa. Winona poderia ter deixado assim, poderia não ter dito nada e apenas escutado a sinfonia familiar, mas não aguentou.

– Eu devia ter colocado o caso do Dallas em primeiro lugar, Vivi – disse ela.

Estava esperando por uma chance de dizer isso.

– Isso já faz muito tempo, Win.

– Sinto muito que o pedido tenha chateado tanto você, saiba disso.

– Mas não sente muito por ter assumido o caso?

– Como posso sentir muito por isso?

Vivi Ann se virou, finalmente.

– Como você consegue ser sempre tão segura de si? Mesmo quando está errada?

– Eu, segura? – Winona riu. – Você deve estar de brincadeira.

– Você é sempre tão firme e incisiva.

Winona olhou para a irmã, enxergando a vulnerabilidade em seus olhos, a dor.

– E estrago tudo. É o que você está pensando, não é?

– Não – disse Vivi Ann, mas não era essa a resposta em seus olhos.

Antes que Winona pudesse falar alguma coisa, seu celular tocou. Ela o tirou do bolso do casaco e viu que era de seu escritório.

– Aqui é a Winona.

A porta da casa se abriu e Noah correu para dentro, com as roupas molhadas pela chuva, os cabelos úmidos, arrastando a mochila no chão a seu lado.

– O carro da tia Winona...

– Os sapatos... – alertou-o Vivi Ann com cansaço.

Noah deixou a mochila no chão e descalçou os tênis grandes, chutando-os para longe; eles voaram pela sala de jantar, bateram na parede e caíram no chão.

– Disseram alguma coisa para a gente? – perguntou o menino.

Winona levantou a mão pedindo silêncio, escutando Lisa ao telefone.

– Obrigada – disse ela finalmente, e desligou.

– E então? – perguntou Noah.

O coração de Winona batia com tanto força que ela se sentiu zozza.

– Eles aceitaram o pedido – respondeu ela, levantando-se, animada. – Vão examinar a amostra de DNA encontrada na cena do crime.

Noah gritou de alegria.

– Eu sabia! Você conseguiu, tia Win.

– Nós conseguimos – corrigiu ela, ainda sem acreditar.

– Conte a ele – disse Vivi Ann com uma voz fria e frágil como uma camada de gelo. Ela se segurou à mesa com força.

– Contar a ele o quê? – perguntou Winona, franzindo o cenho.

– As mil coisas que podem dar errado a partir de agora. Não ouse deixá-lo ir para a cama pensando que isso foi fácil e sonhando com o que dirá a Dallas quando ele estiver livre.

Winona sentiu vontade de abraçar a irmã magoada e confortá-la como costumava fazer, tanto tempo antes. Em vez disso, passou a falar com mais calma:

– Vamos deixar que ele aproveite sua vitória.

– Você não sabe do que está falando. Mas parabéns – disse ela. – Dallas tem sorte de ter você.

Então ela passou por eles, entrou no quarto e bateu a porta.

– Ignore-a – falou Noah. – Ultimamente, qualquer coisa a irrita ou magoa. É ridículo. Então, se o DNA não for do papai, eles vão soltá-lo, certo?

– Não é tão simples assim. Só uma possibilidade.

– Está dizendo que ele ainda assim pode acabar ficando na prisão pelo resto da vida? Mesmo que não seja o DNA dele?

– Sim – disse ela, olhando para a porta da irmã.

A paisagem toda havia mudado. Um pedido negado teria levado todos eles para o início; com o tempo, eles se conformariam e seguiriam em frente, como já tinham feito antes. Mas aquilo era algo diferente. Era o início de uma esperança nova e específica. E, de repente, ela compreendeu todas as palavras que Vivi Ann havia lhe dito.

Não estava ouvindo por completo antes: seus erros, a ambição e a certeza a haviam ensurdecido. Concentrara-se em reparar uma atitude equivocada, em consertar uma injustiça; redenção. Agora, ela via que Vivi Ann estava tentando proteger seu filho. Sua irmã havia compreendido, desde o começo, que eles podiam vencer a batalha e continuar perdendo a guerra.



Winona tentou imaginar, durante os meses seguintes, como Dallas estava se saindo na prisão. Esperar pelos resultados do exame era como ter uma torneira pingando sem parar na cabeça. Ela sabia que Noah se encontrava igualmente inquieto. Como Vivi Ann previra, ele piorava um pouco a cada dia: envolvia-se em problemas, matava aula, se saía mal nos testes.

Mas sua preocupação maior era Dallas. Fez questão de visitá-lo a cada duas semanas; cada vez mais frequentemente, eles permaneciam sentados sem nada a dizer. Abril se transformou em maio, que trouxe junho. Os turistas voltaram a Oyster Shores, trazendo barulho, dinheiro e trânsito com eles, mas ali, na prisão, nada nunca mudava. Por mais vibrante e feliz que a vida fosse do lado de fora, ali dentro ela era sempre cinzenta e sombria.

– Você precisa dormir um pouco – disse ela a ele na última visita.

Foi a única vez que ele sorriu naquele dia.

– Acho que eu deveria ter pensado nisso antes de começarmos tudo isso.

– Você está com medo? – perguntou ela.

– Sentir medo é um fato normal para mim – respondeu ele, afastando os cabelos sujos dos olhos.

Winona não tinha o que falar, então mudou de assunto, deixando a esperança na lista de conversas a se evitar.

Como a paisagem podia mudar em uma semana e meia. Foi no que ela pensou naquela tarde de quarta-feira ao seguir o guarda para se encontrar com Dallas.

Uma vez dentro da sala, ela esperou impacientemente pela chegada dele, apoiando-se em um pé e depois no outro, nervosa demais para se sentar.

Enfim, a porta se abriu e Dallas estava ali. Seus cabelos se encontravam sujos e escorridos, o rosto estava pálido e ele caminhava de modo desajeitado, como se seu corpo todo doesse. Como sempre, seus pés e mãos estavam algemados.

– Olá, Winona – disse ele.

– Você parece estar doente. Precisa de um médico?

Ele riu ao ouvir aquilo. O som se tornou uma tossida.

– Estamos em junho. Sou alérgico a alguma coisa aqui. Talvez seja ao arame farpado.

– Sente-se, Dallas.

Ele parou de se mexer e ergueu o queixo para tirar os cabelos dos olhos. Ela sabia que ele detestava

fazer isso com as mãos – as algemas batendo diante do rosto, a estranheza evidente do movimento. Certa vez, ele pedira a ela para fazer aquilo e ela percebeu que tremia ao levantar os braços. Fora a única vez em que ela olhara dentro dos olhos firmes e acinzentados de Dallas e vira o menino sofrido que ele já tinha sido. O modo como colocara os cabelos dele atrás da orelha talvez tenha sido o gesto mais gentil que ela já dedicara a um homem.

– Vou ficar de pé – disse ele.

– Recebemos os resultados do exame. O sêmen não é seu. – Ela sorriu, esperou que ele fizesse a mesma coisa, mas ele permaneceu parado. – Você escutou? O DNA encontrado na cena não era seu.

– E agora?

– Você não me parece muito feliz.

– Você se esqueceu, Winona. Eu sempre soube que não era meu DNA.

A força daquelas poucas palavras a pegou de surpresa e, por um momento, ela realmente imaginou como a vida tinha sido para ele durante todos aqueles anos. Um homem inocente na cadeia. Sua voz ficou mais suave ao dizer:

– Já entrei em contato com o escritório do advogado. Já pedi que eles me acompanhem na anulação do julgamento e para fechar o caso.

– Está brincando, não é?

Winona franziu a testa.

– Eu mesma posso entrar com a ação, mas eles vão contestar. Se conseguirmos fazer com que eles vejam as provas, concordem com nosso argumento e acreditem em um erro da Justiça, podemos entrar com um pedido de liberdade. Seria uma bela manobra.

– Você é tão ingênua quanto Vivi Ann. Vou dizer o que vai acontecer: eles vão admitir que não fiz sexo com Cat, mas continuarão dizendo que a matei. Talvez eles digam, de repente, que eu tinha um cúmplice. O que eles com certeza não dirão é “Nossa, Winona, bela descoberta!”.

Ela se sentou na cadeira.

– Se você acreditava nisso, por que me deixou chegar aonde cheguei?

– Pelo Noah – disse ele simplesmente. – Ele é como a mãe dele, acho. Eu sabia que ele não desistiria sem tentar.

– Então, você deixou o Noah e eu começamos isto, acreditando em sua inocência, e então você diz *hasta la vista* e volta para sua cela até morrer? É o seu plano?

– É assim que as coisas são, Win. Se você tivesse se dado o trabalho de perguntar a Vivi Ann, ela poderia ter dito o que aconteceria. Já passamos por isso, você se lembra?

– Não acredito. Não aceito. Você está errado.

– Depois – disse ele com delicadeza –, quando entender tudo isso, faça-me um favor, OK?

– Qual?

– Diga ao Noah que sou culpado. Caso contrário, ele vai ficar com isso na cabeça. Não precisa disso.

– Não vou fazer isso. *Não vou*.

Ele assentiu:

– Obrigado, Winona, de verdade. Se você precisava de redenção, conseguiu. Agora, vá para casa e cuide de sua família.

Então, ele saiu da sala.

Ela ficou olhando para ele, sentindo a raiva ferver por dentro.

– Ele está errado – disse ela ao guarda, que não respondeu. – Não passei por tudo isso para não dar em nada.

Ela saiu da prisão e foi para seu carro, murmurando:

– Ele é um cínico. É claro que pensa no pior, depois de tudo por que passou.

E começou a pensar em como provar que aquela notícia era boa.

Noah ficaria animado.

Ela se concentraria naquilo: no lado bom. O otimismo era sempre uma escolha e sua vontade não falharia justamente quando ela mais precisava.



Estava a caminho de casa quando o telefone tocou. Era Lisa, para dizer que a advogada de acusação havia acabado de telefonar para informar que tinha visto os resultados do DNA e estava disposta a aceitar que Dallas não havia mantido relações sexuais com Cat naquela noite, mas sustentava a convicção de que ele a havia assassinado. Eles entrariam com o pedido de manter a prisão naquela semana.

Talvez a advogada de acusação tivesse dito a Lisa que Dallas tivera um cúmplice.



Vivi Ann estava na cozinha da casa da fazenda, preparando um ensopado para o jantar, quando a história apareceu na TV. Ela não estava ouvindo, apenas murmurava uma música em sua mente (“Mamas, Don’t Let Your Babies Grow Up to Be Cowboys”, mas era melhor não pensar muito na letra), quando ouviu o nome de Dallas.

Ela se virou devagar, fechando a porta do forno com o quadril. Ao atravessar a sala de estar, disse a si mesma que era sua imaginação correndo solta, porém, ao ver a cara de seu pai, percebeu que era verdade.

Sem dizer nada, Vivi Ann pegou o controle remoto e apertou o botão de voltar, agradecida pela primeira vez por Winona ter convencido o pai a comprar um DVR.

Quando apertou o botão play, um jornalista da região estava na tela, diante dos muros acinzentados da prisão. Uma imagem de Dallas – a foto de registro na prisão – permanecia no canto da tela.

–... exames de DNA indicam que Dallas Raintree não foi o último homem a ter relações sexuais com a vítima, Catherine Morgan. A advogada de defesa, Winona Grey, não foi encontrada para comentar, mas a advogada de acusação, Sara Hamm, está aqui conosco.

Sara Hamm apareceu na tela, com aparência mais velha e ainda mais elegante.

– São apenas disputas jurídicas. A condenação do Sr. Raintree foi resultado de uma série de provas físicas e circunstanciais. A evidência do DNA nem sequer foi usada no tribunal, por isso não foi o que o condenou. Sendo assim, esse resultado do exame não muda nada. Apenas indica que as autoridades da região precisam investigar a chance de o Sr. Raintree não ter atuado sozinho na noite em que matou a Srta. Morgan.

O repórter voltou a falar:

– Acabamos de ouvir Sara Hamm...

Vivi Ann apertou o botão de desligar e a tela se apagou. Seu pai voltou a beber. O gelo tilintava dentro do copo quando ele o levou aos lábios.

– Acho que é isso – comentou ela, com a sensação de que algo lhe escorria, deixando-a menor. Mas isso era ridículo. Já esperava por aquilo. Já tinha se preparado.

– Graças a Deus. Ele acabou conosco.

– E se nós é que tivermos acabado com ele?

O pai balançou a mão nodosa com impaciência.

– Ele matou aquela mulher, pronto e acabou. E o filho dele não é muito melhor.

Vivi Ann se sentiu tão chocada com aquela frase quanto se sentira quando ele a estapeara, anos antes. Olhou para o homem a quem havia amado tanto quanto a Dallas, tanto quanto a Noah, e teve a sensação de que o via pela primeira vez.

Será que ela o havia imaginado de uma maneira antes ou será que ele havia mudado, se transformado naquilo pela perda ou a decepção? Ela sabia como tal coisa podia acontecer, como o vazio conseguia moldar alguém novamente.

– É do meu filho que o senhor está falando. Seu neto.

Ela caminhou em direção ao pai, observando-o. As linhas de seu rosto tinham se tornado profundas; as pálpebras pesadas escondiam os olhos escuros.

– Quando a mamãe morreu, eu vi o senhor chorando – disse ela baixinho, sentindo a lembrança daquela noite a seu redor. – O senhor estava ao lado da cama dela.

Ele não disse nada, não admitiu nem negou e, de repente, Vivi Ann questionou a validade de uma memória para qual nunca dera valor.

– Durante todos esses anos, pensei ter sido um gesto romântico, mas a verdade estava bem à minha frente o tempo todo. Aurora viu primeiro. Winona tenta não acreditar. E a Vivi Ann, cabeça de vento, só percebeu agora. Se estava *mesmo* chorando, não foi pelo motivo que imaginei. O senhor não sabe nada sobre o amor, não é?

– Se está falando sobre aquele índio...

– Já chega! – rebateu Vivi Ann, surpresa ao vê-lo retrair-se com a força de sua voz. – Não vou deixar que fale sobre ele.

Antes que o pai pudesse responder, a porta se abriu. Ela escutou passos pesados pela casa e alguém chamando seu nome.

Aurora entrou na sala.

– Vivi Ann – disse ela. – Acabei de ver a notícia. Você está bem?

Vivi Ann fitou o pai e, com aquele rápido olhar, sentiu que a última amarra de sua infância se desfazia. Pela primeira vez, não estava apenas olhando para ele; ela o estava vendo.

– Sinto pena de você – falou, percebendo que ele se retraía.

Ao passar por ele, ela deu o braço para Aurora. Juntas, elas atravessaram a casa e saíram na noite de céu ainda alaranjado.

– O que foi aquilo?

– Ele é um idiota – disse Vivi Ann.

Aurora sorriu.

– Já era hora de você perceber.

– Como posso não ter visto?

– Vemos o que queremos ver.

Vivi Ann abraçou a irmã, sussurrando:

– Obrigada por vir.

– Como você está?

– Eu sabia que isso aconteceria. Torcia para não estar certa, mas eu sabia.

– E o Noah?

Vivi Ann suspirou.

– Ele não vai lidar bem com a notícia. Ele se permitiu acreditar.

– O que você vai dizer a ele?

Pensar na conversa foi amedrontador.

– Não sei. As palavras não valem nada quando estamos na expectativa. – Ela hesitou, incapaz de concluir o pensamento. – Acho que direi que o amo. O que mais eu posso dizer?

Mal tive tempo de ficar feliz com a notícia de que o exame de DNA do meu pai não combinava com o da amostra da cena do crime quando a tia Winona acabou com tudo contando que os promotores estavam tentando mantê-lo preso.

“Mas ele é inocente”, falei.

Se o DNA houvesse sido a prova usada para sua condenação, talvez o tivessem libertado, ela disse, mas havia muitas provas contra meu pai.

Ainda está em andamento. A tia Winona entrou com seu pedido e os promotores entraram com o deles e na próxima semana vamos para o tribunal para ver o que acontece, mas sei como as coisas são. A tia Winona conversou com muitos advogados e todos eles dizem a mesma coisa: continue tentando, mas não se empolgue. O promotor disse ao jornal que talvez meu pai tenha matado a mulher em um momento de ciúme porque outro cara transou com ela.

Eles têm uma resposta que o torna culpado para tudo. É engraçado, Sra. I, apesar de a senhora ter dito que não leria as minhas coisas, ainda tenho a sensação de que está lendo, sim. Eu daria qualquer coisa neste momento para ver uma de suas perguntas tolas, como “Quem sou eu?” Ou “O que eu quero da vida?” ou “Como você faz amigos?”.

Naquela escola, essas porcarias seriam bem mais fáceis de se pensar do

que a minha vida real. Eu queria poder me sentar e conversar com Cissy. Ela sempre faz com que eu me sinta melhor em relação a essas coisas. Mas o idiota do pai dela ainda acha que sou um terrorista e não deixa que nós andemos juntos depois da aula. Isso faz com que o tempo passe devagar entre os dias de aula.

O lado bom é que não perco mais a paciência. Pelo menos, parei de perder quando percebi que meu pai sairia da prisão.

Mas quem sabe o que farei agora?

Esta noite, enquanto eu alimentava os cavalos, o Renegado se aproximou da cerca e me cutucou com o focinho, o que me fez cair. Foi totalmente estranho, porque no geral ele só fica afastado e me observa jogar o feno para ele. Ele é o único cavalo que temos que parece não se importar com comida. Depois de me derrubar na poça de lama, eu gritei com ele e joguei um pouco de feno bem na cara dele.

Foi quando minha mãe se aproximou. Eu contei que aquele cavalo era uma peste e ela me perguntou: “Já contei do dia em que resgatei o Renegado?”

“Você contou que ele estava morrendo de fome, coisa e tal”, respondi. Eu ainda estava irritado com tudo, com o maldito tribunal, com o fato de meu pai não querer me ver e o cavalo ainda ter me derrubado sentado. Estava chateado com a minha mãe por muitos motivos. Acho que estou chateado com ela há muito tempo.

Ela apoiou os braços na cerca, olhando para o cavalo preto como se ele fosse especial. “Seu pai poderia fazer esse cavalo dançar O lago dos cisnes se quisesse”, ela disse. “Nunca vi ninguém tão bom em montaria.”

Gostaria de saber a palavra certa para explicar a sensação de ouvir aquilo. Só sei que foi como ver a nova geração de um videogame antes de qualquer outra pessoa. Eu disse “Você nunca me contou isso antes” e ela respondeu que tem muitas coisas que ela deveria ter compartilhado comigo.

Ela me contou que quando eu era pequeno, eu chorava todas as manhãs até meu pai me pegar no colo. “Ele sussurrava alguma coisa para você”,

disse ela. “Eu nunca soube o que era, mas você esperava por aquilo.” Minha mãe sorriu quando disse que todo mundo me chamava de filhinho do papai e que acreditava que isso não havia mudado.

Eu disse que eu acreditava que ele não ia sair da prisão e minha mãe assentiu, então eu perguntei se ela sempre soubera disso. Ela disse que era o tipo de coisa que não tinha como saber, mas que sentia orgulho de mim por me esforçar.

“Então, por que me sinto tão mal”, perguntei, “se fiz a coisa certa?”

Minha mãe me abraçou e disse que a vida era assim às vezes.

Ficamos ali por muito tempo só olhando para Renegado, que nem sequer se moveu em direção ao feno.

“Por que ele não se mexe?”, perguntei, finalmente. “Por que ele é tão maluco?”

“Ele passou muito tempo esperando o Dallas vir para casa.”

Foi totalmente estranho, mas quando ela disse isso, foi como se eu já soubesse, e quando olhei para o cavalo, vi algo parecido com tristeza em seus olhos.

“É por isso que ele está tão agitado”, disse minha mãe disse baixinho. “É difícil esperar.”

“Gostaria de saber como parar.”

Minha mãe disse “Eu também, mocinho. Eu também.”

VINTE E OITO



Winona estava um caco. Nas últimas 24 horas, ela trabalhara sem parar: relendo os roteiros, ensaiando seus argumentos, preparando-se para aquele que poderia muito bem se tornar o dia mais importante de sua vida.

Um mês antes, tinha certeza acerca do resultado dos acontecimentos de hoje. Na época, contava com o tipo de confiança que vinha da crença de que o mundo funcionava de modo previsível, que os fins poderiam ser antecipados com base em uma compreensão dos fatos que vieram antes.

Agora, era diferente. A atitude determinada dos promotores de manter a pena havia reforçado o argumento de Vivi Ann. Eles tinham até começado uma discussão ridícula a respeito do caráter definitivo e indispensável dos veredictos – como se a confiança pudesse ser mais importante do que a justiça. Poderia existir um animal chamado verdade absoluta, mas ele não poderia ser engaiolado e certamente não vagava pelas salas do Judiciário. Em sua pesquisa para o caso de Dallas, ela havia lido a respeito de mais de cem homens que tinham sido libertados da prisão nos últimos cinco anos com base em exames de DNA... e outros, em maior número, que não tinham sido libertados. Essas almas infelizes, normalmente, estavam na posição de Dallas: o DNA nem os prendia a um crime, nem os exonerava totalmente. Era surpreendente – e envergonhador – ver como os advogados e a polícia sabiam ser inflexíveis quando decidiam culpar o acusado. Normalmente, não haviam provas suficientes que os fizessem mudar de ideia, e então eles continuavam lutando, criando discussões ridículas que mantinham inocentes na prisão por décadas.

– Respire – disse Aurora ao lado dela.

– Vou desmaiar.

– Não vai, não. Respire – repetiu Aurora, com um pouco mais de delicadeza dessa vez, enquanto a direcionava pela mesa longa e baixa do lado esquerdo da sala. – Boa sorte – desejou ela, e partiu.

Winona se sentou, olhando para os blocos de papéis amarelos, caixas de arquivos e montes de canetas à sua frente. Um laptop aberto estava diante dela, com a tela branca. Ela escutou a sala encher de gente. Sentiu vontade de se virar e olhar, mas sabia que isso só aumentaria sua ansiedade. Muitos de seus amigos e vizinhos apareceriam ali; eles queriam ser acalmados, receber a notícia de que o sistema havia funcionado.

Então, ela ouviu uma porta se abrir e um retinir de correntes. A sala ficou em silêncio.

Por fim, Winona se levantou e virou.

Dois guardas uniformizados estavam levando Dallas em direção a ela. Ele vestia um novo terno azul

que ela comprara para ele, com os cabelos presos em um rabo de cavalo meio frouxo. Mesmo algemado, com os passos mais curtos e os punhos unidos, ele era capaz de parecer desafiador. Eram aqueles olhos acinzentados que conseguiam isso. Ela percebeu o modo como ele observou os rostos das pessoas até encontrar Vivi Ann; só então sua expressão obstinada e nervosa se tornou mais suave.

Vivi Ann permaneceu perfeitamente ereta, com os ombros alinhados, mas quando viu Dallas, amoleceu por completo. Parecia que apenas Aurora e Noah, que a mantinham presa entre eles, a impediram de cair lentamente de joelhos. Dallas se aproximou de Winona, as algemas tilintando, e sentou-se na cadeira ao lado dela.

– Ela parece... – Ele hesitou. – E Noah... meu Deus...

– Você quer que eu os traga aqui para conversar com você? Tenho certeza de que...

– Não. – Foi quase inaudível o que ele disse. – Não desta maneira.

Winona tocou a mão dele e ele se retraiu, então ela pensou que devia fazer muito tempo desde a última vez que alguém o havia tocado em uma tentativa de confortá-lo.

O juiz entrou na sala e tomou seu lugar no tribunal.

– Sentem-se – disse ele, colocando os óculos e olhando para os papéis. – Estamos aqui para discutir sobre a ação do acusado de anular a sentença e fechar o caso.

Sara Hamm ficou de pé.

– Sara Hamm, representando o Estado, Meritíssimo. Isso mesmo.

– Ouvirei a defesa – disse o juiz.

Winona tirou a mão da de Dallas e ficou de pé.

– Winona Grey, pelo acusado, Dallas Raintree. Como o senhor pode ver pelo pedido, nossa ação se baseia em novas evidências, especificamente a amostra de DNA encontrada na cena do crime. No julgamento...

Durante quase uma hora, ela explicou o caso, citando precedentes legais, além de imperativos morais. Concluindo, disse:

– É um absurdo o que nosso sistema tem feito com Dallas Raintree. Está na hora de corrigir um erro antigo e libertá-lo.

O tribunal foi tomado pelo barulho. Todos falavam ao mesmo tempo.

O juiz bateu o martelo e disse:

– Silêncio. – Então, olhou para Sara. – Qual é a resposta do Estado, Sra. Hamm?

A advogada de acusação ficou de pé, aparentemente tão calma quanto Winona parecia inquieta.

– Meritíssimo, o registro neste caso é claro e convincente e nenhuma interpretação dessa prova de DNA pode levar à soltura do acusado. Se pudéssemos, teríamos nos unido à defesa. O Estado não tem nenhum interesse em manter homens inocentes presos. Muito pelo contrário, mas, neste caso, um júri analisou a prova em sua totalidade e considerou Dallas Raintree culpado, sem qualquer dúvida. E qual foi a prova? Deixe-me repassar.

Durante quase duas horas, Sara Hamm usou a evidência quase como uma arma branca. Quando terminou, olhou para o juiz.

– Veja, Meritíssimo, o homem certo foi condenado em 1996. O Estado pede que a pena seja mantida.

A garganta de Winona estava seca. Foi preciso se esforçar para permanecer ali, em silêncio, observando o juiz analisar o processo.

Por fim, o juiz virou a última página e olhou para a frente.

– Não vejo motivos para levar isto em consideração. Os fatos e argumentos continuam claros. O pedido do acusado está negado. O prisioneiro continuará sob custódia. – Ele bateu o martelo; o barulho lembrou um trovão. – Próximo caso.

O tribunal voltou a ficar barulhento.

Winona permaneceu sentada ali, aturdida.

– Bela tentativa – disse Dallas. – Diga a Vivi...

E então, os guardas chegaram para levá-lo de novo. Ela escutou Noah chamando; ele provavelmente estava tentando passar entre as pessoas, mas era tarde demais.

Devagar, ela se virou e viu Vivi Ann segurando Noah. Os dois choravam. Winona afundou na cadeira e ali permaneceu, olhando para o banco de modo impassível. Atrás dela, percebeu que o tribunal ia se esvaziando, escutou as vozes alteradas das pessoas, que diziam umas às outras: *eu sabia*. Ela sabia que Aurora estaria confusa naquele momento, dividida, tentando decidir qual irmã mais precisava dela. Por fim, Vivi Ann parecia mais abatida e, assim, Aurora tomou a decisão. Como deveria ser.

– Você foi ótima.

Ela estava tão desesperada à procura de consolo que devia ter enlouquecido um pouco, imaginando a voz dele. Sem esperar nada, ela olhou para a esquerda.

Luke estava ali, mas não sorria quando estendeu a mão.

– Vamos.

Trinta anos atrás, ele havia feito exatamente a mesma coisa e tinha sido o começo para eles. Vai ficando mais fácil, ele dissera então, e as poucas palavras serviram como uma prancha de isopor que não permitiu que ela afundasse. E ali estava ele de novo, quando ela precisava de um amigo. Ela pegou a mala pesada e guiou Luke para ajudá-la com as caixas. Por quase uma hora eles carregaram e descarregaram as anotações inúteis e os arquivos que ela havia acumulado em sua luta para libertar Dallas, sem nada dizer. Quando terminou, ela o levou de volta à casa, preparou duas bebidas e foi com ele para o quintal, onde eles se sentaram no balanço da varanda.

– Quer falar sobre isso? – Foi a primeira coisa que ele disse quando eles se sentaram.

– Não tem muito o que dizer. A Vivi estava certa. No fim, só consegui magoá-los. – Ela olhou para ele. – Acho que você vai dizer que eu sempre faço isso.

– Não.

Algo na voz dele a surpreendeu; uma tristeza, talvez.

– Por que está aqui, Luke?

– Pensei que você precisava de um amigo.

Ela percebeu, olhando para ele, que havia mais coisa ali.

– E?

Ele sorriu.

– E eu também preciso.

– Problemas com a esposa?

– Ex-esposa.

Winona franziu a testa.

– Quando isso aconteceu?

– Há três anos.

– E nunca me contou? Por quê?

– Fiquei com vergonha. Acho que eu disse a você, certa vez, que ela era minha alma gêmea.

– Mais de uma vez, na verdade.

Ele sorriu sem jeito, parecendo uma criança de novo, uma criança flagrada fazendo besteira.

– Acho que minha alma gêmea tinha pés inquietos. Ela um dia saiu para fazer compras e não voltou mais. Assinamos a separação na semana passada. A pior parte é que ela não quer ver as meninas.

– Ai, Luke. Como vocês estão?

– Não muito bem. Com 4 e 6 anos, elas não conseguem entender nada disso, e perguntam quando a mãe vai voltar. Talvez não seja bom ficar em uma casa que tenha tantos fantasmas.

– Nem em uma cidade – disse Winona, tentando imaginar quando conseguiria parar de pensar em Dallas sempre que descesse a Shore Drive ou quando fosse a Water’s Edge. Ela se recostou, olhando para seu quintal. Na noite que chegava, tudo parecia prateado e um tanto surreal.

– Talvez devêssemos falar com Vivi Ann. Ela está precisando de um pouco de apoio.

– Eu vim ver você – disse ele baixinho e, de repente, todo o passado voltou, as luzes e a escuridão. Ele pegou a mão dela. – Senti orgulho de você hoje.

– Obrigada – respondeu ela, surpresa ao ver como aquele simples elogio era importante.

Com toda a emoção e a perda ocorridas recentemente, ela se esquecera da importância de, pelo menos uma vez na vida, fazer as coisas pelos motivos certos. Pena que isso trouxe apenas mais dor.

Não consegui falar com ele. Tudo aconteceu depressa demais. Em um minuto, estávamos ali, sentados, escutando aquela vaca mentir sobre o meu pai, e então terminou e todo mundo começou a se levantar e levaram ele embora, algemado.

Minha mãe disse “Não se preocupe, Noah, você vai superar tudo isso, prometo”. Mas como posso não me incomodar por ele estar lá sozinho?

Minha mãe tinha razão. Eu queria nunca ter começado tudo aquilo. Machuca demais.

– Como ela está? – perguntou Winona.

– Você conhece a Vivi. Ela está mais quieta e não tem saído muito. Fiquei sabendo que o Noah está com problemas na escola de novo. – Aurora parou de fazer o que estava fazendo. Estava ocupada organizando um mostruário de produtos para a loja. – Mas eles vão ficar bem. Só faz uma semana. Ela vai melhorar de novo.

Winona desviou o olhar do rosto compreensivo da irmã. Caminhou sem rumo pela loja vazia, fingindo observar os objetos em promoção: sinos de vento de vidro, brincos de madrepérola, belos vitrais com imagens do canal e das montanhas.

– Talvez a gente consiga levá-la à Outlaw no fim de semana – disse Aurora, aparecendo atrás dela.

Era assim que seria realizada a cura; eles voltariam a suas rotinas e, com o tempo, esse fracasso também seria esquecido. Quase.

– Claro.

Atrás deles, o pequeno sino de latão acima da porta fez seu tilintar.

Aurora cutucou Winona com o cotovelo, e ela se virou.

Mark se encontrava ao lado de uma vitrine de vidro repleta de pérolas. Estava exatamente como sempre: roupas de turista, cabelos ralos, ombros largos – e isso surpreendeu Winona, de certo modo. Com tudo o que havia acontecido ultimamente, era como se todos devessem estar diferentes.

Ela viu a surpresa nos olhos dele e não se mexeu, nem sequer sorriu. Uma hesitação estranha pareceu tomar a pequena loja de presentes e então Mark se moveu na direção dela, sorrindo de modo desconfortável.

Ela foi a seu encontro, forçou um sorriso e falou:

– Oi, Mark.

– Há algum tempo estou pensando em ligar para você – disse ele. – Você não vem mais à casa de praia.

– Eu a aluguei.

– Sei. – Ele olhou para Aurora e de novo para Winona. – Podemos conversar?

– Claro.

Ela olhou para Aurora, que parecia confusa, deu de ombros discretamente e seguiu Mark até a porta.

Do lado de fora, o dia estava lindo. Eles desceram a Shore Drive até o parque e sentaram-se a uma mesa de piquenique vazia. Normalmente, Winona preencheria o silêncio com suas frases nervosas, dizendo qualquer coisa para evitar o nada, mas, nos últimos meses, aprendera algumas coisas sobre as palavras. Às vezes, era preciso esperar aquelas que interessavam.

– Eu estava errado – disse ele, enfim. – Ainda acho que você devia ter alertado a minha mãe e a mim, mas eu devia saber que você teve que fazer o que fez.

– Acabou que não significou nada.

Ele pareceu não saber o que falar, então ficou nada.

– Eu agradeço por isso – disse ela.

– Se é que importa, minha mãe tem certeza de que foi ele.

– E eu tenho certeza de que não foi. Mas sei que sua mãe não está mentindo. Por favor, diga isso a ela. Só acho que ela está enganada.

– Não vai adiantar muito, mas vou dizer a ela.

Winona assentiu. Não conseguiu pensar em mais nada a dizer, por isso se levantou.

– Bem, eu...

Ele segurou a mão dela.

– Sinto saudade. Acha que podemos tentar de novo?

Winona ficou surpresa com aquilo. Ela se virou e olhou para ele, olhou de verdade, e o que viu foi o homem de quem já tinha gostado e queria amar, mas não amava. Aquilo libertou algo dentro dela, aquela percepção inesperada. Ela vira amor dentro da sala de audiência quando Dallas olhava para Vivi Ann e sabia que era aquilo que queria. Não aceitaria uma versão aguada nunca mais.

– Não – respondeu, suavizando um pouco a voz. – Nós não nos apaixonamos – completou. – Mas

quero ser sua amiga, se você quiser.

Ele sorriu, mostrando-se, talvez, até um tanto aliviado.

– Amizade colorida?

Winona riu com aquilo, pensando que era bom ser desejada e como a fortalecia responder com calma:

– Acho que não.



Winona analisou o mais novo caso com análise de cabelos, tentando imaginar se aquilo seria suficiente para entrar com uma ação.

O telefone tocou.

– Winona? Vivi Ann está aqui e quer vê-la.

Winona suspirou.

– Diga a ela para entrar.

Levantando-se, ela se aproximou da janela e olhou para fora. O quintal mostrava a mudança das estações. Tons mais intensos de outono haviam substituído o colorido do verão. As petúnias estavam estranhas e cansadas, as rosas, irregulares e sem poda. O verão já havia acabado e ela mal percebera.

Nos meses seguintes à sua derrota no tribunal, ela não percebera nada, na verdade. Em vez de curar sua obsessão, a perda a intensificara. Ela não conseguia se esquecer da imagem de Dallas na cadeia. E as visitas semanais não estavam ajudando. Dallas desistira totalmente, se é que, em algum momento, ele de fato chegara a alimentar esperança.

– É irônico que o meu apelido signifique *vencer* em inglês, não acha? – perguntou ela, sem olhar para a irmã.

Devia ter arrumado o escritório. Agora, Vivi Ann estava vendo os montes de Post-it espalhados e pastas de arquivos abertas.

– Tudo isto é sobre o Dallas? – perguntou ela.

Winona assentiu. Mentir era algo que elas não faziam mais.

– Transcrições, relatórios da polícia, depoimento, registros de perguntas. – Ela sabia que devia se calar, mas esse era o problema com um vício: não era possível controlá-lo, nem controlar a si mesmo. – É tudo. Já li tantas vezes que estou ficando cega. Tinha tanta coisa errada: a tatuagem, a falta de uma investigação real, a pressa no julgamento, a defesa ridícula de Roy, o DNA... mas tudo isso não quer dizer nada legalmente. E é o que temos.

– Eu sei.

– Você sempre soube.

– Eu não desisti dele – disse ela em voz baixa. – Passei anos acreditando em um final feliz.

Winona finalmente olhou para a irmã.

– Eu fiz com que ele perdesse. E Noah. E você.

– Não foi isso – disse Vivi Ann. – Às vezes, simplesmente não conseguimos salvar as pessoas que amamos.

Winona não sabia como viver em um mundo em que isso fosse verdade; ela também sabia que não

tinha escolha de fato.

- Como está o Noah?
- Nada bem. Vive matando aula. Semana passada, foi desaforado com o professor de ciências.
- O Sr. Parker?
- Claro. Se me lembro bem, Aurora fez a mesma coisa, uma vez.
- Vou falar com ele.
- E o que vai dizer?
- Que não vou desistir.
- Você acha que é o que ele precisa ouvir?
- O que *você* diria? Afaste-se? Apenas desista e deixe seu pai apodrecer ali, sozinho?

Assim que disse aquelas palavras, Winona percebeu que tinha ido longe demais.

- Sinto muito, não era a minha intenção.

– Você anda muito arrependida ultimamente. – Vivi Ann suspirou. – Acha que não sonho em voltar no tempo, em ficar do lado dele?

- Sei que sonha.

– Uma parte de mim fica feliz por não ter conseguido falar com ele no tribunal naquele dia. Como ele poderia me perdoar?

- Ele ama você – disse Winona.

Vivi Ann se retraiu ao ouvir aquilo, mas como um lutador que leva um soco, continuou se movendo.

- Ele está lá dentro e você, eu e Noah estamos aqui fora. É assim que é. É assim que vai ser.

Winona percebeu o que viria em seguida e balançou a cabeça, como se o movimento pudesse afastar as próximas palavras.

– Estou aqui para dizer o que você me disse, certa vez: está na hora de desistir. O exame de DNA foi uma boa ideia e você tentou e não conseguiu. Nós duas sabemos que Dallas chegou ao fim da linha anos atrás. Não importa de quem era o DNA.

- Eu não posso... – Winona hesitou de repente. Olhou para Vivi Ann. – O que você disse?
- Está na hora de desistir. Não importa de quem era o DNA.
- Meu Deus – disse Winona, correndo de volta para sua mesa.

Começou a procurar em meio à papelada, buscando o exame de laboratório do DNA. Ao encontrá-lo, ela pegou o arquivo e abraçou Vivi Ann, beijando seus lábios.

- Você é genial.
- O que...
- Preciso ir. Obrigada por ter vindo. Diga ao Noah que vou visitá-lo no fim de semana.
- Está me ouvindo? Estou tentando ajudar você.
- E eu estou tentando ajudar você – respondeu Winona e então saiu correndo do escritório.



– O Gus me disse que o Noah é um péssimo funcionário – comentou o pai com Vivi Ann enquanto estavam na varanda em uma manhã agradável de setembro.

O entardecer envolvia o rancho, fazendo reluzir o telhado de metal da arena em um tom vibrante de

prateado que lembrava o fogo.

– Ele está tendo um pouco de dificuldade em lidar com tudo isso. Pensou que Winona fosse conseguir libertar Dallas.

– Winona – resmungou o pai, e Vivi Ann percebeu o veneno em sua voz.

Será que aquele tom sempre tinha sido adotado quando ele falava da filha mais velha? Nos últimos tempos, quanto mais coisas ela percebia nele, mais se afastava. Consequia passar dias sem falar nada com o pai. Não porque estivesse brava com ele; pelo contrário. Mas agora que passara a ver a amargura dentro dele, ficava difícil ignorá-la.

Ela olhou para a frente e viu Noah sair da casa. Ele foi caminhando daquele modo desleixado que sempre a fazia se lembrar de Dallas. Seu filho estava crescendo muito. Desde os 15 anos, ele havia começado a olhar para baixo para falar com ela – isso quando olhava para ela. No topo da colina, ele caminhou até o pasto, parou na cerca.

Renegado se virou para olhar para ele, relinchando, mas não se moveu, apesar de Noah estar lhe oferecendo uma cenoura.

– Nunca vi um cavalo recusar comida – comentou seu pai.

– Pode ser tristeza – respondeu Vivi Ann, sentindo pena de seu filho, por saber do que ele precisava naquele momento... por saber que não podia ajudar...

Nenhuma mãe deveria se sentir tão impotente em relação ao filho. Ela se afastou do muro e seguiu em direção aos degraus.

Estava na hora de dizer a Noah o que dissera a Winona.

– Vou tirar o dia de folga, pai.

– E suas aulas?

– Tenho poucas. Vou cancelá-las.

Sem esperar pela permissão dele, nem mesmo aceitação, ela murmurou “até mais” e subiu a colina em meio à grama coberta de orvalho. Enfiando as luvas de trabalho no cinto, ela se aproximou de Noah.

– Como é que nós vamos dizer a ele que o papai não vai voltar?

Vivi Ann acariciou os cabelos sedosos e pretos do filho.

– Eu acho que, se o Renegado soubesse disso, morreria.

– Sei como ele se sente.

Vivi Ann permaneceu ali com o filho, olhando para o cavalo preto. As linhas brancas das agressões sofridas havia muito tempo estavam apagadas, visíveis apenas para quem soubesse o que procurar e onde. As cicatrizes eram assim mesmo, ela pensou; elas se tornavam mais fracas, mas não desapareciam totalmente.

– Pegue seu casaco. Vamos.

– As aulas começam só daqui a uma hora e meia.

– Eu sei. Pegue o casaco.

– Mas...

– Você não vai à escola hoje. Quer mesmo contra-argumentar?

– De jeito nenhum.

Eles se encontraram na caminhonete quinze minutos depois.

– Isso é muito legal, mãe – disse Noah enquanto eles passavam pela escola.

Durante as duas horas e meia seguintes, eles conversaram sobre coisas simples: o rancho, a égua que já ia parir, o trabalho de Noah sobre a Guerra Civil.

Só quando Vivi Ann saiu da estrada e começou a subir lentamente a ladeira do parque nacional, Noah notou onde estava. Ele se ajeitou no assento, olhando ao redor.

– Esta é a estrada para Sol Duc.

– Sim, isso mesmo.

Noah se virou para ela.

– Não quero fazer isso, mãe.

– Eu sei – disse ela. – Eu também tenho fugido, mas certas coisas precisam ser enfrentadas.

Quando eles chegaram ao chalé principal, já passava das nove da manhã. O estacionamento estava quase vazio naquele dia de meados de setembro.

Ela estacionou a caminhonete e saiu, vestiu a jaqueta e subiu o zíper. Estava ensolarado no momento, mas, no meio da floresta, o clima era instável.

Noah permaneceu ao lado da caminhonete, observando a mãe se aproximar dele.

– Não posso subir até lá.

Vivi Ann segurou a mão dele, como deveria ter feito muito tempo antes.

– Vamos.

Ela o puxou, sentiu sua resistência e, então, a entrega.

Eles subiram a trilha que era margeada por cedros enormes dos dois lados, até chegarem a um mundo de vibração inacreditável. Tudo era verde e rico ali, e também grande. A trilha avançava cada vez mais profundamente na floresta, conduzindo Vivi Ann para seu próprio passado.

Nas cachoeiras, eles se viram sozinhos, apenas os dois: mãe e filho, como antes tinham sido marido e mulher. A região estremecia ao som da água que caía; gotículas voavam por todos os lados, batendo no rosto e embaçando a visão dos dois.

Noah parou na grade e olhou para as cachoeiras.

Vivi Ann o abraçou.

– Ele adorava este lugar, assim como você também gosta.

Noah ergueu o queixo em resposta. Vivi sabia que ele temia que sua voz ficasse embargada ou que o traísse se dissesse algo.

Ela estendeu a mão; as gotas caíam como diamantes em sua palma e, imediatamente, transformavam-se em líquido.

– Ele chamava isto de *skukum lemenser*. Remédio forte. – Ela tocou a têmpora do filho com os dedos úmidos, como se tivesse molhado a mão em água benta. – Eu devia ter ensinado a você muitas coisas sobre ele e seu povo. Mas nunca aprendi o bastante. Talvez a gente consiga cuidar disso. Ir à reserva, por exemplo.

Ele se virou, secando os olhos – sem saber dizer se eram lágrimas ou água – e foi até a pérgula sob o cedro.

Vivi Ann tinha se preparado para aquilo durante o longo trajeto, mas, agora que a hora havia chegado, sentia medo. Seguiu Noah, sentou-se ao lado dele. Como antes, a cachoeira parecia um exército passando entre as árvores. Gotas de água pingavam dos galhos.

D. R. ama V. G. R. 21/08/92. Ela observou o entalhe na árvore, lembrando-se de tudo a respeito

daquele dia. A menina que estivera ali acreditava no amor e em finais felizes. Ela havia sido forte e segura de si, por ter se casado com o homem que amava ainda que o mundo todo a julgasse por isso. Aquela menina, como seu filho, teria lutado pelo exame de DNA e ousaria acreditar na verdade.

– Eu estava errada e você, certo. Não dá para fugir do que existe dentro do coração. Foi o erro que cometi.

– Sei por que você não queria que eu e a tia Winona reabríssemos o caso. Agora eu sei. – Noah se recostou na árvore. – Ele nunca vai sair, não é?

Vivi Ann levou a mão ao rosto do filho, vendo ali traços de Dallas.

– Não, Noah. Ele nunca vai sair da prisão.

VINTE E NOVE



Durante a maior parte de sua vida, Winona teve certeza de uma coisa: sua superioridade intelectual. Podia se preocupar com o peso, se esforçar muito para ter a aprovação do pai ou temer que nenhum homem a amasse de verdade, mas desde que se lembrava, sentia-se a pessoa mais esperta de qualquer ambiente.

Aquela certeza tinha sido uma das muitas baixas recentes. Agora, ela agonizava constantemente, duvidava de si mesma, tentava imaginar o que havia deixado para trás, como tinha errado. A lembrança de seu dia no tribunal, quando o juiz não se compadecera de seu argumento para reconsiderar a questão, surgia, incômoda.

Durante toda a vida, as pessoas diziam que ela sempre pensava adiante, com os olhos sempre no prêmio, mas as mãos estendidas para pegar o que ela queria.

Naquele ano, contudo, passara a ser cuidadosa. E humilde. Até temerosa. Tentava imaginar, às vezes, à noite, como se sentiria se aquela fosse sua vida nova; se o cuidado e ansiedade passassem a ser seus companheiros a partir daquele ano. Como ela lidaria com o fato de nunca mais estar certa?

Estava agora dentro do carro, observando pelo para-brisa a chuva que caía sobre o tribunal. Uma bandeira norte-americana pendia, indiferente, no mastro, a única mancha de cor no cinza de céu, nuvens e prédios. Uma névoa subiu da estrada, tornando-a borrada também. Do outro lado da rua, as cores de outono estavam apagadas e obscurecidas pelo tempo.

Winona pegou a maleta a seu lado. Agarrando-se à alça de couro, ela deixou a segurança de seu carro e caminhou, com a sensação de que, a cada passo, entrava em território inimigo. Tentou manter um pouco da confiança de antes, mas não teve como fazer isso na chuva.

À mesa, ela disse:

– Winona Grey, vim falar com Sara Hamm. Tenho um horário marcado às dez.

A recepcionista assentiu e levou Winona pelas etapas de segurança que se tornavam comuns mesmo nos condados menos problemáticos. Ela teve que prender um crachá de visitante, passou pelo detector de metal, mostrou a identificação duas vezes e foi levada ao escritório da promotora.

Era um espaço agradável e de aparência profissional, sem plantas em vasos bonitos, sem fotos de família sobre a mesa. Uma janela grande dava para o estacionamento.

Mas foi a mulher sentada à mesa que chamou a atenção de Winona.

O tempo tinha sido generoso com Sara Hamm. Ela era alta e magra, com a aparência esguia de uma maratonista. Winona imaginou que ela era o tipo de mulher que, em situações de estresse, recorria aos

tênis de corrida, não à geladeira.

– Sra. Grey – saudou ela, levantando-se de sua mesa e fazendo as rodas da cadeira ressoarem no chão de madeira. – Que surpresa.

Winona se sentou.

– Agradeço pela disposição em me receber com tão pouca antecedência. Não passei uma impressão muito boa na primeira vez que nos vimos.

Aquilo pareceu surpreender Sara. Suas sobrancelhas perfeitamente delineadas se franziram de leve.

– Pelo contrário, fiquei muito bem impressionada com seu ardor... ainda que tenha sido inadequado. Você é a cunhada dele. Não poderia ter sido diferente. Posso perguntar por que não assumiu o caso logo no começo? Já que se importa tanto.

– A resposta fácil é que eu não tinha experiência com casos criminais.

– E agora tem?

Não era à toa que aquela mulher havia se tornado bem-sucedida em sua área: ela via tudo.

– Não. – Winona se inclinou para a frente. – O que você achou da defesa de Roy?

– Competente.

– Não foi nem um pouco, e nós duas sabemos disso.

– Você quer ir atrás disso? É algo bem difícil de julgar. Basicamente, ele precisaria ter dormido durante o processo, e acho que nem assim você conseguiria alguma coisa.

– Eu sei. – Winona suspirou. – Acredite, já pesquisei todos os caminhos possíveis para apelar.

– E o DNA era sua melhor chance.

Winona não entendeu se tinha sido uma afirmação ou uma pergunta. De qualquer modo, aquele era o momento. Ela se preparou e disse:

– Acho que não. Que não era minha melhor chance, quero dizer.

Mais um franzir de testa.

– É mesmo?

Winona tentou respirar fundo sem ser notada. *Por favor, permita que eu faça a coisa certa do jeito certo.* Ela havia comunicado sua nova informação aos advogados do Projeto Inocência e eles a aconselharam a agir com cuidado. Se conseguisse convencer Sara Hamm – convencê-la de verdade –, uma ação dupla seria a melhor maneira de reverter a condenação de Dallas. De qualquer outra maneira, uma briga seria criada e Winona preferia não lutar contra o Estado de novo.

– Deixe-me dizer primeiro no que acredito. Roy foi, no mínimo, um advogado ineficiente. Ele não contratou um investigador para estudar a cena do crime nem realizou um trabalho de apoio. Se tivesse feito isso, talvez descobrisse a discrepância no depoimento de Myrtle Michaelian. Ela afirmou ter reconhecido a tatuagem de Dallas naquela noite, mas não seria possível. A tatuagem dele fica no braço esquerdo...

– Você apresentou isso em sua ação, Sra. Grey, não preciso ouvir de novo.

– Eu sei. Só quero que você mantenha isso em mente. Junto com o fato de que a amostra de DNA não era de Dallas. E você e eu sabemos que a amostra de cabelo era bobagem. Houve muitos precedentes nessa questão nos últimos dez anos. Se ele for para um novo julgamento, tenho certeza de que poderia ser excluído.

– Novo julgamento? Perdi alguma coisa? Tudo isso é notícia velha. O caso já foi revisto. O tribunal

manteve a sentença.

Winona procurou dentro da bolsa e tirou um arquivo. Colocando-o sobre a mesa de Sara, ela o empurrou para a frente.

– Isto é novo.

Sara abriu a pasta de papel pardo, leu o documento da frente.

– Um segundo pedido para anular o julgamento e a sentença? Você incluiu este escritório? Acredita que vou entrar com você nisso? Está enganada, Sra. Grey.

– Continue lendo – pediu Winona. – Por favor.

Sua última, melhor (e talvez única) chance seria convencer aquela mulher. Se o Estado concordasse em anular o julgamento e encerrar o caso, o tribunal concordaria.

Sara virou a página e ergueu o olhar bruscamente.

– Quando isso chegou?

Winona sabia exatamente o que havia chamado a atenção da promotora. Os resultados dos exames pelos quais ela esperara durante quase um mês.

– Ontem.

– Ai, meu Deus – disse Sara.

– Pensei que tudo o que eu precisava fazer era examinar a amostra de sêmen para ver se o DNA combinava com o de meu cliente. Como você sabe, não era o mesmo. Por ser muito inexperiente, eu me apeguei a esse resultado, certa de que seria suficiente para libertá-lo. Então, um mês depois, eu estava conversando com a minha irmã. A esposa dele. Ela fez um comentário sobre o exame e eu me dei conta de que não havia checado de quem era o DNA. Então, enviei a amostra à base de dados nacional e ela bateu com a de um homem chamado Gary Kirschner, que atualmente está cumprindo uma pena de nove anos no Centro de Detenção Spring Creek, em Seward. Por estupro. Uma vez que tínhamos um nome, checamos a arma. Você se lembra daquela impressão digital sem identificação?

– Claro – disse Sara, franzindo a testa.

– Ela é de Gary Kirschner também.

– Por que essas impressões não apareceram em 1996?

– Ele ainda não tinha sido preso. Era um morador de rua. Viciado em metanfetamina que passou por muitas cidades perto daqui enquanto seguia para o norte. E antes que me pergunte, posso dizer que Dallas Raintree não conheceu Gary Kirschner.

Sara olhou para os papéis e leu todos de novo.

– Terei que pesquisar isto. Não podemos tomar uma decisão precipitada. Pode levar algum tempo.

Winona ficou de pé.

– Obrigada, Sra. Hamm.

Ela assentiu e continuou lendo.

Winona saiu.

A grande festa de Halloween em Water's Edge é neste fim de semana. Obaaaa! Espero que perceba meu sarcasmo, Sra. I. Não que a senhora esteja lendo este diário ainda. É estranho. Eu ainda escrevo para a senhora. Por

quê? Acho que esta é uma das grandes questões da vida. Talvez, um dia, eu pergunte à senhora.

Bem, depois da aula eu voltei direto para casa para ajudar no rancho. Alguns caras ficariam muito chateados com isso, mas são caras que têm amigos. Quando você não tem amigos, é totalmente normal ir para casa depois da escola. Não há nada pior do que os dez minutos depois que o sinal toca. Todo mundo se encontra. Isso pode ser bem solitário para quem está sozinho.

A única pessoa com quem eu me importo é Cissy. Hoje ela quase sorriu para mim e meu coração praticamente parou. Sei que sou totalmente doido, mas às vezes acho que ela ainda me ama.

Como se isso importasse. Ela tem muito medo de ir contra o fracassado do pai dela. Ah, quem se importa?

Winona estava ao telefone com Luke quando a campainha tocou.

– Ah, ótimo. Chegou alguém aqui – disse ela de modo sarcástico.

Estava no meio de uma reclamação sobre a promotoria, do tempo que estavam demorando para tomar a decisão. Luke era a única pessoa com quem ela podia falar sobre isso, então, às vezes, exagerava. Era surpreendente que ele continuasse telefonando para ela. Quase todas as noites de sábado de setembro e outubro, sem falta, ela se sentava na varanda ou na frente da lareira e conversava com ele sobre a vida. A conversa fácil voltara a acontecer.

– Você precisa ser paciente – disse Luke. Ele vinha dizendo a mesma coisa a ela havia semanas. – Ainda estamos em outubro. Ela vai ligar. Sei que vai.

– A espera está me matando – respondeu ela. – Estou até perdendo peso pela primeira vez desde a sexta série. Talvez eu tenha sorte e até fique bonita enquanto o Dallas apodrece naquela cela.

– Você sempre foi bonita, Win.

A campainha tocou de novo.

– Ah, sim, claro – disse ela. – Foi por isso que você se apaixonou pela minha irmã enquanto eu estava ali, à disposição. Olha, Luke, preciso ir. Ligo para você mais tarde.

– Certo, agora estou oficialmente preocupado com você.

– Isso significa muito para mim. De verdade – disse ela. E então: – Preciso ir. ligue para mim amanhã à noite.

Antes que ele pudesse responder, ela desligou e seguiu em direção à porta.

– Segure as pontas, estou indo.

Ela abriu a porta e encontrou as irmãs ali. Aurora estava vestida como se fosse atravessar uma nevasca: jeans, botas de inverno, um casaco grande de pele falsa. Segurava uma garrafa térmica grande prateada. A seu lado, Vivi Ann carregava xícaras de café.

– Você vem conosco. Vista roupas quentes – disse Aurora.

– Não, obrigada – respondeu Winona.

Na verdade, estava ansiosa demais para se comportar normalmente com as irmãs.

– Ela está confusa – comentou Aurora, lançando um olhar do tipo “eu lhe disse” para Vivi Ann. – O que tem acontecido muito, ultimamente. Já falei que você vai conosco. Vista-se.

– O que tem dentro da garrafa térmica?

– Café irlandês. Depressa.

– Tudo bem. Mas vou levar meu celular – disse Winona.

Ela não passava mais do que dez minutos longe do aparelho desde sua reunião com Sara Hamm.

– Quem é você? A secretária de Estado, por acaso? – falou Aurora.

Winona as deixou na porta e subiu para se trocar. Cinco minutos depois, desceu vestindo uma calça jeans velha com botas azul-claras, um suéter pesado de tricô com padronagem geométrica e o casaco. A bolsa (dentro da qual estava o celular), ela pendurou no ombro.

– Onde está a Vivi? – perguntou ela a Aurora enquanto descia a escada.

– No banheiro. – Aurora acenou para ela e sussurrou: – Depressa. – Quando Winona chegou, ela disse: – Pode falar. Agora.

– O quê?

– Você vem evitando a Vivi Ann há semanas. Conheço você. Significa que você não desistiu de nada.

– Do quê? – perguntou Winona, hesitante.

– Não me faça bater em você.

Winona respirou fundo.

– Encontrei novas provas. Estou esperando para saber se elas são importantes.

– E se forem?

– Ele pode ser solto.

– E, se não der certo, ele continua onde está. – Aurora cruzou os braços. – Graças a Deus você não contou a ela. Ela está por um fio com isso tudo. Mas não me deixe de fora, droga. Eu quero ajudar.

Winona abraçou a irmã.

– Obrigada.

Vivi Ann voltou logo que elas terminaram de se abraçar.

– Certo – disse ela. – Vamos.

Winona as seguiu até o carro de Aurora e sentou-se no banco do carona. Agora que estava fora de casa, sentia-se bem. Não conseguia se lembrar da última vez que havia saído para se divertir.

– Para onde a gente vai?

Aurora virou na entrada do rancho.

– Esse é nosso grande programa, com garrafas térmicas de cafeína e álcool?

Aurora parou e estacionou o carro. Ela pegou um cobertor, duas caixas pequenas e uma caixa de som no porta-malas. Então as três começaram a caminhar. Passaram pelo celeiro decorado com fantasmas e bruxas e pela área de treinamento dos cavalos, toda enfeitada com teias de aranha falsas.

Winona entendeu imediatamente para onde elas estavam indo. Havia uma pequena elevação depois do padoque de Renegado, um morrinho gramado posicionado sob um antigo medronheiro. De lá, era possível ver quase todo o rancho, as montanhas distantes e as águas calmas do canal. Cardumes de

salmão passavam por ele, mudando de curso com as estações e variando de intensidade, mas, como tudo em Water's Edge, eram uma constante.

Aurora estendeu um cobertor sobre a grama e, como já haviam feito tantas vezes quando crianças, as três se sentaram lado a lado. O medronheiro, desfolhado pelo frio de outono, era uma rede de galhos pretos e pontiagudos espalhados como mãos contra um céu estrelado cor de lavanda. Debaixo delas, escondido nas sombras, existia um pequeno pedaço de terra que havia sido a horta de sua mãe. Nenhuma delas nunca tivera a coragem de podá-la ou replantá-la, então o local se transformara em, simplesmente, mato selvagem.

– Não vínhamos aqui há muito tempo – comentou Vivi Ann, servindo o café quente e batizado em canecas que distribuía às outras duas.

– Nós somos irmãs – disse Aurora, e havia uma força inconfundível em sua voz quando ela falou. – Às vezes precisamos ser lembradas disso. – Ela pegou as duas caixas que havia trazido. – Isto é para vocês.

Winona colocou a pequena caixa embrulhada sobre o colo. Abrindo-a, ficou olhando para o presente. Estava amontoado e parecia confuso, mas ela sabia o que era e isso fez seu estômago se contrair. Lentamente, ela tirou o sino de vento da caixa. Era uma seleção de conchas leitosas extremamente belas, unidas por uma linha prateada quase invisível. Fazia um tilintar doce quando ela o segurava.

O sino de vento de Vivi Ann era diferente, feito de pedacinhos de vidro de formas variadas, como joias. Mesmo à pouca luz, as cores cintilavam como se possuíssem um brilho interno.

– São lindos – disse Winona, lembrando-se de sua mãe e da última vez que as três ficaram em volta de sua cama, de mãos dadas, tirando força uma da outra.

Fiquem juntas, havia sussurrado a mãe, chorando pela primeira vez em todos aqueles meses. *Minhas meninas...*

– Somos irmãs – repetiu Aurora. – Eu só queria lembrar vocês. Aconteça o que acontecer, independentemente das escolhas que fizermos – com isso, seu olhar voltou-se para Winona –, permaneceremos juntas.

Winona bateu a caneca nas de suas irmãs e bebeu. Então, enfiando a mão na bolsa, ela tirou uma fotografia e mostrou a elas. Nela, o pai delas estava rindo e era bonito, abraçando de maneira possessiva a mãe.

Aurora e Vivi Ann se aproximaram mais, analisando a foto como se fosse uma grande descoberta arqueológica, o que, de certa forma, era mesmo. Havia poucas fotos da mãe delas e eram espaçadas. Winona uma vez já tinha chegado a pensar que a própria mãe as tinha editado para as recordações de família – tirando as fotos em que parecesse velha, cansada ou gorda. Ela não tinha como saber que lhe restava tão pouco tempo com elas.

Mas não foi a mãe que chamou a atenção na foto. Foi o pai. Ele parecia animado e bonito.

Feliz.

– Eu não me lembro dele assim – comentou Winona.

– Nem eu – complementou Aurora.

– Eu me lembro – disse Vivi Ann com suavidade. Ela pareceu quase arrependida ao dizer isso. – Estão vendo como ele está olhando para ela?

– Por que ele não nos ama assim?

Foi Winona quem perguntou, mas sabia que todas estavam pensando o mesmo. É claro, não havia resposta.

– Onde você arrumou esta foto? – perguntou Aurora.

– Você devia ser promotora – resmungou Winona. – Não deixa passar nada.

– Exceto a amante do meu marido – respondeu Aurora, tomando um gole de café. – Eu cheguei a levar bolinhos para a mulher quando ela ficou doente.

Vivi Ann passou um braço em volta de Aurora.

– Ele era um canalha.

– E chato – acrescentou Winona.

– Não esqueçam que também era careca – disse Aurora, finalmente sorrindo. Ela tomou outro gole. – E então, onde arrumou esta foto?

– Luke.

Ninguém respondeu na hora. Winona entendeu o porquê. Luke era como um lago proibido em um conto de fadas; podia ser lindo, mas havia perigo sob a superfície da água.

Aurora sabia que não deveria dizer nada, então esperou que Vivi Ann comentasse algo primeiro.

Winona deveria ter feito o mesmo – esperar –, mas o silêncio a irritava.

– Ele foi falar comigo depois da audiência. Leu sobre o que estava acontecendo e achou que eu poderia precisar de um amigo.

– Ele é um cara legal – disse Vivi Ann finalmente, olhando para Winona. – Você ainda o ama?

Winona não sabia como responder.

– Comparado a você e Dallas...

Ela deu de ombros, incapaz de encontrar as palavras.

– Não se trata de uma competição – retrucou Vivi Ann, tocando o braço dela. – O amor simplesmente... é.

– De qualquer modo, é tarde demais. Perdemos nossa chance. Ou talvez ela nunca tenha existido. Não sei.

O olhar de Vivi Ann era de pura tristeza.

– Você não sabe se é tarde demais. Se existir pelo menos uma chance, Win, você tem que aproveitá-la. Apesar de todo o sofrimento com Dallas, eu agradeço a Deus por tê-lo amado.

Winona pousou o café no chão e se deitou sobre o cobertor, olhando para a árvore esquelética, na direção da Via Láctea.

– Eu estou com medo – disse ela em voz baixa.

Ela achou que nunca tinha dito essas palavras antes. Sempre temera que anunciar sua fraqueza em voz alta a reforçaria, mas agora precisava da ajuda das irmãs.

– “O medo é o assassino da mente” – citou Vivi Ann e, mesmo no escuro, Winona sabia que sua irmã estava sorrindo.

– Que ótimo. Eu abro meu coração e você me vem com uma baboseira de ficção científica.

Vivi Ann riu.

– Mas *Duna* é um clássico. Além do mais, é verdade: não dá para passar pela vida com medo.

– Olha só quem fala – disse Aurora.

– *Touché* – respondeu Vivi Ann.

– O que você faria se pudesse voltar no tempo com Richard e ter uma outra chance? – perguntou Winona.

– Já pensei muito sobre isso – disse Aurora, levando os joelhos ao peito. – Mas mesmo quando estou muito solitária, sei que não amava Richard o bastante. Eu quero ter o que Vivi teve e, se não tiver, estou bem sozinha. Nada mais de compromissos para mim.

Winona fechou os olhos, ouvindo os sons de sua juventude – os cavalos caminhando nos campos, as ondas batendo na praia, a apressada corrente de água que era caminho dos salmões. Pela primeira vez, ela apreciou a constância do lugar, a previsibilidade. Em um mês ou dois, as orcas voltariam ao canal e, durante algumas semanas mágicas, seriam o assunto da cidade. Na estrada do canal, carros parariam de repente, estacionariam bem ali no meio da pista, enquanto os motoristas correriam para ver os gigantes em branco e preto brincando. Depois, quando chegasse a primavera, os sapos voltariam, coaxando tão alto à noite que as pessoas se levantariam da cama para fechar as janelas.

Em um lugar como esse, sempre se sabia o que esperar e, se a pessoa tivesse cuidado e olhasse com atenção, veria o futuro com a mesma clareza do passado.

– Nunca descobri como parar de amar Luke – disse Winona.

Foi necessário um ato de pura coragem para enunciar aquelas palavras, mas ela estava feliz por ter dito.

– É – afirmou Vivi Ann. – O amor é assim. Mas você tem sorte. Só precisa pegar o telefone e convidá-lo para sair. O pior que pode acontecer é ele dizer não.

– Você não tem nada a perder – concordou Aurora.

Winona se imaginou correndo o risco, convidando-o para sair; não podia deixar de pensar sobre a outra vez, quando não tivera coragem suficiente para confrontar Vivi Ann com seus desejos, e sobre como essa omissão havia mudado tudo entre elas, tornado seu relacionamento frágil.

Winona estava fazendo aquilo mais uma vez, não estava? Embora os motivos fossem melhores, ainda estava escondendo a verdade de sua irmã.

– Sabe que eu amo você, Vivi, não sabe? Nunca quero magoar você de novo.

– Eu sei disso. E, acredite, nada envolvendo você e Luke pode me magoar.

Winona se sentou.

– Sobre o Dallas...

Aurora a cutucou com o cotovelo.

– Chega de falar de homem. Esta é a noite das irmãs. – Ela serviu mais três cafés irlandeses da garrafa térmica e distribuiu as canecas. – A nós – disse ela, e todas beberam.

No longo silêncio que se seguiu, sentadas ali, apoiadas umas nas outras, sobre aquele cobertor que um dia enfeitara a cama de sua avó, Winona sugeriu:

– Talvez devêssemos replantar a horta da mamãe.

– Isso! – disseram Aurora e Vivi Ann ao mesmo tempo, mesclando as vozes com a noite.

– Já é hora – acrescentou uma delas; Winona nem sabia qual, mas concordou da mesma forma.

– Já é hora.

NUNCA SOUBE QUE A VIDA PODIA MUDAR TÃO RÁPIDO!!!!

Preciso largar um pouco a caneta. Minha mão está tremendo. Certo, veja só o que aconteceu. Vou escrever para NUNCA ESQUECER NEM UM SEGUNDO.

Ontem foi um dia normal e chato de aula e minha mãe me acordou cedo. Que sorte. Estávamos na cozinha, tomando café da manhã, quando a tia Winona entrou em nossa casa. Ela nem bateu na porta. Só disse: preciso do meu sobrinho por um dia.

“Mas ele tem aula”, disse minha mãe. “E o festival de Halloween é em dois dias. Preciso da ajuda dele para mil coisas.”

“Por favor”, disse a tia Winona. “Eu fico devendo uma.” Minha mãe revirou os olhos, como sempre, e disse: “Você já me deve várias. Tudo bem, pode levá-lo. Ele tem matado as aulas mesmo.”

Com essa facilidade, eu estava livre. A tia Winona olhou para mim e disse para eu tomar um banho e vestir calças do meu tamanho. “Não quero ver sua cueca.” Eu comecei a me recusar, mas ela ergueu a mão e disse: “Então fique aí e vá para a escola.”

Então eu me vesti bem.

Entramos no carro da tia Winona e partimos. O tempo todo, ao longo do canal, eu fiquei perguntando a ela para onde estávamos indo e ela não me dizia, mas dava para saber que ela queria dizer. Ela estava com um sorriso enorme.

Fiquei tão ocupado fazendo perguntas que não percebi quando saímos da autoestrada. Então vi a placa para o presídio.

“Está brincando?”, perguntei. Antes, eu estava rindo e cutucando tia Winona ao fazer as perguntas, mas quando vi a placa, foi como se meu sangue tivesse congelado.

“Eu não quis contar para a sua mãe, caso alguma coisa desse errado”, disse tia Winona. Ela olhou para mim. “As coisas sempre podem dar errado no último minuto. É uma coisa que aprendi.”

“Como?” Foi tudo o que consegui dizer.

“Mande o laboratório fazer mais testes de DNA e descobrimos quem realmente estava na casa da Cat naquela noite. Não era o seu pai”, disse

ela. “Então a promotora de Justiça participou de minha moção para libertação.”

“Amanhã”, disse ela, “os jornais vão ter a notícia, então estou levando você para vê-lo antes que as câmeras comecem a seguir você por aí.”

“Mas e a minha mãe?”, perguntei.

“Não se preocupe com ela”, disse a tia Winona. “Aurora vai mantê-la ocupada o dia todo, deixar o portão do rancho fechado e o telefone desligado. Não quero que sua mãe saiba até ele sair. Só para garantir. Ela não pode ter outra decepção.”

Nós chegamos ao presídio e ele continuava do jeito que eu me lembrava, todo cinzento e feio. No estacionamento, paramos e saímos do carro. Na torre de guarda, um cara com uma arma ficava andando de um lado para outro.

“Esqueci minha carteira de identidade”, disse eu de repente. “Eles vão me deixar ver ele?” Antes que a tia Winona conseguisse responder, tocou uma campainha e os grandes portões pretos começaram a se abrir.

E eu pude vê-lo. Meu pai. Ele estava saindo da prisão, com um guarda enorme ao lado; estava usando calças pretas grandes demais e uma camiseta preta amassada. Não dava para dizer qual era o comprimento que estava seu cabelo, porque estava preso em um rabo de cavalo.

Eu andei na direção dele, apenas olhando para aquele rosto tão parecido com o meu.

Ele disse o meu nome e eu me dei conta de que nunca tinha ouvido a voz do meu pai.

“Você está aqui mesmo”, disse ele, e foi o primeiro de nós a chorar. Ele me disse algo que não entendi, mas soava familiar. E eu soube: era o que ele costumava me dizer quando eu era bebê, que minha mãe não sabia. Era só nosso, meu e do meu pai.

“Significa ‘Cavalgue como o vento’ na língua da minha mãe”, explicou ele. “Meu Deus”, disse ele depois. “Eu deixei um garotinho nos braços de sua mãe e você agora é um homem.”

Então ele me puxou para os seus braços e disse que sentia falta de seu

rapazinho.

TRINTA



Havia literalmente centenas de coisas a fazer entre aquele momento e o início do festival de Halloween na sexta-feira. Sem Noah, Vivi Ann entraria num período infernal para aprontar tudo. Depois do café da manhã, o pai saiu para o telheiro do trator e os peões começaram a alimentar os novilhos.

Aurora apareceu perto do meio-dia e, embora ela não fosse de grande ajuda, andou como uma sombra atrás de Vivi Ann grande parte do dia, até que então se sentou com ela no alpendre até o fim da tarde. Os corrimãos brancos estavam decorados com conchas e pedras coloridas e algumas pedrinhas transparentes, gerações de mulheres e filhos dos Greys marcando território com tesouros tirados de suas praias. Vivi Ann ainda tinha a última concha de vieira que sua mãe lhe dera e, embora não a carregasse mais por aí, estava sempre lá, esperando por ela, naquele alpendre.

Nas horas seguintes, ficaram sentadas ali, conversando às vezes, rindo muito e, eventualmente, permanecendo em silêncio. De fato, o rancho inteiro estava surpreendentemente silencioso naquele dia; nem um caminhão atravessou a entrada, o telefone não tocou. Enfim, por volta das nove da noite, Aurora olhou para o relógio e disse:

– Bem, acho que já fiquei demais por aqui. Melhor eu ir.

Quando Aurora saiu, Vivi Ann entrou para ligar para Noah. Como não conseguia sinal de discagem, fez uma busca rápida e descobriu a fonte do problema: seu telefone estava fora da tomada. Irritada, ela o conectou e ligou para o celular do filho. Depois de muitos toques, ele atendeu.

– Oi, mãe. Tentei ligar para você.

– Eu sei. Desculpe. Sei lá como, o telefone ficou fora da tomada. Está vindo para casa? Tem escola amanhã.

– Hum. Eu... ajudei a tia Winona tirar as coisas do sótão o dia todo e ainda não acabamos. Posso passar a noite aqui? Ela me leva para a escola amanhã.

– Deixe eu falar com ela.

Winona pegou o telefone.

– Estou mesmo aqui e está tudo bem. Levo ele para a escola no horário.

Vivi Ann quis dizer não, exigir que ela mandasse o filho de volta, mas apenas porque se sentia solitária. Então, falou:

– Tá, tudo bem. Diga para ele que eu o amo.

– Pode deixar.

Ela se deitou no sofá, encolhida, pôs os fones de ouvido, aumentou o volume e ouviu um pouco de música no iPod. Por fim, quando não conseguia mais manter os olhos abertos, foi para a cama. Estar sozinha em casa era estranho. Ouvia todos os tipos de novos ruídos. Pela primeira vez, imaginou como seria quando Noah crescesse e fosse embora. Como aquela cabana ficaria silenciosa.

Suspirando com aquele pensamento, ela acabou adormecendo.

Pouco tempo depois, batidas firmes, *pa-ca-tum, pa-ca-tum, pa-ca-tum*, a acordaram. A batida abafada era regular e contínua, como o movimento de uma cadeira de balanço na terra fofa. Ou de um homem cavalgando na escuridão.

Dallas. Ela se rendeu às memórias, deixou que elas a inundassem...

Então, percebeu que não era um sonho. O ruído era real. Despertou, desvencilhou-se das cobertas e saiu da cama, alcançando o roupão que estava embolado no chão. Vestiu-o, apertando a faixa surrada em torno da cintura, e caminhou pela casa em silêncio, ouvindo.

Abrindo as portas duplas, ela saiu para o alpendre. Uma lua cheia de um branco perolado estava suspensa sobre as montanhas distantes. Seu brilho iluminava tudo, transformando os campos em retalhos de veludo azul profundo.

A luz do luar brilhava sobre o homem que cavalgava sem sela ou rédeas.

Ela estava enlouquecendo, finalmente; após todos esses anos, simplesmente aconteceu.

Ela seguiu até o corrimão, sem se importar se estava louca; na verdade, estava amando isso. Dali, tudo o que conseguia ver era a camiseta branca; ela reluzia como se estivesse sob uma daquelas luzes negras de sua juventude. Embaixo dele, Renegado estava praticamente invisível, mas ela pôde ver que ele galopava de uma forma gingada e fluida, seus passos macios como muito antes, quando era um campeão. Outro fato de sua loucura: Renegado estava saudável novamente. *Claro.*

Ela tentou ficar onde estava, mas, como naquela noite, dezesseis anos antes, não conseguiu resistir. Seus passos estalavam as tábuas do alpendre enquanto ela o atravessava.

Ela desceu para a encosta gramada, tomando cuidado para não escorregar na grama úmida pelo orvalho, e foi até a cerca do padoque.

Eles deslizaram, passando por ela, descreveram um círculo ali dentro do espaço cercado, e então pararam na frente dela. A respiração pesada, resfolegante de Renegado parecia ser o único som em quilômetros; mesmo o mar parecia ter ficado imóvel, na expectativa.

– Vivi – disse Dallas, e o som daquela voz a deixou tão instável que ela agarrou-se à parte de cima da cerca.

– Não pode ser você...

Ela parou. Falar exigia mais estabilidade do que ela parecia ter naquele instante; era como se estivesse formando as palavras de algum jeito, criando-as de partes dela mesma que desapareciam.

– Sou eu.

Ele desceu do Renegado, demorou-se esfregando as orelhas do cavalo e acarinhando seu focinho e, então, lentamente, aproximou-se de Vivi, passou por baixo das ripas mais baixas da cerca e surgiu diante dela.

Pela primeira vez em anos, não havia ninguém ao lado deles observando seus movimentos e nenhum vidro sujo entre eles. Ele parecia mais velho e mais triste; as linhas em seu rosto eram marcadas profundamente, como se desenhadas com um pincel grosso. A dor dentro dela era tão profunda que

aflorou e Vivi Ann desmoronou.

– Eu deixei você lá, sozinho. Sei que não pode me perdoar. Eu não consigo me perdoar, mas...

Ele se aproximou mais, deslizou a mão pelo rosto dela, em volta do pescoço, envolvendo sua nuca. Com aquela mão firme, ele a puxou para mais perto.

Ela se sentiu voltando à vida nos braços dele. Agarrou-se a ele, temendo deixá-lo ir, aterrorizada com a possibilidade de piscar e descobrir que imaginara aquilo tudo.

Tocou o rosto dele, limpando as lágrimas do homem com a ponta dos dedos.

– Dallas – disse ela. – Não chore...

Ele a ergueu nos braços e a carregou pela encosta escorregadia acima, atravessou o alpendre e entrou na cabana que, no passado, fora o local de encontro dos dois, depois seu lar, e que agora era estranha para ele. No entanto, o quarto ainda ficava no mesmo local e ele a levou até lá, abrindo a porta com um chute.

Ele a deitou na cama e se ajoelhou ao lado dela. A luz da lua era filtrada através da janela e cobria os lençóis brancos. Ela se apressou para tocá-lo, desesperada para despi-lo. Suas mãos se moviam furiosamente para arrancar a camisa dele e desabotoar as calças; ele desfez o laço do roupão e baixou o tecido felpudo e gasto, primeiro desnudando os ombros, depois o resto do corpo, até que o tecido se transformasse em uma camada de maciez embaixo deles.

Eles se tocaram com um tipo de desespero que poderia brotar apenas depois de mais de uma década de espera. A respiração deles ficou ofegante e entrecortada, as bochechas úmidas com as lágrimas um do outro, enquanto lembravam como sempre fora fácil o encaixe dos corpos. E quando por fim ele a preencheu, ela gritou alto o nome que havia segurado por tantos anos longos e vazios.



Winona, Aurora e Noah estavam reunidos em torno da mesa de jogos, na sala de estar de Winona, jogando uma partida sem graça de cartas. Falaram na maior parte do tempo sobre Vivi Ann e Dallas, claro, mas a jogatina os ajudava a manter os pés no chão. Todos estavam tão agitados que era difícil se concentrar. Winona havia tentado – e falhado – ganhar pontos extras no jogo quando o celular tocou.

– Alô?

– Oi, Winona. Desculpe ligar tão tarde.

Ela ouviu a voz da corretora e suspirou.

– Oi, Candace.

Noah e Aurora sentaram novamente.

– Posso ajudar em alguma coisa? – perguntou Winona, tentando esconder sua decepção.

Ela não esperava de fato que Vivi Ann ligasse naquela noite, mas ainda assim...

– Acabei de receber uma ligação de um médico que quer alugar sua casa da praia. Ele está lá fora agora e quer ver a propriedade. Normalmente eu largo tudo e vou, mas as crianças já estão na cama. E como tivemos poucas ligações para ela...

– Eu vou – disse Winona. Era exatamente o que precisava: algo para ocupar a cabeça. – Obrigada.

Ela desligou o telefone, deu uma desculpa qualquer para Noah e Aurora e foi até o carro.

A estrada longa e escura estava perfeita. Enquanto passava veloz pelas ruas familiares, vendo a

paisagem sob o lindo brilho de uma lua cheia azul e prateada, ela refez seu dia mentalmente. Sem dúvida, fora o melhor dia da sua vida. Nunca esqueceria um momento daqueles, desde o abraço de urso de Dallas, até seu “Obrigado” dito bem baixinho, até o jeito que o rosto de Noah mudou quando encontrou o pai pela primeira vez depois de anos. Ela embicou na entrada caindo aos pedaços e estacionou ao lado da grande picape azul. Ainda estava pensando em Dallas quando as sombras atrás dela viraram, dissolveram-se e moveram-se na direção dela.

Luke.

De repente, ele estava lá, vindo em sua direção.

– O que está fazendo aqui? – perguntou ela. – Você não precisa alugar a minha casa.

– Não. Só queria encontrar você a sós. Dirigi o dia todo.

Ela não entendeu.

– Eu disse que ligaria para você amanhã, depois...

– Quando você me disse o que fez por Vivi Ann e Dallas, tudo o que eu pude pensar foi em como seria ter você ao meu lado.

Ela recuou um passo, franzindo a testa. Não queria fazer um juízo errado do que estava acontecendo, dar significado às palavras dele, a seu olhar.

– Sempre estive do seu lado, Luke. Mesmo quando eu não devia estar.

– Mas eu não fiquei do seu lado, não é?

– Não.

E lá estava: tudo o que sempre estivera errado entre eles. Ela ficou surpresa por ter sido ele a enxergar a situação.

– Desculpe – disse ele, simplesmente.

Ela não sabia como responder àquilo. Ela perdoara Luke – e a si mesma – havia muito tempo.

– Isso é passado, Luke.

Ele diminuiu a pequena distância entre eles e, quando a olhou, ela viu a vida inteira deles nos olhos de Luke, tudo o que fora deles – as coisas que aconteceram e o que não acontecera –, e naquele único olhar ela enxergou que não fora a única que havia mudado.

– Você acredita em segundas chances?

– Claro.

Ele tomou a mão de Winona, como tinha feito em tantos momentos difíceis da vida dela.

– Quer conhecer minhas filhas? Elas ouvem falar de você há anos.



– Quando podemos ir buscá-los?

Winona previu a pergunta do sobrinho, sabia de fato que seria a primeira pergunta da manhã. Ela passou um braço ao redor dele, ainda sorrindo pela noite anterior.

– Logo.

– Meu pai é muito legal, não é? – disse Noah.

Nas últimas 24 horas, Winona vira aquele garoto aprender a sorrir de dentro para fora. O Noah problemático, mal-humorado e de cabelo na cara desaparecera; no seu lugar, havia um jovem que passara

por maus bocados e superara tudo. Um jovem que sempre saberia que, mesmo que coisas ruins acontecessem, o bem ainda poderia triunfar.

E Winona lhe dera tal certeza.

– Obrigado, tia Win – disse ele, como se lesse sua mente.

Aquilo não a surpreendeu também. Ela sabia no que ele vinha pensando.

– Não. Eu que agradeço, Noah. – Ela o encarou. – Eu cometi um erro com seus pais. O maior erro da minha vida. Até você aparecer com aquela nota de 1 dólar amassada, eu pensava que desculpas era tudo o que eu podia oferecer. Tudo o que eu tinha. Você me deu a chance de mudar o que eu fiz. Então, eu que agradeço.

Por volta das nove da manhã, veio a primeira ligação de um repórter. Winona disse “Sem comentários” e desligou, mas um momento depois, quando o telefone tocou novamente, ela sabia que seu tempo de privacidade chegara ao fim. Ela foi até o quarto de hóspedes e acordou Aurora, que tinha ficado até tarde da noite anterior ouvindo Winona falar de Luke.

– Venha, irmãzinha. É hora de ir. A notícia se espalhou.

Poucos minutos depois, quando Noah desceu as escadas já trocado, de cabelo lavado e seco enfiado atrás das orelhas, ela sabia que era hora.

– Vamos lá falar com o pai.

Aurora grunhiu.

– Preferia casar de novo com Richard.

Winona sorriu, mas os arrebanhou para fora e depois até o carro. O caminho até o rancho era curto e, como eles temiam, havia repórteres diante do portão fechado.

– Propriedade particular – lembrou-os Winona ao abrir o portão, passar com o carro e fechá-lo atrás de si.

– O que o vovô vai dizer? – perguntou Noah poucos minutos depois, quando saíram do carro.

– Vai ficar feliz – respondeu Winona, esperando ser verdade.

Aurora riu.

Eles subiram os degraus do alpendre, bateram à porta e entraram.

O pai estava na sala de estar, sentado no sofá. Encarou-os.

– É verdade?

– Dallas foi solto ontem. Ele está com a Vivi – respondeu Winona.

O pai inspirou fundo e soltou o ar.

– Meu Deus. O que o povo vai dizer?

– Que cometemos um erro – disse Winona.

– E que Winona consertou tudo – completou Aurora, apertando a mão da irmã.

– Consertou? Acha que isso melhora nossa situação?

Winona esperava aquela reação.

– Pai, eu fiz uma coisa boa. Quer você saiba ou não, *eu sei*. E nós vamos agora mesmo até a cabana como uma família dar as boas-vindas a Dallas.

Sentado, o pai não disse nada, apenas apertava e abria as mãos tortas. Ela viu como sua boca se contraía de raiva, mas tremia também, e como ele não conseguia olhar as filhas nos olhos, pela primeira vez na vida ela o viu como Vivi Ann o via, um homem incapaz de revelar a mínima emoção.

Ela foi até ele, ajoelhando-se diante do homem. A vida inteira ela se sentira fraca na presença dele; agora, sabia que era a mais forte dos dois. Talvez sempre tivesse sido.

– Venha conosco, pai. Somos os Greys. Isso importa. Mostre para nós quem você é de verdade, quem você costumava ser.

Ele não olhou para ela, talvez porque não conseguisse. Apenas se levantou, foi até o escritório e bateu a porta. Ela não precisava abri-la para saber o que ele estava fazendo: em pé no lugar dele, olhando para o seu quintal, para suas terras, servindo uma bebida, embora ainda fosse de manhã.

Estava desmoronando por dentro ou rindo? Ele se importava com as coisas que não fez e não falou ou era vazio por dentro? A tragédia era que ela não sabia, provavelmente nunca saberia. O que ele sentia ou não pertencia apenas a ele. Tudo o que ela sabia era que, ao menos daquela vez, ela o machucara. Suas escolhas fizeram dele uma ilha, isolado e distante.

– Vamos – disse ela, trocando um olhar expressivo com Aurora. – Ele já tomou a decisão dele.



Vivi Ann e Dallas passaram a noite toda fazendo amor e conhecendo-se novamente, conversando sobre como Winona os salvara. Finalmente, quando o sol se ergueu em um céu de brigadeiro, eles se sentaram na cama, as colchas enroladas em seus corpos nus, e conversaram sobre o que importava.

– Noah é um rapaz e tanto, Vivi. Você cuidou muito bem dele. Passamos o dia todo juntos ontem.

– Cuidei muito mal dele – respondeu ela em voz baixa, envergonhada mais uma vez por ter desmoronado sem Dallas.

– Não – rebateu ele. – Já perdemos tempo de mais. Sem arrependimentos. Você acha que eu não queria me socar por não sair para ver você quando me visitava? Eu estava tentando com muita vontade ser generoso.

– Mesmo assim, eu desisti.

Ele sorriu para ela, tirou os cabelos úmidos de suor de seus olhos e a beijou novamente.

– E se rendeu. Nada disso importa mais.

Ela perguntar mais alguma coisa para ele quando bateram à porta.

– Deve ser o papai – disse Vivi Ann. – Perguntando por que diabo não teve café da manhã.

Ela saiu da cama, vestiu o roupão e foi até a porta para abri-la.

A família inteira estava lá, sorrindo para ela. Bem, praticamente a família inteira. O pai não estava lá. A dor daquilo incomodou um pouco, lembrou-a de coisas que ela preferia esquecer, um relacionamento que fora perdido ou nunca se construíra. Mesmo agora ela não tinha certeza.

– Oi, mãe – saudou Noah, atraindo o olhar dela de volta para as pessoas que estavam ali, na sua frente.

Ela olhou primeiro para Winona, amando-a tanto que não cabia em si.

– Você é minha heroína – disse ela, um pouco emocionada. E correu para abraçar a irmã com força, sussurrando: – Obrigada.

Quando ela se afastou, as duas choravam.

Dallas apareceu ao lado dela, deslizando uma das mãos de maneira possessiva na cintura de Vivi Ann. O momento foi como apertar um gatilho. Todos se juntaram de uma vez, chorando e se abraçando. E

quando acabou, Vivi Ann se viu em pé na grama de Water's Edge, segurando a mão do marido, fitando com olhos marejados a família dela – os Greys – e a terra que os definia. Dali, ela conseguia ver as poderosas sempre-vivas crescendo atrás da cabana, suas raízes fundas no solo fértil, e os campos verdejantes, adormecidos agora neste mês frio de outono, mas prontos para brotar novamente quando a luz do sol primaveril voltasse. Abaixo do celeiro ficava a casa onde ela havia crescido, uma garota entre garotas, sempre sabendo como era pertencer àquele lugar. Era algo que ela passaria não apenas ao filho, mas ao marido, que ainda não entendia que pertencia àquela terra, àquele lugar. Seria o presente deles para Dallas, aquilo que esta geração de Grey transmitiria à próxima: que não eram as linhas de propriedade ou estacas nas terras de um homem que definiam as fronteiras de um lar. O que importava mesmo era quem eram, como ficaram juntos em tempos difíceis, as pessoas que foram levadas no coração.

Provavelmente a senhora nem mesmo saiba como me salvou com suas perguntas ridículas, Sra. I.

Quem eu sou? Isso foi o que me pegou. Não sabia, no nono ano, quem eu era ou quem queria ser e tenho toda a certeza de que não queria perguntar. Mas agora eu sei.

Quando meu pai veio para casa, tudo mudou. Assim que chegamos a Water's Edge, as pessoas começaram a aparecer. Primeiro foram Myrtle e Cissy Michaelian e seu pai.

Todos nós ficamos lá parados por um minuto. Foi como um jogo estranho, silencioso, com eles ao lado do caminho e nós ao lado da arena. Então, Myrtle foi até meu pai e disse: “Acho que eu estava errada.”

“Tudo bem”, disse ele bem baixo.

Eu vi o que significou para a avó de Cissy que ele a tenha perdoado e, pela primeira vez na minha vida, soube como era estar orgulhoso do meu pai.

Então, ele foi até Cissy e falou: “Então, você é a menina que o meu garoto ama.”

E Cissy concordou, começou a chorar e disse: “Espero que seja.”

“Você começou com tudo isso”, disse papai. “Obrigado.”

Depois disso, Cissy se aproximou de mim e me beijou e foi como se nada daquilo tivesse acontecido, só que tinha, e fiquei feliz porque bem naquela hora, com tudo acontecendo, eu pensei: é isso que eu sou.

Sou um Grey e um Raintree e esta terra nunca se importou sobre a qual

lado eu pertenço e esta cidade não é o que pensei. Ah, algumas pessoas não acreditam no meu pai ou em mim – e talvez nunca acreditem, mas tudo bem. Porque nós acreditamos e nós estamos aqui, juntos. E muitas pessoas vieram dar as boas-vindas ao meu pai. Exceto o vovô, claro. Aquilo realmente me deixou mal, mas quando eu contei para o papai, ele, tipo, apenas sorriu e disse: “Eu entendo. Não leve o velho tão a sério.” Então, vou tentar.

E, naquela noite, quando tudo havia acabado e ficamos apenas minha mãe, meu pai e eu em casa, eu olhei pela janela e vi Renegado nos encarando. Papai veio até mim, colocou o braço no meu ombro e falou: “Pensei em você todas as noites, Noah. Todas as noites.”

Foi quando minha mãe chegou, ficou ao nosso lado e disse: “O que os meus garotos estão fazendo aqui sozinhos?”

E eu disse a única coisa na qual consegui pensar: “Esperando você.”

“Bem, acabou a espera”, respondeu minha mãe. “Esta é a família que esperei por tanto tempo. Quem quer jogar cartas?”

E meu pai falou: “Pois é. Já passou da hora de eu ensinar meu filho a jogar pôquer.”

Seu filho.

Foi quando eu tive minha resposta, quando eu finalmente soube quem eu era.

AGRADECIMENTOS



Novamente, a Kany Levine, por sua ajuda nas questões jurídicas, grandes e pequenas.

A Holly Bruhn, obrigada por responder a todas as minhas perguntas peculiares sobre cavalos e por revisar tudo com tanto cuidado. Fico devendo uma.

A Andrea Cirillo e à equipe fenomenal da Jane Rotrosen Agency. Como eu poderia passar por tudo isso sem seu apoio e incentivo?

À equipe incrível da St. Martin's Press: obrigada por tudo.

E aos vários projetos ao redor do país que lutam pela justiça, lidando com um caso por vez. Minhas saudações.

SOBRE A AUTORA

© Charles Bush



KRISTIN HANNAH é autora de mais de 20 livros, que já ultrapassaram 12 milhões de exemplares vendidos no mundo. Ela largou a advocacia para se dedicar à sua grande paixão: escrever. No Brasil, já publicou *Jardim de inverno*, *Por toda a eternidade* e *O lago místico* (Novo Conceito) e, pela Editora Arqueiro, *Quando você voltar*, *Amigas para sempre* e *O Rouxinol*, que está sendo adaptado para o cinema pela TriStar Pictures.

Ela tem um filho e mora com o marido em Bainbridge Island, no noroeste dos Estados Unidos.

www.kristinhannah.com

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Créditos](#)

[Parte I](#)

[Prólogo](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Catorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

[Parte II](#)

[Dezoito](#)

[Dezenove](#)

[Vinte](#)

[Vinte e um](#)

[Vinte e dois](#)

[Vinte e três](#)

[Vinte e quatro](#)

[Vinte e cinco](#)

[Vinte e seis](#)

[Vinte e sete](#)

[Vinte e oito](#)

[Vinte e nove](#)

[Trinta](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)